PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA

NÚCLEO DE FAMÍLIA E COMUNIDADE

Gabriela Casellato

LUTO POR ABANDONO:

ENFRENTAMENTO E CORRELAÇÃO COM A MATERNIDADE

VOLUME II

São Paulo

2004

Gabriela Casellato

LUTO POR ABANDONO:

ENFRENTAMENTO E CORRELAÇÃO COM A MATERNIDADE

VOLUME II

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica sob orientação da Prof.ª Dra. Maria Helena Pereira Franco.

São Paulo

2004

Gabriela Casellato

LUTO POR ABANDONO:

ENFRENTAMENTO E CORRELAÇÃO COM A MATERNIDADE

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica sob orientação da Prof.ª Dra. Maria Helena Pereira Franco.

APROVADA EM :

_____

_____

_____

_____

_____

À minha família, pelo porto seguro, fundamental para todos os pequenos e grandes vôos de minha vida.

Ao meu amado Luca, em especial, pela experiência maravilhosa de ser sua mãe e aprender a ser sua base segura. Você facilitou muito este aprendizado com sua meiguice e alegria.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que iluminaram esta tese com suas histórias de vida, compartilhadas por meio das entrevistas. Pela disponibilidade e confiança ao compartilhar seus lares, suas intimidades, alegrias, dores, conquistas e perdas. A contribuição de vocês foi fundamental para esta produção científica e para o meu amadurecimento pessoal. Muito obrigada.

À Prof.a. Dra. Maria Helena Pereira Franco, minha eterna admiração e gratidão pelo acolhimento, ensinamentos e encorajamento sempre presentes em nossa convivência. Sua competência aliada à generosidade resultam em qualidade rara que a torna profissional inspiradora da minha atuação como pesquisadora e psicoterapeuta.

À minha mãe, pela maternagem zelosa e tolerante que, mesmo diante da limitação, foi onipresente.

À minha família, em especial, à Crica, pelo amor e incentivo ao longo da vida. Do apoio emocional ao suporte técnico, vocês contribuíram muito para esta conquista.

Ao meu marido, Davidson, pelo companheirismo e paciência para lidar com minha ausência. Seu orgulho e incentivo ao longo da minha vida profissional foram ingredientes fundamentais para esta conquista e para a formação de nossa família. Muito obrigada, meu amor!

Às professoras Sílvia Koller e Heloísa Szymanski, pela gentileza, disponibilidade, atenção e rigor crítico, oferecidos no Exame de Qualificação.

Aos colegas, especialmente, Lana Harari e Dra. Eunice Granato, que apoiaram e colaboraram com esta pesquisa.

Às colegas de doutorado, pelo prazer de construir como vocês, um espaço de aprendizado, fértil e caloroso. Em especial, agradeço à Sandra Borges, por sua amizade e generosidade.

Às amigas e companheiras, Valéria Tinoco e Luciana Mazorra, pelo apoio vibrante e constante.

À Marisa e Danna, pela colaboração na construção desta pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro dispensado para a realização desta pesquisa.

Ao curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, em especial, ao corpo docente do Núcleo de Família e Comunidade, pela possibilidade de estudar este tema neste espaço acadêmico.

A todas as pessoas que me ajudaram nesta conquista, em especial, à Dra. Maria Margarida de Carvalho, cujo apoio, marcado por uma *delicada firmeza,* foi fundamental para o meu crescimento pessoal.

Finalmente, gostaria de registrar meu reconhecimento por todos os profissionais envolvidos no desenvolvimento da *Internet*, conceito que revolucionou e globalizou, entre tantos outros, o campo científico.

SUMÁRIO

VOLUME I

INTRODUÇÃO…..……..…….. 14

Objetivos e Justificativa……..... 23

I. FORMAÇÃO DO ESTILO DE APEGO E MODELOS

OPERATIVOS INTERNOS…….…… 28

1.1. Estilos de Apego……... 31

1.2. Apego e o desenvolvimento humano…….……... 38

1.3. Apego como organizador do significado……... 40

1.4. Aspectos culturais e estilo de apego considerado ideal……. 43

1.5. A representação mental (metacognição) das relações

de apego na infância…… 47

II. ABANDONO……..... 50

2.1. A definição de abandono segundo Bowlby..……... 54

2.2. Efeitos da privação do amor materno……... 58

III. LUTO…… 63

3.1. O Processo de luto……..……. 66

3.2. Luto pelo abandono (total ou parcial) parental e a

formação do estilo de apego…….. 70

3.3. A relação entre apego, vulnerabilidade e luto……. 77

3.4. Abandono: luto não-reconhecido……... 81

IV. TRANSFORMANDO OU REPETINDO?

ESTILO DE APEGO AO LONGO DO CICLO VITAL……. 86

4.1. Apego na infância e na vida adulta…… 86

4.2. Transformando e repetindo estilos de apego no ciclo vital…… 89

V. A MATERNIDADE: CARACTERÍSTICAS, SIGNIFICADO

E FUNÇÃO..... 92

5.1.Sistema cuidador……. ……..… 97

5.2 A relação entre o sistema cuidador e os outros sistemas de

comportamento relacionados ao prover cuidados para uma criança

particular..... 102

5.3. Cuidados maternos e *p*aternos……..… 103

5.4. Fatores importantes para o desenvolvimento do sistema cuidador 106

5.4.1 Influências da infância..... 106

5.4.2 Adolescência..... 106

5.4.3 Transição para a maternidade..... 107

5.4.4 Bebê..... 108

5.4.5 Fatores sócio-culturais relacionados ao prover cuidados..... 108

5.4.6 Representações Mentais de Cuidador..... 109

5.5 Sistema Cuidador Incapacitado: Abdicação de Cuidados,

Abandono e Apego Desorganizado..... 113

VI. RESILIÊNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES …….. 116

6.1. O conceito de resiliência …….. 118

6.2. Da criança abandonada à mãe responsiva....…… 134

VII. MÉTODO…….. 135

7.1 A pesquisa……..… 135

7.2. Participantes…… 136

7.3. Local…….. 141

7.4. Procedimento para coleta de dados……. 141

7.5. Procedimento para análise de dados……... 146

7.6. Cuidados éticos…… 152

7.7. Análise dos Dados Parciais……..... 155

7.7.1. Análise da entrevista com Ana.. ..……..... 156

7.7.2. Análise da entrevista com Júlia…….. 211

7.*7.3. Análise da entrevista com Paula*……..... 278

VIII.RESULTADOS E DISCUSSÃO…….. 340

8.1.QUADROS RESUMOS …… 341

CONSIDERAÇÕES FINAIS…… 373

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS…….. 379

ANEXOS…….. 393

Anexo 1: Carta de divulgação da pesquisa ……..…….….. 393

Anexo 2: Termo de Consentimento…… 394

Anexo 3: Roteiro de Entrevista: FORMAÇÃO E ROMPIMENTO

DOS LAÇOS AFETIVOS ENTRE PAIS E FILHOS ……...…….…… 396

VOLUME II

Anexo 4: Entrevista com Ana…… 410

Anexo 5: Entrevista com Júlia…….…….…… 490

Anexo 6: Entrevista com Paula……. 585

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1. Dificuldades apontadas para retorno das crianças e adolescentes para suas famílias de origem (IPEA, 2003) ……. 19

Tabela 2. Estilos de Apego (KAREN, 1994)…… 37

Tabela 3 - Comparação entre as tarefas de luto do adulto e da criança (OLTJENBRUNS, 2001)…….. 75

Tabela 4.Tipos de Apego Adulto segundo Bartolomew e Horovitz (1991)…….. 90

Tabela 5. Características do Sistema Cuidador e do Sistema de Apego (GEORGE & SOLOMON, 1999)……. 99

Tabela 6. Características das participantes da pesquisa…….. 138

Tabela 7. Categorias de análise dos dados coletados ……. 149

Tabela 8. Quadro Resumo n° 1: Contexto Familiar …….. 341

Tabela 9. Quadro Resumo n° 2: Apego na Infância…….. 344

Tabela 10. Quadro Resumo n° 3: Características do Abandono …….. 348

Tabela 11. Quadro Resumo n° 4: Processo de Luto …… 352

Tabela 12. Quadro Resumo n° 5: Sistema Cuidador …….. 357

Tabela 13. Quadro Resumo n° 6: Resiliência…….. ……. 366

RESUMO

Este estudo qualitativo teve como objetivo identificar as condições que favorecem a elaboração do luto pelo abandono na infância e o desenvolvimento de um estilo de cuidados responsivo na experiência da maternidade de mulheres que tenham sido abandonadas, total ou parcialmente, por seus genitores, na infância. Utilizou-se a Teoria do Apego como fundamentação teórica, por tratar-se de uma abordagem que enfoca a formação e rompimento dos vínculos afetivos e, portanto, permite a investigação das condições de enfrentamento do processo de luto pelo abandono e de superação dos efeitos da privação, a partir da perspectiva do indivíduo em contexto.

Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas, com duas mulheres que foram abandonadas parcialmente por suas figuras parentais e com uma mulher que foi abandonada totalmente por sua mãe biológica.

Foi utilizado um roteiro de entrevista estruturado, elaborado especificamente para este estudo, caracterizado por perguntas que abrangem o relacionamento do indivíduo com figuras de apego, da infância à vida adulta, e perguntas abrangendo a relação do indivíduo com os filhos e a percepção da experiência da maternidade.

Esta pesquisa sustenta e discute o conceito de perda inerente à experiência de abandono e identifica as condições que permitem a elaboração do processo de luto e o desenvolvimento de um sistema de comportamento de cuidados responsivo com relação aos filhos. Os resultados favorecem a compreensão dos mecanismos de proteção que incrementam a resiliência individual e minimizam os riscos associados à privação de cuidados maternos nos primeiros anos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: luto infantil pelo abandono, apego, maternidade, resiliência.

ABSTRACT

The present qualitative study aimed to identify the conditions that favor the elaboration of grief for abandonment in childhood and the development of a style of responsive care in the maternity experience of women that were totally or partially abandoned by their parents in childhood. Attachment Theory was the theoretical framework, because it focus on the process of making and breaking of affectional bonds and, therefore, allows the investigation of the coping conditions of the process of bereavement by abandonment and of the overcoming of the effects of deprivation, taking into consideration the individuals and their context.

Semi-structured interviews were made with two women that were partially abandoned by their parents and with one woman that was totally abandoned by her biological mother. It was used a interview specially created for this study, with questions on the attachment relationship of the individual, from childhood to adult life, and questions on the relation of the individual with children and the perception of maternity experience.

This research discusses the concept of simbolic loss of abandonment and identifies conditions that allow the elaboration of the bereavement process and the development of a behavior system responsive to the children. The results favor the understanding of the protective processes that improve individual resiliency and minimize the risks associated to the deprivation of maternal care in the early years of life.

KEYWORDS: child’s bereavement due to abandonment, attachment, maternity, resiliency.

INTRODUÇÃO

A família, como instituição, e todas as tramas que a compõem, existe há tempos, mas apenas, recentemente, o estudo e a intervenção nesta área tornaram-se reconhecidos, não só no meio científico mas, principalmente, pelas próprias famílias e pela sociedade. Esta demora pode ser explicada de diferentes pontos de vista: sociológico, histórico e até mesmo político, mas no que tange as condições psicológicas que impediam ou adiavam este tipo de trabalho, podemos afirmar que, entre outras razões, encontramos o medo, não só o medo que tal instituição pudesse ser abalada, mas também, pelo medo do novo, do vir a ser, do desconhecido e fora do controle.

Intervir psicologicamente com uma família e, mais especificamente, no relacionamento entre mães e filhos, significa romper com a idealização há muito alimentada por mitos como o do amor incondicional.

Por outro lado, as famílias, após muita resistência em abrir suas intimidades e suas histórias, dores, conquistas e fracassos, permitiram que o profissional de saúde e, principalmente o psicólogo, se aproximasse e, assim, pudesse ajudá-las a encontrar novos caminhos, ou mesmo, novas formas de encarar os velhos caminhos. E aí, ao meu ver, semeou-se um dos mais genuínos e eficazes caminhos para a profilaxia dos laços afetivos entre os indivíduos.

Forna (1999, p.19) discute a condição da mulher e do amor materno e afirma: “As mães são tão estereotipadas quanto as mulheres que decidem não ter filhos…Paralelamente à imagem idealizada da maternidade, entra em funcionamento o segundo instrumento de imposição: a culpa. A culpa ficou tão fortemente

associada à maternidade que é considerada um sentimento natural. Pois não é. A culpa *não* é uma reação biológica regulada por hormônios."

A culpa não tem origem em nenhum fator fisiológico, nem mesmo, palpável, mas em ideologias e influências culturais que regem e alimentam a idéia de que a (as) falha(s) ou dificuldade(s) de uma mãe é causadora de todo e qualquer prejuízo à psique da criança, aniquilando a possibilidade de futuro e relacionamentos posteriores saudáveis.

É claro que, sob determinados aspectos, a Psicologia contribuiu para isto, principalmente, quando inserirmos suas contribuições num contexto de interesses científicos, políticos, sociais e religiosos. Porém, atribuir à mãe ou aos pais a responsabilidade exclusiva sobre todos os desdobramentos do processo de desenvolvimento de uma criança é, basicamente, tratar a criança como um ser passivo, a ser moldado e ignorar todos os outros fatores inerentes ao seu contexto.

Neste sentido, o trabalho com famílias e, principalmente, com pais e filhos, sempre me instigou, seja no interesse em pesquisar, seja na paixão que me mobiliza na atuação como psicoterapeuta.

Obviamente, não é somente na paixão que a atuação profissional e, em especial, a atuação psicológica se sustenta. Trabalhar com famílias é, ao meu ver, a forma mais eficiente de se prevenir e tratar sintomas e comprometimentos emocionais, físicos e sociais dos indivíduos. Além disso, nossa ingrata realidade nos empurra nesta direção, na medida que em nosso país ainda tem dados alarmantes de fracasso familiar e social, entre eles:

- Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (I.P.E.A., 2003) [1] nos 808 abrigos cadastrados no Brasil[2] são atendidas aproximadamente vinte mil crianças e adolescentes vítimas de abandono, violência e/ou abuso.
- Nesta primeira etapa da pesquisa, o IPEA (2003, p.54) concluiu: "*os dois pilares da garantia do direito à convivência familiar das crianças e adolescentes abrigados – a reestruturação familiar e o fortalecimento e manutenção dos vínculos afetivos e familiares – para que pais, mães e responsáveis recebam seus filhos de volta, superadas as dificuldades que determinaram a medida do abrigo, na verdade, correspondem aos principais desafios a serem enfrentados na busca da efetividade dessa medida de proteção*." Estes resultados apontam para a necessidade de um política pública efetiva e de ações institucionais de apoio à reestruturação familiar que implicam em atuação psicológica e assistencial com estas famílias em situação de risco, com o objetivo de evitar a institucionalização ou abreviando-a quando necessária.
- Ainda existem muitas dificuldades para as mudanças estruturais que o país necessita, somadas aos obstáculos encontrados na administração do país havendo ainda falta de responsabilidade social dos seus dirigentes.

---

[1] Os dados foram coletados com base no cadastro de entidades da Rede de Serviços de Ação Continuada (S.A.C.) que resultou no primeiro relatório do Levantamento Nacional dos Abrigos para Crianças e Adolescentes, elaborado com base no cadastro de entidades da Rede de Serviços de Ação Continuada (S.A.C.). Esta pesquisa é uma grande contribuição para estudos relacionados ao abandono e institucionalização, uma vez que não encontrei estudos com estatísticas sobre o número de crianças abandonadas no Brasil.

[2] As entidades cadastradas no S.A.C. não representam o número total de abrigos no país e estima-se que existam no território nacional cerca de um número de abrigos três vezes maior, que não são cadastrados pelo S.A.C.. Além disso, devemos considerar o número de crianças abandonadas e não institucionalizadas, que encontram-se ainda com as famílias em situação de risco ou tornaram-se moradores de rua.

- Segundo dados apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (I.P.E.A., 2003), em 2001 havia 5,5 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade trabalhando no País. Mais de um milhão deles não freqüentavam escola e quase 49% trabalhavam sem remuneração.

De forma assustadora, estas estatísticas revelam que cada uma destas tantas crianças submetidas ao abandono, violência e/ou abuso, encontra-se num contexto de história de vida que se inicia sem condições mínimas de proteção e dignidade.

Em pesquisa realizada com crianças internadas em orfanatos de Curitiba, Weber (1996) aponta alguns dados que refletem uma dramática realidade não exclusiva desta localidade:

1. As crianças chegam aos orfanatos com a idade média de 8 anos.
2. Trinta e sete porcento dos internos chegaram ao internamento com lesões corporais ou reações emocionais sérias.
3. Somente 14% das crianças internadas tinham os pais morando juntos por ocasião do seu internamento.
4. Quarenta e um porcento dos internos nunca recebem visitas de sua família.
5. Somente 8% dos internos têm os pais destituídos de *pátrio poder* e podem ser legalmente adotados.
6. Cinquente e seis prcento das crianças e adolescentes internados já fugiram ou tentaram fugir do orfanato.
7. Somente 40% dos internos conhece pai e mãe.

8. Das crianças que estão no internato e não recebem visitas há pelo menos um ano, 67% nunca receberam visitas de sua família e 30% receberam algumas vezes e não recebem mais.
9. Cinquenta e três porcento acha que seria pior para eles voltar a viver com sua família de origem.
10. 79% das crianças e adolescentes querem ser adotados.
11. 62% das crianças não quer casar porque "o casamento é ruim", "o esposo pode ir embora" e "para não ter filhos".
12. As crianças apresentam um sentimento negativo em relação aos seus pais biológicos.
13. As crianças apresentam dificuldades em planejar e refletir sobre seu futuro.
14. As crianças são pessimistas em relação ao seu futuro afetivo.
15. O maior desejo dessas crianças que vivem em orfanatos é ter uma família e elas são menos exigentes quanto aos requisitos que seus futuros pais devem ter, ao contrário das pessoas que procuram adotar uma criança.

Estes dados denunciam uma lamentável condição social, pela qual o Estado ainda intervém de forma branda e pouco responsiva com relação à situação destas crianças não oficialmente órfãs, alimentando as condições de risco para o desenvolvimento psicossocial das mesmas e adiando indefinidamente a destituição do pátrio-poder de pais e mães que já cronificaram a condição de fracasso da família que constituíram e, assim, negam a estas crianças, a possibilidade de reconstruir suas histórias afetivas e reforçam o sentimento de abandono, incompetência e vulnerabilidade afetiva.

Inicialmente, a institucionalização de crianças tinha o objetivo de "proteger a infância" porém, como aponta Weber (1996) na realidade, o que ocorre é simplesmente o afastamento de crianças e adolescentes marginalizados (carentes, abandonados, doentes, infratores, etc.) do convívio social. Após o internamento de crianças, medida que deveria ser tomada como recurso extremo por curto período, existe uma probabilidade bastante grande da ocorrência do *abandono* nas instituições, assim como apontam os resultados da pesquisa realizada pelo I.P.E.A. (2003):

Tabela 1: Dificuldades apontadas para retorno das crianças e adolescentes para suas famílias de origem, citadas pelos dirigentes, segundo a ordem de frequência.

Dificuldades apontadas	Porcentagem
1. Pobreza/ Condições sócio-econômicas precárias da família	35,45%
2. Rejeição familiar, família desaparecida, perda do vínculo em função da longa permanência no abrigo	17,64%
3. Ausência de políticas públicas e de ações institucionais de apoio à reestruturação familiar	10,79%
4. Envolvimento com drogas	5,65%
5. Violência Doméstica	5,24%
6. Outros	25,34%
7. Não respondeu	7,19%

Fonte: IPEA (2003, p.48)

Segundo Freston (2000), a maioria das mulheres que comunica a intenção de doar o filho logo após o nascimento, alega falta de condições econômicas para sustentá-lo. Mas três, entre quatro delas, revelam que esse fator preponderante está vinculado a outros contextos, como o seu próprio abandono pelo parceiro, ou falta de respaldo familiar.

Diante da perspectiva do abandono familiar e institucional, surge a questão: “O que ocorrerá com estas crianças? Que adultos serão? De forma ainda mais assustada e pré- conceituosa, a sociedade tende a generalizar e rotulá-las ao fracasso garantido, no futuro.

Além disso, algumas pesquisas que apontam a dificuldade da reconstrução afetiva de indivíduos que viveram relacionamentos conturbados com suas figuras de apego da infância, ou mesmo que viveram a ruptura e fracasso destas relações (BOWLBY, 1995; PERES E ROMERA, 1999; ALVAREZ, 1999 E 2003) aumentam a preocupação da sociedade diante deste tema. Alvarez (2003), num relato de uma das entrevistas realizadas com moradores de rua da cidade de São Paulo, nos dá um exemplo:

Célia e seu bebê: expectativas

“Célia ficou sem a proteção da mãe desde "pequena" (não precisou a idade), quando foi morar com uma mulher que a "judiava muito". Fugiu da companhia dessa mulher e voltou até sua mãe, que lhe negou amparo. Ficou revoltada:

- "Na hora que eu mais precisei dela, ela não me acolheu... então, sei lá... eu tenho uma revolta..."

Foi para a rua: morou doze anos na Praça da Sé, na Praça da República, até que, finalmente, instalou-se nas ruas e na pequena praça/ "maloca", no centro da cidade de São Paulo; onde a conhecemos, grávida.

Contou ser esse o seu primeiro filho. Desde o início da adolescência, tinha vontade de ter um filho, mas não conseguia engravidar: já o tentara com um companheiro anterior, sem sucesso. Chegou a consultar um médico, que lhe dissera ser estéril.

Quando conheceu e apaixonou-se por Hélio, jovem morador de rua como ela, viciado em álcool, resolveram ficar juntos; após dois anos, e ainda morando na rua, pediu para ele:

-"Mô (era assim que o chamava na intimidade) , vamo tê um neném?"

Ele achou muito cedo para isso; no entanto, ela engravidou; e, quando percebeu, já estava com cinco meses de gravidez. Ficaram felizes, mas ele ficou também preocupado:

-"Ele ficou meio assim...pensando...e falou: `Puxa vida, logo agora... Será que vamos ter condições'? De noite, quando eu tava dormindo, ele tinha o maior cuidado pra não bater na minha barriga, sempre passava a mão na minha barriga pra vê como é que o neném se mexia. Ele ficava todo bobo! Nós ficamo dois criação!... e ele parou de beber..."

Célia teve seu filho no Amparo Maternal. No hospital, o bebê nasceu de parto normal. Ante a indagação sobre o que havia sonhado ou desejado para esse filho, ela respondeu:

- "Principalmente dá muito amô e carinho, uma coisa que nunca tive de mãe. Dá bastante atenção pra ele, que ele cresça, estude, seja alguém na vida. Agora, eu quero bastante coisa pra ele. Que ele não ande na rua, que não saiba o que é droga, o que é ficá na rua e dormi na rua. Essas coisas eu não quero que aconteça com ele, que eu sei o que é..."

Célia era cuidadosa com seu bebê. Levava-o ao médico, procurava mantê-lo limpo, dava vitaminas apropriadas à sua idade, oferecia mamadeiras adequadas. No quarto do casarão invadido, onde passara a morar com Hélio, mostrou-nos, orgulhosa, a caderneta de vacinação do seu filho. Hélio arranjou uma "carrocinha" e começou a recolher papéis e sucatas pelas ruas da cidade, os quais vendia para prover ao sustento de sua pequena família...”

"…ao focalizar essa jovem mãe e seu filho, comentamos que a condição humana que faltou à Célia, não foi suficiente para desumanizá-la: conservou seu sonho de maternidade, acalentando-o persistentemente, mesmo morando nas ruas de São Paulo. Fez sua parte, mantendo-se viva nesse ambiente inóspito, preservando-se e, naquele momento, queria inserir-se e ao filho, em um contexto social melhor, fazê-lo cidadão. Ela pareceu não ter desejado vivenciar somente a experiência biológica da procriação, ou seja, da gravidez e parto. Quis mais: renascer nesse filho, reservar-lhe seus mais escondidos e acalentados sonhos de uma vida melhor, de um futuro promissor. Vivenciou a díade formada por mãe e bebê e, pela sua dedicação ao filho, pela "maternagem suficientemente boa" (Winnicott, 1988), pela "base segura" (Bowlby, 1989) que lhe ofereceu, a despeito de todas as privações que passou e ainda passava, e ainda com o que Winnicott(1988) denominou de "segurar e manipular suficientemente bons" de sua mãe e de seu pai, observamos (naquela época, em 1994) que o bebê respondia com seu desenvolvimento, com a realização de seu potencial hereditário.

Lançamos, no entanto, naquele momento, a indagação: "Conseguirá ela fazer do filho um alguém, como deseja?"

Célia não conseguiu manter-se em seu projeto de vida; envolvendo-se com a "pedra" ("crack"), desequilibrou-se profundamente. Para satisfazer seu vício, começou a vender ou trocar tudo o que lhe chegava às mãos, inclusive seus móveis e utensílios domésticos. Tornou-se, novamente, moradora de rua, carregando o filho consigo nesse caminho de dor e destruição. Descuidava do bebê, de sua alimentação e banho. O pai tentava reavê-lo sem sucesso. Finalmente, ela resolveu entregá-lo ao companheiro: ele estava cheio de feridas pelo corpo, desnutrido, conseguia engolir somente líquidos."

Neste relato, Célia demonstrou um forte desejo de ser uma mãe diferente da que teve e de que a história de seu filho pudesse ser diferente da sua. Inicialmente, realizou muito esforço neste sentido, porém sua vulnerabilidade emocional, social e física se impôs a este desejo e Célia sucumbiu ao "crack"; abandonando o filho e vagando drogada pelas ruas, mergulhou num doloroso caminho de auto-destruição, mas conseguiu entregar o filho para o pai, que, buscando ajuda de terceiros, consegue oferecer cuidados e amor para o bebê.

Este caso nos oferece a oportunidade de avaliar como são vários os mecanismos que possibilitam ou dificultam o enfrentamento das adversidades e traumas. Se por um lado, Célia contava com um forte desejo de mudança, com um companheiro amoroso e presente, por outro, Célia ficou vulnerável a mecanismos de risco como a privação de afeto ao longo da vida, precariedade e instabilidade das condições de subsistência e abuso de drogas. Por outro lado, seu companheiro Hélio conseguiu dar ao filho o que não teve da sua família: apoio, carinho, constituindo-se em seu importante ponto de apoio. A criança também passou a ser-lhe um ponto fixo, ponto de apoio na sua recuperação para uma forma mais

saudável de vida: abandonou o vício do álcool, deixou de morar na rua. O mesmo aconteceu com a terceira pessoa que o ajudou, que deixou as ruas para também cuidar do bebê, ajudando o pai no sistema de cuidados ao bebê (de quem se tornou padrinho de batismo).

Para cada um destes indivíduos, existiram vários mecanismos, internos e externos, que possibilitaram ou dificultaram a mudança para uma condição de vida mais saudável. A história de Neilton ilustra a possibilidade da transformação:

> “Neilton, que deixou as ruas para também cuidar do pequeno Lino, ajudando o pai no sistema de cuidados ao bebê (de quem tornou-se padrinho de batismo).
>
> Ao auxiliar nos cuidados e recuperação do seu afilhado, que considera - segundo suas palavras - um "herói" -, Neilton concretiza, projetivamente, a sua própria jornada heróica de retorno à vida, podendo considerar sua ligação afetiva com esse bebê como um processo de "ponto fixo", que o auxiliou na sua própria trajetória de reerguimento da situação de abandono em que vivia na maloca. Houve, porém, outros pontos fixos em sua vida: a "palavra amiga" e apoio constante de dona Sílvia, professora aposentada que lhe levava sopa quente nas várias noites em que permanecia bêbado, depressivo, dormindo na maloca/pracinha da Bela Vista.
>
> O trabalho, o pequeno barraco (a moradia) quando conseguidos por Hélio, Neilton e "Cara Queimada" também surgiram como vigorosos pontos de apoio a sustentar-lhes restabelecimento do sentido de suas vidas, na retomada de novos rumos, no processo de reerguimento do morar nas ruas.
>
> Identificamos, portanto, os sujeitos focalizados nesse estudo - Hélio, Neilton, "Cara Queimada", José e o menino Lino como resilientes, fazendo frente às adversidades de suas vidas, superando-as e saindo delas fortalecidos e, inclusive, transformados (Grotberg, 1996).”

Assim como Hélio e Neilton, em muitas histórias de vida, a possibilidade de transformar as relações afetivas e o estilo de apego garante ao futuro de crianças com histórias de abandono, rejeição e traumas um percurso mais positivo e saudável, mesmo que, inicialmente, inseguro e doloroso.

Como profissionais de saúde, o conhecimento dos mecanismos que favoreceram a que estas histórias tivessem um fluxo sadio e construtivo é fundamental para uma intervenção adequada, seja no âmbito da prevenção, ou no âmbito do encaminhamento e tratamento adequado para aqueles indivíduos que não tiveram outras chances ao longo de suas vidas.

Portanto, o interesse em investigar este tema, está em oferecer uma valorização destas experiências que promovem mudanças no estilo de apego, incluindo o cuidado parental e, apontar caminhos para a profilaxia dos estilos de apego e favorecer a compreensão de que crianças que foram abandonadas, parcial ou totalmente, podem ser pais responsivos e indivíduos emocionalmente saudáveis.

Objetivos e Justificativa

O objetivo desta tese é identificar as condições que favorecem à elaboração do luto pelo abandono na infância e o desenvolvimento de um estilo de cuidados responsivo na experiência da maternidade em mulheres que tenham sido abandonadas, total ou parcialmente, por seus genitores, na infância.

Tal objetivo justifica-se, por um lado, pela observação clínica de vários indivíduos e famílias que, ao passarem pelo processo de psicoterapia, me ofereceram a chance de conhecer e analisar suas histórias de apego na infância e, acima de tudo, observar a reverberação das experiências da infância na formação do estilo de apego e a sua manifestação ao longo do ciclo vital, encontrando outras oportunidades de revisão, muitas delas, na experiência da maternidade. Por outro lado, a realidade psicossocial de nossas crianças abandonadas, total ou parcialmente, nos impele a lutar por saídas, por caminhos de desenvolvimento saudáveis, sejam eles diretos e/ou indiretos e a profilaxia, processo primário de transformação social, que se inicia no reconhecimento e na valorização da possibilidade de mudança destas histórias de fracasso familiar.

Como justifiquei anteriormente (p.13), a realidade da sociedade brasileira nos impele a agir, no sentido de prevenir ou remediar as complicações decorrentes do abandono na infância.

Desta forma, faz-se necessário justificar o enfoque na díade mãe-filho como possibilidade de prevenção do abandono infantil e tratamento de suas consequências.

A escolha por estudar a maternidade, e não outras experiências, como uma das possibilidades de transformação do estilo de apego e de estilo de cuidadora, apóia-se na literatura discutida nos capítulos seguintes e em resultados encontrados em outra pesquisa realizada por esta autora (CASELLATO, 1998) que aponta a experiência de cuidar de um filho como uma possibilidade de transformação, porque implica:

1. Rever o modelo de relação pais-filha vivido na infância.
2. Constatar que a experiência resultante desta relação e seu contexto foi apreendida, influenciando a relação com o mundo, com as pessoas e consigo mesma, o que, na abordagem etológica, chamamos de *modelo operativo interno* (Bowlby, 1969/1990).[3]
3. Reconhecer, quando se busca o auto-conhecimento, que o comportamento adulto manifesta e replica nas relações atuais o significado atribuído a estas experiências da infância.
4. Buscar intensamente promover ao filho, a possibilidade de vivenciar uma relação mais saudável e prazerosa.

---

[3] Este conceito será definido e explorado no capítulo 1 deste trabalho.

5. Possibilitar a formação da nova identidade, a revisão da auto-estima, da condição de enfrentamento (“coping”) de situações novas e ameaçadoras (ex: medo do parto, doença de filho, crise conjugal).

De forma mais ampla, este trabalho enfoca a profilaxia dos laços familiares e do desenvolvimento sócio-emocional dos indivíduos. Neste sentido, devemos partir do conceito de família para chegarmos às questões específicas da díade mãe-filho e à manutenção ou mudanças dos estilos de apego inter-geracionais relativos a esta díade.

Concordo com Bowlby (1969/1990) quando aponta para a especificidade da função da família, por ser um sistema de vínculos afetivos, que deverá fornecer condições para a formação da estrutura psíquica dos seres humanos que dele se originam e fazem parte. Este processo ocorre por meio das relações que a criança tem com suas figuras de apego, principalmente, as figuras principais, que, geralmente, são pai e mãe ou seus substitutos. Por meio destas relações, são transmitidos estilos de comunicação, afetividade e segurança. A percepção e a interpretação que a criança terá de tais experiências fornecerá subsídios para sua auto-imagem, sua auto-estima, bem como para sua capacidade de amar e interagir com as pessoas e o mundo.

A Teoria do Apego (BOWLBY, 1969/1990) aponta que a família deve também, proteger seus integrantes contra ameaças externas, internas e do próprio indivíduo. Ao mesmo passo que protege, fornece condições para que a criança busque autonomia, para que, mais tarde, possa se separar da família de origem e formar seu próprio núcleo familiar. Para tanto, a família deve promover um espaço onde

seja possível o preenchimento das necessidades amorosas e suporte emocional entre seus elementos.

Desta forma, é possível entender como as relações parentais tornam-se tão importantes para a estruturação do indivíduo, uma vez que pai, mãe, ou quem possa desempenhar tais papéis, são os responsáveis pelo desenvolvimento emocional, material e social da família, independentemente da configuração familiar estabelecida.

Da mesma forma, compreendo as influências, a curto e longo prazo, das condições de desempenho destas funções, incluindo a perda ou abandono de um, ou de ambos cuidadores, ainda na infância, para o desenvolvimento emocional dos indivíduos.

Para entender como esta trama se desenvolve e trabalhar com a possibilidade de elaboração do processo de luto pelo abandono e superação dos efeitos da privação, no período que vai da infância, até a experiência da maternidade, utilizo como referencial a Teoria do Apego, desenvolvido por John Bowlby (1969/1990).

A escolha por esta teoria deve-se não apenas, por ser a fundamentação do trabalho clínico desenvolvido por esta pesquisadora mas, a priori, por tratar-se de uma abordagem que enfoca a formação e rompimento dos vínculos afetivos e busca oferecer condições de atuação profissional que flexibilizem e potencializem a capacidade de cada indivíduo de enfrentar tais processos e desenvolver-se. Quando desenvolveu esta teoria, Bowlby (1969/1990) buscou:

1. Analisar a propensão do ser humano para formar fortes vínculos afetivos com outros seres humanos.

2. Analisar as várias formas de perturbação emocional que ocorrem, quando estes vínculos são ameaçados ou rompidos.
3. Estudar a construção, ao longo da infância, de modelos mentais de si próprio, do outro e da possibilidade de relacionamento interpessoal.
4. Analisar a maneira como estes
5. modelos tornam-se componentes centrais da personalidade, regulando a percepção, o sentimento e o comportamento do ser humano.

Portanto, a Teoria do Apego mostra-se pertinente para dar fundamentação à análise e discussão das histórias de vida aqui apresentadas, bem como, a □ compreensão bem contextualizada dos riscos do luto pelo abandono e das possibilidades de mudança do estilo de relacionamento afetivo destas pessoas. Esta teoria possibilita, também, a compreensão de como se processa a internalização das experiências da infância, incluindo o abandono e outras perdas e a forma como lidamos com estas experiências ao longo da vida, apoiando-nos em recursos internos e externos para a mudança de estilos e quebrando ciclos inter-geracionais de repetições dos mesmos.

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO DO ESTILO DE APEGO E MODELOS OPERATIVOS INTERNOS

"…a vida é a arte do encontro,
embora haja tanto desencontro pela vida…"

Vinícius de Moraes

O comportamento de apego, segundo Bowlby (1969/1990), define-se como qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha a proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual, é, usualmente, considerado mais forte e mais sábio. Durante a infância, este comportamento se manifesta por meio de: choro e chamamento; seguimento, apego; vigorosos protestos quando a criança está sozinha ou na companhia de estranhos. Estes comportamentos vão tornando-se mais complexos até encontrarem sua condição mais estável entre nove e dezoito meses de idade, fase na qual se manifestam de forma mais intensa e frequente com relação à figura de apego selecionada como base segura. Ao longo da vida, a frequência e a intensidade com que este comportamento se manifesta diminuem gradativamente, apesar de ser acionado em situações de crise e ameaça (doenças, perdas, medos). Na adolescência e vida adulta, podem ocorrer novas mudanças, incluindo outras figuras de apego para quem o comportamento é dirigido.

Ainda, segundo as observações de Bowlby (idem), quanto mais experiência de interação social um bebê tiver com uma pessoa, maiores são as probabilidades

de que ele se ligue a esta pessoa. Aquela pessoa que dispensar mais cuidados maternos se tornará a principal figura de apego. A busca por esta sensação de proteção, conforto e segurança é instintiva e é facilmente observada, não só no comportamento humano, mas em animais. Esta figura de apego principal, em geral, à mãe, tem como função, garantir a base segura para o comportamento exploratório da criança, para que esta se sinta segura, sabendo que terá conforto e proteção em situações de ameaça, doença e dor.

Uma importante contribuição da Teoria do Apego para a Psicologia foi o enfoque dado à díade mãe-filho, respeitando e valorizando a participação ativa da criança neste processo e, portanto, ultrapassando a idéia da criança como um ser passivo nesta interação. Neste sentido, Bowlby (1969/1990) enfoca as relações espaciais entre mãe e bebê, como sendo resultado de quatro classes de comportamento; duas provenientes da mãe e outras duas, do bebê:

1. de apego da criança.
2. da criança que é antítese de apego, denominado comportamento exploratório e de atividade lúdica.
3. da mãe, de dispensar cuidados.
4. da mãe que é antítese dos cuidados maternais, em geral, caracterizada por tarefas domésticas e trabalho profissional.

O ideal para que tal interação seja considerada saudável é que as quatro classes de comportamento apresentem um equilíbrio dinâmico neste processo. Quando a interação entre um par transcorre normalmente, cada participante manifesta intenso prazer na companhia do outro e, especialmente, nas afeições do outro. Inversamente, quando resulta em conflito persistente, é provável que cada

participante manifeste, ocasionalmente, ansiedade ou infelicidade intensas, principalmente, diante da rejeição do outro.

Segundo Bowlby (1969/1990), um bebê bastante apegado a uma figura principal (percebida como base segura, consistente e estável) é consideravelmente mais propenso a dirigir seu comportamento social para outras figuras discriminadas (comportamento exploratório), mas, por outro lado, um bebê fracamente apegado pode isolar seu comportamento social em uma única figura, em geral, a própria figura de apego, que mobiliza sentimentos de insegurança e ansiedade.

O apego influencia, profundamente, todos os componentes da condição humana: mente, corpo, emoções, relacionamentos e valores. Isto, porque o apego é um sistema de regulação mútua entre pais e bebês, onde a função primordial do apego seguro é prover segurança e proteção para o bebê vulnerável, por meio da proximidade com o cuidador e os resultados desta interação serão alicerces das emoções e relacionamentos posteriores e dos valores construídos a partir da percepção da realidade, que envolvem pensamentos, sentimentos e comportamentos ligados ao apego. Porém, Bowlby (1969/1990) aponta que há outras funções importantes para a criança:

- Desenvolver confiança básica e reciprocidade que servem como base para futuros relacionamentos emocionais.
- Explorar o espaço com sentimentos de segurança e despreocupação (“base segura”) o que permite um desenvolvimento cognitivo e emocional saudável.
- Desenvolver habilidade para o auto-controle, o que resultará em eficientes manejos dos impulsos e das emoções.
- Criar uma fundação para a formação da identidade que inclui um senso de competência, auto-valorização e um equilíbrio entre dependência e autonomia.

- Estabelecer uma estrutura moral pró-social que envolve empatia, compaixão e consciência.
- Gerar um sistema de crenças nuclear que compreende estimar a si, cuidadores, outros, a vida em geral.
- Prover defesas contra estresse e trauma, incorporando recursos internos e externos.

Segundo Thorpe e Caltabiano (2002), nos últimos anos, a teoria do apego iluminou e guiou, de forma prática, os estudos sobre crianças maltratadas, apoio familiar, adoção e luto. Os mesmos autores apontam para os estudos de Howe (1995,1999) que mostram como a teoria do apego tornou-se um facilitador fundamental para compreender a qualidade dos relacionamentos íntimos iniciais e sua continuidade e como estes afetam o desenvolvimento afetivo da criança, seu estilo interpessoal e comportamento social. Os mesmos estudos (Howe 1995,1999) apontam que esta teoria favorece, também, que os cuidadores compreendam o impacto das rejeições iniciais na vida da criança, entendendo comportamentos desafiadores e inadequados e, assim, possam relacioná-los a sua própria existência, influenciando seu estilo de relacionamento interpessoal.

1.1 Estilos de Apego

Para compreendermos como uma criança reage à separação ou à perda da figura materna, precisamos entender a natureza deste vínculo, sua formação, suas características e singularidades.

Um dos maiores e mais eficazes reforçadores do comportamento de apego é o modo como os parceiros do indivíduo, desde quando era bebê, respondem a seus avanços sociais.

A ontogênese do comportamento de apego dá-se em quatro fases, estabelecidas por Bowlby (1969/1990) para fins de análise, já que não existem divisões tão nítidas entre elas:

Fase1: Orientação e sinais com discriminação limitada da figura: nesta fase a discriminação das pessoas a sua volta está limitada pelos estímulos olfativos e auditivos, e durando, aproximadamente, do nascimento a oito semanas de idade, mas pode prolongar-se em caso de situações desfavoráveis. Comportamentos como balbuciar, estender os braços e agarrar, sorrir e acompanhar a pessoa com os olhos já estão funcionando no sentido do bebê ao manter-se próximo da pessoa.

Fase 2: Orientação e sinais dirigidos para uma (ou mais de uma) figura discriminada: o comportamento amistoso parece mais acentuado com uma determinada figura, quando comparada às outras. Esta fase se estabelece entre doze semanas e seis meses de idade, também, podendo prolongar-se em situações atípicas;

Fase 3: Manutenção da proximidade com uma figura discriminada por meio da locomoção ou de sinais: discrimina de forma mais refinada, com respostas que incluem até a locomoção motora, usando a figura de apego como base para suas explorações. Os sistemas mediadores do comportamento de um bebê em relação à figura materna tornam-se mais organizados em termos de correção para a meta e a manifestação do apego

tornar-se mais evidente. Esta fase inicia-se aproximadamente aos seis meses de idade e continua até o terceiro ano de vida.

Fase 4: Formação de uma parceria corrigida para a meta: A proximidade com a figura materna passa a ser mantida por sistemas comportamentais corrigidos para a meta (manutenção da proximidade) organizados de forma simples. Com o passar do tempo, a criança vai refinando sua percepção do comportamento da mãe e conhecendo as metas por ela fixadas e os planos que ela adota para atingi-las e, desta forma, a criança passa a agir de forma mais flexível, este relacionamento mútuo torna-se mais complexo e ambas estabelecem uma parceria.

Neste processo, é fundamental ressaltar que Bowlby (1969/1990) avalia que há duas variáveis relacionadas com o desenvolvimento do comportamento de apego: a sensibilidade da mãe em responder aos sinais do filho e a quantidade e a natureza da interação entre a mãe e o bebê.

Uma das grandes contribuições da Teoria do Apego para os estudos sobre desenvolvimento infantil é que Bowlby (idem) avalia tal comportamento como **instintivo** por possuir quatro características principais, que são:

1 - Obedece a um padrão reconhecivelmente similar e previsível em quase todos os membros da espécie.

2 - Não é uma resposta simples a um único estímulo, mas uma sequência comportamental que, usualmente, segue um curso previsível.

3 - Suas consequências favorecem à preservação do indivíduo ou à continuidade da espécie.

4 - Pode desenvolver-se mesmo quando todas as oportunidades comuns de aprendizagem são exíguas ou estão ausentes.

Desta forma, Bowlby (1969/1990), apoiando-se em contribuições da Etologia, entendeu tais reações como padrões, por observar que se caracterizavam por um conjunto de comportamentos de natureza instintiva, que representavam estratégias comportamentais para interagir com a figura de apego e garantir as necessidade inerentes ao apego (conforto e segurança).

Nesta tese, estou utilizando a denominação "estilo de apego", porque avalio que é mais apropriado substituir a palavra "padrão"[4], uma vez que encontrei os seguintes significados na língua portuguesa (FERREIRA, 1995): modelo, exemplo, protótipo, arquétipo, aquilo que serve de base ou norma para avaliação de qualidade ou quantidade; qualquer objeto que serve de modelo à feitura de outro. E, sendo assim, esta palavra não denota apenas a noção de base ou exemplo, mas também, pode sugerir uma idéia de repetição, rigidez e fixação, contrariando assim, a própria definição de Bowlby (1969/1990, p .370):

> *"Todas as tendências mais recentes mostram que afirmar que um bebê de doze meses apresenta, ele próprio, um padrão característico de comportamento de apego, distinto do padrão de interação do par de que ele é um membro, e subentender assim, a existência de um certo grau de estabilidade autônoma, é certamente incorreto…Entre pares, os padrões de interação estabilizam-se muito mais depressa, ainda que seja apenas porque, seja qual for o padrão de interação estabelecido, ele surgiu como resultado da adaptação mútua".*

Sendo assim, Bowlby afirma que há uma tendência a manifestar em outras relações, um estilo de apego aprendido e internalizado na experiência primária com a figura de apego principal, mas que é possível observar sua adaptação a outros estilos de apego ao se comportar com diferentes pares, isto porque, em cada par haverá um padrão de interação único.

Isto significa que uma criança com um estilo de apego seguro, provavelmente manifestará tal estilo com sua mãe e talvez com outras pessoas, se estas estabelecerem padrões de interação semelhantes, mas, também, poderá manifestar outros estilos, se a adaptação mútua destes pares envolver outras estratégias, sentimentos e comportamentos. Portanto, a utilização da palavra "padrão" pode sugerir uma visão limitadora e inflexível do comportamento de apego. Já a palavra "estilo" pressupõe propensão, inclinação e, portanto, mostra-se mais coerente com o conceito utilizado por Bowlby (1969/1990).

Tais estilos foram observados e catalogados por Ainsworth (1978) por meio do Teste da Situação Estranha[5], no primeiro aniversário da criança e a dimensão utilizada como critério é *segurança*.

Karen (1994, p.444), em seu livro "*Becoming Attached",* faz uma histórica revisão dos principais conceitos defendidos por Bowlby e seus seguidores, sobre os estilos de apego na infância e ao longo do ciclo vital. Como resultado desta revisão, Karen apresentou uma tabela (Tabela 2, p. 31) por meio da qual, apresenta os diferentes estilos de apego, defendidos por Bowlby (1969/1990) e Ainsworth (idem) e observados ao longo do ciclo vital.

---

[4] A palavra "padrão" foi traduzida da língua inglesa (no original, *"pattern")* e utilizada na publicação em português da obra de Bowlby (1969/1990).

[5] O Teste da Situação Estranha caracterizava-se pela observação do comportamento e das reações à episódios experimentais de separação e reaproximação da dupla mãe-bebê na ocasião do primeiro aniversário da criança, momento em que o comportamento de apego ainda está se formando. Caracterizava-se por oito episódios experimentais de maneira que os menos perturbadores ocorressem em primeiro lugar. Para saber mais sobre as condições e resultados do teste, consultar Bowlby (1973/1993, p. 44).

Karen (1994, p.444) aponta a tendência de manutenção dos estilos de apego após a infância, mas afirma que o desenvolvimento dos diferentes estilos de apego, também pode ser afetado por outras variáveis. Portanto, Karen (idem) também elimina qualquer idéia que pressuponha uma relação causal e exclusiva entre o estilo de cuidado da mãe (ou figura substituta) e o estilo de apego da criança. Para isso, aponta como exemplo, a influência da relação da criança com outras pessoas com diferentes estilos de apego, como a relação com o pai, educadores, avós e outras figuras de apego.

Assim como Karen, também apoio a afirmação de que o estilo de apego, desenvolvido na primeira infância, não deve ser considerado resultado exclusivo da relação com a mãe, mas sim, de um contexto multideterminado por vários mecanismos, pelo qual, mãe e bebê influenciam e são influenciados. Desta forma, entendo a possibilidade de mudança de um estilo de apego ao longo da vida, por meio de outras experiências significativas relacionadas ao apego. [6]

[6] A discussão detalhada sobre o estabelecimento e mudança do estilo de apego ao longo da vida será feita no capítulo IV.

Tabela 2: Estilos de Apego (KAREN, 1994, p. 444)

APEGO SEGURO	APEGO EVITATIVO	APEGO AMBIVALENTE
Mãe (ou cuidador principal) é calorosa, disponível emocionalmente, consistente. Responde prontamente quando o bebê chora.	Mãe é frequentemente indisponível emocionalmente ou rejeitadora. Tem aversão à indigência e pode aplaudir a independência.	Mãe é imprevisível ou caótica. Frequentemente é atenciosa, mas não sincroniza com o bebê. A maioria é atenta ao medo do bebê.
Bebês facilmente exploram, usando a mãe como base segura. É o que menos chora do três grupos, é o mais condescendente com a mãe, e o que mais se acalma, depois de ser confortado.	Lá pelo fim do primeiro ano, bebês buscam pouco contato físico com a mãe, ocasionalmente ficam com raiva dela, indiferentes quando confortados e frequentemente descontrolados quando confortados.	Bebês que choram muito, são pegajosos, frequentemente raivosos, ficam descontrolados em pequenas separações, cronicamente ansiosos em relação às mães, limitados na exploração.
Situação Estranha: Buscam ativamente a mãe quando angustiados, mantém contato na reunião e facilmente se confortam.	Situação Estranha: Evitam a mãe quando angustiados, parecem entediados.	Situação Estranha: Dificuldade de se acalmar após separação – raivosos e buscam conforto simultaneamente.
Pré–escola: Faz amigos com facilidade. Popular. Flexível e resiliente sob estresse. Dedica mais tempo com os pares. Boa auto-estima. Professores tratam com carinho, independente da situação e age de forma apropriada à idade.	Pré–escola: Frequentemente raivoso, agressivo, desafiador. Pode ser isolado, desligado. Aproxima-se dos professores. Retrai-se quando está sofrendo. Professores tornam-se controladores e raivosos.	Pré–escola: Irritado e facilmente oprimido pela ansiedade. Imaturo, excessivamente dependente do professor. Pode ser vítima de menosprezo. Professores toleram, desculpam e infantilizam.
Aos 6 anos com os pais: Calorosos e entusiasmados. Capaz de estar aberto e engajar-se em mudanças significativas. Ficam à vontade com contato físico.	Aos 6 anos com os pais: Rude, imparcial, não fica interessado em mudanças. Falta de contato físico caloroso.	Aos 6 anos com os pais: Mistura busca de intimidade com hostilidade. Graciosidade de forma exagerada ou agradável. Pode ficar preocupado sobre a mãe quando está separado dela.
Segunda infância: Forma relacionamentos íntimos e é capaz de sustentá-los em grupos maiores.	Segunda infância: Não tem relacionamentos íntimos ou amizades marcadas por exclusividade, desconfiança. Frequentemente isolado do grupo.	Segunda infância: Funcionamento problemático em grupos de iguais. Dificuldade de sustentar amizades quando está em grupos maiores.
ADULTO SEGURO	**ADULTO REJEITADO**	**ADULTO PREOCUPADO**
Fácil acesso a uma variedade e intensidade de sentimentos e memórias, positivas e negativas. Visão balanceada, equilibrada dos pais. Se inseguro na infância, conseguiu superar a mágoa e a raiva. Usualmente, teve apego seguro na infância.	Desinteressado da importância do amor e da ligação. Frequentemente idealiza os pais, mas memórias atuais não colaboram. Auto reflexão superficial, se houver. Usualmente, teve apego evitativo na infância.	Mantém-se envolvidos em sentimentos de raiva e mágoa com os pais. Incapaz de ver sua própria responsabilidade nos relacionamentos. Temor de ser abandonado. Usualmente, teve apego ambivalente na infância.

Na *tabela 2* alguns elementos favorecem a compreensão do processo pelo qual o apego se estabelece já nos primeiros anos de vida da criança. O equilíbrio da interação mãe-bebê[7] garantirá um desenvolvimento do comportamento de apego seguro depende, tanto das características iniciais do bebê, como também, das características iniciais da mãe na relação, ambas, influenciando o modo de responder do parceiro. Porém, a participação da mãe, segundo Bowlby (1969/1990), é mais complexa, pois seu comportamento é influenciado por um amplo conjunto de mecanismos, que vão desde sua personalidade, até sua história de relações interpessoais na família de origem e da absorção dos valores e práticas de sua própria cultura.

1.2. O apego e o desenvolvimento humano

Segundo Grossmann e Grossmann (1991), a Teoria do Apego, proposta por Bowlby (1969/1990; 1973/1993 e 1973/1993) explica quatro processos que ajudam a compreender a importância do comportamento de apego para o desenvolvimento humano:

1) O desenvolvimento dos estilos de apego entre bebês e cuidadores baseia-se na expressão das necessidades do bebê, que, eventualmente, lida com diferenças individuais entre seus cuidadores até o final do primeiro ano de vida.

2) O processo que transforma estas diferenças relacionais em diferenças individuais, isto é, a transição das interações de apego da díade para

[7] Quando faço referência à mãe, estou considerando a mãe biológica ou qualquer pessoa que possa substituí-la como figura principal de apego, oferecendo conforto e segurança.

representações individuais próprias, denominadas por Main (1991) como representações mentais.

3) A transição de estratégias específicas de comportamento da infância, desde a adolescência até a vida adulta, incluindo a terceira idade.

4) A transição de qualidades de cuidados entre gerações, ou seja, o caminho pelo qual, as estratégias de comportamento de apego são passadas de pais para filhos.

Grossmann e Grossmann (1991) afirmam que a qualidade de comunicação sócio-emocional pode servir de ligação para estes quatro processos ou perspectivas e, neste sentido, faz-se necessário, refletirmos sobre cada uma destas perspectivas e suas ligações para compreendermos o significado do desenvolvimento do apego no contexto de vida de cada indivíduo.

Weiss (1991) avalia a acessibilidade das figuras parentais como a única capaz de sustentar os sentimentos de segurança da criança e o termo empregado por Bowlby; “apego”, vem sendo usado para referir-se aos vínculos relacionais responsáveis. Ainda, segundo o autor, algumas características têm sido propostas para distinguir apego de outros tipos de vínculos relacionais:

1) O objetivo do comportamento de apego é buscar a proximidade; principalmente, em situações estranhas ou ameaçadoras.

2) O apego é resultado de base segura, que é proporcionado pela presença de uma figura de apego, podendo, assim, brincar e explorar o ambiente.

3) A relação de apego implica em protesto de separação frente à ameaça de inacessibilidade da figura de apego.

4) O comportamento de apego é eliciado pela ameaça, isto é, quando a criança se torna ansiosa, sentimentos e comportamentos de apego são disparados,

ao contrário da situação de segurança, quando os pais podem até ser ignorados pela criança.

5) A relação de apego é estabelecida, especificamente, com a figura de apego principal.

6) A relação de apego implica em inacessibilidade para controle consciente. Por exemplo, quando uma figura de apego morre, o sentimento de apego persiste, protestos de separação continuam, mesmo que outras figuras alternativas e adequadas estejam disponíveis.

7) O comportamento de apego persiste na falta de reforço.

8) Mesmo que a figura de apego seja negligente ou abusiva, o apego parece persistir.

1.3 .O apego como organizador do significado

A palavra *significado* tem sido usada frequentemente por profissionais das áreas da saúde e educação, numa busca constante de valorização da subjetividade e da singularidade das experiências sociais, com o intuito de garantir cuidado e ética às generalizações e padronizações na compreensão de situações envolvendo seres humanos. Na língua portuguesa (FERREIRA, 1995), **significado** é a idéia que se faz de um objeto, sugerida por sua imagem acústica ou significante; valor, importância. Sendo assim, significados pressupõem interpretação como resultado da percepção individual da realidade, multi-determinada por uma gama de mecanismos internos e externos relacionados ao passado (muitas vezes, intergeracional) e ao presente do indivíduo. Sendo assim, entendo que o significado atribuído a muitas

situações da vida do indivíduo é influenciado, entre outros, pela experiência de apego vivida nos primeiros anos de vida, uma vez que, a internalização desta, irá influenciar intensamente a percepção que o indivíduo tem de si, dos outros e do mundo.

Marris (1991) vai além, e afirma que o apego é o primeiro e mais crucial relacionamento, por meio do qual, o ser humano começa a aprender a organizar significado. O autor chama de “significado” uma organização de experiências que capacitam-nos a identificar aqueles eventos que têm importância para nós, que nos contam experiências prévias e determinam como nós respondemos a elas. Isto envolve eventos classificatórios, propósitos ordenados e sentimentos reconhecidos associados com eventos e propósitos. Como todas as organizações vivas, isto envolve, constante e reiteradamente, eventos que provocam emoções, as quais influenciam os propósitos, que por sua vez, influenciam os eventos que se seguem e como nós nos sentimos em relação a eles. Neste sentido, Marris (idem) afirma que estes significados são vitais e que o processo de crescimento é resultado do amadurecimento das organizações de significado. Porém, significados são organizados como instituições sociais, bem como, as compreensões pessoais - como ciência, religião, ideologia, leis, arte e, mais fundamentalmente, na estrutura de uma linguagem. Estes significados também têm vida própria, fortalecendo-se enquanto são repetidos. Como muitas de nossas compreensões pessoais são incorporadas a estes significados organizados e mantidos socialmente, eles passam a criar a previsibilidade da interação humana.

Segundo Marris (1991) desde que o nosso bem-estar depende da segurança e da proteção de nossas figuras de apego, o relacionamento é nosso interesse central por toda a infância. Como Bowlby enfatizava (1969/1990), o apego evolui

como uma interação entre uma criança única e seus parentes únicos, por meio da qual, cada um aprende um conjunto de estratégias pelas quais administra o relacionamento. Durante os primeiros meses de vida, as estratégias infantis começam a ser informadas pelo aprendizado e, então, a criança pode expressar o significado em palavras, as quais já estabelecem uma poderosa organização de emoções, desejos e padrões de experiências centradas em duas principais tarefas da infância: adquirir atenção das figuras de apego e aprender a usar habilidades crescentes.

Neste sentido, concordo com Marris (idem) nas afirmações acima e compreendo que aprender a administrar um relacionamento de apego é aprender a entender ordem e controle, e tal esforço resultará num conjunto de estratégias e habilidades sociais permeadas por significados construídos desde os primeiros anos de vida. Sendo assim, a administração do apego é o ponto inicial e modelo para entender todo tipo de ordem.

Dentre os fatores que influenciam de forma significativa um relacionamento de apego, ressalto um aspecto muito importante que é a influência cultural nas práticas de educação infantil e, consequentemente, nas experiências de apego infantil. Marris (1991) afirma que esta é a primeira ligação crucial entre compreensão sociológica e psicológica, ou seja, a experiência do apego, que influencia profundamente o crescimento da personalidade, é produto de uma cultura e, por outro lado, um determinante de como a cultura reproduzirá na próxima geração, não somente com relação ao apego, mas com todas as nossas idéias de ordem, autoridade, segurança e controle.

1.4. Aspectos culturais e estilo de apego considerado ideal

É importante notar que temos uma tendência a considerar o apego seguro com sendo “ideal” ou o mais adequado para o desenvolvimento infantil, na medida em que é o estilo de apego que expressa um maior equilíbrio entre comportamentos de exploração e de apego da criança na interação com sua figura de apego em ambientes familiares e estranhos.

Em particular, a Teoria do Apego (BOWLBY, 1969/1990) caracterizou o *estilo seguro* como desejável nas crianças com idade pré-escolar, porque tal estilo demonstra autonomia, curiosidade, exploração positiva e segura, entusiasmo, persistência em resolver problemas e alta auto-estima.

Em outras palavras, o estilo de apego seguro é associado a um equilíbrio entre a autonomia e a ligação emocional. Mas, este mesmo estilo de apego pode não ser o desejado ou mais adequado dentro de um outro sistema e contexto sociocultural que valoriza outros aspectos dos relacionamentos de apego. Ou seja, dependendo dos valores de uma determinada cultura, o estilo de apego considerado socialmente aceito não envolve um equilíbrio entre autonomia e ligação emocional, mas sim, a predominância de um destes elementos. Em países, nos quais as crianças não se separam das mães, o Teste da Situação Estranha é muito estressante para estas crianças e, portanto, sua reação frente aos momentos de separação serão mais intensas e o resultado predominante de crianças com estilo de apego inseguro nesta cultura não se deve, necessariamente, a alguma dificuldade específica da relação mãe-filho, mas sim, ao significado e expectativa social sobre o comportamento de pais e filhos.

Pesquisa realizada por Harwood, Miller e Irizarry (1995) sugeriu que a variação observada na distribuição de crianças, entre as três classificações de

apego, podem refletir, em parte, as diferenças nos sistemas de significados culturais e concomitantes estilos de socialização. Grossmann, Grossmann, Sangler, Suess e Unzner (1985 apud HARWOOD, MILLER & IRIZARRY, 1995), por exemplo, sugeriram que a alta porcentagem de amostras de *estilos de apego, do tipo ansiosamente apegados,* no norte da Alemanha, pode refletir uma preferência cultural por treinamento de independência precoce na educação das crianças. Similarmente, Miyake, Chen e Campos (1995 apud HARWOOD, MILLER, IRIZARRY, 1995) discutem sobre a possibilidade de que o alto índice de crianças com *estilo de apego ansiosamente apegados e resistentes* na amostra japonesa pode ser atribuída, em parte, aos aspectos da sociedade japonesa que encoraja a interdependência emocional da criança com relação aos membros da família (mãe) e, por isso, sua experiência de separação da mãe é extremamente rara e as crianças respondem intensamente ao Teste da Situação Estranha.

Já no Brasil, não tive conhecimento de nenhum trabalho estatístico que identificou a predominância de um estilo de apego em crianças brasileiras mas, pela população observada em pesquisas[8] que realizei sobre apego e adoção (CASELLATO, 1995), luto por infertilidade (CASELLATO, 1998) e luto materno (CASELLATO, 2000), posso afirmar que a população estudada de crianças e adultos com estilos de apego inseguro-ambivalente e seguro foi predominante e os casos de pessoas com estilo de apego evitativo foram mais frequentes em situações de abandono e institucionalização. Sem a pretensão de generalizar tais resultados, podemos utilizá-los para pensar sobre a forte influência cultural que rege as expetativas sociais acerca do comportamento materno no Brasil, impregnado de estigmas enraizados no mito do amor materno. Paradoxalmente, ess as mães que

são pressionadas pela sociedade para serem afetivas e responsivas, de modo geral, necessitam contribuir com o sustento da casa e têm que realizar vários papéis sociais como mãe, esposa, filha, dona de casa e trabalhadora, entre outros, e enfrentar uma pluralidade de adversidades que vão desde a pobreza até a falta de suporte social. Portanto, estas situações podem ser marcadas por sentimentos de ambivalência e culpa gerados por conflitos com relação ao equilíbrio possível entre o comportamento de cuidadora e comportamento de exploração, podendo resultar em diferentes níveis de ausência física e instabilidade emocional por parte das mães.

Para compreender o significado do comportamento de apego contextualizando-o culturalmente, é necessário entender os constructos culturais que influenciam os comportamentos observados.

Na maioria das culturas, o estilo de apego seguro é considerado modelo e associado a características positivas, o que não impede que em algumas culturas os estilos ansioso/ambivalente e evitativo sejam os que melhor se adaptem a determinadas normas culturais.

Por meio destes estudos sobre significados culturais (HARWOOD, MILLER & IRIZARRY, 1995), considero necessário rever as definições culturais sobre competência social e os caminhos pelos quais estas definições organizam a rotina de interação entre pais e filhos.

---

[8] Estas pesquisas são qualitativas e foram realizadas por meio de entrevistas e estudos de casos e, portanto, não permitem uma generalização dos resultados encontrados.

Sendo assim, é fundamental considerar as diferenças sócio-culturais que influenciam de formas muito distintas o comportamento das famílias brasileiras. Isto significa, que deve existir o cuidado de não generalizar, e, por exemplo, considerar que os mesmos significados culturais que influenciam o comportamento de apego de uma criança, oriunda de uma família de classe média, que vive na cidade de São Paulo, sejam igualados aos de uma criança oriunda de uma família que vive na região do Vale de Jequitinhonha. O abismo não é fruto somente dos fatores geográficos mas, sobretudo, é delimitado pelas diferenças sociais, econômicas, políticas, educacionais, de saúde (prevenção e tratamento), religiosas e de apoio social nestas distintas localidades. Nas regiões mais pobres do país, o mito do amor materno é atropelado pela necessidade de se garantir a sobrevivência e os filhos são motivo de orgulho quando “vingam”. Já nas regiões mais ricas do país, o mito do amor materno é alimentado e valorizado por inúmeros fatores sociais que vão desde um elevado nível educacional até uma ampla rede de apoio, incluindo o acesso aos livros de auto-ajuda, psicólogos, psicopedagogos, e outras especialidades.

Ao buscarmos entender as consequências do abandono sofrido por uma criança com relação aos seus cuidadores, tenho o cuidado de avaliar tais significados culturais na percepção da pessoa que sofreu o abandono e, desta forma, avaliar a subjetividade que é influenciada por um contexto multi-determinado por fatores internos e externos ao indivíduo.

1.5. A representação mental (metacognição)[9] das relações de apego na infância:

Main (1991) propôs uma forte relação entre a qualidade de apego da criança para com seus pais e o estabelecimento de relações de apego na vida adulta, bem como com a representação posterior da criança de si e dos outros.

Os aspectos do conhecimento metacognitivo têm importantes consequências para o desenvolvimento emocional das crianças, principalmente a partir dos seis anos de idade, como Main (idem) apontou em pesquisa sobre apego adulto. Neste trabalho, ela estabeleceu relação entre conhecimento metacognitivo, funcionamento metacognitivo e processo de apego, não só durante a infância, mas também durante a vida adulta.

Segundo Bowlby (1969/1990), os modelos mentais, ou modelos operativos internos, são componentes necessários do sistema comportamental de apego e que servem para agirmos em situações novas, usando, simultaneamente, da experiência e do inconsciente.

De acordo com a definição utilizada por Main (idem), modelo operativo interno é a representação individual em relação ao mundo, às suas figuras de apego e à sua relação com eles. Já, as representações são os processos internos que incluem construção de significados, imagens e modelos mentais.

Modelos mentais internos são avaliados por Karen (1994) como mapas mentais do desenvolvimento, que permitem navegar no mundo sem ter que operar tudo, desde o início, a cada vez que o indivíduo encontra uma situação familiar.

---

[9] A metacognição (representação de segunda ordem), segundo Main (1991) é um conhecimento sobre a cognição (representação de primeira ordem), que implica uma distinção entre aparência e realidade, além da regulação da cognição (que avalia o processo de distinção), monitorando e planejando atividades, além de checá-las.

Estes modelos incluem nossa compreensão de como relações íntimas funcionam, como os outros esperam ser tratados e como nós os percebemos.

Quando a criança se torna madura para perceber e avaliar os sentimentos e motivações da mãe, ela se torna capaz de formar um relacionamento muito mais complexo com a mesma, o que Bowlby (1969/1990) chamou de parceria corrigida para a meta, que significa, essencialmente, que a partir daí, a mãe e a criança podem negociar e fazer planos juntas, baseadas em suas respectivas necessidades.

O modelo da criança vai sofrendo uma atualização com um senso mais sofisticado do complexo “dar e receber” e do relacionamento mútuo. Porém, um modelo de relacionamento é, frequentemente, muito mais pobre do que a realidade. Isto porque, como aponta Karen (1994), idéias e memórias são distorcidas quando amor, ódio, angústia e vergonha entram em cena, quando memórias são reprimidas, sentimentos são eliminados e desenvolvemos defesenvolvidas.

O poder e a persistência de modelos negativos, e o impacto que eles têm sobre a capacidade da auto-reflexão e pensamento complexo por parte da criança, podem ajudar a explicar porque mudar é tão difícil e a vida passa a ser percebida como sofrida. Ainda, segundo Karen (idem), isto explica o processo de identificação pelo qual uma criança adota para si os aspectos que mais odeia de um dos genitores ou cuidadores, especialmente, de uma mãe que foi inacessível por meio de uma distância emocional, incluindo o abandono total, ou morte.

Os modelos são múltiplos, quando se referem ao mesmo aspecto da realidade e são implicitamente contraditórios. Estes modelos múltiplos são caracterizados e explicitados pelas crenças, esperanças, sentimentos, desejos e pelo conteúdo relacionado a estas proposições.

Estas apreensões da realidade estão relacionadas aos estilos de interação desfavoráveis ou favoráveis com figuras de apego, que podem deixar a criança vulnerável a desenvolver modelos múltiplos de apego e de si.

Com relação à dificuldade de distinguir aparência-realidade e interpretar mensagens contraditórias relacionadas ao mesmo objeto, relação ou situação, Main afirma (1991) que isto pode tornar a criança vulnerável para responder às experiências de apego desfavoráveis, devido ao desenvolvimento de modelos múltiplos (conflitantes ou incompatíveis) de apego.

Neste sentido, crianças e adultos seguros têm integração das informações relevantes para apego, enquanto que crianças e adultos inseguros demonstram incoerência e falta de integração, ou falta de acesso para informações com relação ao apego. Sendo assim, pessoas inseguras apresentam um misto de pensamentos contraditórios, sentimentos e intenções, com relação ao mesmo aspecto da realidade (modelo múltiplo).

Seja como for, dentro do quadro de referências desses modelos funcionais, a criança avalia a sua situação e seu contexto e elabora seus planos. Como aponta Bowlby (1969/1990, p. 375), a partir do referencial construído com os modelos funcionais da mãe e dela mesma, a criança avalia aspectos específicos de sua situação e elabora suas metas e estratégias de apego.

Finalmente, após a explicação sobre a construção destes modelos, a Teoria do Apego passa então, a discutir a influência dos mesmos na percepção e avaliação do indivíduo, que tipo de distorções podem surgir e que condições favorecem ou dificultam o seu desenvolvimento à medida que as crianças vão crescendo e, consequentemente, ampliando e tornando cada vez mais complexa sua rede social.

CAPÍTULO II

ABANDONO

"A persistência da vida sem a presença da pessoa amada é uma demonstração da força do amor que dedicamos a ela, pois, sem dúvida, será mais difícil viver a realidade do amor como se fosse uma fantasia. Aqui as coisas sofrem uma inversão: tudo o que era realidade na convivência passa a ser uma fantasia, no isolamento da alma."

Luiz Schettini Filho

De forma mais suscinta, esta tese refere-se à discussão sobre o abandono, suas consequências e possibilidades de superação.

Ao explorar as consequências do abandono, entendo que as mesmas não se encerram na questão do desamparo, desprezo e/ou renúncia de cuidados na vida de uma criança, mas a experiência do abandono, mesmo quando parcial, é uma experiência de perda e como tal, implica um processo de luto.

Cabe esclarecer que a utilização do termo *abandono* não tem um caráter moral, no que se refere a julgar ou recriminar a atitude da mãe que, por inúmeras razões - muitas delas, alheias a uma condição de escolha - acaba por entregar seu filho em uma instituição ou não consegue oferecer as condições mínimas para o desenvolvimento saudável da criança.

Outra questão a ser retomada é que o foco deste trabalho não é a motivação ou as razões que levam ao abandono, mas sim, seus efeitos a longo prazo, com relação ao desenvolvimento da criança que experimenta a privação.

A proposta é avaliar estes efeitos, sob o ponto de vista de mulheres que passaram pela experiência da privação dos cuidados maternos na infância. Sendo assim, tanto sua definição, como seus efeitos, foram analisados a partir da percepção das mesmas.

Porém, a motivação do abandono por parte das mães é um aspecto extremamente relevante, uma vez que esta influencia, de forma crucial, a atitude da mãe com relação à criança, seja na preparação para a separação, ou no seu regresso após o período de afastamento.

Ao analisar as causas da privação infantil, somos convocados a refletir sobre as razões pelas quais o grupo familiar natural fracassou e, também, porque os parentes não puderam exercer o papel de substitutos.

Segundo Bowlby (1969/1990), as causas do fracasso familiar podem ser classificadas em três categorias, em função da situação do grupo familiar natural:

a) Grupo familiar natural não estabelecido: ilegitimidade.

b) Grupo familiar natural intacto, mas sem funcionar de forma eficiente.

Ex: desemprego do provedor; condições de miséria; doença crônica ou incapacidade de um dos pais; instabilidade ou desequilíbrio mental de um dos pais.

c) Grupo familiar natural dissolvido e, portanto, não funcionando.

Ex: calamidade social (guerra, fome), morte de um dos pais, enfermidade de um dos pais (hospitalização), prisão de um dos pais, abandono por um ou ambos os pais, separação ou divórcio, pai trabalhando em outra localidade ou mãe trabalhando em horário integral.

Qualquer família que apresente uma ou mais destas condições pode ser considerada como uma possível fonte de crianças em privação. Se a criança irá, realmente, sofrer privação vai depender das seguintes condições:

a) se ambos os pais, ou apenas um deles é afetado.

b) quando apenas um dos pais é afetado, se o outro recebe auxílio ou não.

c) se os parentes podem ou desejam atuar como substitutos.

Desta forma, definir o conceito de abandono torna-se uma tarefa difícil, na medida em que ele se encontra estritamente ligado à motivação de tal comportamento.

Como afirma Fernandes (1989), o conceito do abandono nos remete a uma gama de significados; refere-se a uma renúncia ou desistência, ou a estar presente e ignorar, incompetência, desprezo, desleixo, ato e sentimento.

As definições sobre abandono de crianças que foram pesquisadas para este trabalho, basicamente, se iniciaram e se encerraram no campo jurídico. Restringem-se ao limite do pátrio-poder e ao direito de guarda dos pais e, exclusivamente, se referem ao contexto em que a criança é concreta e definitivamente separada de seus pais ou cuidadores.

No boletim “Uma Família para uma Criança” (nº42), publicação do Núcleo de Formação e Incentivo à Convivência Familiar da Associação Brasileira Terra dos Homens (ABTH) sob responsabilidade de Freire (2002, p.3), encontrei algumas definições sobre abandono que ilustram o distanciamento e o desconhecimento do tema, por parte dos técnicos de diferentes áreas, como Direito, Psicologia e Serviço Social:

Alguns exemplos de definições do conceito de abandono (FREIRE, 2002, p. 3)[10]:

"É difícil reunir informações que permitam definir o abandono."

"A lei não estabelece critérios precisos e não define adequadamente o abandono. É preciso, em cada situação, interpretar a lei."

"É preciso, antes de tudo, considerar a situação da criança, com as suas exigências psicológicas."

"Existe abandono quando não há continuidade na relação entre a criança e seus pais."

"A dificuldade maior consiste na constatação da falta de assistência moral. É um problema de falta de instrumentos que permitam verificar as dificuldades afetivas no relacionamento familiar, e tentar superá-las."

"Existem poucos casos de abandono porque existem sempre justificativas para a situação dos pais. E é muito difícil julgar essas situações."

"O conceito de abandono é muito relativo, e é preciso ter sempre em mente algumas variáveis: idade, situação psíquica da criança e dos pais, situação econômica da família. Nessa apreciação é determinante a ideologia do Juiz."

"A criança é abandonada quando não existe nenhuma relação afetiva com os pais. O problema é saber se é possível modificar essa situação."

"É impossível chegar a um acordo sobre essa definição. Cada um é condicionado pela sua própria experiência pessoal e ideologia política."

"É difícil definir. Prevalece a idéia de que existe o abandono quando a criança não recebe da família, e de seu ambiente mais próximo, o mínimo necessário para um desenvolvimento adequado."

"Em geral, se entende por abandono a falta de afeto, de instrução e de apoio por parte das figuras parentais."

"Para alguns é suficiente o abandono moral para declarar o estado de abandono."

"Abandono é o desprovimento total e definitivo do meio familiar".

"Existem, na nossa realidade social, vários níveis e formas de abandono. O mais grave deles se caracteriza quando a colocação em família substituta, seja ela temporária ou definitiva, surge como a melhor opção para a criança."

---

[10] Os autores não foram identificados no texto original.

O desconforto com estas confusas visões sobre abandono gera a necessidade de um posicionamento objetivo sobre o conceito do abandono utilizado neste trabalho, tendo como fundamentação a visão psicológica e, mais especificamente, a visão da Teoria do Apego .

Porém, acima de qualquer formulação teórica, está a definição incontestável de *abandono* formulada por quem passou pela experiência. Isto porque, se o indivíduo avalia e considera que sua relação com a mãe resultou em abandono, obviamente, ele se refere a uma situação que gerou sentimento de rejeição, privação de cuidados e/ou amor , o que já denota a influência que esta experiência exerce sob sua auto-percepção, bem como, regula sua relação com o mundo.

2.1. A definição de abandono segundo Bowlby

A Teoria do Apego revolucionou a comunidade científica do século 20, quando Bowlby (1976/1995) publicou seu livro "*Cuidados Maternos e Saúde Mental*"[11] no qual apresentou os resultados de seu relatório para a Organização Mundial de Saúde sobre as crianças do pós guerra e esboçou as primeiras argumentações da privação materna como uma experiência de perda e luto.

Neste contexto, Bowlby (1976/1995) passou a observar crianças institucionalizadas temporariamente, órfãs de pai e separadas de suas mães que passaram a trabalhar fora de casa. Na ocasião, o autor constatou algumas reações

[11] Este livro originou-se do relatório que Bowlby produziu e publicou em 1951 como resultado do estudo realizado em diferentes países da Europa, por solicitação da Organização Mundial de Saúde, para investigar os problemas relacionados com saúde mental e relativos às crianças órfãs e institucionalizadas do pós-guerra. Para saber mais, consultar (Bowlby, 1976/1995).

comuns entre as crianças, tais como: choro; demonstração de angústia, principalmente, na hora de dormir; clamar pela mãe ou pelos pais e buscar a mãe. Neste período, as crianças estavam voltadas para os genitores e não se mostravam acessíveis para se relacionar com as enfermeiras. De modo geral, elas trouxeram de casa um objeto de estimação e as reações individuais ao voltar para casa variavam e estavam relacionadas ao tempo de ausência das figuras de apego. Por meio deste estudo, observou-se também, que há duas condições que intensificam as reações: presença de uma pessoa conhecida e/ou objetos familiares, e cuidados maternais de uma mãe substituta.

Quando ocorrem sequências de reações de protesto intenso, seguidas de desespero e desapego, posso atribuí-las a uma combinação de fatores causais, tendo como fator central a conjunção de pessoas estranhas, eventos estranhos e a ausência de cuidados maternos, seja da própria mãe ou de uma figura substituta.

Segundo Bowlby (1976/1995), existem três tipos de situações interligadas nas quais uma criança sofre privação da mãe:

- Privação parcial: a criança vive com a mãe ou com uma mãe substituta permanente (inclusive um parente) cuja atitude para com ela não é satisfatória;
- Privação total: a criança perdeu a mãe ou (mãe substituta permanente) por morte, doença ou abandono e não existem parentes para cuidar dela;
- Privação total: a criança é retirada da mãe (ou da mãe substituta permanente) e entregue a estranhos, pela justiça ou por outras organizações de assistência social ou de saúde pública.

Isto porque, a Teoria do Apego aponta a separação da figura materna, como variável chave na determinação do estado emocional e do comportamento da criança, conduzindo à tristeza, à raiva e à angústia, mesmo não ocorrendo os

demais fatores mencionados. Bowlby (1976/1995) aponta ainda, que a situação de separação implica em *descontinuidade* da interação entre mãe e filho mas, não necessariamente, envolve *insuficiência* da interação. Processos de descontinuidade podem ter efeitos prejudiciais sobre o desenvolvimento, mas estes não são, necessariamente, iguais aos efeitos da insuficiência. Lembra ainda, que algum tipo de confusão sobre estas duas situações e seus efeitos é bastante comum, porque é frequente que a descontinuidade e a insuficiência ocorram juntas e, também, porque sucessivas rupturas dos vínculos com figuras maternas podem resultar em efeitos semelhantes, quanto à natureza e amplitude, aos efeitos da insuficiência rigorosa e prolongada da interação.

O termo “presença” refere-se ao acesso imediato da figura de apego; “ausência” quando se refere à inexistência de acesso e “separação e perda “, indicando que a figura de apego do indivíduo não é acessível - temporariamente; como na separação, ou permanentemente, como em situações de morte.

A mesma teoria (BOWLBY, 1976/1995) aponta que o abandono por parte da mãe, seja total ou parcial, implica em uma experiência de perda que é inerente à privação do vinculo afetivo, da nutrição, dos cuidados maternos, do conforto e calor de alguém que protege e responde às nossas necessidades básicas. Perante a perda, a criança se enluta. [12]

Em situações de abandono parcial, a condição de negligência e/ou rejeição vai tornando-se crônica e patológica em paralelo ao desenvolvimento da criança e vai influenciando direta e indiretamente este processo, seja no que se refere ao aspecto cognitivo, físico, social, moral e/ou afetivo.

---

[12] O processo de enlutamento será discutido no próximo capítulo.

No que tange à questão do abandono total, a criança não só vivencia o caráter definitivo do abandono e da separação, mas também se depara com todas as perdas secundárias concomitantes e, em muitos casos, ao mudar para outro local de moradia, perde o contato com todas as figuras afetivas de referência, o espaço físico familiar, a rotina e, até mesmo, os hábitos da família de origem. Nesta condição, a criança não se vê apenas privada de um relacionamento extremamente importante e crucial para o seu desenvolvimento saudável, mas também, de todos os referenciais até então existentes em sua vida.

Desta forma, o abandono por parte da mãe gera privação e ruptura da ligação de afeto que é vital para a sobrevivência da criança e para seu desenvolvimento saudável.

Porém, ainda hoje, e com muita frequência, as consequências do abandono na infância são negadas e banalizadas, e predomina a falta de reconhecimento social acerca do sofrimento gerado pela privação de amor e das reações que a criança manifesta quando abandonada.

Esta falta de reconhecimento social torna-se, muitas vezes, um grande fator de risco, que compromete ainda mais a superação e elaboração desta experiência por parte da criança. Esta circunstância agravante torna-se ainda mais comprometedor pelo fato de envolver uma situação de luto.[13]

A partir de inúmeras pesquisas encontradas, Bowlby (1976/1995) levanta a hipótese de que crianças que sofreram privação e são infelizes, tornam-se maus pais. Aponta, ainda que, um círculo social se autoperpetua quando crianças impossibilitadas de terem uma vida familiar normal se transformam em pais

---

[13] Este aspecto será discutido no ítem 3.2. do capítulo III deste trabalho.

incapazes de oferecer uma vida familiar normal para seus filhos, dando origem, assim, a uma outra geração de adultos incapazes de fazer o mesmo por seus filhos.

É importante ressaltar que, quando Bowlby (idem) aponta tais conclusões, ele parte do pressuposto que se nenhum outro fator influenciar de forma contrária a vida do indivíduo ele terá grandes chances de repetir o modelo de interação vivido na infância e internalizado ao longo da vida. Porém, como um grande incentivador da profilaxia dos distúrbios emocionais, o autor segue (BOWLBY, 1976/1995), discorrendo sobre as possibilidades de prevenções destas consequências traumáticas no desenvolvimento e, desta forma, incentiva o leitor a pensar nas saídas ou alternativas que o indivíduo pode encontrar ao longo da vida para romper com este ciclo de perpetuação do fracasso familiar, entre elas, o vínculo com o terapeuta e/ou relacionamentos com parceiros e filhos.

2.2. Efeitos da privação do amor materno

Segundo a Teoria do Apego, "privação de mãe"[14] é a situação na qual uma criança não encontra este tipo de relação, ou ainda, quando não existe a maternagem.[15]Pela amplitude desta definição, posso considerar que se refere a um grande número do situações. Para evitar confusão, Bowlby (1976/1995) sugeriu que

---

[14] Bowlby ressalta a questão da influência da figura do pai neste contexto, assim como a influência da "privação do paï" para o desenvolvimento da criança. Aproveito para esclarecer o quanto entendo ser importante a análise deste aspecto e seus efeitos para estudos futuros mas, neste trabalho, priorizei a questão da privação dos cuidados maternos por duas razões: (a) por ser, em geral, a figura elegida pela criança, como figura de apego principal; e (b) por interessar aqui as repercussões desta privação no contexto do desenvolvimento do comportamento de cuidadora na maternidade.

[15] A utilização do termo *maternagem,* como aponta Santos (1998), refere-se ao universo relacional ou interacional entre mãe e filho. Difere do conceito de *maternidade,* na medida em que este último implica exclusivamente numa condição biológica, porque se limita à procriação. *Maternagem* diz respeito ao contexto sócioafetivo estabelecido no cuidado dos filhos, portanto, refere-se a uma condição social.

se mantenha a seguinte distinção sobre as três formas de interação que são incluídas, quando o conceito de “privação de mãe” é utilizado: (a) *insuficiência* de interação; (b) relações *distorcidas*, sem referência à quantidade de interação presente; e (c) *descontinuidade* de relações provocada pela separação.

Desta forma, até mesmo uma situação na qual a criança tem um lar, mas sua mãe é incapaz de proporcionar-lhe os cuidados amorosos necessários para o seu desenvolvimento será considerada uma situação de privação e, portanto, de abandono.

Assim como Bowlby (1976/1995), considero um contexto de privação, desde uma situação de rejeição ou ambivalência, até uma situação na qual a criança é afastada dos cuidados da mãe.

Os efeitos da privação, como afirma Bowlby (1976/1995), serão relativamente suaves se a criança passa a ser cuidada por alguém em que ela já aprendeu a confiar e a quem já conhece, mas pode ser acentuada ou prolongada se a mãe substituta, embora amorosa, for uma estranha. Ainda segundo o autor, estes efeitos prejudiciais da privação, variam de acordo com seu grau de intensidade. Por exemplo; a privação parcial gera angústia, excessiva necessidade de amor, fortes sentimentos de vingança e, como consequência, sentimentos de culpa e depressão. A imaturidade de uma criança para lidar com esta gama de sentimentos pode resultar em distúrbios nervosos e numa personalidade instável. Já a privação total tem efeitos que podem mutilar a capacidade de estabelecer relações com outras pessoas (BOWLBY, 1976./1995).

Além da condição de privação, existem muitas situações de separação ou rejeição total, que também podem ser prejudiciais para a criança, dentre elas; uma atitude inconsciente e rejeitadora da mãe, subjacente a uma atitude amorosa, ou

ainda, o prazer inconsciente da mesma com um comportamento da criança que ela também julga inadequado.

Para avaliar o impacto da privação do amor materno, Bowlby (idem) considera necessário avaliar três aspectos: a idade em que a criança perde os cuidados maternos, o tempo de privação e o grau em que eles lhe faltaram.

As crianças com menos de três anos, e grande parte daquelas de três a cinco anos, apresentam grandes propabilidades de sofrerem com a privação. Porém, Bowlby (idem, p.33) aponta: "a minoria das crianças de cinco a oito anos pode ser afetada". Isto porque, como o autor explica: "quanto melhor tiver sido a relação das crianças mais velhas com a mãe, melhor será sua tolerância à separação. Se a criança é feliz e segura, não deverá ficar extremamente angustiada, mas se é insegura e tiver dúvidas sobre o amor da mãe por ela, fica vulnerável a uma interpretação distorcida dos fatos." Esta visão distorcida pode se manifestar de forma latente, sendo desconhecida para os outros e para a própria criança, que poderá julgar a privação como uma forma de punição, e consequentemente, sentir raiva e angústia que atuarão de forma cíclica na díade mãe-filho. Mas, de modo geral, seja em casos de crianças seguras ou inseguras, a reação irá depender do modo como a criança é preparada para a situação, como ela é tratada durante a separação e como sua mãe lida com ela após seu regresso (BOWLBY, 1976/1995).

Desta forma, penso que casos de privação parcial - que ocorrem, não por meio de um episódio único e isolado, mas por meio de episódios de separação frequentes, desde os primeiros ano de vida, com tempos de duração variados - a criança tende a reagir de forma cada vez mais enfraquecida, demonstrando uma resignação que pode chegar a um estado de apatia. Estas crianças tendem a se comportar de forma obediente, são quietas e ordeiras, fáceis de lidar e algumas até

parecem felizes. Porém, este aparente ajustamento não está relacionado a um desenvolvimento emocional saudável, mas sim, a uma necessidade quase instintiva de garantir a presença da mãe ou do cuidador substituto e, quem sabe, evitar uma nova separação ou, em casos mais graves, este tipo de reação pode referir-se a um estado depressivo, envolvendo apreensão, angústia e tristeza.

Porém, é fundamental ressaltar que os efeitos da privação dos cuidados maternos para cada criança, variam tanto quanto ao grau quanto à natureza, e esta diversidade se dá pela influência de diversos mecanismos que serão discutidos no capítulo VI.

Outra questão apontada por Bowlby (1976/1995, p.190) a ser considerada, é o contexto de cuidados substitutos em que esta privação ocorre, isto é; (a) se a ausência da figura materna é suprida pela assistência à criança realizada por várias pessoas que, juntas, oferecem poucas oportunidades de interação suficiente para a criança, como acontece em hospitais ou creches; (b) ou se a criança é cuidada por sucessivas mães substitutas, sendo que algumas, ou todas, podem oferecer cuidados suficientes, mas que resultam numa constante descontinuidade da interação; (c) cuidadores múltiplos e mutáveis, como nos hospitais; (d) dispersão parcial da responsabilidade entre poucas pessoas, mantendo um alto grau de continuidade e cuidados suficientes, como pode acontecer quando alguns membros da família assumem os cuidados. Obviamente, avalio o quanto tais condições podem acirrar ou minimizar os efeitos da privação, envolvendo descontinuidade, insuficiência de cuidados e/ou distorção.

É importante salientar que foram encontrados pouco estudos sobre privação parcial e total, na revisão feita para elaboração deste trabalho, tanto na literatura brasileira, como na estrangeira e a publicação de *Cuidados Maternos e Saúde*

Mental (BOWLBY, 1976/1995) é uma referência para estudos sobre este tema, uma vez que se dedica, exclusivamente, a analisar os efeitos da privação e abandono em crianças pequenas. Apesar de ser contextualizada na cultura de países europeus e focada em crianças vítimas dos efeitos da Segunda Guerra Mundial, é uma contribuição extremamente útil para a realidade brasileira nos tempos atuais.

CAPÍTULO III

LUTO

"A angústia nas crianças nada mais é, originalmente, do que expressão do fato de estarem sentindo a perda da pessoa amada."

Sigmund Freud (1905b)

Bowlby (1990, p. 65) não poderia ter sido mais preciso quando apontou que muitas das mais intensas emoções humanas surgem durante a formação, manutenção, rompimento ou renovação dos vínculos emocionais. Sob estas condições, estamos vulneráveis à emoções como medo, prazer, angústia, raiva e amor.

Ressalto como conceito central da Teoria do Apego, a forte relação que Bowlby (1969/1990) encontrou em suas observações, entre as experiências de um indivíduo com seus pais e a sua capacidade posterior para estabelecer, bem como, romper vínculos afetivos ao longo da vida. Segundo o autor (idem), após os seis meses de idade o bebê já mostra suas preferências pela figura de apego principal de forma inconfundível e, até completar dois ou três anos, já está, intimamente, ligado a esta figura, demostrando prazer em sua presença ou aflição e angústia em sua ausência. Até mesmo, breves separações são alvos de protesto por parte da criança.

Porém, existe um número de crianças que sofrem desintegrações precoces desta relação primária, assim como foi discutido no capítulo anterior. Sendo assim, considero as características específicas da situação de privação materna para avaliar o grau do impacto e a condição de *perda e luto* inerente a cada uma delas. Isto porque, os efeitos de um abandono total e de um abandono parcial, caracterizados por uma descontinuidade temporária ou insuficiência de interação, envolvem diferentes níveis de perda e, portanto, elaborações e adaptações diferentes.

Sendo assim, usando o exemplo de um bebê de dois anos que se separa da mãe com a qual teve um relação bastante segura e sem descontinuidade (separação) anterior, é possível observar uma sequência previsível de comportamentos que envolve as fases de protesto, desespero e desligamento. A fase do protesto envolve manifestações como lágrimas e raiva, numa tentativa de exigir que a mãe regresse e ele mantém a esperança de reavê-la. Aos poucos, vai aparentando estar mais calmo, o que apenas indica que suas esperanças diminuíram, e isto se desenvolve até que ele entre numa fase de desespero. Isto acontece de forma alternada e não linear, numa mescla entre o desespero e a esperança. Então, o bebê parece esquecer a mãe e quando esta regressa, ele parece desinteressado ou mesmo demonstra não reconhecê-la, e aí, caracteriza-se a fase do desligamento. Em todas estas fases, podem surgir comportamentos agressivos e até mesmo, auto-destrutivos. Esta reação de desinteresse vai perdurar conforme o tempo de separação e os acontecimentos relativos a este intervalo de tempo, incluindo as visitas e interações com a figura materna neste período. Como resultado desta separação, a criança irá reagir, manifestando uma avalanche de

sentimentos, que vão desde um intenso apego à mãe, até raiva e extrema ansiedade (BOWLBY, 1969/1990).

Bowlby aponta (idem) que esta sequência de reações é característica de todas as formas de luto perante a perda de um ente querido.

Portanto, luto é um processo normal e esperado de elaboração das perdas e é importante para a saúde mental, na medida em que proporciona reconstrução de recursos e adaptação às mudanças. Seu enfrentamento possibilita também, que o indivíduo conquiste a confiança de ser capaz de superar as demais perdas, além do que, permite encontrar um lugar em nossas vidas para pessoas que amamos e perdemos.

O processo de luto é necessário na medida em que o ser humano tem a necessidade de dar sentido ao que aconteceu em sua vida, e retomar o controle sobre o mundo e sobre as relações afetivas.

Assim como afirma Bowlby (idem) o processo de luto implica em duas mudanças psicológicas: *reconhecer e aceitar* a realidade; e *experimentar e lidar* com as emoções e problemas que advêm com a perda. Estas mudanças levam tempo e dependem das condições que irão favorecer ou prejudicar a elaboração da perda.

O trabalho do luto implica um teste de realidade que revela que o objeto não existe mais, ou está inacessível. A aceitação desta realidade permite que o indivíduo possa desistir desta relação ou dirigir sua meta fixada para outras relações afetivas. Consequentemente, a pessoa pode se reorganizar, em termos emocionais diante do vínculo rompido e continuar a vida.

Vale lembrar que este processo é individual e social, e todos os membros da família são afetados.

Segundo Bromberg (1994), um vínculo ansioso é causado por uma série de separações e considerado como provocador de relações de dependência. Já um vínculo seguro permite o desenvolvimento de autoconfiança e de auto-estima. Portanto, quando um vínculo é rompido, os recursos de que o indivíduo dispõe para elaborar o luto devem ser buscados na qualidade de vínculo anteriormente existente.

O luto pode ser definido como uma resposta característica à perda de um objeto valorizado, seja a pessoa amada, um objeto material especial, emprego, status, casa, país, ideal, parte do corpo.

Ainda segundo Bromberg (idem), a intensidade do pesar ao viver uma experiência de perda varia, consideravelmente, de indivíduo para indivíduo, em razão das seguintes influências: contexto, história pregressa, grau de vulnerabilidade, padrão de apego e grau de vinculação com aquela pessoa que se perdeu.

3.1. O Processo de Luto

Como aponta Bowlby (1969/1990) o processo de luto pela perda definitiva de um vínculo afetivo, principalmente, de uma figura de apego, pode dividir-se em quatro fases principais, a saber :

1- Fase de **torpor ou aturdimento**, que geralmente dura entre algumas horas até uma semana, que podem ser mescladas por acessos de raiva ou consternação.

2- Fase de **anseio ou protesto**, que implica em emoções fortes, com muito sofrimento psicológico e agitação física, o enlutado fica a procura da pessoa perdida.

3- Fase do **desespero**: em geral, após um ano, o enlutado reconhece a imutabilidade da perda, o que torna esta fase ainda mais difícil, pois implica em desmotivação pela vida, apatia e depressão. É um processo lento e doloroso, que leva a um isolamento social, bem como a alguns distúrbios psicossomáticos;

4- Fase de **recuperação e restituição**: a depressão e a desesperança vão lentamente e progressivamente se misturando com sentimentos mais positivos, a adaptação às mudanças vai sendo mais tolerada e vai tornando-se possível o investimento afetivo em novas situações e figuras de apego. É natural que ocorram "recaídas" em termos de sintoma e depressão, principalmente, em datas comemorativas e que lembram aquilo que se perdeu (reações de aniversário).

Rando (1993, p.393) organiza as fases do luto, especificando as condições que permitem a elaboração e superação de cada fase de elaboração. Desta forma, a autora aponta que:

- Na fase de **evitação ou negação**, a pessoa enlutada precisa *reconhecer* a perda**,** que implica no conhecimento e compreensão sobre a mesma.
- Já na fase de **confrontação**, para que ela seja efetivada, é necessário que o enlutado reaja à separação, vivencie a dor; sinta, identifique e aceite a perda, e enlute-se pelas perdas secundárias. Precisa, também, recordar e reviver o vínculo perdido, revisando e lembrando de forma realista e

enfrentando os sentimentos o quanto for necessário. Por fim, deve abandonar o apego antigo e o velho mundo presumido.

- No momento da **acomodação**, deve ser capaz de reajustar-se para adaptar-se ao novo contexto, revisar o antigo, adotar novos modos de estar no mundo, assumir uma nova identidade, e reinvestir em novos objetos de amor ou relacionamentos afetivos.

Neste processo, algumas manifestações são esperadas como reações de luto (RANDO, 1993):

a) Sentimentos: choque, tristeza, culpa, raiva, solidão, agitação, ansiedade, fadiga, anseio: desejo de estar com a pessoa falecida, desamparo e alívio.

b) Sensações físicas: vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, hipersensibilidade ao barulho, sensação de despersonalização, falta de ar, sentir a respiração curta, fraqueza muscular, falta de energia, boca seca, queixas somáticas, suscetibilidade a doenças, principalmente as doenças ligadas à baixa imunidade e estresse ou falta de cuidados com a saúde.

c) Cognições: descrença, confusão, déficit de memória e concentração, pensamentos obsessivos, sensação da presença e alucinações

d) Comportamentos: distúrbio de sono, perda/ aumento de apetite, aumento no consumo de psicotrópicos, álcool e fumo, comportamento “aéreo”, isolamento social, evitar coisas que lembrem a pessoa que faleceu, procurar e chamar pela pessoa, sonhos com o falecido e hiperatividade e inquietação.

Finalmente, as definições e reações de luto descritas foram encontradas na literatura, tendo como referência, casos de separações físicas, casos de descontinuidade provisória ou definitiva da interação entre a mãe e a criança. Mas, como se avaliam outros tipos de separação ou privação, que não envolvem o afastamento real e definitivo no espaço entre a criança e a figura materna?

Bowlby afirma (1969/1990, p. 59):

> *"casos de separações de outros tipos, mais ou menos graves, envolvendo rejeição, perda de amor, perda de afeição de um dos pais pelo outro e outras situações, têm todas como fator comum a perda da criança de um ente a quem ama e a quem está ligada. Se o conceito de perda for ampliado para cobrir a perda de amor, esses casos deixarão de constituir exceções."*

Os pressupostos de Bowlby (idem) e o estudo sobre lutos não–reconhecidos, que serão discutidos no próximo capítulo, favorecem a compreensão de que o luto é uma reação normal e esperada, não somente em situações em que há a perda concreta em decorrência da morte de uma pessoa amada e cuja relação ou condição é reconhecida socialmente. Tendo em vista estas considerações, afirmo que nos relacionamentos que envolvem ausência e privação de cuidados e de amor por parte de um dos parceiros, ocorre, gradativamente, um desinvestimento emocional por parte do outro parceiro que necessita de uma reorganização de ordem emocional e cognitiva para se adaptar às condições reais a serem enfrentadas. Portanto, implica um processo de luto, assim como em situações de perda concreta, de relações validadas socialmente.

3.2. Luto pelo abandono (total ou parcial) parental e a formação do estilo de apego

O *apego* a uma figura materna torna-se, regularmente, mais organizado após os seis meses de idade, e o mesmo acontece com o *afastamento*, diante de situações eliciadoras de medo. Esta organização não se deve só ao estabelecimento da interação com a figura de apego, mas também ao desenvolvimento cognitivo da criança aos doze meses de idade. Ao longo da vida, não só as situações imediatas despertam o comportamento de medo, mas também, as situações futuras que são previstas. Sendo assim, ficar sozinho é o indício natural de aumentado risco (de perigo), uma vez que, segundo a Teoria do Apego, no ambiente de adaptabilidade evolutiva do ser humano, a função do comportamento de apego que promove a proximidade de figuras de apego, é a proteção contra predadores e, por isso, experimentamos uma grande angústia quando sozinhos. Há, portanto, sistemas comportamentais mediadores do comportamento de medo que tendem a afastar o indivíduo de situações potencialmente perigosas e há os sistemas que mediam o comportamento de apego, tendentes a levar o indivíduo para situações potencialmente seguras. A questão do que é considerado perigoso é individual e multi-determinada, pois o que é avaliado como perigo para um indivíduo, não é necessariamente, para outro e está ligado, não só com a avaliação do que pode causar dano, como também, com a capacidade individual de proteger-se e aos outros que o rodeiam. A variável é, portanto, a capacidade de compreender as situações e não a realidade propriamente dita.

Sabe-se que os indivíduos apresentam sensibilidades variadas para reagir com medo em determinadas situações e isto se dá, em função de algumas variáveis;

entre elas, a mais importante para o trabalho aqui proposto, é a relação entre o indivíduo e sua(s) figura(s) de apego.

Um dos processos importantes que diminuem a suscetibilidade ao medo é a confiança crescente na acessibilidade da(s) figura(s) de apego. Há, também, outros processos, como a habituação; a aprendizagem observacional que conduz à extinção vicariante e que tem a função de substituir a ausência do outro; e a aprendizagem observacional associada à participação com ajuda, na qual um modelo demonstra, por meio da ação, que a situação temida não envolve perigo e então, incentiva o indivíduo a enfrentá-la por si.

Por outro lado, existem dois tipos de experiências e processos que aumentam a suscetibilidade ao medo:

- experiências que, em determinadas situações, levaram a pessoa a mostrar-se especialmente propensa a evitar aquelas situações ou a afastar-se delas;

- experiências que levaram a pessoa, em determinadas situações, a não ter certezas acerca da acessibilidade da(s) figura(s) de apego.

O primeiro tipo de experiência alarmante, em geral, leva a uma crescente suscetibilidade para responder com medo apenas naquela situação específica. Já o segundo tipo resulta em crescente suscetibilidade para responder com medo em uma ampla gama de situações.

Das situações despertadoras que somos capazes de antecipar, a mais amedrontadora por toda nossa vida é a experiência da inacessibilidade da figura de apego em momentos que esta se faz necessária. Para uma pessoa amedrontada, não basta apenas que a figura de apego esteja presente, mas sim, com rápida acessibilidade, provendo proteção e conforto. Portanto, quando esta figura de apego se encontra indisponível, o indivíduo que nela confiava está mais sujeito a medo

intenso ou crônico. Esta confiança deveria se construir, principalmente, nos períodos suscetíveis, de forma latente, após o nascimento, da infância e adolescência. A frustração das expectativas em relação à acessibilidade e receptividade de figuras de apego, desenvolvida neste período pela experiência real, tende a se manter ao longo da vida e com relação a outras figuras de apego.

A partir destas experiências, os indivíduos vão construindo modelos funcionais ou de representação de si e do mundo em que vivem, e é a partir destes modelos que o indivíduo percebe os eventos, situa o futuro e planeja objetivos. É também, da estrutura desenvolvida a partir destes modelos que irá depender o sentimento de confiança em relação aos outros indivíduos ao longo da vida.

Este estilo de comportamento de apego parece ter relação direta com a suscetibilidade ao medo diante das situações que são potencialmente despertadoras deste sentimento.

Há dois tipos de condições que favorecem o apego com angústia: crianças criadas sem a presença de uma figura materna permanente e crianças após um período de separação ou de cuidados de terceiros. Por exemplo, uma breve permanência em hospital, ou período em que a criança permanece em casa, sob cuidado de estranhos, ou quando a criança é entregue, diariamente, aos cuidados de terceiros.

De modo geral, o apego com angústia desenvolve-se porque as experiências levaram a criança a construir um modelo de figura de apego que se apresenta inatingível e/ou não-receptivo quando ela o procura.

Ou seja, quanto mais estáveis e previsíveis as condições a que a criança está submetida, mais seguro tende a ser o seu apego e quanto mais descontínuo e imprevisível, mais angustiado seu apego, ou então, torna-se mais ou menos

desapegada; não confia nos outros e nem se importa com eles, é agressiva e desobediente.

Seja em situações de separações temporárias ou de separações definitivas, a raiva e a conduta agressiva são reações comuns. Em situações de perda, a pessoa enlutada não acredita que a perda possa ser permanente e, neste sentido, continua agindo em busca de recuperar a pessoa perdida e, em geral, a raiva liga-se a esta intensa esperança. Portanto, a raiva funciona no sentido de *promover* e não *romper* a ligação com a pessoa perdida ou que se separou temporariamente. Se esta raiva foi extremamente intensificada, torna-se disfuncional e isto, geralmente, acontece em crianças e adolescentes que sofreram repetidas separações e são expostos a constantes ameaças de abandono.

Um período de separação ou de ameaças de separação e outros tipos de rejeição, provocam, segundo a Teoria do Apego, seja na criança ou no adulto, comportamento caracterizado pela angústia e pela raiva, ambos dirigidos para a figura de apego. O apego com angústia busca manter a acessibilidade desta figura e a raiva é a forma de repreender esta figura pelo que aconteceu.

Um outro aspecto importante para se considerar quanto ao impacto de uma perda ainda na infância refere-se à condição da criança, no que se diz respeito à capacidade de compreensão da realidade. Segundo Oltjenbruns (2001), aspectos como: a compreensão do conceito de morte ou perda, as manifestações particulares de pesar e a avaliação de certos mecanismos de enfrentamento estão relacionados com a condição inerente à fase de desenvolvimento da criança. A autora discute como cada um dos estágios do desenvolvimento infantil irá prover a fundação para as respostas da criança ante a perda. Neste processo de maturação das capacidades desenvolvimentais e de superação das tarefas implicadas nesta

processo, o indivíduo que viveu uma perda significativa durante a infância, frequentemente, irá “re-enlutar-se” pela perda, num momento posterior sob um ponto de vista diferente; mais maduro e vantajoso.

Com relação aos recursos de enfrentamento, Oltjenbruns (2001) aponta que a criança apresenta um repertório mais limitado de estratégias de enfrentamento, quando comparada aos adultos. Isto, porque, de modo geral, apresenta pouca experiência com perdas anteriores.

Além disso, em concordância com Bowlby (1973/1993), Oltjenbruns (idem) afirma que as crianças pequenas demonstram tendências regressivas e encontram dificuldades para expressar tais sentimentos, em razão da imaturidade da linguagem, que caracteriza um repertório reduzido de palavras para se comunicar.

Oltjenbruns (idem) oferece ainda uma comparação entre as tarefas de luto da criança, comparada às do adulto e contextualizadas nos seus estágios de desenvolvimento global. Os dados apresentados na *tabela 3*, sugerem a semelhança entre as tarefas, ou condições que garanta um luto normal e saudável em crianças e adultos, e valoriza o caráter de risco quanto à precocidade da perda e do significado e impacto da mesma, quando envolve o luto por uma relação crucial para o seu desenvolvimento futuro. Aponta, ainda, a importância que experiências futuras terão no sentido de amenizar o impacto da perda precoce.

Tabela 3 - Comparação entre as tarefas de luto do adulto e da criança (OLTJENBRUNS, 2001)

Tarefas de Luto do Adulto	Tarefas de Luto da Criança	Contexto do Desenvolvimento: os estágios da vida da criança influenciando o luto
➢ Aceitar a realidade da perda ➢ Experienciar a dor ou os aspectos emocionais da perda ➢ Ajustar-se ao ambiente no qual o falecido faz falta ➢ Realocar emocionalmente a pessoa perdida; a vida continua;	➢ Compreender que alguém morreu ou foi embora; ➢ Enfrentar a dor psicológica da perda; ➢ Lidar com o retorno periódico da dor; ➢ Investir em novos relacionamentos; ➢ Desenvolver um novo senso de identidade que inclui a experiência da perda; ➢ Reavaliar o relacionamento com a pessoa que perdeu; ➢ Manter um relacionamento interno com a pessoa que morreu; ➢ Retornar às tarefas de desenvolvimento próprias da idade.	➢ Amadurecimento da compreensão é relacionado à capacidade cognitiva para compreender a morte como permanente; ➢ Imaturidade da criança com relação aos mecanismos de enfrentamento influenciam, certamente, as respostas de luto; ➢ Indivíduos frequentemente re-enlutam-se de uma perda precoce; ➢ Desenvolvimento da criança necessita de ajuda para definir o significado da perda num particular estágio; Ao longo do tempo, crianças usam uma variedade de estratégias para manter a conexão com a pessoa perdida.

A mesma autora (OLTJENBRUNS, 2001) descreve as variáveis que influenciam a recuperação da criança enlutada diante da perda por morte e a partir das afirmações que faz referentes ao processo de luto por morte, faço um paralelo com experiências de privação materna, principalmente, em situações envolvendo descontinuidade, ou ainda, separação temporária ou definitiva. Sendo assim, aponto as seguintes variáveis que influenciam na recuperação da criança enlutada pela separação:

a) Quanto à perda:

- Inabilidade para antecipar;
- Tipo de perda;
- Atitude do cuidador que abandonou;

- Falta de preparação.

b) Quanto à pessoa da qual sofreu privação:

- Sexo da pessoa;
- Natureza do relacionamento antes de perda.

c) Quanto ao cuidador substituto:

- Nível de disfunção ou vulnerabilidade;
- Discrepância de percepção entre pai (mãe) e criança;
- Consistência de disciplina oferecida para a criança.

d) Quanto à família:

- Tamanho;
- Coesão;
- Estilo de enfrentamento;
- Status sócio-econômico;
- Inabilidade de prover suporte.

e) Quanto à criança que sofreu a perda:

- Idade;
- Sexo;
- Ordem de nascimento;
- Compreensão do conceito de morte/perda;
- Dificuldades psicológicas iniciais.

Em situações de abandono por um dos genitores, a criança passa pela dificuldade de ter que enfrentar a ausência da figura de apego, da ruptura perante sua rotina, por sentimentos confusos e ambivalentes em relação a quem a abandonou, a si e aos que ficaram ao seu lado. Enfrenta a imutabilidade desta realidade de forma crônica (abandono parcial) ou aguda (abandono total) sem ter maturidade cognitiva para compreensão do que perdeu e da sua nova condição.

3.3. A relação entre apego, vulnerabilidade e luto

Quando nossos propósitos são rompidos, como numa situação de abandono e perda, temos que aprender a nos convencer que podemos viver sem aquilo que não podemos ter e, portanto, aceitar a perda. Temos que reformular idéias e propósitos e livrar-nos de suas inerentes contradições. As estratégias usadas para tal reintegração são sutis, complexas, frequentemente tortuosas, às vezes clareiam e são poderosas, às vezes são empobrecidas e deturpadas. A medida do fracasso desta reintegração é ansiedade, falta de capacidade para se defender, depressão e luto.

Quando se trata de separações definitivas, é necessário superar velhos padrões de pensamentos, sentimentos e ações antes de poder modelar outros novos e é quase inevitável que a pessoa enlutada se sinta, em certos momentos, desesperada pelo fato de que nada pode ser salvo, e consequentemente, tornar-se deprimida e apática. Este processo implica uma redefinição de si. Até que esta redefinição aconteça, não é possível fazer planos para o futuro. Isto não é apenas um processo emocional, mas também cognitivo, uma vez que implica um processo

de remodelação de modelos representacionais interiores, de modo a adaptá-los às mudanças ocorridas na vida do enlutado.

A reação de vulnerabilidade frente às situações ambivalentes e que promovem incerteza, também vai depender do grau em que a cultura impõe significado aos eventos, descobrindo padrões previsíveis para nortear as ações do indivíduo.

O que faz uma pessoa ser mais vulnerável do que a outra em situações de incerteza?

Segundo Bowlby (1973/1993), após um período de separação, especialmente, se passado junto a pessoas estranhas, é comum que crianças pequenas, criadas em família, demonstrem maior grau de angústia e maior necessidade de se agarrar ao adulto do qual se separou. E para isto, não encontramos mais controvérsias. Porém, ainda encontramos diferentes explicações relacionadas aos mecanismos que levam uma criança a recuperar a confiança e a outra não conseguir fazer o mesmo[16].

Segundo Marris (1991), pesquisas em luto, depressão e com relação aos efeitos do desemprego, sugerem que as experiências infantis de apego, a natureza dos eventos e o contexto social em que eles ocorrem afetam nossa capacidade de resistência.

Marris apresenta (idem) uma perspectiva social acerca de aspectos abordados por Bowlby e Parkes. Em acordo com estes dois autores, Marris afirma que qualquer perda que, fundamentalmente, rompe com propósitos centrais de nossas vidas vai, normalmente, provocar luto severo e duradouro. Para reintegrar

---

[16] Estes fatores serão apresentados e discutidos em no capítulo VI.

estes propósitos, de forma que eles possam novamente informar nossas ações, o enlutado deve recuperar e consolidar o significado daquilo que ele perdeu, separar o significado do passado irrecuperável e reformular o significado daquilo que será relevante para o presente.

Parkes e Weiss (1983) afirmam que existem três circunstâncias que dificultam a elaboração do luto: a perda precoce e inesperada; ambivalência com relação ao relacionamento perdido e a dependência excessiva no relacionamento, que parece refletir a insegurança subjacente em relação aos apegos. Neste sentido, aponto o grau de vulnerabilidade que uma situação de abandono gera em uma criança, no que se refere ao seu desenvolvimento emocional, afinal, envolve ao mesmo tempo: *precocidade*; por acontecer nos primeiros meses de vida; *ambivalência*, principalmente, em situações de abandono parcial e *dependência*, na medida em que, em situações de ambivalência, a criança busca cada vez mais se agarrar às figuras de apego, para evitar mais uma separação. Além disso, a imaturidade da criança relacionada ao grau de dependência física e psicológica de seu cuidador deve ser considerada como um fator que favorece a vulnerabilidade diante da ausência deste cuidador.

Existem algumas circunstâncias que afetam nossa capacidade para lidar com as incertezas:

- Qualquer evento que interfere nos nossos motivos cruciais para agir, causando confusão e senso de futilidade. Desde que estes motivos sejam associados intimamente com apegos, a perda de um apego crucial é a mais severa ruptura deste tipo de evento. Mas a perda da identidade, especialmente, se isto afeta apego ou outros relacionamentos, pode também ser traumática.

- Eventos rompidos são mais difíceis de lidar quando são precoces e inesperados, porque nós não podemos nos preparar para eles. Eles são frequentemente ininteligíveis, também, no sentido de que nós não podemos entender porque deles acontecem conosco, como acontece em casos de abandono total.
- Pessoas menos suscetíveis à opressão por eventos rompidos vão se recuperar deles mais rapidamente, se tiverem apoio social que tenha continuidade.

Portanto, Marris (1991) entende que vulnerabilidade para luto e depressão é mais um fator do ambiente social e físico que nós habitamos, do que de personalidade.

Penso que é difícil afirmar esta ordem de importância, pois a experiência de apego infantil influencia profundamente nossa capacidade de resistência, uma vez que é através dela que adquirimos um determinado senso de segurança, além de nos dar subsídios para lidar com o ambiente físico e social que nos rodeia. Sendo assim, observo que a vulnerabilidade é um fator determinado, também, pela qualidade de apego, que se define nas relações mais significativas da vida de cada indivíduo. Não avalio aspectos de relacionamento, de formação de personalidade e suas influências culturais e sociais, de forma separada e hierarquizada, mas como um conjunto de mecanismos sobrepostos, que se influenciam mutuamente.

Sob esta perspectiva, a experiência de abandono durante a infância é influenciada por uma série de situações que podem agravar ou minimizar a elaboração deste luto; ou por situações prévias, como: estilo de apego, personalidade e temperamento da criança, perdas anteriores e acessibilidade a

outras figuras de apego; ou por situações relacionadoa ao abandono*;* se total ou parcial, quando e como, e ao *contexto posterior* a esta situação que envolve suporte social, outras figuras de apego, comunicação, aspectos culturais e perdas secundárias.

3.4. Abandono: um luto não-reconhecido

Como afirma Doka (1989), o conceito de luto não-reconhecido parte do princípio de que qualquer sociedade tem um conjunto de normas, ou ainda, "regras de luto" que estão a serviço de especificar *quem, quando, onde, como, por quanto tempo* e *por quem devemos* expressar sentimentos de luto ou pesar. Porém, em qualquer sociedade estas *regras de luto* podem não corresponder à natureza do apego, ao senso de perda ou aos sentimentos dos sobreviventes. Em nossa sociedade isto pode acontecer por três razões:

a) *O relacionamento não é reconhecido.* O luto não pode ser reconhecido naquelas situações em que a relação do enlutado com a pessoa perdida não é baseada em laços afetivos entre parentes ou ligados à família. Esta situação pode envolver a intimidade de outro relacionamento não familiar e não pode ser, simplesmente, compreendido ou apreciado.

Sendo assim, quando a criança é abandonada, totalmente, nos primeiros dias ou meses de vida, e já é encaminhada para uma instituição e posteriormente adotada por uma outra família, há uma tendência social de se negar a existência deste vínculo com a mãe biológica que se inicia desde a concepção. Esta necessidade está associada não só a mínima interação entre mãe biológica e bebê,

mas, também, a uma reação de crítica e punição dirigida para a mãe que abandonou. Bowlby (1969/1990) desmistifica isso, quando aponta que o luto é a antítese do vínculo e que a forma de enlutar-se é uma reação à separação e por isso tem relação direta com a qualidade (e não só quantidade) do vinculo estabelecido desde a concepção da criança.

Há, ainda, as situações em que a criança não é abandonada totalmente, tem um lar e interage com a mãe, porém privada de afeto, atenção e conforto e, até mesmo, de cuidadores substitutos; a sociedade percebe a condição de negligência ou maus tratos, mas não valida a natureza do vínculo existente e a perda inerente às privações e separações sucessivas pelas quais a criança passa, às vezes, por toda a infância.

b) *A perda não é reconhecida.* Em outros casos, a perda não é socialmente considerada como significativa. Há, também, casos em que a realidade da perda não é validada. Tanatologistas têm reconhecido que a perda significativa pode ocorrer somente quando o objeto da perda deixou de existir fisicamente. Porém, segundo Doka (1989) existe a “perda social”, na qual a pessoa existe, mas é tratada como morta. Ou também, os casos nos quais ocorre a “perda psicológica”, definida pelas condições em que uma pessoa perde a consciência da existência (ex: coma), ou ainda quando muda significativamente e que já não é mais reconhecida como a pessoa que existia antes

Na situação de abandono, entendo que o não reconhecimento envolve a questão da realidade da perda da figura materna não ser validada socialmente, uma vez que não há a morte da mesma, ou seja, uma perda física, mas, uma *perda simbólica*, na medida em que a criança é privada da interação com a mãe, seja no

âmbito físico e social (abandono total), seja no âmbito emocional, ainda contando com sua presença física, mas com rejeição, ausência afetiva, desinteresse e ambivalência (abandono parcial).

c) *O enlutado não é reconhecido.* Isto ocorre quando a pessoa não é socialmente definida como capaz de enlutar-se; há pouco ou nenhum reconhecimento do seu senso de perda ou necessidade de enlutamento. De modo geral, os mais velhos e os mais novos são, tipicamente, percebidos pelos outros como tendo pouca compreensão ou reação à perda de um relacionamento importante.

O tema do abandono passa a ser um tabu em nossa sociedade, no que tange ao seu reconhecimento social, não só pela não validação do relacionamento e da perda, mas, também, pelo fato da criança não ser percebida como alguém capaz de compreender a perda, (principalmente quando ela não é concreta) e consequentemente, enlutar-se.

Em nossa sociedade ainda é muito frequente o número de pessoas que questiona a necessidade de envolver as crianças nos rituais que envolvem a morte de um ente amado, alegando a sua imaturidade para compreender a situação, o que camufla, entre outras razões, a dificuldade que os adultos têm de expressar e lidar com o sofrimento. Sendo assim, em situações onde a perda não se impõe, concretamente, os adultos facilmente burlam a necessidade da criança, excluindo e isolando a criança como se ela não fosse agente de sua própria história.

Principalmente, nas situações em que o abandono é parcial e a presença física da mãe pode mascarar a real condição de privação emocional vivida pela criança, a negação implica, na maioria dos casos, a inibição da expressão de

sentimentos e um isolamento social por parte da criança enlutada, que passa a ser cúmplice no silêncio, com medo de perder, também, a presença física da mãe.

Esta falta de expressão dos sentimentos pode levar a um adiamento ou mesmo inibição do processo de luto, o que, em primeira instância, implica uma dificuldade de aceitar a realidade e, consequentemente, a impossibilidade de buscar em outros relacionamentos, novas figuras de apego, que possam atender às necessidades afetivas e promover segurança para a criança.

Então, o que constato é que a fase de luto em que predomina o protesto e a tentativa de garantir e manter a presença da figura de apego passa a se cronificar e a ser o foco do comportamento da criança. Esta, por sua vez, passa a estabelecer uma relação com a figura de apego, consigo mesma e com o mundo a partir desta busca incessante e frustrante de uma atenção e cuidados que não acontecem. Neste sentido, fica fácil entender como uma experiência de luto pode afetar o estilo de apego de uma pessoa ao longo de sua vida e esta situação ambivalente pode se tornar a causa de um estilo de apego inseguro.

No abandono total, surge um agravante que é a falta da imagem mental da mãe como resultado da falta de convivência. A criança deixa de ter elementos concretos, como o rosto, a voz, o cheiro e as lembranças de interações com a mãe, que possam favorecer o processo de ruptura e reintegração, ou ainda de apego – desapego – e reinvestimento necessários para que o processo de luto se conclua.

Quando o luto é negado, socialmente, este processo passa a ser vivido da mesma forma no nível intrapsíquico, muitas vezes regido por sentimentos de culpa, raiva, medo e vergonha.

Esta experiência passa a ser considerada “pequena e superável”, principalmente, quando comparada às perdas por morte, após determinada convivência e vinculação com a pessoa amada.

Neste sentido, as regras sociais e os rituais de enlutamento existentes em cada sociedade não são usados nestas situações em que não existe um corpo.

Além disso, o abandono pode estar associado a outras situações ou perdas, como por exemplo: a criança abandonada em casa, fica sujeita a situações de risco como acidentes, ferimentos e restrições de alimentação, lazer e interação essenciais para seu desenvolvimento global.

Por fim, trata-se de vivenciar uma perda em completo isolamento. O fato do luto não ser reconhecido torna-se um fator de risco para o estabelecimento do luto complicado, não só por não ser validado socialmente e amparado, mas, porque não pode ser revelado ou manifestado, uma vez que pode resultar numa resposta social ainda mais negativa.

CAPÍTULO IV

TRANSFORMANDO OU REPETINDO ?

ESTILO DE APEGO AO LONGO DO CICLO VITAL

"Cada um de nós nasce enquadrado. Acordamos do nada e nos encontramos jogados dentro de uma classe, de uma raça, de uma nação, de uma cultura, de uma época. Nunca mais conseguimos nos desvencilhar completamente desse enquadramento. Ele nos faz o que somos.
Mas não tudo o que somos. O indivíduo sente e sabe também ser mais do que essa situação ao mesmo tempo definidora e acidental. Ela nos quer aprisionar num destino específico. Contra este rebela-se, em cada pessoa, o espírito, que se reconhece como infinito acorrentado pelo finito. E tudo o que quer o espírito é encontrar uma moradia no mundo que lhe faça justiça, respeitando-lhe a vocação para transgredir e transcender. Por isso, as raízes de um ser humano deitam mais no futuro do que no passado."

Roberto Mangabeira Unger

4.1. Apego na infância e na vida adulta

Os relacionamentos mantidos por adultos, segundo Weiss (1991), certamente aparecem tendo as propriedades do apego infantil. Os pares vinculados e os investimentos emocionais vividos na infância imatura parecem ser, regularmente, despertados pelas características do apego citadas anteriormente[17].

Com relação aos pais, a maioria dos adultos, segundo o autor (idem), não desperta, continuamente, relacionamentos como os da infância. Preferivelmente, eles tratam os pais como familiares próximos pelos quais sentem afeição, sobre os

[17]Para rever estas definições, voltar ao capítulo I deste trabalho.

quais se preocupam, mas, cuja presença, não proporciona aumento dos sentimentos de segurança.

Os apegos na vida adulta, em geral, são com o par, com os filhos, com os terapeutas ou conselheiros.

Há outros tipos de apegos, denominados por Bowlby (1969/1990) de subsidiários, e denominados por Weiss (1991) de relacionamentos de comunidade, que são estabelecidos com amigos, colegas de trabalho e outros familiares. Raramente, quando perdemos alguém destes relacionamentos aumentamos o luto persistente e, raramente, faz sentido uma persistência da ligação emocional nestes relacionamentos, quando eles estão prejudicados ou com dificuldades.

Os relacionamentos de apego na vida adulta são diferentes em certos aspectos, segundo Bowlby (idem), especialmente no grau em que a figura de apego é tida como sábia e forte. Weiss (idem) argumenta que há três justificativas para que os vínculos na vida adulta sejam desenvolvidos pelos vínculos do apego infantil:

1. *Similaridade de características emocionais*: As propriedades do apego infantil e do apego adulto podem ser percebidas como iguais nas situações de escolha da figura de apego, do relacionamento com a figura de apego e na natureza do disparador de ameaça. Isto, porque nós lidamos com o mesmo sistema emocional no qual apenas os elementos perceptivos foram modificados. A perda da figura de apego na infância e na vida adulta produz luto e protestos de separação semelhantes. Em cada caso uma síndrome pode ser observada, incluindo chamamento, choro, busca frenética, chamada perceptual persistente da figura perdida, perturbação e eventual desespero. A

persistência indefinida do sentimento de luto em apegos adultos é também similar à angústia infantil na perda da figura de apego.

2. *Generalização da experiência*: Isto aparece, segundo o autor, quando os elementos emocionais, que são associados com o apego infantil, são expressados no apego adulto. Efeitos deste tipo não são percebidos nas relações de trabalho.
3. *Ligação temporal*: Concordo com o autor quando ele defende a idéia de que o apego adulto é um largo estágio do sistema iniciado no apego infantil. A ligação temporal transmite a idéia de que há uma continuidade, um desenvolvimento envolvendo não só a experiência adquirida na infância, mas, também, a vivência de novas situações ao longo do ciclo vital, o surgimento de novas figuras e, também, as experiências de mudanças das relações já estabelecidas até então. Ao observarmos o desenvolvimento do apego nos indivíduos, podemos constatar repetições de estilos de apego e modificações ou adaptações destes frente a novas relações.

Segundo Weiss (1993), o curso do desenvolvimento do apego na infância parece se movimentar de uma dependência opressiva pela presença da figura de apego para uma relativa autonomia da figura de apego. Este progresso dos sentimentos de apego, geralmente, vai dos dois anos até os dezessete anos de idade.

O autor (WEISS, idem) nos esclarece também, que ao passar pela adolescência, isto é, pela fase em que os indivíduos abandonam e rejeitam seus pais como figuras de apego, num processo de maturação sexual e social, por meio

do qual há um aumento do desejo de independência e uma maior capacidade para isso, o indivíduo chega à fase adulta e, posteriormente, à fase final do processo de transformação do sistema de apego, quando uma figura do apego adulto é escolhida.

4.2. Transformando e repetindo estilos de apego no ciclo vital

É importante ressaltar que um estilo de apego tende a prevalecer ao longo da vida do indivíduo, mesmo que, em situações específicas, o indivíduo manifeste características de outros estilos de apego. Segundo Marris (1991), significados tendem a se auto confirmar. Neste sentido, nós criamos relacionamentos que os personificam e evitamos, repudiamos ou negamos situações que os contradizem. Neste sentido, se o significado atribuído a uma experiência de abandono, não for enfraquecido por outros significados de experiências percebidas como saudáveis e reparadoras, o impacto desta privação, pode influenciar, profundamente, o desenvolvimento sócio-emocional destes indivíduos.

Tais estilos, mesmo que estáveis, podem ser modificados em situações de crise e mudança (positivas e negativas) como acidentes, doença crônica, depressão ou perda, casamento, maternidade ou outras situações. O comportamento de apego tende a persistir durante a vida inteira: figuras antigas ou novas são selecionadas e busca-se manter com elas a proximidade e/ou comunicação. Enquanto o resultado do comportamento continua sendo virtualmente o mesmo, os meios para obtê-lo tornam-se cada vez mais diversos.

George, Kaplan e Main (1996) também relacionam as experiências da primeira infância no desenvolvimento de personalidade do adulto.

Hazan e Shaver (1987) consideram que o estilo de apego da criança ao seu cuidador pode ser encontrado, também, em relacionamentos íntimos na vida adulta e, também, pode ser classificado como seguro, evitativo e ambivalente.

Como mostra a tabela abaixo, Bartolomew e Horowitz (1991) pesquisaram o apego adulto e definiram como modelos *positivo* ou *negativo* de si e de outros.

Tabela 4: Tipos de Apego Adulto segundo Bartolomew e Horowitz (1991)

	Modelo de si POSITIVO	**Modelo de si NEGATIVO**
Modelo dos outros POSITIVO	**SEGURO**	**PREOCUPADO**
Modelo dos outros NEGATIVO	**EVITATIVO REJEITADOR**	**EVITATIVO TEMEROSO**

Por meio desta definição, os mesmo autores (idem) propuseram quatro estilos diferentes de apego na vida adulta:

1) **SEGURO**: modelo positivo de si e positivo do outro. De forma semelhante ao apego seguro da infância, o indivíduo tem uma boa auto-estima e sente-se confortável em relacionamentos que envolvem intimidade.

2) **PREOCUPADO**: modelo negativo de si e do positivo outro. Caracterizam estilo de apego por meio do qual, os indivíduos buscam ansiosamente conquistar a aceitação e validação dos outros, persistindo a crença de que para obter segurança por parte dos outros, eles têm que agir de forma adequada para com os mesmos.

3) **EVITATIVO – REJEITADOR**: modelo positivo de si e negativo do outro. Evita a intimidade, mas mantém auto-estima elevada por negar, de forma defensiva, a importância dos relacionamentos íntimos.

4) **EVITATIVO –TEMEROSO**: modelo negativo de si negativo e do outro. São altamente dependentes da aceitação do outro, mas, em função das expectativas negativas, eles evitam intimidade para se afastar da dor da perda e da rejeição.

Vale ressaltar, que ao expor estes estilos de apego, não pretendo classificar os estilos de apego dos casos aqui discutidos, mas tenho como objetivo compreender desenvolvimento até a vida adulta e, principalmente, avaliar as condições de estabilidade e mudança do apego, o que implica em analisar sua configuração.

CAPÍTULO V

A MATERNIDADE: CARACTERÍSTICAS, SIGNIFICADO E FUNÇÃO

Nós somos "condenados ao significado".

Sartre

Os filhos representam nossas esperanças, sonhos, expectativas, fantasias e desejos. Isto porque, os filhos representam e simbolizam partes de cada um dos pais, do casal, da sua família e do passado, presente e futuro destas pessoas.

Em trabalho anterior (1998) pude discutir o quanto, desde o momento do conhecimento da concepção, (sendo a criança desejada ou não), existem sentimentos ligados a imagens fantasiadas da criança que virá. Estes sentimentos, tanto negativos como positivos, aumentam em número e intensidade durante a gravidez. Isto, porque o vínculo emocional entre pais e filhos existe antes mesmo do nascimento. Frequentemente mães são mais capazes de formar este vínculo, rapidamente, porque elas carregam o bebê e sentem seu desenvolvimento dentro delas. Entretanto, muitos pais começam a perceber a imagem da criança fantasiada por eles desde que recebem a notícia da gravidez.

Todos os relacionamentos são multi-determinados, isto é, são fortemente influenciados por um número de fatores conscientes e inconscientes e por conflitos. Nenhum relacionamento tem mais potencial para ser multi-determinado do que o existente entre pais e filhos. Isto, porque a criança se origina dos pais, e seus

sentimentos sobre ela são uma mistura de sentimentos sobre si, e sobre o significado dado aos outros, bem como sobre a criança que estes pais foram. Estes sentimentos vêm do passado e do presente, e estendem-se no futuro.

A criança é influenciada pela qualidade das relações e interações no ambiente familiar, criando normas, expectativas de desenvolvimento e idéias.

Os pais têm a responsabilidade de garantir a saúde física e a educação, encorajando a criança a desenvolver-se psicossocial, cognitiva e emocionalmente. Eles também precisam ser sensíveis às necessidades das crianças de acordo com sua idade.

Há uma grande variedade de formas de criar os filhos. Este processo é complexo e depende de: fatores sócio-culturais, personalidade dos pais, valores, qualidade das relações, fatores genéticos.

A criança não é apenas uma continuidade biológica dos pais, mas, também, uma extensão psicológica deles. Como a criança é um produto do que os pais são, ela pode ser uma fonte riquíssima de um prazer narcisista, um prazer legítimo, ou um símbolo das melhores ou piores partes de si ou dos outros.

Com relação ao passado dos pais, a criança pode ser uma extensão simbólica de outra pessoa, e a interação no relacionamento entre pais e filho pode representar tentativas de reparar perdas prematuras ou desapontamentos. O filho é um produto de gerações passadas, uma ligação com os ancestrais, um meio de contribuição para a herança familiar.

No presente, a criança pode representar esperanças para resolução de um conflito intrapsíquico. Para cada um dos pais, pode significar fantasias conscientes ou inconscientes de repor alguém que foi perdido no passado, ou mesmo compensá-los por suas infâncias destituídas. A criança pode também servir como

prova de que os pais são maduros, sexuais, ou atrativos, ou podem ser um tipo de poder ou uma arma no relacionamento entre eles ou com alguém mais.

Em termos de futuro, crianças representam promessas. Uma nova vida, um bebê representa aspirações, sonhos, fantasias e “novos começos”. Para a maioria das pessoas, a criança é a total antítese da morte, pois ela representa, concretamente, a continuidade dos pais e a garantia da imortalidade, isto é, seus corpos podem vir a morrer, mas o portador de seus genes permanece, mantendo-os vivos.

Porém, acima de todo e qualquer significado arquetípico, cada criança tem um significado específico para seus pais. O relacionamento com ela será determinado pela pessoa, particular e originalmente, distinta que ela é, isto é, sua personalidade, características, habilidades, e regras, somada aos significados, necessidades e esperanças que são depositados sobre ela, pelos pais e pela família.

Após o nascimento de uma criança, os pais, a família e a sociedade começam a acomodar-se à realidade da presença da criança. A imagem que começou nas mentes dos pais vagamente, começa a solidificar-se. A criança passa a ser parte integrante da vida dos pais, uma extensão deles, internalizando seus sentimentos, pensamentos, comportamentos e atitudes. Esta forte identificação, sob ótimas condições, origina um tipo de empatia na qual, por muito tempo, os pais são capazes de “sentir” o que a criança sente e “entendê-la” de forma que não são necessárias palavras.

Bowlby (1969/1990) correlaciona modelos internos de apego e comunicação, quando sugere que modelos operativos internos de si e de cuidadores são formados

com resultado dos estilos de comunicação atuais entre o indivíduo e figura de apego.

Similarmente, Bretherton (1988) enfatiza que tanto na infância quanto na vida adulta, a sensibilidade do cuidador para as requisições de atenção, conforto e encorajamento do indivíduo é crucial no desenvolvimento de modelos internos. Ainsworth (1978 apud BERMAN & SPERLING,1994) define sensibilidade parental como o potencial dos pais para serem capazes de perceber a perspectiva da criança, notar seus objetivos e responder de forma empática a estes objetivos.

Relacionamentos inseguros são caracterizados pela insensibilidade do cuidador aos sinais da criança no relacionamento, assim como, pela criança ser incoerente quando fala com seu cuidador.

Grossman e Grossman (1991) identificaram três estilos de conversação maternal que eles nomearam como: *carinhosa* (alta responsividade, atenção, generosamente calmante ou tom calmo); *suavemente íntimo* (tempo rápido de resposta, variabilidade extrema entre silêncio e barulho, exigente, muita risada e frequentemente responde negativamente); e *moderado ou prudente* (tempo de resposta lento, poucas e curtas articulações, respostas desiguais e tempo longo de reação).

Estes estilos de conversação são relatados independentemente da avaliação da sensibilidade maternal e da tendência do bebê em vocalizar. Crianças, cujas mães utilizam o estilo intrusivo e exigente (suavemente íntimo), são menos agradáveis do que outras para aumentar a vocalização entre dois e dez meses, e parecem mais inseguras. O estilo carinhoso foi usado por mais da metade das mães de crianças seguras destes estudos (Grossman e Grossman,1984), mas por apenas

uma pequena porcentagem de mães de crianças inseguras. O estilo moderado foi razoavelmente comum entre os três grupos de apego.

Berman e Sperling (1994) apontam que o sistema cuidador é um componente integral e de desenvolvimento do sistema de apego e se apoiam em três argumentos:

a) os distúrbios no relacionamento entre pais e filhos na infância favorecem diferenças no estilo de apego e, consequentemente, no ajustamento emocional e comportamental posterior. Além disso, assim como o comportamento de apego da criança é moldado pela responsividade e eficiência dos pais, o comportamento dos pais é moldado pela responsividade da criança.

b) não há, em nenhum outro relacionamento entre adultos, os extremos de cuidado e apego encontrados no relacionamento entre pais e filhos. O funcionamento de relacionamentos conjugais e sexuais requerem reciprocidade e fácil intercâmbio entre as regras de cuidado e apego. O mesmo pode se dizer de relacionamentos entre pais e filhos adultos. É raro que pais não aceitem ajuda e apoio ou cuidados de filhos adultos, mesmo quando eles ainda são as figuras de apego destes filhos.

c) Ambos envolvem as mesmas reações emocionais, intensas e ambivalentes.

Além disso, a constelação familiar é um sistema que opera nas mesmas condições que qualquer outro sistema, isto é, deve ser visto como um todo, e não apenas como a soma de partes. Como todos os sistemas, o sistema familiar necessita manter a homeostase e o equilíbrio. Para tanto, a família desenvolve regras, papéis, estilos de comunicação, expectativas e estilos de comportamento

que refletem suas crenças, estratégias de enfrentamento, sistema de alianças e coligações. A chegada de mais um membro na família (ou na díade formada pelo casal), é uma ruptura na homeostase familiar que implica a sua reorganização.

5.1. O sistema cuidador

O comportamento de cuidar de filhos é influenciado por diversos fatores que incluem personalidade, psicopatologia, valores, suporte, características das crianças e influências sócio-culturais. O estilo utilizado pelos pais para criar os filhos pode ser influenciado pelas características dos cuidados que receberam em suas próprias infâncias.

Segundo os resultados encontrados na pesquisa realizada por Iwaniec e Sneddon (2002), a relação entre crianças com dificuldades não orgânicas de desenvolvimento (abreviada como “FTT”) e seus pais é freqüentemente caracterizada por uma interação complicada e que estes pais também tiveram dificuldades e privações em suas infâncias.

Main e Goldwyn (1984) concluíram em seus estudos, que mulheres que têm lembranças de rejeição de suas mães, têm mais propensão a ter o mesmo tipo de comportamento com seus filhos do que desenvolver condutas positivas. Desta forma, este estudo considera que o comportamento com os filhos é influênciado pela memória relacionada à interpretação do evento, ou seja, por um elemento do modelo operativo interno desenvolvido a partir da experiência, e não, pela experiência de rejeição em si. Isto revela o caráter individual que envolve a interpretação dos fatos, influenciado por inúmeros fatores além do fato isolado.

Por outro lado, Egeland (1988 apud IWANIEC & SNEDDON 2002) demonstrou que, mesmo que os pais queiram mudar os modelos de criação dos filhos, muitos não são capazes, pois nunca experenciaram empatia e nutrição emocional em suas próprias vidas. No entanto, Egeland também sugere que é possível mudar o estilo de criação dos filhos. Numa pesquisa realizada com mães que foram abusadas na infância e não repetiram este comportamento com seus filhos, encontrou-se pelo menos um indivíduo na vida de cada uma delas, que deu suporte emocional e relacional ou algum tipo de aconselhamento.

A influência da Etologia na Teoria do Apego, amplia a visão sobre o comportamento de apego, descrevendo o repertório comportamental dos humanos e de outras espécies como sendo organizado por sistemas comportamentais. Segundo Bowlby (1969/1990), o comportamento maternal se ocupa em reduzir a distância entre mãe e bebê. Os cuidados dispensados ao bebê fazem parte de um sistema comportamental específico que, em alguns aspectos, assemelham-se ao sistema de comportamento de apego, e em outros aspectos, difere deste (tabela 5).

Tabela 5: Características do Sistema Cuidador e do Sistema de Apego (GEORGE & SOLOMON, 1999)

CARACTERÍSTICAS	SISTEMA DE APEGO (DA CRIANÇA)	SISTEMA CUIDADOR (DOS PAIS)
1. FUNÇÃO ADAPTATIVA	Proteção contra predadores	Proteção de uma criança e em última instância, aptidão reprodutiva.
2. OBJETIVO DO COMPORTAMENTO	Manutenção da proximidade da figura de apego.	Prover proteção para um bebê.
3. VARIÁVEIS DE ATIVAÇÃO E TERMINAÇÃO DOS SISTEMAS	Ativação: as condições da criança de fadiga, fome, doença, dor ou frio; comportamento da mãe de ausência, seja por afastamento e/ou por desencorajamento da proximidade; e outras condições ambientais como ocorrência de eventos alarmantes. Terminação: proximidade de uma figura que proporcione conforto e proteção, que seja sensível às necessidades da criança e mantenha interação com ela com ela.	Ativação: Sugestões internas e externas ou estímulos associados com situações que a criança é percebida como ameaçada, em perigo ou estressada que poderiam ativar o sistema de apego. Terminação: proximidade física e psicológica e sinais que a criança está confortável, contente ou satisfeita.
4. SENTIMENTOS ASSOCIADOS AO SISTEMA	Apego pode estar associado à fortes sentimentos incluindo prazer e raiva em resposta a proximidade ou não da figura de apego.	Cuidar também está associado à fortes emoções. Mães expressam intensos sentimentos de prazer e satisfação quando elas são capazes de prover proteção para seus filhos, mas também experimentam raiva, tristeza, ansiedade e desespero quando são separadas de seus filhos ou quando suas habilidades de proteger a crianças estão bloqueadas ou ameaçadas.

Vale lembrar que, segundo a Teoria do Apego (BOWLBY, 1995), os sistemas comportamentais, incluindo o sistema referente ao cuidados para com um bebê, são definidos pelos seguintes princípios básicos:

a) incluem comportamentos que são coordenados para realizar um objetivo específico e uma função adaptativa.

b) são ativados e terminados por sugestões endógenas e externas.

c) são corrigidos para a meta.

O comportamento do cuidador é mediado por um certo número de sistemas comportamentais cujo resultado previsível é a proteção em relação a um bebê. As variáveis que afetam a ativação deste sistema vão desde variáveis orgânicas até ambientais, ou melhor, vão desde os níveis hormonais da mãe até o paradeiro e o comportamento do bebê; por exemplo, quando o bebê chora, é muito provável que a mãe tenha uma ação no sentido de confortá-lo ou resolver a causa do choro.

Estudo apresentado por Bowlby (1969/1990) demonstra que em todas as espécies de mamíferos o reconhecimento de um filhote ocorre dentro de horas ou dias a partir do seu nascimento e que, uma vez reconhecido, só este filhote é alvo dos cuidados maternos. A partir daí, ocorrerão situações nas quais as mães se sentirão mais alarmadas e o sistema comportamental de dispensar cuidados estará acionado intensamente, entre elas, as situações de contato ou possível contato com predadores, lugares altos e afogamento.

A maioria das mães sente um forte impulso para ficar perto de seus bebês e filhos pequenos. Se elas se submetem a esse impulso ou se resistem a ele depende de inúmeras variáveis pessoais, culturais e econômicas.

Os estilos internos pelos quais as consequências do comportamento são avaliadas pela mãe e pelo filho são tais que favorecem fortemente o desenvolvimento do apego, pois a proximidade e o intercâmbio afetivo são avaliados e sentidos como agradáveis, ao passo que a distância e as expressões de rejeição serão avaliadas e sentidas como desagradáveis ou dolorosas, tanto pela mãe, como pela criança.

Os padrões de avaliação do comportamento humano são nítidos no desenvolvimento do apego e se mantêm estáveis desde o princípio. Tão estáveis

que bebês amarem suas mães e mães amarem seus bebês é considerado axiomático e intrínseco à sua própria natureza humana.

Sendo assim, o que, no senso comum, chamamos de “instinto materno”, baseada nos pressupostos da Teoria do Apego, entendo como um comportamento instintivo ativado e terminado por variáveis endógenas e ambientais e que, portanto, não se trata de sentimento e/ou comportamento incondicional.

Segundo Bowlby (1969/1990), o sistema cuidador é recíproco e é independente, mas funciona paralelo ao sistema de apego. Entender a mudança de perspectiva de *ser protegido* para a perspectiva de *prover proteção,* como apresento na tabela n° 5, é fundamental para compreender o significado deste sistema de comportamento, bem como, sua motivação, os aspectos críticos do comportamento dos pais, as diferenças culturais no prover cuidados, o desenvolvimento do apego infantil e o mecanismo de transmissão intergeracional. Além disso, entender esta mudança pode contribuir para a intervenção com os pais de crianças em risco, ou ainda, contribuir para a intervenção profilática com casais ou mulheres que desejam ter filhos e que tiveram experiências traumáticas de abandono em suas respectivas infâncias.

Segundo George e Solomon (1999), uma vez que o sistema cuidador é ativado, o cuidador deve decidir *quando* e *como* se comportar. O comportamento do cuidador depende de sua avaliação consciente e inconsciente dos tipos de informação competentes. Um tipo de informação é a avaliação do cuidador quanto aos sinais do filho. Outro tipo de informação é sua própria percepção de perigo e ameaça. No papel de cuidador, os pais devem sempre estar vigilantes, examinando atentamente e regularmente as sugestões destes tipos de informação. Do ponto de vista dos cuidadores, ele ou ela devem organizar as várias percepções e selecionar

uma resposta. Mães sensíveis têm sido definidas como aquelas que percebem e avaliam as sugestões de seus filhos apropriadamente e que respondem de forma rápida e contingente.

Ainda segundo George e Solomon (1999), examinando os cuidados sob a perspectiva dos pais, notamos que os pais têm acesso a mais informações que os filhos, incluindo sua avaliação do contexto e das experiências pessoais do passado (como filhos e/ou como pais). Além disso, especialmente entre humanos, os pais são cognitivamente mais maduros que seus filhos e mais capazes de avaliar as situações de cuidado a partir de múltiplas perspectivas e de forma mais sofisticada.

Portanto, prover cuidados é extremamente complexo e a informação e o afeto que contribuem com as respostas dos pais têm mais relação com a organização interna do seu sistema cuidador do que com as sugestões ou comportamentos da criança. As sugestões do filho vão ativar o sistema cuidador. O que vai acontecer em seguida é influenciado fortemente pelo sistema cuidador dos pais (GEORGE E SOLOMON, 1999).

5.2. A relação entre o sistema cuidador e os outros sistemas de comportamento relacionados ao prover cuidados para uma criança particular

Como George e Solomon (1999) descrevem, as regras dos cuidados parentais de um adulto são definidas biológica e, também, socialmente. Quando nós consideramos as regras parentais no que se refere aos outros sistemas comportamentais, um pai ou mãe pode também ser, em parte, um dos seguintes sistemas, além de cuidadores de uma criança: um amigo (sistema de afiliação), um

parceiro sexual (sistema sexual), um trabalhador (sistema exploratório) e um filho para seu pai ou sua mãe (sistema de apego). Assim como uma criança deve buscar equilibrar de forma dinâmica, o sistema de apego com outros sistemas (ex: exploração, afiliação), um pai (ou mãe) deve estabelecer um balanço entre sua necessidade de proteger e cuidar de um filho e a necessidade de alcançar outros objetivos. Como consequência, a otimização das estratégias de cuidados requer que um pai ou mãe seja flexível em relação a todos os seus objetivos.

As estratégias de cuidados de um filho, quando relacionadas a um estilo de cuidados flexível, estão associados ao apego seguro; similarmente, segundo George e Solomon (idem), o cuidado distante e o cuidado próximo são estilos associados com evitação e ambivalência, respectivamente.

A adequação dos estilos de cuidados existentes é relacionada ao grau de *flexibilidade* e a *distância ou proximidade* estabelecida na interação com os filhos.

Por meio das contribuições de George e Solomon (idem), concluo que estilos de cuidados dos tipos *distanciado* e *próximo*, demonstram um desequilíbrio, quando comparados com o estilo de cuidados do tipo flexível, que suporta o estilo de apego *seguro*. Entretanto, na ausência de situações de risco para a mãe, para o filho ou para o relacionamento, são semelhantes aos estilos que contribuem para o desempenho da mãe e do filho. São considerados como “suficientemente bons”.

5.3. Cuidados maternos e paternos

A interação e a competição entre os sistemas comportamentais de cada indivíduo difere em homens e mulheres. A discussão sobre estas diferenças é ainda

limitada pelo fato das pesquisas sobre apego (BOWLBY, 1995, 1990; MAIN,1996; GEORGE & SOLOMON,1999), incluindo esta, são mais focadas na mãe que, em geral, é a figura principal de apego.

Os comportamentos organizados pelo sistema cuidador e o contexto em que são ativados diferem entre a mãe e o pai. O cuidado maternal, tanto em humanos como em animais, envolve formas diretas de cuidado e proteção que têm sido muito documentadas. Segundo os mesmos autores (GEORGE e SOLOMON, 1999) e Bowlby (1982), em algumas instâncias, um macho pode atacar ou ameaçar a criança quando o perigo se aproxima, mandado a criança procurar refúgio em sua mãe. Nos gorilas, machos provêm proteção mais genericamente para o grupo como um todo (incluindo os jovens), sinalizando perigo batendo no peito ou gritando (SCHALLER, 1963, APUD GEORGE & SOLOMON, 1999). Uma pesquisa realizada por Lamb (1997, apud GEORGE & SOLOMON, 1999) mostrou que o pai é perfeitamente capaz de cuidado sensível mas, como o pai primata não-humano, ele se mantém menos envolvido do que a mãe com seus filhos.

Quanto ao estilo de cuidado materno, George e Solomon (idem) discutem a questão da origem deste sistema de comportamento, superando o conceito de *instinto maternal*, e investem no conceito de *assimilação*, o que implica considerar a influência de outros cuidadores, até mesmo, num nível intergeracional. Esta visão se apoia na teoria cognitiva, que define “assimilação” como um processo pelo qual novas experiências e informações são integradas nos esquemas existentes. Eles (GEORGE & SOLOMON, 1999) sugeriram que sob circunstâncias normais, uma mãe integra suas experiências com seu filho em seus esquemas mentais de apego.

Segundo estes autores (idem), o modelo de assimilação tem sido endossado por um número cada vez maior de teóricos do apego (BRETHERTON, 1985;

FONAGI et al, 1995, MAIN, 1995, MAIN, KAPLAN & CASSIDY, 1985; VAN IJZENDOORN, 1995 apud GEORGE & SOLOMON, 1999). A maioria dos pesquisadores estudou o fenômeno e afirmou uma forte correspondência entre as representações mentais de apego das mães e a qualidade de apego de seus filhos em relação a elas (AINSWORTH & EICHBERG, 1991, BENORT & PARKES, 1994, BUS & VAN IJZENDOORN, 1992; apud GEORGE & SOLOMON, 1999).

A concordância entre o apego da mãe e do filho é encontrado predominantemente em mães julgadas seguras (GEORGE & SOLOMON, 1999). A concordância é mais baixa para mães e filhos inseguros, particularmente, quando mães apresentam processos de luto não resolvidos sobre perdas precoces.

A sensibilidade maternal é caracterizada por uma influência multidimensional, incluindo características da mãe, o sistema familiar e o contexto.

O próximo passo para definir o sistema comportamental dos cuidadores é descrever a estrutura do contexto para eles.

O comportamento dos cuidadores é o produto de uma complexa transação do arranjo organizado entre o conjunto de elementos biológicos e o conjunto de fatores experimentais ou ambientais.

O sistema cuidador tem raízes importantes na infância bem como na vida adulta, como aponto a seguir.

5.4. Fatores importantes para o desenvolvimento do sistema cuidador

5.4.1. Influências da infância

Concordo com Bowlby (1969/1990) quando afirma que todos os sistemas comportamentais começam com formas imaturas de comportamento que irão integrar-se para se tornarem totalmente organizadas ou “maduras”. Os sistemas comportamentais essenciais para a sobrevivência de um jovem, como o apego, amadurecem rapidamente. Já os sistemas comportamentais importantes para os estágios posteriores do desenvolvimento amadurecem mais lentamente (ex: cuidador e sexual).

O sistema comportamental dos cuidadores aparece, inicialmente, de forma isolada, madura e desfuncional nas expressões de cuidado e afeição (ex: brincar de mãe na infância e adolescência), pelo qual o comportamento ainda é fragmentado e as sequências comportamentais são incompletas e a atenção da criança é facilmente distraída. Porém, isto vai fornecer representações mentais de prover cuidados.

Neste sentido, as crianças que cuidam de irmãos mais jovens têm o sistema cuidador amadurecido mais precocemente.

5.4.2. Adolescência

O sistema cuidador começa a se transformar em algo mais amadurecido durante a adolescência (GEORGE & SOLOMON, 1999). Isto é parcialmente baseado nas mudanças biológicas associadas à puberdade (menarca, que está associada a mudanças dramáticas nas características

sexuais primárias e secundárias, incluindo a ovulação e a produção de hormônios tireoidianos).

5.4.3. Transição para a maternidade

O sistema cuidador apresenta seu maior desenvolvimento durante a transição para a maternidade e paternidade (gravidez, nascimento e pós-parto). Esta transição tem um salto qualitativo tanto nos aspectos biológicos, como psicológicos e sociais. Quanto ao nível biológico, George e Solomon (1999) destacam as mudanças hormonais e neurológicas intensas, especialmente influenciadas pelo hipotálamo e o sistema límbico.

Fleming et al. (1995, apud GEORGE & SOLOMON, 1999) propôs que os hormônios têm uma importância geral, mas não exclusiva, na produção de acuidade sensória da mãe, calma emocional e intimidade com crianças.

O sistema cuidador é, também, influenciado pela experiência do nascimento em si (tocar, beijar, falar com os bebês e cuidar, principalmente em mães de risco econômico, alto nível de estresse ou gravidezes inesperadas e não desejadas).

A experiência da mãe de dar a vida ao bebê, bem como sua representação sobre si mesma como cuidadora, sua interpretação da experiência do nascimento podem ser fatores que, juntos, poderão influenciar (positiva ou negativamente) o sistema cuidador.

5.4.4. Bebê

Outros fatores que podem influenciar o desenvolvimento do sistema cuidador são associados ao próprio bebê. O bebê tem um enorme poder de evocar comportamentos de cuidados. Sua aparência e seu comportamento neonatal, percepção e tendências sociais, incluindo expressões emocionais distintas atraem qualquer cuidador. Da mesma forma, anormalidade físicas podem eliciar rejeição e negligência materna. Mães humanas preferem e reconhecem o choro e odor de seus próprios bebês e suas vocalizações eliciam comportamentos afetivos e instrumental para cuidar.

As representações da mãe sobre seu bebê e seu relacionamento aparecem como fatores mais importantes do que qualquer qualidade do bebê (GEORGE & SOLOMOM, 1999). Já, o temperamento (reação emocional do bebê) parece não influenciar diretamente um bebê que vai desenvolver apego seguro com sua mãe.

5.4.5. Fatores sócio-culturais relacionados ao prover cuidados

Fatores sócio-culturais como a satisfação da mãe com o seu suporte social, casamento, trabalho e circunstâncias sócio-econômicas podem influenciar a habilidade materna em focar nos cuidados para com o seu filho. Por exemplo: filhos de pais separados que estão em conflito e apresentam pouca comunicação têm sido relacionados com apego inseguro com a mãe, especialmente apegos desorganizados (GEORGE & SOLOMOM, 1999) e isto pode ser explicado pelo fato do parceiro ser uma considerável possibilidade de prover base segura para uma mãe.

5.4.6 Representações Mentais de Cuidador

Segundo a Teoria do Apego, os sistemas comportamentais (BOWLBY, 1969/1990) são regulados na mente por meio de modelos operativos internos que avaliam as experiências reais da vida do organismo, bem como, valorizam-nas emocionalmente e as organizam. Estes modelos são atualizados e re-elaborados para alcançarem a consistência interna e são avaliados para serem usados em novas situações ou para serem base de futuros planos.

Se o sistema cuidador é um sistema comportamental por si, então deve ser guiado por um conjunto de esquemas representacionais relacionados ao prover cuidados.

No estudo realizado por George e Solomon (1999), estes esquemas do sistema cuidador foram acessados por meio de uma entrevista semi-estruturada que se baseava na análise de discurso dos sujeitos (GEORGE & SOLOMON, 1989, 1996).

Por meio do método de avaliação desenvolvido por George e Solomon (idem), as mães de crianças seguras são mais avaliadas como flexíveis com relação às sua representações mentais de cuidador. Mães de crianças seguras são positivas e realistas sobre as potenciais ameaças à segurança de seu filho quando respondem às questões que descrevem a si mesmas como mães, sobre seus filhos, e sobre seu relacionamento com eles. Neste roteiro de entrevista, os cuidadores são avaliados quanto à situação em si, quanto à personalidade do filho e as suas necessidades desenvolvimentais, seus objetivos educacionais em relação à criança, e suas próprias necessidades.

Desta forma, as mães de crianças seguras respondem a estas questões de forma que não parece refletir ou predominar nenhuma forma de processo defensivo.

Mães de crianças com apego evitador ou ambivalente aparecem tendo desenvolvido modelos representacionais de cuidador condicionados. Mães de crianças evitadoras descrevem estratégias de proteger seus filhos a uma certa distância guiada ao nível representacional por uma moderada rejeição. Elas avaliam a si mesmas e suas crianças como indivíduos teimosos e desmerecidos e enfatizam os aspectos negativos da sua interação. O aspecto mais característico das mães de crianças evitadoras em comparação com mães de crianças com outros estilos de apego é a qualidade dos seus processos defensivos em resposta a entrevista realizada (GEORGE E SOLOMON, 1999). Representações mentais de mães rejeitadoras são caracterizadas por *desativação cognitiva.* A mãe rejeita ou desvaloriza as necessidades de apego da criança, então desativa seu sistema cuidador; elas nunca, entretanto, abandonam sua função de prover cuidados e proteção.

Em contraste com as mães de crianças evitadoras, as mães de crianças ambivalentes são caracterizadas por sua incerteza comportamental e representacional. Elas descrevem estratégias para manter suas crianças próximas, promovendo dependência e mostrando insensibilidade às sugestões da criança. Em termos de processo defensivo, as representações mentais de mães ambivalentes são caracterizadas por *desconexão cognitiva*, revelada por sua inabilidade de integrar positivo e negativo, bom e mau, desejável e indesejável. Esta posição mental demonstrada deixa-os confusos,

e, como um produto da sua incerteza, seus cuidadores aparentam ser o máximo, mas são ineficientes.

Vale lembrar que o comportamento materno não é produto, somente, da ativação e terminação do sistema cuidador das mães, mas também, da integração de si mesma e do sistema comportamental da criança. No nível representacional George e Solomom (1999) encontraram a “marca registrada” do cuidador associada com apego seguro (cuidado flexível), quando uma mãe acredita e confia encontrar um caminho para integrar e balancear seus próprios sistemas comportamentais (seus múltiplos papéis e suas próprias necessidades de apego) com aqueles pertencentes ao seu filho. Mães que frequentemente conseguem fazer este balanceamento foram muito difíceis de serem encontradas nesta pesquisa realizada por George e Solomon (1996) e muitas mães de crianças seguras, nesta amostra, reportaram situações que as deixavam infelizes ou estressadas (segurança não é sinônimo de felicidade). Em particular, mães que viveram o divórcio em suas infâncias, descrevem altos níveis de *estresse* associados com objetivos conflitantes e grandes dificuldades de encontrar uma saída satisfatória. O que se distinguiu nestas entrevistas, entretanto, foi que estes conflitos foram resolvidos encontrando algum meio-termo aceitável.

Outro resultado das entrevistas com mães rejeitadoras e ambivalentes, foi o grau de sucesso que elas alcançaram no nível representacional em estabelecer aproximações da integração dos sistemas comportamentais, embora a ênfase, quando avaliavam as sugestões contextuais, as próprias e o comportamento da criança, surgiu como algo fora do equilíbrio. Mães rejeitadoras eram, sob algumas circunstâncias, relutantes em integrar

completamente sugestões que poderiam ativar as características do seu sistema e requerer provisões de cuidados. Estas mães priorizam, a si mesmas, suas próprias necessidades e desejos, aos da criança. Elas relatam investir mais tempo e energia em avaliar sua *função* como cuidadora do que em agir como cuidadora, respondendo às solicitações de apego da criança. Por exemplo, mães rejeitadoras frequentemente se reportam à maternidade como o mais importante “trabalho” que elas puderam ter; elas ainda poderiam interpretar que um machucado da criança ou mesmo seu estresse são tentativas de manipulação. Elas também enfatizam a importância das atividades e objetivos associados com outros sistemas de comportamento (ex: relacionamento com pares românticos) sobre o sistema cuidador. Mães ambivalentes tendem exagerar nos cuidados e exagerar na interpretação das sugestões de apego da criança. Elas enfatizam mais nas crianças do que em si mesmas, sacrificando objetivos de outros sistemas de comportamento para cuidar e para o apego da criança. Estas mães, por exemplo, são tão preocupadas com sua capacidade com a criança que, deliberadamente, programam as horas de trabalho ou se incubem dele apenas, quando a criança está na escola ou dormindo. Embora seu cuidados se mostrem fora de equilíbrio, mães em ambos os grupos de rejeitadoras e ambivalentes, são comparadas às mães capazes de cuidados, enfatizando promover, em algum nível, cuidado e proteção para sua criança.

5.5. Sistema Cuidador Incapacitado: Abdicação de Cuidados, Abandono e Apego Desorganizado

Em contraste com mães de crianças com apego organizado George e Solomon (1999) encontraram o *cuidado resignado* para caracterizar mães de crianças desorganizadas e controladoras. Estas mães avaliam a si mesmas como impotentes para proteger suas crianças e, frequentemente, a si mesmas, das ameaças e perigos. Sua argumentação de cuidadora aflora temas fortes de inadequação, impotência e falta de controle. A maioria das mães neste grupo descreve como perdeu efetiva e apropriadamente, os recursos para manejar situações de cuidado. Em algumas instâncias, isto se devia à auto-avaliação como ineficiente e incapaz para encontrar ou utilizar recursos. Em outras instâncias, elas descrevem tentativas de prover cuidados que foram bloqueados por outros indivíduos ou por circunstâncias externas (ex: perda da guarda dos filhos por determinação judicial). Estas mães também se descrevem como impotentes para prover segurança para seus filhos assustados. Como resultado, no nível do sistema comportamental são marcadamente desequilibradas, no nível representacional, prolonga-se o estado fora de controle ou desespero que se esforça para retomar o controle de si mesmas, das crianças e das circunstâncias.

Para a maioria das mães do estudo de George e Solomon (1999), as descrições de seus filhos, geralmente, são paralelas com as descrições de si mesmas. Os filhos são descritos como “fora de controle” (agindo como “maníacos” ou “histéricos”) e as mães se descrevem como impotentes para combater ou organizar o comportamento da criança. Algumas mães, entretanto, vêem seus filhos como completamente diferentes delas – como precoces e, demasiadamente, com

controle da situação e dos outros. Em particular, estes filhos são descritos como especialmente sensíveis ou como possuidores de extraordinários talentos ou qualidades.

As pesquisadoras George e Solomon (1999) avaliaram estas mães como cuidadoras abdicadas de cuidado, uma vez que foi avaliado o cuidado com o filho, a inversão de regras, ou as qualidades especiais do filho e, acima de tudo, a interpretação das mães com relação ao seu próprio comportamento como cuidadoras, relativamente, pouco importantes e ineficazes.

Em contraste com a entrevista das mães de crianças evitadoras e ambivalentes, as entrevistas de mães de crianças desorganizadas fracassaram em revelar alguma estratégia predominante do processo defensivo. Preferivelmente, estas mães descrevem suas próprias reações como comportamentos extremos ou sentimentos de impotência e limitação, e suas inabilidades para selecionar, avaliar ou modificar seu próprio comportamento ou o da criança. Avaliações sobre si mesmas ou sobre o filho são, frequentemente, associadas com emoções fortes e desrregulação afetiva, e estas mães avaliam a si como incapazes para controlar afeto. Em situações raras, e sob condições extremas, estas mães podem abandonar, ou mesmo, matar seus filhos.

Assim como foi afirmado na introdução deste trabalho, um dos meus interesses com relação a estes resultados, sustenta-se na reflexão sobre as mães que não abdicam do sistema cuidador, mas que deixam seus filhos sem cuidados e proteção adequados. Para este tipo de situação, na qual o sistema cuidador é desativado, seu apego e seu sistema cuidador estão desequilibrados. Isto significa que os sistemas comportamentais recíprocos falharam em informar um ao outro, e o sistema cuidador fracassou na mediação entre o sistema de apego da mãe e o do

filho. Como resultado, as experiências de cuidadora da mãe e o seu relacionamento com o filho se dão em termos de profunda impotência e medo.

Perdas não resolvidas da infância e traumas têm sido associado ao apego desorganizado. Além da infância traumatizada, George e Solomon (1999) propõem que o sistema cuidador da mãe pode ser imobilizado, porque ela se sente assustada pelas mudanças evocadas por um filho ou por uma circunstância.

CAPÍTULO VI

RESILIÊNCIA:

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

"Coragem não é não ter medo…é conseguir vencer o medo…"

Nelson Mandela

Nossas percepções são torneadas e preenchidas por esperanças, antecipações, emoções, filosofias e convicções. Precisamos desenvolver certa condição de controle em relação aos eventos aparentemente casuais e discriminar os padrões de segurança no mundo, ao nosso redor e dentro de nós. Nossas certezas são ancoradas em nossas pressuposições e o mundo que focamos mantém-se no espectro dos nossos pensamentos, coloridos por nosso contexto e história individual. Sendo assim, a realidade é subjetiva, e por isso, lidar com a natureza humana implica: (a) um respeito pela multiplicidade de significados, e pela diversidade de crenças; (b) a adoção de uma postura de "não saber" em relação aos mundos de significados dos outros; (c) e o entendimento que a construção de significados passa pelo biológico, pelo psicológico, social e cultural.

Sendo assim, para entendermos como cada indivíduo percebe e lida com experiências estressantes, traumáticas ou perdas, como em situações de abandono, precisamos buscar a compreensão do universo de significados de cada indivíduo,

que é construído e permeado pela influência de diversos fatores, internos e externos, inerentes a sua história de vida.

Ao longo deste trabalho, foram explorados fatores referentes à formação do apego, desenvolvimento do apego ao longo da vida, incluindo estabilidade e mudança. Além disso, o conceito de abandono foi revisto sob a ótica do luto e, por fim, discutiu-se o desenvolvimento da maternidade e a relação entre estilo de apego e estilo de desempenho de cuidados, por meio da fundamentação da Teoria do Apego.

Ao estudar as consequências do abandono por parte da figura de apego, no início da vida de um indivíduo, fez-se necessária uma análise sobre as condições que favorecem ou dificultam a superação desta privação e elaboração do luto decorrente, ao longo da vida. No percurso desta investigação, deparei-me com inúmeros fatores internos, como por exemplo: auto-estima, personalidade, condições físicas e psicológicas; e externos ao indivíduo, como: perdas anteriores, estressores secundários, cuidadores substitutos, relacionados à situação de privação, às condições anteriores e posteriores a ela.

Neste contexto, surge o conceito de resiliência, utilizado, recentemente, pela Psicologia e, segundo Yunes e Szymanski (2001), emprestado da Física e da Engenharia .

Por fim, entendo que é fundamental fazer algumas considerações a respeito deste conceito e refletir sobre sua influência na superação do abandono, buscando explorar as variáveis que favorecem que algumas mulheres superem o impacto do abandono na infância - até mesmo usando tal experiência como aprendizado e tornando-se mães responsivas, ao passo que outras, encontram mais dificuldades

de elaborar tal experiência, muitas vezes, repetindo o modelo de abandono, ou desistindo da possibilidade de criar novos vínculos.

6.1. O conceito de resiliência

Yunes & Szymanski (2001) fizeram uma revisão da literatura sobre este conceito polêmico e apontam que este termo foi utilizado, inicialmente, pela Física e Engenharia referindo-se à capacidade de deformação máxima que um material, submetido à tensão e compressão, é capaz de armazenar, sem sofrer deformações permanentes.

A polêmica, segunda as autoras (idem), encontra-se no fato de que a importação deste conceito para as ciências humanas resultou na dificuldade de manter a mesma precisão de sua definição, na medida em que, ao ser usada para explicar fenômenos humanos, depara-se com inúmeros fatores e variáveis complexos.

Bowlby (1969/1990, p. 385) define da seguinte forma: “resiliência de ego refere-se a capacidade de uma pessoa de modificar seu nível de controle de acordo com as circunstâncias”, e isto, segundo ele, requer flexibilidade e capacidade de adaptação às novas situações, e capacidade para processar informações contraditórias e conflitantes.

O critério de resiliência adotado nesta tese é baseado no conceito desenvolvido por Rutter (1993) que se refere à variação individual frente ao risco.

Rutter (1993) aponta que não existe resiliência absoluta[18] e também supera a noção de resiliência como um fator exclusivamente biológico, quando aponta resultados de estudos que mostram a resiliência como um fenômeno que reside num contexto, tanto social, como individual. Porém, o autor afasta a possibilidade de considerar resiliência como uma "química do momento", na medida em que as circunstâncias precedentes, assim como as que se sucedem, são muito importantes para o fenômeno da resiliência.

O autor (RUTTER, 1993) aponta a existência de fatores associados com a variedade de respostas das pessoas frente ao risco.

O primeiro fator apontado não é a característica de *evitar* o risco, mas de *exposição*, ou seja, assim como na imunidade física, está mais protegido aquele que já teve algum tipo de exposição com o agente patogênico.

Assim como já foi discutido no capítulo IV desta tese, o segundo fator que Rutter aponta (1993, p. 627) refere-se a influência das experiências iniciais da vida, na saúde e na doença, que surgem na vida adulta.

Por fim, Rutter (1993) aponta como terceiro fator o *mecanismo* de risco, que diverge da definição de *fator* de risco, na medida de em que um fator pode ser *risco* numa situação e pode funcionar como *proteção* em outra. O foco é, portanto, no *processo* específico que, em circunstâncias particulares, opera em busca de saídas particulares. Rutter enfatiza a noção de *processo*, na medida em que as condições de adaptação dependem de duas variáveis: da intensidade do risco e da interação com outros fatores. Trata-se, portanto, de atribuir relatividade ao conceito de resiliência.

---

[18] Este noção desmistifica o conceito antecendente ao da resiliência, que envolvia a noção de *invulnerabilidade* da criança.

Ao fazer referência aos mecanismos de proteção, Rutter (idem) especifica as características ou qualidades do indivíduo que influenciam, no sentido de alterar, ou melhorar as respostas pessoais ao risco. Não são, necessariamente, acontecimentos agradáveis e podem desaparecer na ausência do fator estressante. Sendo assim, ele define como mecanismos de proteção principais (RUTTER, 1993, p. 630):

(a) Alteração da exposição do indivíduo à situação estressora;

(b) Diminuição de reações negativas que se sucedem à exposição ao risco;

(c) Promover a auto-estima e auto-eficácia por meio da existência de relacionamentos de apego seguro e execução de tarefas bem sucedidas;

(d) Valorizar a capacidade de lidar com a perspectiva futura de situações de *estresse* e adversidade e a capacidade de superar as sequelas do risco psicososcial do passado.

Ainda no mesmo ano em que Rutter discutia os mecanismos de proteção frente à adversidade e ao risco, Masten e Garmezy (1985) apontaram três classes de mecanismos de proteção:

(a) referentes ao indivíduo: como autonomia, auto-estima e capacidade cognitiva;

(b) referentes ao contexto familiar; avaliando os níveis de coesão, conflito, ambivalência, negligência e cuidados;

(c) referentes ao suporte social, envolvendo toda a rede social.

Vale ressaltar, que a avaliação dos mecanismos quanto à condição de risco ou de proteção que oferecem a cada indivíduo, é muito complexa e, necessita de uma análise profunda e contextualizada, para não atropelar a noção de relatividade defendida por Rutter (1993).

Considero uma importante contribuição de Rutter (1993) a noção de resiliência como um fenômeno individual, assim como o risco. Desta forma, o caminho para entender a relatividade frente às reações à privação materna durante a infância fica mais claro. Ou seja, o abandono não pode ser considerado fator de risco, mas o risco se encontra no comportamento frente a esta situação e nos mecanismos mediadores do processo de enfrentamento desta perda.

Yunes & Szymanski (2001) apontam que o conceito de resiliência encontra-se preso numa armadilha, na medida em que pode ser confundido com a noção de *competência,* uma vez que, um forte componente ideológico influencia as normas sociais vigentes que, de forma direta ou indireta, ditam os parâmetros de adequação e inadequação do comportamento do indivíduo frente ao risco.

Segundo Brook e Goldstein (2001) a resiliência se refere à capacidade do indivíduo para lidar mais eficientemente com estresse e pressão, para lidar com mudanças diárias, recuperar-se de desapontamentos, adversidades e traumas, desenvolver objetivos realísticos e claros para resolver problemas, lidar confortavelmente com os outros e tratar-se com respeito. Portanto, os autores percebem a condição de resiliência estreitamente relacionada com a segurança que o indivíduo para enfrentar situações novas, difíceis e adversas.

Já Walsh (1998) trata o conceito de forma mais sintética e refere-se a ele, como a habilidade do indivíduo, ou mesmo da família, de superar os desafios que surgem na vida.

Assim como Rutter (1985), ressalto que tal habilidade envolve aspectos individuais e contextuais, referentes ao âmbito biológico e ao social.

Segundo Cecconello (2003), como contraponto da resiliência, a *vulnerabilidade* frente ao risco refere-se a uma predisposição individual para apresentar resultados negativos.

Complementando esta definição de vulnerabilidade, a definição de vulnerabilidade adotada nesta tese, implica a consideração de eventos que funcionam como estressores e, diante dos quais, a pessoa se julga com ausência ou insuficiência de recursos adaptativos.

De forma complementar, Walsh (1998) afirma que há vários fatores que influenciam tal fenômeno, entre eles:

- Fatores internos: temperamento, personalidade, estilo de apego, modelos operativos internos sobre si, sobre os outros, recursos de enfrentamento, defesas psíquicas, flexibilidade e auto-estima, condições de saúde física e psicológica.
- Fatores externos: perdas e traumas vividos, experiências ao longo da vida positiva e negativas, de repetição ou mudança, suporte social e profissional incluindo a religião.

Vale lembrar, que segundo Rutter (1993), estes aspectos podem funcionar frente à adversidade, como mecanismo de risco ou proteção, conforme suas características e sua relação com o contexto.

Portanto, a resiliência tornou-se conceito intrínsico à discussão, compreensão e tratamento de pessoas que sofreram traumas, perdas e adversidades em qualquer momento da vida.

Desta forma, para entender as mulheres que viveram experiências de luto por abandono, parcial ou total, na infância, é necessário discutir sobre suas habilidades de superação do risco, ou melhor, sobre sua resiliência frente à realidade do

abandono e suas consequências ao longo da vida, principalmente, no que se refere à condição afetiva destas pessoas em relacionamentos posteriores.

Estudos como os de Bowlby (1995), George, Kaplan e Main (1996) e Casellato (1998) mostram como o luto pelo abandono da figura de apego principal durante a infância pode ser um mecanismo de risco, quando envolve mecanismos de riscos, podendo gerar dificuldades severas em diversas áreas do desenvolvimento pessoal, incluindo a capacidade de vinculação afetiva, a sociabilidade e o desenvolvimento cognitivo, que se arrastam e se repetem ao longo da vida.

A profilaxia deste tipo de situação, não está em olhar para os inúmeros casos em que predomina a dificuldade para enfrentar o risco, mas sim, em buscar entender e aprender com histórias de vida, pelas quais, investigo a capacidade de reconstrução e transformação destas experiências iniciais de luto e dificuldades afetivas.

Se entendermos que nossas experiências afetivas na infância serão modeladoras de outras experiências afetivas posteriores e com outras pessoas, seguindo um modelo cartesiano e reducionista de raciocínio, então, estamos transformando o temo “tendência a repetição por familiaridade” empregado por Bowlby (1969/1990) num prognóstico fechado, rígido e linear.

Portanto, considero tais experiências como *potenciais mecanismos de risco* para a formação de estilos de relacionamento pouco saudáveis e, até destrutivos, na vida adulta.

Os casos nos quais há uma mudança no estilo de criação dos filhos, após uma experiência de abandono na infância, podem ser avaliados, considerando os resultados dos processos que envolvem a resiliência do cuidador que, apesar de ter

tido uma infância complicada e privada de cuidados essenciais, consegue oferecer atenção e disponibilidade emocional para seus filhos.

Alguns fatores também estão associados à resiliência como: poder econômico, temperamento, apego seguro, apoio social e relacionamento positivo com alguém. A relação com o profissional de saúde, em especial, com o psicoterapeuta, também deve ser incluída, assim como muitas outras possibilidades de vínculos reparadores que passam a ter suma importância na flexibilização destes estilos e, consequentemente, na reconstrução da capacidade de vinculação afetiva destas pessoas.

As condições de risco e adversidades podem surgir, a partir de influências externas ou internas ao indivíduo e, podem ser, potencialmente, perigosas para o seu desenvolvimento global. Portanto, podem fazer a criança e a família sofrerem a curto ou longo prazo.

Da mesma forma, existem influências protetoras ou condições que nos protegem de riscos e adversidades. E, assim como as influências negativas, as positivas, protetoras ou reparadoras podem surgir de influências externas, internas ou da combinação de ambas.

Segundo Katz (1997), a combinação acertada de influências protetoras torna-se capaz de superar os efeitos da exposição a riscos e adversidade múltiplas. Isto porque, riscos múltiplos são ainda mais difíceis do que um risco específico pelo tipo de estresse envolvido.

Segundo Katz (1997), a maioria de nós mantém um conjunto de crenças básico e fundamental sobre o mundo e sobre o lugar que ocupamos nele. Estas crenças nos ajudam a confiar nos outros e em nós mesmos. Elas nos mostram para onde ir quando as coisas começam a ficar difíceis em nossas vidas e nos dão um

senso de esperança sobre o futuro. O autor ressalta que estas crenças compreendem três fundamentais pressuposições:

1) Nós geralmente acreditamos que o mundo é um lugar bom e benevolente e isto acontece, mesmo enquanto em nossas vidas acontecem eventos que nos provam o contrário. Isto mantém nosso senso de esperança e nos move para continuar lutando por nossos objetivos. Nossas frustrações diárias, desapontamentos e fracassos não são suficientes para mexer com nossa visão mais global e abstrata de um mundo positivo. A maioria de nós acredita que tudo acaba bem no final.

2) Nós acreditamos que o mundo em que vivemos tem significado. As coisas que acontecem conosco e aos outros têm sentido, elas acontecem por determinadas razões. Nós também acreditamos que podemos controlar as coisas que acontecem para nós, por meio dos nossos comportamentos, dependendo do quão justos e morais nós formos. Se nós fizermos as coisas certas e nos comportarmos da maneira correta, boas coisas acontecem para nós. Mas, ao contrário, se fizermos coisas erradas e nos comportamentos imoralmente, nós seremos punidos.

3) Nós temos dignidade. Nós fazemos as coisas certas, tentamos ajudar os outros, cuidamos e trabalhamos muito. Nós temos um lugar no mundo e nós merecemos isso.

Estas três pressuposições nos fazem sentir bem. Os sentimentos e emoções que associamos a elas, são positivos e nos trazem conforto. Elas pode ser generalizações, ilusões e podem ser contraditórias aos eventos do mundo real, mas não importa. Nós ainda vamos nos apoiar nelas sempre que as evidências nos mostrarem o contrário. Esse sistema de crenças é importante para nossas

experiências de bem estar psicológico e saúde mental. Trazem-nos confiança e força para enfrentar e explorar o mundo.

Porém, eventos traumáticos que resultam da ação de outros, particularmente de pessoas que conhecemos, confiamos e dependemos, são, particularmente, perigosas para chacoalhar nossos pressupostos básicos. Um exemplo disto, é o abandono, parcial ou total, por parte de uma mãe com relação à uma criança, com quem esta conta para ter apoio, proteção e um senso de segurança.

Janoff-Bulman (1992, apud KATZ 1997) estudou crianças e adultos que recuperaram seu sistema de crenças, que foi ameaçado por experiências traumatizantes. Por meio deste estudo, ela encontrou três aspectos relacionados ao processo de enfrentamento:

a) A habilidade individual de tolerar emoções fortes e estressantes, incluindo o tipo de reações psicológicas seguidas da exposição ao trauma. Indivíduos que toleram estas situações são mais capazes de falar sobre suas experiências e isto dá a eles mais oportunidades de interpretar suas experiências sob novas perspectivas.

b) A habilidade individual de reavaliar a experiência, ou seja, ver a experiência sob uma nova luz. Aqueles com talentos criativos, que podem ver as coisas de diferentes maneiras têm uma vantagem nestas situações. Eles tiram lições sobre si e sobre a vida e conseguem converter este novo conhecimento em ações que podem ajudar os outros.

c) O terceiro fator está relacionado ao suporte recebido em relação ao trauma. Um sistema de apoio amoroso provê, primeiramente, a evidência que o mundo se importa, que este mundo faz sentido e que o indivíduo ocupa um lugar importante neste mundo.

Se formos capazes de ver os riscos e as adversidades sob novas perspectivas, tornamos-nos extremamente capazes de influenciar seu potencial negativo, ou em alguns casos, seu impacto devastador em nossas vidas. Isto é verdadeiro, tanto para crianças quanto para adultos.

Rutter, Quinton e Hill (1990 apud, KATZ, 1997) pesquisaram adultos que superaram uma infância vivida em creches de Londres. As crianças foram removidas de suas famílias em seus primeiros anos de vida e a pesquisa mostrou (idem) que, atualmente, os adultos estão bem ajustados e têm um parceiro no casamento que oferece base segura e com quem não têm grandes problemas. A presença de um parceiro, que apoia e dá segurança, parece ter neutralizado as adversidades da infância.

A pesquisa também encontrou como resultado, que as meninas que se ajustaram bem, também tiveram experiências escolares positivas enquanto viviam nas creches. Os pesquisadores concluíram que estas experiências positivas na escola favoreceram estas meninas em situações que tinham que tomar decisões importantes, incluindo a escolha de um parceiro conjugal. A escolha dos parceiros não estava associada a pressões externas ou significavam escapar de uma situação intolerável.

Katz (1997) aponta ainda a influência positiva de outras experiências ao longo da vida entre elas:

<u>Intervenções feitas por profissionais:</u> terapia, aconselhamento familiar e individual, utilização de técnicas como contar histórias de pessoas que superaram adversidades, buscar um novo significado para o evento traumático.

A leitura de livros, pesquisas, vídeos e outras recursos materiais pode ajudar a criança e a família a ver a adversidade sob uma outra perspectiva

A escola

A convivência com outras pessoas, incluindo vizinhos, também pode ser uma experiência de influência positiva

Relacionamentos com pessoas tidas como "mentores"

A influência positiva de uma outra pessoa especial

Suporte social

Temperamento

Katz (1997) aponta em seu livro, após um vasto levantamento de pesquisas, nove categorias de temperamento, que variam de um nível baixo a um nível alto:

1) nível de atividade: é a medida da proporção entre períodos de atividade e não atividade. Um alto nível de atividade refere-se a crianças que dedicam boa parte do seu tempo no parque, envolvendo atividades muito agitadas e uma criança com baixo nível de energia prefere trabalhar quieta por horas.

2) Regularidade: envolve a previsibilidade ou imprevisibilidade do *timing* das funções biológicas como sono, fome, evacuação.

3) Acessibilidade: a maneira pela qual a criança responde a novas situações ou estímulos, desde novas comidas, brinquedos, pessoas e lugares. Respostas acessíveis são positivas e podem ser disparadas por expressões emocionais (sorriso, verbalização) ou por meio de atividades motoras (aproximando-se e brincando com o brinquedo novo). Respostas são negativas e podem ser disparadas por expressões emocionais (choro, irritação) ou por meio de atividades motoras (afastando-se do brinquedo novo).

4) Adaptabilidade: ela pode superar qualquer desconforto inicial, rapidamente. A criança que tem baixo nível de adaptabilidade pode ter grande dificuldade em aquecer-se em novas situações e rotinas.

5) Limiar de sensibilidade: relativo à intensidade da estimulação que é necessária para evocar a resposta da criança.

6) Intensidade das reações: As reações da criança frente às situações.

7) Qualidade do humor: o grau de comportamento amistoso e agradável "*versus"* a porção de comportamento desagradável, choro e não amigável.

8) Habilidade de distração (desfocar): o grau em que um estímulo externo muda a direção do comportamento da criança.

9) Persistência e dispersão de atenção: a continuação de uma atividade, apesar da presença de obstáculos e duração de tempo em que a criança se dedica a uma atividade e se esta é completada.

A partir destas categorias são estabelecidos três tipos de temperamento:

- **A criança fácil:** a criança que todos gostam de estar perto. Adaptam-se facilmente a novas situações e manejam frustrações diárias sem muita irritação.
- **A criança de aquecimento lento:** em situações novas estas crianças demonstram dificuldade de se adaptar rapidamente e, às vezes, surgem reações negativas, mas não são intensas. Adaptam-se lentamente a mudanças. Quando são frustradas tentam sair da situação e podem ser percebidas como tímidas.
- **A criança difícil:** é mais propensa do que as outras crianças a explosões emocionais e acessos de raiva. Também são mais frequentes os períodos de choro e demoram muito para se ajustar a novas rotinas.

Segundo a visão de resiliência adotada nesta tese, fundamentada nos pressupostos de Rutter (1993), compreendo estas diferenças de temperamento como fatores biológicos que também podem, somados a outros fatores, influenciar os mecanismos de risco e de proteção, interferindo na resiliência de cada indivíduo.

Sob este aspecto, ao enfrentar uma situação de abandono, uma criança de temperamento *fácil*, poderá encontrar menor dificuldade de adaptação aos cuidadores substitutos e outras mudanças no contexto, do que uma criança com o temperamento *difícil*, que por meio de seu comportamento instável, provoca nas pessoas que interagem com ela, sentimentos de frustração, irritação e até mesmo rejeição.

Por meio de uma pesquisa realizada por Iwaniec e Sneddon (2001), foi observado um grupo de quarenta e quatro crianças, que foram diagnosticadas com falhas não orgânicas (problemas psicológicos), a partir da aplicação do Teste da Situação Estranha (Ainsworth, 1978). Deste total, 13 crianças se recusaram a participar de um estudo longitudinal. Sendo assim, 31 crianças e suas famílias foram acompanhadas durante vinte anos.

Segundo Iwaniec e Sneddon (2001), a falha não orgânica de desenvolvimento (FTT, do inglês “failure to thrive”), tem como características um “déficit” físico (peso, altura e circunferência do crânio) e psicológico (desenvolvimento cognitivo, psicológico e habilidades mentais). A FTT também é caracterizada por desenvolvimento retardado, problemas psicomotores, suscetibilidade a doenças, dificuldades de alimentação, distúrbios na relação mãe-criança, apego inseguro, disfunção familiar e pobreza. Segundo as pesquisadoras (idem) a FTT tem origens, primeiramente, psicossociais. Alguns casos podem ser causados por ignorância nos cuidados adequados com o filho, enquanto outros podem ser causados por

dificuldades no ambiente emocional da casa (relações inadequadas entre criança e cuidador). As crianças com FTT são descritas como apáticas, passivas, irritáveis, têm falta de apetite e inabilidade de se relacionar com os outros à sua volta.Essas características tornam o relacionamento destas crianças com seus cuidadores muito complicado. Muitas vezes, os cuidadores acabam rejeitando a crianças por causa de seu comportamento. Porém, a dificuldade está em não saber qual comportamento antecedeu ao outro (se foi o cuidador que rejeitou primeiro, e a criança desenvolveu FTT, ou se foi a criança que afastou seu cuidador por seu comportamento).

Esta pesquisa examinou o estabelecimento de um modelo interno de comportamento numa amostra de indivíduos que apresentaram falhas no desenvolvimento infantil e, comparou cada estilo de apego dos adultos, com o estilo de apego que tinham com a mãe, na infância, e, em alguns casos, observou-se uma mudança do estilo de apego inseguro para o seguro.

Os resultados encontrados por Iwaniec e Sneddon (2001), assemelham-se aos pressupostos desta tese:

- No total, 14 das 31 crianças foram classificados como seguras; 9 como ansiosas/ambivalentes; e 8, como evitativas.
- Os resultados foram diferentes quando comparados com estes indivíduos adultos. Houve um aumento do apego seguro de 14 para 22; um decréscimo marcante dos ansiosos/ambivalentes de 9 para 1 indivíduo; na categoria evitativo, houve uma permanência dos resultados (é preciso lembrar que não são, necessariamente, os mesmos indivíduos).
- A maioria das crianças classificadas como seguras (13), permaneceram seguras, e provinham de uma gravidez desejada. Destas, 11 eram, temperamentalmente, fáceis, as outras duas eram “lentas para aquecer”. Crianças fáceis são plácidas, tem humor positivo e são fáceis de instruir.
- Apenas uma das crianças seguras na infância tornou-se evitativa na vida adulta. Este participante teve muitos eventos traumáticos, incluindo o suicídio de seu pai.

- Três crianças, que eram evitativas, transformaram-se em seguras. Duas destas crianças foram para lares adotivos. No terceiro caso, a mãe abandonou o pai da criança e estabeleceu um relacionamento positivo com outro parceiro.
- Houve maior variação no grupo de crianças ansiosas e ambivalentes, sendo que só uma permaneceu nesta classificação na vida adulta.

Vale lembrar, que este é um estudo comparativo entre o estilo de apego de crianças e adultos, que são avaliados na infância, e, novamente, após vinte anos. Sendo assim, considero que muitas situações aconteceram com estes indivíduos durante este período, que influenciaram seus comportamentos de apego, inclusive, que cada pessoa observada foi classificada com FTT não-orgânica e, subseqüentemente, receberam tratamento e intervenção. Segundo Iwaniec e Sneddon (2001), existem as seguintes possibilidades para se justificar tais mudanças:

1. Mudanças naturais no estilo de apego.
2. A intervenção (objetivo era minimizar o estresse dos pais. A intervenção em crianças FTT e suas famílias provou ser benéfica e efetiva em eliminar e reduzir o nível de estresse que, direta ou indiretamente, afetava a reação dos pais em direção às crianças e a reação da criança ao cuidador.).
3. Mudanças na qualidade de cuidados dos pais.
4. Fatores temperamentais e habilidades cognitivas.
5. Outros fatores não identificáveis.

Desta forma, as autoras sugerem que as mudanças desenvolvimentais são influenciadas por quatro aspectos que se sobrepõem: trajetória biológica; trajetória do ambiente social; interações e transações; e eventos casuais.

Esta pesquisa sugeriu que, quando se tem um apoio apropriado, uma intervenção adequada, ou mesmo circunstâncias favoráveis, o modelo interno de relacionamento pode mudar. Desta forma, Iwaniec e Sneddon (2001) compartilham

os mesmos pressupostos expostos nesta tese, incentivando o estímulo e investimento por parte da sociedade, em fatores que, de forma individualizada, funcionam como mecanismos protetores no desenvolvimento emocional de pessoas que viveram experiências de abandono e rejeição.

Feeney e Noller (1996) acreditam que os modelos internos se auto-perpetuam quando as pessoas tendem a selecionar ambientes, de acordo com as crenças sobre si. Apontam também, que os modelos internos podem mudar ao longo da vida, por exemplo, dando suporte a pais com infâncias difíceis, por meio de eventos significativos, relacionamento positivo com um parceiro, e transições da vida. Desta forma, compensam-se outras experiências negativas do passado. Além destas possibilidades, o modelo de apego também pode mudar com intervenções terapêuticas, quando a pessoa entende suas “configurações”.

Sendo assim, o estudo das consequências do abandono por parte da figura de apego no início da vida de um indivíduo, oferece a oportunidade de analisar as condições que favorecem ou dificultam a superação desta privação e elaboração do luto decorrente, ao longo da vida. A resiliência, os mecanismos de risco e de proteção, incluindo o comportamento de apego diante de situações ameaçadoras, ou mesmo, novas, funcionaram como alicerces para a compreensão dos caminhos de prevenção e recuperação de pessoas que carregam para a vida adulta o fardo do luto complicado pela experiência de abandono da figura materna.

6.2. Da criança abandonada à mãe responsiva

A experiência do abandono pode ser, ao meu ver, um grilhão, pois afeta a estrutura primária da construção da afetividade, o apego, e livrar-se dele, exige do indivíduo, *todos* os mecanismos de proteção possíveis, para minimizar os riscos e as complicações de ordem psicológica, social e cognitiva futuras.

Desta forma, a maternidade, ao ser valorizada como um mecanismo que pode facilitar o processo de superação do abandono, não exclui outras influências protetoras, mas, ao contrário, constitui-se por meio e a partir delas; ou seja, a força reparadora da maternidade fica mais limitada, quando se impõe o risco do abandono, mas também de outras tantas experiências adversas subsequentes. Portanto, ao expor a experiência da maternidade como possibilidade de mudança, levanto todos os aspectos que, de forma direta ou indireta, possam ter favorecido esta condição.

CAPÍTULO VII

MÉTODO

7.1. A pesquisa

Para investigar os aspectos relacionados ao abandono na infância e à maternidade na vida adulta, incluindo os mecanismos de risco e de proteção para superação do luto pelo abandono, foi realizado um estudo qualitativo baseado na análise de conteúdo do discurso de três mães que foram abandonadas, total ou parcialmente, por suas figuras de apego durante a infância.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa clínica e qualitativa. E, portanto, tem como características básicas (Triviños, 1987): (a) o ambiente natural é a fonte dos dados coletados e o pesquisador é o instrumento chave desta ação; (b) é descritiva; (c) tem como preocupação central, o significado que o sujeito dá aos eventos e à sua própria vida; (d) implica um método indutivo de análise dos dados e (e), por fim, valoriza-se mais o processo e o desenvolvimento da pesquisa, não somente, os resultados encontrados por meio dela.

7.2. Participantes

Participaram deste trabalho, Ana, Júlia e Paula[19], que aceitaram participar desta pesquisa, após o esclarecimento da proposta e das condições da entrevista - como duração, local e uso de filmadora para registro, bem como, explicação e concordância, por escrito, do termo de consentimento (ANEXO 2).

O contato com estas três mulheres foi realizado após uma seleção das pessoas que se ofereceram para participar, como resultado da divulgação por meio de uma *carta*[20], destinada e enviada para profissionais de saúde e educação, da rede de contatos pessoais e profissionais da pesquisadora, e para algumas instituições ligadas aos temas *abandono e adoção*. Seguem, abaixo, as instituições onde a pesquisa foi divulgada e a justificatica de escolha de cada uma delas:

- Associação Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção (ANGAAD), que representa os grupos de apoio à adoção organizados em todo o país. A divulgação foi dirigida para esta organização, com o intuito de acessar adultos que foram adotados após institucionalização, e/ou adultos interessados em adotar, ou que já adotaram, e que tiveram experiência de abandono na infância.
- Clínicas Psicológicas da PUC/SP, USP e UNIP, buscando acessar famílias que estavam em atendimento e que se identificassem com o tema do abandono.

---

[19] Os nomes, assim como todos os dados de indetificação, são fictícios conforme especificação da Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, relativa à pesquisa científica com seres humanos.

[20] O conteúdo da carta de divulgação encontra-se disponível no Anexo 1.

:

- Núcleo de Família e Comunidade do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP, buscando divulgar aos alunos do programa, que se caracterizam, de modo geral, por psicólogos que trabalham em diferentes áreas de atuação relacionadas a família.

Esta *carta de divulgação* foi enviada às pessoas e instituições por *e-mail*, em forma de *cartazes* afixados nos murais das clínicas–escolas e também foi distribuída e divulgada em *encontros científicos* e nos espaços acadêmicos durante o período de fevereiro a julho de 2003.

Os critérios de <u>inclusão</u> para participação na pesquisa foram:

- Mulheres, adultas, de qualquer condição sócio-econômica ou estado civil, residentes no Estado de São Paulo.
- Pessoas que *reconheceram* a experiência de abandono na infância por parte dos genitores. Este critério prioriza a avaliação que a própria pessoa tem da situação de abandono. Desta forma, pessoas que, por exemplo, foram rejeitadas, mas não significaram esta experiência como abandono, não são incluídas na pesquisa.
- Mulheres, com ou sem filhos, que se dispusessem a refletir sobre o tema da maternidade.

Os critérios de <u>exclusão</u> foram:

- mães adolescentes, pois tal situação já é um mecanismo de risco para o estabelecimento do sistema cuidador;

- mulheres grávidas, porque além da forte influência de fatores fisiológicos (ex: hormônios) na percepção, sensibilidade e avaliação da experiência passada e presente, teríamos o risco de efeitos negativos das entrevistas nestas mulheres (mobilização de angústias e conflitos relativos ao passado e ao presente) cuja condição de vulnerabilidade deve ser preservada. Além disso, em casos de primogênitos, o sistema cuidador poderia ainda estar em processo de desenvolvimento.
- mulheres com dificuldades mentais comprovadas, pois dificuldades desta ordem podem interferir de forma distorcida na percepção e julgamento da própria história de vida.

Apresento na Tabela 6 com a descrição suscinta das pessoas entrevistadas e em seguidam um breve resumo do perfil de cada uma das participantes.[21]:

Tabela 6. Características das participantes da pesquisa

CASOS	TIPO DE ABANDONO	IDADE	FILHOS
ANA	**PARCIAL (REJEIÇÃO MATERNA)**	**52 anos**	**Homem: 28 anos Mulher: 26 anos Netos: nenhum**
JÚLIA	**PARCIAL E TOTAL (Abandonos temporários e frequentes da mãe e ausência paterna até os 13 anos de idade.)**	**51 anos**	**Mulher: 34 anos Mulher: 32 anos Netos: 3**
PAULA	**TOTAL (Abandono da mãe biológica e adoção)**	**34 anos**	**Menino: 11 anos Menina: 2 anos**

[21] Dados mais detalhados serão apresentados na análise dos dados.

Perfil das participantes:

Caso I. Ana.

Perfil: Ana tem 52 anos, é casada e tem um casal de filhos; ele tem vinte e oito anos e é casado, e a ela, vinte e seis anos de idade e casada. Ana vem de uma família de classe socioeconômica alta e, neste contexto, sua história não se caracterizou por negligência ou desamparo material mas, ao contrário, sempre teve a sua disposição muitos recursos materiais, porém Ana foi rejeitada, de forma marcante, pela mãe:

> *"Tenho uma história de infância meio complicada, onde houve um abandono emocional grande, por parte de minha mãe. Talvez seja mais ou menos isso que você procura com suas entrevistadas. Portanto, se eu puder estar te ajudando, pode me chamar."*[22]

Caso II. Júlia:

Perfil: Júlia tem 51 anos, foi casada duas vezes, é divorciada e tem duas filhas, fruto do primeiro casamento. A filha mais velha completou 34 anos e a outra tem 32 anos. Ambas são separadas e com filhos. Depois de passar por várias profissões, Júlia atua, profissionalmente, na área de biológicas.

Júlia vem de uma família de classe socioeconômica baixa. Relata que sua mãe foi *mãe solteira*, engravidou ainda na adolescência e seu pai não assumiu sua paternidade. Logo após seu nascimento, eles se separaram e seu pai se manteve afastado até a adolescência de Júlia.

---

[22] Trecho do primeiro contato de Ana, em resposta à carta de divulgação.

Júlia e seu irmão mais novo sofreram abandono total, caracterizado por longos e frequentes episódios de separação (durante a infância, a mãe não chegava a ficar em casa por seis meses corridos e deixava-os, no início, com outros familiares, e depois, sozinhos em casa.

Portanto, a história de Júlia envolve descontinuidade e distorção da interação entre mãe e filhos, incluindo episódios de negligência. No período da infância, Júlia chegou a mudar de sua casa por mais de setenta vezes, todas por ação judicial de despejo.

Caso III. Paula:

Perfil: Paula tem 34 anos, é casada e tem dois filhos; o mais velho completou 11 anos e a filha mais nova é adotiva e tem 2 anos de idade.

Paula foi abandonada aos dois meses de idade por sua mãe biológica, que a deixou num local público. Paula foi encontrada por pessoas que moravam nas proximidades e entregue à Vara da Infância e, dias depois, foi adotada por um casal que não tinha filhos.

Paula é filha única e sua relação com os pais adotivos é bastante saudável, apesar dos conflitos conjugais entre ambos, que culminaram com a separação de seus pais adotivos quando Paula já era adulta.

Portanto, a história de Paula envolve uma descontinuidade definitiva, caracterizada pelo abandono total por parte da mãe biológica e pelo estabelecimento de uma outra relação afetiva, após a adoção.

7.3. Local

As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas três participantes, que favoreciam a tranqüilidade, sigilo e condições técnicas adequadas para a filmagem das entrevistas. As três participantes tiveram a liberdade para escolher outro local, inclusive suas próprias casas, mas apenas Paula preferiu realizar em ambiente familiar (a primeira parte foi realizada em seu escritório e a segunda parte, em sua casa), enquanto Ana e Júlia preferiram realizá-la em local não familiar, para não serem interrompidas por pessoas conhecidas ou outras interferências, e desta forma, escolheram realizar os encontros numa sala cedida pela pesquisadora.

7.4. Procedimento para coleta de dados

A coleta de dados foi feita por meio de entrevista semi-dirigida, realizada em duas etapas, com a finalidade de evitar um desgaste desnecessário por parte das pessoas entrevistadas, uma vez que as entrevistas-pilotos tiveram, em média, cinco horas de duração.

A escolha da entrevista como meio para obter os dados importantes para esta pesquisa justifica-se, por ser este o instrumento mais adequado para encontrar os dados que se referem diretamente ao indivíduo, seus valores, atitudes e opiniões. Além disso, oferece outros dados relativos à subjetividade dos indivíduos como: fatos e idéias, crenças, maneiras de pensar, sentimentos, maneiras de sentir e de atuar, além de condutas ou comportamentos presentes e futuros, razões conscientes e inconscientes para determinadas crenças, sentimentos e maneiras de agir.

A opção por entrevista semi-estruturada deve-se à combinação de perguntas fechadas e abertas, na qual o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, no caso: infância, relação com pais e maternidade, sem ser limitado por condições pré-fixadas pelo pesquisador.

Segundo Minayo (1992), o que torna a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos.

Porém, ao escolher este caminho, considera-se ao analisar os dados, a interação inerente à situação de entrevista, na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador. Além disso, como afirma Minayo (1992), reconheço que é uma troca desigual, na medida em que não é o entrevistado que toma a iniciativa para a situação, ele desconhece os objetivos reais da pesquisa e além disso, passa pela entrevista sem conseguir assumir o controle, uma vez que é o entrevistador que dirige e controla as digressões, concede a palavra, mesmo quando tenta ser simpático e deixá-lo à vontade.

Portanto, a pesquisa qualitativa que se apoia na entrevista como ferramenta de análise dos dados, exige a reflexão do pesquisador sobre si e sobre o seu próprio envolvimento no processo de pesquisa. Este, deve considerar sua participação ativa na construção do conhecimento clínico que emerge do material coletado e analisado, tendo cuidado e ética para reconhecer os viés cultural, religioso, racial, de gênero, de sua história de vida que podem favorecer ou prejudicar a condução da pesquisa. Isto não significa isolar ou negar o viés pessoal de pesquisador, mas, ao contrário, reconhecer e admitir sua existência como parte inerente do desenvolvimento da pesquisa, desde a primeira fase, referente à

definição do problema de pesquisa, até a última etapa que envolve a análise dos dados coletados.

Neste sentido, os espaços de orientação acadêmica e de análise pessoal tornam-se essenciais no manejo equilibrado destas questões.

Por fim, vale destacar que o pesquisador não deve descuidar-se com a atenção sobre a influência do processo de pesquisa nos participantes, reconhecendo que a pesquisa pode ser uma intervenção com repercussões terapêuticas, imediatas ou não.

A entrevista semi-dirigida utilizada nesta pesquisa foi orientada por um roteiro criado especificamente para este fim (FORMAÇÃO E ROMPIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS ENTRE PAIS E FILHOS, ANEXO 3). Este roteiro teve como referêncial teórico e prático, outros dois roteiros, o ADULT ATTACHMENT INTERVIEW – A.A.I. (GEORGE, KAPLAN e MAIN, 1996) e THE CAREGIVING INTERVIEW – C.I. (GEORGE e SOLOMON, 1996).

O roteiro A.A.I. (idem) foi desenvolvido com o objetivo de classificar o estilo de apego de adultos a partir da comparação com o estilo de apego presente na infância destes indivíduos. Este roteiro é composto de 20 perguntas abrangendo o relacionamento do indivíduo com figuras de apego da infância à vida adulta. Já o roteiro THE CAREGIVING INTERVIEW (idem) consta de 49 perguntas, abrangendo a relação do indivíduo com os filhos e a percepção da experiência da maternidade.

Ambos os roteiros foram importantes porque têm, como fundamentação, a Teoria do Apego, e abordam os temas principais enfocados nesta pesquisa (apego, luto e sistema cuidador), e favorecendo um aprofundamento da análise quanto ao estilo de apego, aos modelos operativos internos e ao estilo de cuidadoras das entrevistadas.

Porém, estes roteiros não foram adotados na íntegra, principalmente, quanto aos critérios de análise utilizados, que se chocam com o objetivo desta tese, uma vez que buscam classificar o padrão de apego em diferentes momentos da vida do indivíduo (infância, adolescência e vida adulta) para estabelecer comparação e avaliar critérios de estabilidade e mudança do padrão, ou ainda, classificar o sistema cuidador e compará-lo ao sistema de apego, como acontece no roteiro THE CAREGIVING INTERVIEW (GEORGE e SOLOMON, 1996).. Sendo assim, os critérios de construção e interpretação destes roteiro fundamentam-se numa noção causalista, que busco superar nesta tese.

As categorias relativas ao estilo de apego das pessoas entrevistadas, serão utilizadas nesta pesquisa, apenas como uma convenção, pela qual, posso ilustrar e avaliar o processo de mudança e estabilidade relativo aos sistemas comportamentais em questão. Sendo assim, o propósito deste trabalho não é validar uma taxonomia absoluta do estilo de apego de pessoas que foram abandonadas por suas figuras de apego. Desta forma, uma vez que os roteiros A.A.I.(GEORGE, KAPLAN E MAIN, 1996) e C.I.(GEORGE E SOLOMON,1996) se limitam a uma taxonomia, pura e simples, tornam-se insuficientes para os objetivos postulados nesta tese e, por isso, foram utilizados apenas como base na formulação do Roteiro de Entrevista: FORMAÇÃO E ROMPIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS ENTRE PAIS E FILHOS (ANEXO 3), adaptado à nossa cultura, buscando superar a noção de causalidade, implícita na classificação, e investigar fatores que influenciam o desenvolvimento dos sistemas comportamentais de apego e de cuidados.

Além disso, o roteiro THE CAREGIVING INTERVIEW – C.I. (idem) nunca foi aplicado na população brasileira e necessita ser adaptado ao nosso contexto cultural, ao passo que, o roteiro ADULT ATTACHMENT INTERVIEW (idem) já foi

traduzido e adaptado para ser utilizado em outras pesquisas (CASELLATO, 1998, SANTOS, 2000).

Finalmente, o Roteiro de Entrevista: FORMAÇÃO E ROMPIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS ENTRE PAIS E FILHOS, desenvolvido, especificamente, para este trabalho constou de perguntas formuladas, numa primeira etapa, relacionadas ao sistema de apego e, numa segunda etapa, com a finalidade de investigar o sistema de cuidados e sua relação com o sistema de apego e com o abandono:

TEMAS DO ROTEIRO DE ENTREVISTA:

FORMAÇÃO E ROMPIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS ENTRE PAIS E FILHOS

ETAPA 1 – COMPORTAMENTO DE APEGO

Foram formuladas vinte questões que abordavam os seguintes temas:

(a) Dados de identificação;

(b) Relacionamento com pai e mãe durante a infância;

(c) Experiências com outras figuras de apego;

(d) Situações de perda na infância;

(e) Exploração dos sentimentos e pensamentos relativos ao abandono e suas consequências.

ETAPA 2 – COMPORTAMENTO DE CUIDADOR

Foram formuladas sessenta e quatro questões que abordavam os seguintes temas:

(a) Caracterização da situação familiar;

(b) Relacionamento com filhos;

(c) Sentimentos de raiva e culpa;

(d) Sentimentos de prazer e segurança com relação aos filhos;

(e) Influências no relacionamento com os filhos;

(f) Situações de separação rotineira com relação aos filhos;

(g) Reações a separações;

(h) Influência de outros relacionamentos ou situações para a relação com os filhos

(i) Influência de outros relacionamentos ou situações para a elaboração do abandono vivido na infância;

(j) Abertura para outros temas emergentes.

Num primeiro momento, foi realizada uma entrevista-piloto, na qual foi possível rever questões como:

(a) tradução e adaptação à cultura brasileira das questões originais do CAREGIVING INTERVIEW (GEORGE e SOLOMON, 1996).;

(b) tempo de entrevista e necessidade de realizá-la em duas etapas, em dias distintos; e

(c) revisão da relação entre os objetivos do estudo e os objetivos do instrumento de pesquisa formulado.

Em seguida, foi realizada uma segunda entrevista-piloto[23], na qual foi possível avaliar a adequação do instrumento às necessidades e objetivos da pesquisa.

[23] As entrevistas-pilotos foram realizadas com pessoas que se interessaram em participar da pesquisa por meio da divulgação, mas cujos perfis não se adequavam aos objetivos da pesquisa. Nos dois pilotos, a entrevista foi testada com pessoas que eram mães, mas que não tinham vivido nenhuma experiência de abandono, mas que se interessaram em particpar porque queriam falar sobre a experiência de maternidade e da relação com os filhos.

A terceira etapa, referiu-se à coleta de dados, na qual, finalmente foram realizadas as três entrevistas.

Como já foi citado, cada uma delas foi realizada em dois momentos de entrevistas distintos[24] tendo como critério a longa duração das entrevistas. Tais etapas foram realizadas em dias diferentes, sendo que em cada etapa a entrevista teve, em média, duas horas de duração.

7.5. Procedimento para análise dos dados

O procedimento adotado foi a análise de conteúdo, tendo como fundamentação a abordagem de Bardin (1970).

Segundo a autora, a análise de conteúdo busca manter categorias de fragmentação da comunicação para que a análise seja válida. Para tanto, deve seguir regras, mesmo que, raramente, estas sejam seguidas a risca; entre elas: diferenciar conteúdos de natureza e classificação diferentes; esgotar a totalidade do texto, lendo-o exaustivamente; um mesmo elemento de conteúdo não pode ser classificado, aleatoriamente, em duas categorias distintas. Além disso, a classificação deve ser adequada ao conteúdo e ao objetivo da pesquisa.

A escolha por este instrumento é a pertinência de um olhar espontâneo e imediato. Além disso, busca, pelo método de análise sistemática, verificar o sentido da confirmação, para servir de prova ou sustentação das afirmações propostas no objeto deste estudo.

---

[24] Na entrevista com Ana foram necessários três encontros, sendo que foram necessários dois dias para esgotar o tema *infância*, totalizando sete horas de entrevista.

A análise de conteúdo aqui empregada pretende ser uma análise dos significados (análise temática). A especificidade da análise de conteúdo não se dá apenas pela categorização e descrição, mas pela inferência, à qual estão submetidas as características encontradas no discurso. Definem-se aí três etapas para que a análise de conteúdo se constitua:

1) Descrição: enumeração de características do texto, resumida após tratamento;

2) Inferência: permiti a passagem explícita e controlada da descrição à interpretação e é determinada por diversas variáveis: sociológicas, culturais, relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem.

3) Interpretação: significação concedida aos dados encontrados.

Categorias de análise estabelecidas previamente:

A análise de conteúdo apresentada nesta pesquisa é estritamente temática. Foram criadas categorias temáticas relacionadas aos objetivos desta tese, que são:

Tabela 7. Categorias de análise dos dados coletados

CATEGORIAS ESTABELECIDAS PREVIAMENTE

1. Apego

- Contexto familiar na infância
- Comportamento de apego na infância
- Percepção da relação com a mãe
- Percepção da relação com o pai
- Estilo de apego
- Sentimentos em relação a figura de apego
- Sentimentos em relação a si
- Sentimentos em relação aos outros relacionamentos
- Outras figuras de apego
- Modelos operativos internos sobre si, os outros e o mundo
- Estabilidade e mudança do comportamento de apego na adolescência
- Estabilidade e mudança do comportamento de apego na vida adulta

b) Características do Abandono

- Percepção do comportamento dos pais
- Consequências do abandono
- Reação e enfrentamento
- Manifestações de luto
- Processo de luto
- Suporte Social
- Situações de risco

c) Outras perdas ou situações de risco

- Reações destas perdas

d) O comportamento de apego na vida adulta

- Contexto Familiar
- Figuras de Apego
- Estilo de Apego
- Percepção da relação com a mãe
- Percepção da relação com o pai
- Características dos relacionamentos de apego
- Percepção do comportamento dos pais
- Percepção das consequências das experiências da infância na vida adulta
  - Da relação com o pai
  - Da relação com a mãe

f) O comportamento de cuidador na maternidade

- Relacionamento com os filhos
- Percepção sobre si mesma como mãe
- Percepção dos filhos
- Percepção do relacionamento
- Satisfação na maternidade
- Dificuldades como mãe
- Necessidades como mãe

- Sentimentos
  Raiva
  Culpa
  Medo
  Segurança
  Prazer
  Ambivalência
- Reação a separação dos filhos
- Revés no relacionamento
- Semelhanças entre mãe e filhos e influências na relação
- Diferenças entre mãe e filhos e influências na relação
- Estilo de cuidador
- Relação entre estilo de apego e de cuidador
- Experiências positivas e negativas na maternidade

e) Perdas na vida adulta
- Reações de luto
- Perdas Secundárias
- Suporte Social
- Situações de risco

f) Resiliência
- Resiliência
- Mecanismos de risco
- Mecanismos de proteção
- Influência do casamento
- Influência de outras situações ou relações percebidas como risco ou proteção

CATEGORIAS ESTABELECIDAS APÓS COLETA DE DADOS:
- Reverberações da entrevista

A organização da análise: dividiu-se em três etapas:

a) <u>pré-análise</u>

Implicou na formulação de hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentaram a interpretação final dos dados coletados nas entrevistas. Estas tarefas foram interligadas, mas não obedeceram a esta ordem exatamente. (Bardin, 1970)

Baseado nos pressupostos de Bardin (idem), o processo de análise dos dados iniciou-se da seguinte forma:

1- **Leitura Flutuante**: contato com as entrevistas já transcritas, deixando-se invadir por impressões e orientações. Pouco a pouco, a leitura foi ficando mais definida em função das hipóteses emergentes; da projeção da teoria sobre o material. Entre elas:

(a) processo de abandono, como experiência de perda que implica um processo de luto;

(b) abandono total e parcial, envolvendo diferentes situações de risco para luto, para reorganização do sistema de apego e, consequentemente, desenvolvimento infantil saudável;

(c) ligação entre o apego infantil, o apego adulto e o sistema cuidador;

(d) o fenômeno da resiliência, como um processo de superação, apoiado nos mecanismos de proteção, que minimizam os mecanismos de risco do abandono e suas consequências.

(e) E, por fim, a possibilidade de superação do luto pelo abandono e desenvolvimento de um sistema de cuidados responsivo, *apesar e por meio*, do enfrentamento da privação do amor e/ou dos cuidados maternos.

(f) A avaliação das entrevistas segundo os objetivos da pesquisa, que se submeteu às seguintes regras: da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência.

2- **Formulação de hipóteses e dos objetivos**.

a) <u>exploração do material:</u> Esta fase consistiu essencialmente na categorização e organização dos dados em função das regras previamente formuladas.

b) <u>tratamento dos resultados, inferência e interpretação:</u> As entrevistas foram registradas por meio de filmagem, com autorização prévia (ANEXO 2), por

escrito, para registrar o conteúdo do discurso, sem que a pesquisadora ficasse detida com anotações e com o intuito de permitir uma avaliação e percepção mais completa do conteúdo abordado na entrevista, incluindo manifestações comportamentais e emocionais. Não se trata de desenvolver uma análise léxica ou sintática, apenas tal escolha retrata o estilo pessoal de análise da pesquisadora, que se apoia também nos elementos não verbais durante o discurso. Os dados levantados além do conteúdo do discurso foram discriminados e discutidos ao longo da análise.

7.6. Cuidados éticos

Por meio de pesquisa desenvolvida em 2003 (AGUIAR et al.) pude refletir e discutir a RESOLUÇÃO N° 196/96 (Ministério da Saúde, 1996), enfocando os aspectos específicos da atuação com seres humanos e estendendo tais cuidados para a atuação com indivíduos enlutados. A Resolução incorpora os quatro referenciais básicos da bioética como exigência ética fundamental que foram garantidos nesta pesquisa, tanto na elaboração do roteiro de entrevista, como durante a coleta e análise de dados:

a) **Autonomia:** consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes. A pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade.

b) **Beneficência:** ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.

c) **Não maleficência:** garantia de que danos previsíveis serão evitados.

d) **Justiça e equidade:** relevância social da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Desta forma, esta pesquisa buscou garantir e preservar as especificidades da pesquisa em luto que são (PARKES, 1995):

- Trata-se de uma população vulnerável, mesmo que seja um luto vivido há muitos anos, ainda na infância, uma vez que isto pode aumentar o risco de prejuízos.
- Reconhecendo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente, buscou-se minimizar estes riscos ao máximo, cuidando da forma como o luto foi abordado durante todos os contatos com as entrevistadas e investigando as repercussões e mobilizações que pudessem ser negativas para as participantes, após a entrevista.
- Com o intuito de minimizar situações de vulnerabilidade no que se refere ao estado das pessoas que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido, tive o cuidado de ter alguns critérios de exclusão quanto à participação da pesquisa que foram citados acima.
- Tive como premissa a participação de pessoas somente com o seu consentimento livre e esclarecido e para tanto, observei se as participantes enlutadas poderiam não estar em condições de avaliar; ou sem capacidade de discernimento, podendo tanto aceitar, quanto negar a participação nas pesquisas/intervenções. A concordância foi reconhecida somente após

explicação sobre a pesquisa, objetivos, método, benefícios e riscos previstos, feita verbalmente e por meio de leitura em conjunto (entrevistadora e entrevistada) com o termo de consentimento (ANEXO 2).

➢ Outras condições foram garantidas:

♦ O reconhecimento da individualidade do processo de elaboração do luto e o cuidado, durante a coleta e análise dos dados, na medida em que tal condição dificulta a generalização e o recrutamento;

♦ A utilização de uma teoria específica e preparando-me como pesquisadora para lidar com esta população;

♦ A garantia à participante enlutada - que poderia sentir-se preocupada e com medo - da possibilidade, se necessário, da presença de alguém de sua confiança para reassegurá-la sobre a confiabilidade da pesquisa.

➢ Por tratar-se de uma pesquisa que investiga e aprofunda aspectos de uma condição de vulnerabilidade, tive alguns cuidados para preservar e não agravar tal situação:

♦ Justificativa da pesquisa muito bem fundamentada (relevância e benefício para a população enlutada).

♦ A pesquisa foi desenvolvida em indivíduos com autonomia plena.

♦ Indivíduos vulneráveis não foram considerados sujeitos desta pesquisa (ex: mães adolescentes e mulheres grávidas)

♦ Utilização de um método claro e cuidadoso, incluindo informações sobre as circunstâncias sob as quais o consentimento foi obtido (ANEXO 1).

♦ Foi prevista e comunicada para as participantes a possibilidade de risco e garantiu-se respaldo necessário, incluindo a possibilidade de

encaminhamento psicológico, se necessário. Porém este procedimento não foi necessário com relação às pessoas entrevistadas para esta tese.

♦ Com o intuito de garantir a total preservação de identidade das participantes, a transcrição completa das entrevistas foi anexada ao corpo deste trabalho, mas não está disponível no volume disponível (volume I) na biblioteca da Universidade. Somente a banca examinadora terá acesso a estes dados, que foram imprimidos e distribuídos num volume separado (volume II). Sendo assim, no *volume I* deste trabalho, os dados coletados foram apresentados de forma resumida para que os leitores compreendam a base das análises feitas.

7.7 Análise dos dados parciais

7.7.1 Análise da entrevista com Ana

O contato com Ana

Ana tomou conhecimento da pesquisa por meio do *e-mail* enviado para a rede de contatos na *Internet*.

Pelo fato de atuar profissionalmente na área de humanas, Ana já teve alguns contatos comigo, tendo participado de atividades acadêmicas nas quais a pesquisadora ministrou cursos sobre luto. Ao se disponibilizar para participar da pesquisa, conversamos sobre a possível interferência destes contatos, mas avaliamos que eles não eram empecilhos, na medida em que se caracterizavam por contatos profissionais, não havendo nenhum tipo de envolvimento emocional que pudesse contaminar tanto a entrevistada, como eu, ou que comprometesse a imparcialidade.

Ana demonstrou muita disposição em participar da pesquisa, adaptando seus compromissos aos horários marcados, sendo que utilizamos um período de sete horas, dividido em três encontros, para alcançar os objetivos do roteiro de entrevista aplicado.

O comportamento de Apego na infância

a) Contexto familiar na infância:

Ana pertencia a uma família de onze filhos, sendo que ela era a sexta, na ordem cronológica, e nasceu pouco tempo depois da morte de duas irmãs gêmeas.

Era uma família de nível socioeconômico alto. Seu pai era profissional autônomo e sua mãe, dona de casa. As crianças sempre estudaram em colégio particular e tinham muitos empregados que ajudavam nos cuidados do dia-a-dia.

b) Percepção da relação com a mãe:

- Mãe percebida como:

1. **Rígida**: Ana aponta que a relação com a mãe foi marcada por muita rigidez e aponta que esta característica gerava situações de desconforto e constrangimento para Ana, que interpretou como pouco interesse da mãe pelas necessidades dos filhos. Ana sofria, porque as regras estabelecidas pela mãe não podiam ser flexibilizadas de acordo com cada situação, ou com cada filho. Segue abaixo, um exemplo deste conflito:

> *"Ela era metódica, não podia sair da rotina…levantava, não, levantava não, acordava com a empregada, uma bandeja com um copo de café com leite que você ia tomar o leite era uma garantia de que você ia tomar o leite e não ia enrolar lá embaixo, entendeu? Aquilo para mim era…até embrulhava o estômago. Aí você descia, comia o pão… então fazia lição e enquanto não terminasse, não podia levantar. Às vezes, quando terminava, já tava na hora do almoço. E colégio de freira era aquelas coisas, teve uma época que o uniforme era um vestido engomado, depois mudou, saia prensada e camisa branca…quando chegava a hora de ir para escola, você já tava um mingau…você passava a manhã inteira e era assim, sabe? Você tinha que almoçar, depois você tinha que ir pra escola. Não tinha, não era assim, que você podia almoçar e tomar um banho. Eu via na escola, as minhas amigas chegarem de cabelo molhado, tinham acabado de tomar banho e eu tinha impressão que eu já tava assim, um mingau, entendeu?"*

2. **Brava**: A postura rígida também ficou associada a uma agressividade desmedida, que geraram distanciamento físico e emocional e dificuldade de se comunicar com a mãe, impedida por sentimentos como medo e ameaça.

Segundo Ana:

> …"*ela ficava brava sempre, tudo ela brigava, sabe?…ela brigava com a empregada, ela brigava com a gente, ela brigava com o meu pai. Parecia que ela tava sempre brigando, sabe? …eu não via ela relaxada com nada, sabe?…eu caí nesses espinhos e eu fiquei toda assim* (machucada)*…no braço e tal. Eu comecei a chorar e me levaram para enfermaria, eu lembro tão bem dessa situação! A moça lá lavava e tirando os espinhos e passou "mercúrio cromo", então o braço ficou todo vermelho, e eu não parava de chorar, e ela falava assim: "não tá doendo!" - "Não, é que eu vou chegar em casa e minha mãe vai ficar brava..." - ela não ia falar: "nossa, você caiu e machucou!", era: "nossa, você tá toda vermelha! Porque você tinha que fazer. Porque tinha que cair no espinho? Você tinha que se cuidar, sabe?. Ela nunca ia achar que você machucou porque machucou, era porque estava fazendo uma coisa errada. Então eu lembro dela sempre brava…"*

Neste relato, Ana aponta que sua percepção e expectativa acerca do comportamento da mãe era marcada pela rigidez e crítica. Ana entendia que se a mãe interpretasse alguma inadequação no seu comportamento (por exemplo: "cair no espinho") a consequência seria a irritação e rejeição por parte dela e que, mesmo se machucando, a mãe não conseguiria oferecer conforto e cuidados, mas apenas repreendê-la. Isto resultou num comportamento de exploração limitado pela insegurança e preocupação em não decepcionar sua figura de apego.

Esta percepção foi construída com base em experiências anteriores na interação com a mãe e passou a guiar as estratégias de comportamento de apego em outras situações semelhantes.

3. **Fria**: A relação com a mãe era, desde o início, privada de afetividade, seja no contato ou conforto físico, seja no acolhimento emocional. Segundo Ana:

…"Eu não lembro uma assim, uma situação, não lembro de nenhuma, é engraçado isso. Não lembro assim, de um carinho da minha mãe, não to dizendo em relação a mim. De repente, pegar um filho no colo, como eu faço com os meus filhos…Não lembro, não lembro numa vez da minha mãe chegar, dar um abraço assim; ai… tava morrendo de saudades, que bom que você voltou, sabe? Dava um beijo assim, sabe? … eu lembro uma vez que meu pai e minha mãe, sei lá, viajavam, iam pra um lugar pra descansar perto, sei lá, lugar x, lugar y, porque eles tinham mania de fazer essas coisas, né? E eu não sei porque, isso eu era pequena, eu lembro, eu era bem pequena, e eu fui tomar um lanche na escola e eu peguei um cesto de lixo e vomitei. Então o que a freira fez? Ligou pra minha casa, chamou o motorista, pra me buscar. Daí, eu cheguei em casa, meu pai e minha mãe já tinham chegado de viagem, já deviam estar em casa, eu devia estar tão nervosa e vomitei, vomitei de propósito pra ver meu pai e minha mãe e quando eu cheguei em casa, porque eles estavam lá, eu levei mó bronca da minha mãe! Porque eu tinha vomitado? O que eu devia voltar mais cedo da escola? Em vez de falar, ah, que legal, você já voltou, sabe? Eu fiquei tão assim, feliz que eles tinham voltado, e a recepção foi assim, uma bronca, sabe assim, uma coisa muito superficial, não tinha assim, afeto. Coisa de pegar, de beijar, de dar um abraço, não tinha isso…"

Mais uma vez o sentimento de rejeição aparece como saldo desta relação, marcada pela frieza e ausência, ou seja, por uma total indisponibilidade emocional por parte da mãe, gerando reações de ansiedade excessiva em Ana, como mostra o episódio do "vômito" no qual aparece a ansiedade ligada ao regresso dos pais, após uma breve separação, e ao medo de ser rejeitada, novamente, pela mãe. Porém, este medo não gera algum tipo de apatia e desistência de Ana de manter proximidade, mas, ao contrário, aparece a busca frenética pela atenção da mãe, ocupando boa parte da atenção de Ana na infância, mesmo quando está em outro contexto, como por exemplo, na escola.

4. **Nervosa**: Nesta afirmação, Ana aponta o nervosismo como uma condição inerente ao funcionamento da mãe, ou seja, não era exclusivo do relacionamento com ela, mas voltada para todas as pessoas ao seu redor. Ana percebe a mãe como uma pessoa com dificuldade de se relacionar, controladora em relação ao ambiente e às pessoas.

> *"Eu acho que com tudo ela ficava nervosa, sabe? Ficava nervosa, porque, sei lá, meu pai tava demorando pra chegar, ficava nervosa porque as pessoas não iam embora e ela tinha que tirar o almoço. Meu pai quando tava, todo mundo falava, então deixa aí, bota mais o prato na mesa, vamos almoçar. Ela ficava nervosa, não sei se era, tudo era motivo, parecia que ela tava ligada na tomada, tendo choque, sabe? Era a impressão que eu tinha, não via ela tranqüila, não tem uma imagem assim, dela numa boa, sabe? Tava sempre nervosa."*

5. **Fechada**: A dificuldade de relacionamento com a mãe é, mais uma vez, apontada por Ana, que se ressente de nunca ter tido espaço de troca, ou abertura para se comunicar com a mãe sobre questões íntimas. Foi com a figura do pai que Ana encontrou disponibilidade neste aspecto:

> *"Acho que tá tudo tão misturado, né? Eu acho isso, porque ela nunca foi de se abrir, nem a gente, se abria com ela, porque ela não dava essa permissão, ela não dava essa abertura. Nossa, quando a gente era adolescente, briguinha de namorados, qualquer coisa. Ela não dava essa abertura para você ir falar, ir chorar, coisa assim. E, por outro lado, eu também nunca vi ela se abrindo, mesmo depois, depois que meu pai faleceu, ela faleceu depois. Ela tava sempre fechada na dela, sabe? Era muito, muito contida. Ela tinha a vidinha dela, mas ela não se abria, acho que pra ninguém....ela passava por um problema, ela engolia e aquilo ficava… eu acho que com ela era isso, você, de certa forma, era obrigada a engolir, as coisas que você passava, o que você sentia, desde coisa bobinha: brigar com a amiga da escola... Não tinha para quem contar. Sabe, de você chegar da escola e falar: "olha, tô triste, minha amiga me bateu na escola…" sei lá, qualquer bobagem, não tinha isso."*

Ana aponta seu isolamento e sentimento de solidão em virtude da dificuldade de acessar a mãe, como base segura, para se apoiar em momentos de angústia e tristeza, gerando uma inibição de expressão por parte de Ana. Esta ausência de valorização de seus conflitos pessoais e de suporte social, favorecem a constituição de um modelo operativo interno *negativo* sobre si e sobre o outro. A meta fixada com relação à figura de apego é garantir sua atenção, independente da qualidade de interação estabelecida.

c) Percepção da relação com o pai:

Pai percebido como:

1. **Sensível**: Ana relata que o pai foi o contraponto emocional da mãe. A disponibilidade emocional foi constante pela ausência física, consequência da condição da vida profissional e, pela necessidade, segundo Ana, de mediar e equilibrar a frieza e os conflitos entre Ana e a mãe. Desta forma, Ana também reconhece que boa parte da sua percepção e atitude de valorização e idealização do comportamento do pai, deve-se pela carência que vivenciou com relação à mãe. Foi com o pai, que Ana viveu o primeiro modelo de afetividade, que foi internalizado e adotado em outros relacionamentos posteriores. Neste sentido, foi também a primeira base segura, na qual, Ana sentia que as suas emoções eram permitidas, aceitas e que podiam ser compartilhadas:

> *"...ele se emocionava com tudo, sabe? Mesmo com coisas alegres, tipo assim, cartão do dia dos pais…ele não se envergonhava em mostrar que ele chorava, sabe? …e era, isso que era diferente da minha mãe, ele punha pra fora e falava, assim, chegava a se emocionar…Se a gente fazia qualquer coisa, uma festa surpresa, alguma coisa, ele falava: "olha, vou fazer um discurso!" - ele não conseguia, engasgava, chorava, então, ele se emocionava, assim, todo mundo gozava, vamos dizer meus tios gritavam: "ele vai chorar, ele vai chorar!" Sabe? Então eu acho que ele sempre foi uma pessoa meio sensível".*

2. **Brincalhão**: Talvez esta qualidade tenha sido a maior herança que Ana recebeu do pai. O ambiente familiar tornava-se prazeiroso e afetivo quando o pai entrava em cena, ou seja, a tensão e a ansiedade vividos com a presença da mãe, davam lugar para o comportamento exploratório e para o comportamento de apego encontrarem um balanceamento equilibrado na relação com o pai.

Ana aponta, a seguir, a manutenção desta qualidade do relacionamento com o pai, na vida adulta, e a importância que isto teve para seu desenvolvimento:

> …"*eu já era casada, os meus dois filhos, não lembro a idade, sei lá, crianças grandes já eram crianças grandinhas, né? Ele foi na minha casa e eu lembro, eu acho que era churrasco, a gente tava todo mundo na piscina e ele e minha mãe vieram, eles tavam de roupa, né?… ele me puxou, me sentou no colo e fazia assim, "cavalinho" e falava: "eu lembro quando eu fazia cavalinho com vocês!', então, sabe, eu já era uma mulherona com um filho grande, ele sempre foi de carregar, de botar no colo, de brincar, de beijar, de abraçar, sabe? …quando pequena… por exemplo, ele montava, né? Então quando ele chegava da hípica ele fazia de propósito que a bota não saía, então, vem tirar a bota...então brigava pra tirar, então puxava, fazia assim com o pé, vamos fazer cavalinho, coisas assim, sabe? Acho para as pequenas coisas, ele tinha uma brincadeira. Eram muito sutis, eram assim na convivência, eu não lembro assim ...ah aconteceu alguma coisa, acho que em tudo que ele fazia ele envolvia alguma brincadeira, um carinho..."*

3. **Carinhoso**:

Ana descreve abaixo a constância do comportamento afetivo do pai, ponto de referência para o acolhimento, conforto e reparação dos conflitos com a mãe. Neste contexto, cada vez que mãe e filha se chocavam, Ana reforçava a idealização do pai, que assumiu um papel de mediador. Assim como todo papel assumido, este era necessário para a estruturação do sistema familiar e, especificamente, para o pai de Ana que, inconscientemente, colaborava para a manutenção desta relação triangular conflituosa, com ganhos e perdas secundárias.

> *…"Ele impunha um respeito, mas ao mesmo tempo ele não deixava de ter aquela coisa carinhosa, de vir, de abraçar. Quando a gente ficava na chácara, ele vinha no fim de semana, sei lá, de quarta feira, dormia lá e voltava na quinta de manhã e daí voltava no fim de semana. Quando a gente sabia que era dia que sabia que ele ia chegar, ficava esperando, né? Ele sempre chegava a noite. Ele sempre passava, carregava no colo, beijava, sabe? Sempre tinha, sempre assim, com carinho, com afeto, sabe? Em qualquer situação ele tava pegando, tava beijando, abraçava, punha no colo, com todos eu acho. Eu acho que isso é uma coisa que eu lembro muito. Sabe, até alguma situação que eu tava assim, brava com a minha mãe, tava de castigo, tava chorando, qualquer coisa, depois quando ele chegava, ele via a minha cara de, por exemplo, eu brigava, qualquer coisa, ele ia lá. Punha no colo, beijava, sabe?"…*

4. **Justo**: As duas faces da mesma moeda: a imparcialidade. Se por um lado, Ana percebia que o pai era justo porque buscava não se envolver nos conflitos, principalmente entre Ana e a mãe, compreendo que ela sentiu falta de um posicionamento mais claro do pai com relação às atitudes da mãe, muitas vezes injustas. Ana sentia falta de alguém que a defendesse. O pai acolhia, mas não protegia.

…"Eu acho que justo, acho que justo, ele tem alguma, vamos dizer, em alguma coisa em que ele tinha que ser o juiz da briga ele era muito imparcial, ele não ia pro lado de um nem do outro ele era é isso, é isso...assim, ele era uma pessoa muito sensível… e ele sempre foi meio mediador, sabe? Ele sempre, às vezes minha mãe fazia absurdos, que ele tava enxergando os absurdos que ela tava fazendo. Ele vinha, botava no colo, abraçava, falava, deixa, sua mãe tá nervosa, sua mãe é nervosa de mais, nervosa mesmo. Então sempre tive muita afinidade com ele, muita. Acho que é bem aquela coisa da compensação, tudo o que eu não tive do lado da mãe, eu tive, não sei nem se conscientemente, às vezes inconscientemente ele sabia e tentava fazer papel dos dois, além de ser pai."…

Avalio que a privação materna era reforçada pela triangulação do relacionamento afetivo de Ana com os pais: num vértice, a "madrasta", no outro, o "pai ausente", e complementando, a criança "indefesa". Aqui, como no conto de fadas *"Chapeuzinho Vermelho",* a figura materna deixa de ser a *salvadora,* e passa a ser *destruidora*. Na história de Ana, a mãe representa duas entidades separadas – uma que se *deseja* como fonte de amor, e a outro que se *teme* por representar a ameaça do abandono.

A relação distorcida com a mãe ao longo da infância influenciou o desenvolvimento emocional de Ana, na medida em que ela não desenvolveu uma relação de confiança básica com sua figura de apego, apesar de sua presença física e em decorrência desta falta de responsividade por parte da mãe, Ana explorou o espaço e o mundo com muita preocupação e ansiedade.

Observou-se ao longo do relato de Ana, que a vivência infantil de experimentar o mundo como absolutamente prazeiroso (ao lado do pai) ou

intensamente infernal (ao lado da mãe) extrapolou o nível da fantasia infantil e passou a se tornar uma terrível realidade de rejeição e abandono.

…"Então, por isso que eu acho que ele sempre foi justo, quando eu levei bronca, eu merecia a bronca, assim, não era sem motivo, e a minha mãe não. Minha mãe não, eu sempre era envolvida na coisa, ela protegia a minha irmã mais velha, então eu tava sempre errada porque minha irmã era malandra...então eu não podia falar a minha versão, eu já levava bronca e já ficava de castigo direto. Então, acho que isso, nunca senti meu pai favorecendo nenhum dos filhos, sabe? Nem em relação a mim e nem em relação aos outros. Ele se envolvia assim, que às vezes a gente tá brigando, ele ia lá e resolvia, ou ele via quem estava errado, o negócio, do brinquedo, sei lá…"

5. Severo: A figura paterna foi percebida como um modelo adequado de autoridade, dosando limites com respeito. Na mesma medida em que Ana buscou ressaltar a rejeição da mãe a cada memória apontada, ela ressaltou a afetividade, humor e proximidade com o pai:

…"Ele tinha a parte dele assim, eu não diria severo, mas autoritário, sei lá, uma coisa assim, ele impunha um respeito, sabe? Na mesa, quando a gente tava na mesa, sabe? Ficava um irmão cutucando o outro, num podia falar palavrão e eu repetia alto e ele falava, não fala, te belisco embaixo da mesa; um irmão brigava com o outro, sabe, aquela coisa boba? Ele olhava da ponta da mesa e c/ olhar ele, impunha…por mais bravo que ele ficasse com alguém, ou comigo, qualquer coisa, ele brigava, sei lá, tirou nota baixa na escola, ele dava bronca, mas dali a pouco, você via ele rindo, ele cantava…."

e) Comportamento de apego na infância

Ana demonstrou comportar-se de forma ansiosamente apegada em relação a mãe e, ao mesmo tempo, apresentou relatos de comportamentos de evitação com relação a ela, principalmente, após experiências repetidas de rejeição e ausência emocional.

Ana evidencia a atitude de tratar estranhos ou figuras menos significativas de sua vida, de modo mais amistoso do que o que fazia com a própria mãe. Mostra ser cautelosa ou aflita, mesmo antes das separações, em relação à mãe, com baixo índice de comportamento exploratório. Preocupada com a mãe e com suas possíveis

reações de rejeição ou crítica ao seu comportamento; demonstrou um misto de irritação e passividade. Não estabelecia momentos de conforto e proximidade com a mãe, o que gerou um aumento de quantidade de estratégias utilizadas para atingir a meta com relação à mãe, focalizando sua atenção nela, sofrendo em sua ausência e não retornando ao comportamento exploratório, após momentos de reunião com ela.

A relação de apego com a mãe era marcada por uma constante indisponibilidade emocional da figura materna, frequentemente percebida por Ana como *rejeitadora*. Segunda a entrevistada, a mãe não estabelecia contato físico e demonstrava irritação e afastamento quando Ana demonstrava algum tipo de dependência ou solicitava sua presença.

…"E eu lembro assim, de estar em casa, de estar dolorida, de não ir pra escola e assim, minha mãe, mas só por causa da perna você não vai? Sabe, uma coisa assim, eu não sentia uma coisa, ai, coitada, sabe? Não teve esse xodozinho, né?…
…"eu acho isso, porque ela nunca foi de se abrir, nem a gente, nem se abria com ela, porque ela não dava essa permissão, ela não dava essa abertura. Nossa, quando a gente era adolescente, briguinha de namorados, qualquer coisa. Ela não dava essa abertura pra você ir falar, ir chorar, coisa assim…"

Era uma ligação na qual Ana interagia com ansiedade, medo, preocupação, culpa e baixa auto-estima:

…Eu ficava tentando fazer tudo da maneira que ela quisesse pra não dar uma pisada por ela ser muito rígida, né? Mas era assim, Por exemplo na escola, eu era uma boa aluna, mas muito levada...
…Eu nunca fui de sentar e estudar, porque eu prestava atenção na aula, fazia a prova e ia bem, porque eu era muito rápida, mas eu era…sabe, eu não conseguia ficar sentada na cadeira, tava sempre inventando uma brincadeira, gostava de sentar no fundo. Aquelas coisas de moleca. Então assim, e freira também, era um saco, então assim, tinha nota de comportamento, delicadeza e ordem, uma besteira. Então as notas, vinham as notas altas, de ordem; vinha quatro, três, nossa! E a minha mãe acho que quase me matava. Então ela falava assim: "você vai vê, você vai pro colégio interno igual os seus irmãos" – uma coisa assim, ameaçadora, sabe? Eu já me sentia assim preterida e ainda vão me tirar de cena! Era uma coisa inacreditável, eu não sei se ela pretendia mesmo ou se só ameaçava, era uma coisa difícil pra mim aceitar isso…

Desta forma, afirmo que a parceria corrigida para a meta, estabelecida entre Ana e sua mãe, segundo o modelo operativo interno desenvolvido por Ana, caracterizava-se pela seguinte estrutura:

PARCERIA CORRIGIDA PARA A META: Ana e sua figura de apego principal

ANA

Meta fixada: proximidade com a mãe

Estratégias: evitar desagradar, ser obediente, disputas com a irmã mais velha

⇓ ⇑

MÃE DE ANA

Meta fixada: evitar proximidade com Ana

Estratégias: afastamento físico e emocional; isolamento social, agressividade, punição indiscriminada

Sendo assim, afirmo que esta parceria tinha como resultado, um razoável nível de frustração de ambas as parceiras, na medida em que suas metas não eram atingidas, mas ao contrário, eram inviabilizadas pela outra figura. Modelos operativos internos de si e do outro tendem a ser negativos a partir de experiências sucessivas vividas sob estes moldes.

Por outro lado, Ana supriu esta ausência emocional com a afetividade da figura paterna, que apesar de pouco presente, fisicamente, demonstrava muito amor e prazer na companhia de Ana:

> *Sabe, eu era muito agarrada a ele porque eu nunca tive acesso à minha mãe. Então eu nunca tive assim um carinho, eu nunca tive uma mãe que eu pudesse chegar, aí olha, tô namorando, briguei com não sei quem, briguei com namorado, não eu nunca tive isso, nunca. São coisas assim, acho que muito assim, contrabalançadas, né? Acho que meu pai supriu o que eu não tinha dela.*

Além disso, Ana estabeleceu uma relação íntima e disponível com uma vizinha, a quem Ana apelidou de “vó torta”, que era sempre requisitada quando Ana necessitava de carinho e proteção, ou mesmo, compartilhar suas intimidades. Estas

relações foram as primeiras experiências de disponibilidade emocional que Ana viveu em sua vida, tanto no aspecto qualitativo quanto no quantitativo.

Quanto às separações, Ana descreve que era comum episódios de separação da mãe e do pai por períodos curtos (alguns dias), nos quais, o casal realizava viagens curtas sem os filhos. Ana relatou sentir excessiva ansiedade com relação ao regresso dos pais, ao ponto de ter reações somáticas nos dias que antecediam o reencontro com eles.

Na vida adulta, Ana demonstra uma forte manifestação de sentimentos de raiva e mágoa com relação a mãe. Demonstra também, ser incapaz de ver sua própria responsabilidade no relacionamento com a mãe, se afirmando numa posição passiva na interação.

Apresenta uma intensa ansiedade de separação, medo de ser abandonada e excessiva dependência das figuras de apego da vida adulta. Apresenta uma preocupação constante em agradar e garantir o amor do outro, por meio de um comportamento zeloso e adequado, tanto em relação à mãe, como em relação à outras pessoas, como marido, filhos e amigos.

A Teoria do Apego nos ajuda a entender este processo, quando nos mostra que a experiência afetiva se baseia na experiência de familiaridade e a formação dos modelos operativos é resultante destas relações com os pais e, consequentemente, da experiência de abandono, que, neste caso, resultou num estilo de comportamento de apego *inseguro e ansioso* internalizado por Ana, marcado por estratégias para evitar o abandono e por uma constante insegurança com relação a conquista do amor de alguém.

- **Sentimentos em relação a figura de apego**

Ana aponta durante a entrevista, que os sentimentos mais predominantes com relação à mãe eram insegurança, ansiedade, medo, raiva. Estes sentimentos, com já foi dito, surgiam em decorrência da indisponibilidade e rejeição afetiva por parte da figura materna.

- **Sentimentos em relação a si**

Ana se sentia culpada por entender que não agradava ou correspondia as expectativas da mãe. Tinha uma percepção de si mesma, pejorativa, com um baixa auto-estima, julgando-se inadequada e deslocada do ambiente familiar. Isto porque, com exceção do pai, Ana sentia-se rejeitada e excluída por todos os outros membros da família.

- **Sentimentos em relação aos outros relacionamentos**

Em outros relacionamentos, repetia-se a insegurança, baixa auto-estima e o sentimento de rejeição:

…Que parecia eles estavam querendo me cortar mesmo do, vamos dizer, do ambiente. Então era, foi uma coisa muito difícil pra mim. A gente teve muitos anos um casal de empregados, né? Que era assim, ele motorista e lavava quintal e ela acho que era copeira. E ela era terrível como a minha mãe, uma empregada chata, eu não gostava dela, daí ela começava…vou contar pra sua mãe, sua mãe vai chegar, vou contar pra sua mãe. Ela viajava e deixava a gente com esses empregados, né? Daí um dia, eu lembro tão bem, eu falei assim, a gente estava jantando ou almoçando, tava na copa e eu falei assim, ah, hoje eu fiquei boazinha, né? Agora você vai contar pra mamãe que eu fiquei boazinha, não fui boazinha? Não, vou contar pra sua mãe que você foi uma peste, sabe? Era assim, eu sentia como se fosse um complô, porque por mais que eu falasse qualquer coisa, tudo era muito igual a minha mãe, ela era meia puxa saco da minha mãe. Então lembro assim, eu fazia uma força pra ser querida e nem isso, a empregada falava, não eu vou contar pra sua mãe, quando sua mãe chegar, você vai levar, não isso, que aquilo. Então eu sentia rejeição sim. É, alguém por exemplo tinha dor de garganta, eu via a minha mãe fazer qualquer mimo, e eu ficava com dor de garganta, ah não, isso aí toma remédio e vai pra escola. Não vai faltar na escola não, sabe?…

- **Outras figuras de apego**

Ana aponta que, além da mãe e do pai, uma vizinha desempenhou o papel de cuidadora substituta e era considerada uma "vó torta", que cuidou de Ana, principalmente, numa fase em que a mãe esteve hospitalizada:

Então, eu praticamente, fui meia criada pela vizinha ela virou uma vó torta pra mim, era uma portuguesa, com duas filhas solteironas, então eu lembro assim, tudo acontecia na casa delas. Eu aprendi a andar na casa delas, perdia dente na casa delas, eu vivia no vizinho, ia no vizinho, a hora que o marido dela chegava do trabalho, sabe? Ela era, praticamente, a minha avó, era, praticamente a minha casa…

… Eu lembro das pessoas falando que eu não tinha mamado, que às vezes, a vizinha provocava a minha mãe, perguntando por mim e falava assim, ah, ela ta lá no quadrado. Tinha um terraço, ela me punha no quadrado, me largava lá, ficava ali no quadrado. Do quadrado eu não saía, né? O que elas faziam? Elas vinham, me pegavam, levavam pra casa delas, daí falavam assim, ah, cadê o nenê? Aí minha mãe falava, no terraço: "ah, a senhora é louca, deixa a menina no terraço, daqui a pouco alguém passa aí e pega, minha mãe, imagine, imagine, não sei o quê". E um dia elas fizeram isso, minha mãe, foi olhar no quadrado e eu não tava. Sabe, nem, era uma coisa que ela nem ligava entendeu? Eu não sei se ficou muito marcado toda essa situação de, essa situação desse acidente também, ela precisava de cuidados mais médicos e não podia cuidar de mim, então foi uma coisa, acho que eu devo Ter sentido que eu era jogada, pra lá e pra cá, meia cuidada pelos vizinhos e pelas empregadas. Num tinha uma coisa assim, um relacionamento com mãe…

Neste relato, Ana descreve a relação com esta figura de apego subsidiária, com a qual demonstrou estabelecer intimidade e confiança suficientes para poder aumentar seu repertório de comportamento exploratório com mais despreocupação, prazer e segurança. Além disso, Ana relata que o relacionamento com uma das filhas desta "avó torta", que não se casou e continuou morando lá; foi também bastante significativo no que se refere-se a acessibilidade e disponibilidade emocional:

E: Você recorria mais a elas?
Ana: Recorria.
E: De que forma? Buscava atenção, carinho?
Ana: "Ai, acho que tudo. E o meu pai, por mais que eu tivesse uma ligação muito forte, era aquela coisa, ele ia trabalhar, não tava em casa o dia inteiro. Minha mãe não trabalhava, era aquele esquema super antigo, nunca dirigiu, nunca. Só andava de vestido, não punha calça comprida, usava sempre vestido, sabe uma coisa assim, coisas do tempo do onça, né? Então, no fim, eu tinha que recorrer a alguém mais próximo mesmo, né? Às vezes, quando dava ou a noite eu falava, reclamava, uma coisa assim. Na coisa do dia-dia de correr, de conversar, de pedir socorro, eu acho que eram elas…"

Ana relembra também o relacionamento com o avô materno, que também desenvolveu um laço afetivo com ela:

…"Eu gostava muito do meu avô materno, né? Os paternos eu não conheci, ele ficou viúvo. E ele vinha em casa toda dia na casa da minha mãe, ele sentava no sofá e quem chegasse da escola, começava a contar histórias tatata, tetete e depois ele dormia. Minha mãe tinha quatro irmãos, só que uma não casou, era solteira então não conta, eram três, cada dia ele jantava na casa de um desses três filhos, era rodízio, ai meu deus, todo dia, ele ia pra cidade, na Bomboniere, comprava o mesmo chocolate, anos e anos e anos e levava na casa de quem ele ia jantar, mas todo dia, porque ele ia cedo, né? Porque as pessoas tavam ocupadas, né? No trabalho, sei lá, ele ia na casa da minha mãe e passava a tarde inteira, depois alguém levava para a casa que ele ia jantar. Ele era uma pessoa assim, muito alegre, a gente nunca chamou ele de avô, ele queria que a gente chamasse ele pelo nome e eu lembro assim eu era criança e ia na casa de alguém falava assim, cadê o Antônio dessa casa? A gente não associava não sabia que era nome, então Antônio era vovô, né? Também gostava muito dele e eu acho que essas duas foram as pessoas mais chegadas, né?"…

e) Separações rotineiras

Duas situações de separação marcaram a relação com sua figura de apego; uma rotineira, que se tratava de uma viagem para um acampamento durante as férias e uma excepcional, durante um ano em que Ana morou sozinha em outro país quando era adolescente:

"…Bom, lembro de acampamento de férias, imagina, acho que essa primeira vez que eu fui, acho que era uma semana, 10 dias, que eu fui pro acampamento ... foi super difícil! Sabe, era difícil porque, de repente, você conviver com gente que você não conhece, no fim passa, durante o dia, passa, mas assim, a noite era muito difícil. Eu sentia saudades, e depois, os meus irmãos mais velhos sempre foram pro acampamento, aí eles iam nas férias, assim, acho que era julho que era um mês, uma coisa assim; quando eu tava lá eu gostava, depois eu via gente conhecida que ia sempre, mas pra mim era uma coisa meia, meia forçada, sabe…?
…Depois eu passei um ano fora, fui pro país A, eu acho, também, acho que foi bastante difícil. …Eu já tinha uns, acho que uns 17 anos, 16, 17 anos… "

Na primeira experiência, na ocasião dos acampamentos de férias, Ana relatou sentir-se muito insegura e ansiosa. Não havia uma comunicação prévia sobre os desejos ou dificuldades de Ana com relação a separação e, além disso, o período de separação era maior do que Ana sentia-se capaz de administrar. Sentimentos como saudade, tristeza e solidão eram acirrados pela falta das visitas dos pais durante o período permitido. O reencontro, pouco caloroso e confortante, só acontecia em casa, já que os pais não costumavam buscá-la no local, como Ana desejava.

Já na adolescência, Ana foi morar por um período de um ano em outro país, por vontade própria e porque seus pais queriam afastá-la de um namoro que estava difícil de manter sob controle. Entendo que este talvez tenha sido um dos primeiros movimentos de Ana para romper a barreira entre a dependência e a autonomia, mantida, até então, pelo senso de incapacidade e insegurança. Apesar da quebra da rotina de interação com a família e, especificamente, com os pais, Ana demonstrou testar o amor da mãe, tentando avaliar as reações da mesma após o distanciamento físico, mas observou o mesmo resultado; frieza e desinteresse, que marcaram a convivência com a mãe:

> *…" Eu lembro assim, as cartas da minha mãe, eram muito assim, relatório, sabe? O fulano foi não sei aonde, era uma coisa muito, contando o que aconteceu durante a semana. E do meu pai não, do meu pai era, acho que as perguntas eram diferentes, Ah você tá gostando, não tá? Você tá triste, você tá alegre? Sei lá. E eu lembro várias vezes de ter escrito cartas pro escritório dele, tipo assim, me desabafando, em vez de mandar pra minha mãe...não era uma coisa assim, que ela tava sentindo falta, ela punha embaixo, mas era tão automático, ah, estamos todos com saudades, beijos mamãe, uma coisa assim. E uma coisa que ficou muito, nesse período quando meu pai e minha mãe fizeram bodas de prata, a minha mãe fez festa, tudo, eu acho que ela podia ter esperado eu chegar, alguma coisa assim. Ela fez festa mesmo na data que era e teve aquela coisa de ter missa, e meus irmãos entraram tudo igual noiva, sabe? E no meu lugar entrou uma prima minha. Então no álbum inteirinho tem foto da minha prima e eu não tou, sabe? Uma coisa, e essa minha prima era afilhada da minha mãe. Então a minha mãe tinha todo um xodó, com ela, eu sentia uma coisa, sabe, que pra mim, como adolescente, foi uma coisa difícil, aceitar….*

A relação com o pai também funcionava nestas situações, como substituição, acolhimento e defesa contra a hostilidade da mãe.

f) Modelos operativos internos sobre si, os outros e o mundo

Ao longo do tempo, estas experiências vividas na infância, algumas repetidas na adolescência e vida adulta, foram interpretadas e organizadas, emocionalmente, por Ana, resultando no seguinte esquema de modelos internos operativos:

O significado atribuído a estas interações resultou na compreensão de que é mais confortável e seguro ser o *cuidador,* e que só por meio de atitudes exageradas

e constantes de atenção e carinho para com os outros é que se podia garantir o amor destes (evitar o abandono).

Aponto que estas experiências vividas com o pai e com a “vó torta”, foram contrapontos na experiência de apego e enfraqueceram o caráter de rejeição da ligação com a mãe.

A integração destes modelos opostos e complementares, parece ter resultado em modelos internos múltiplos e conflituosos sobre si, sobre a relação com os outros e sobre o mundo, caracterizando uma tendência para um estilo de apego do tipo *inseguro e ambivalente*.

g) Experiências de estabilidade do apego na adolescência

Da infância ao início da vida adulta, o estilo de interação de Ana com suas figuras de apego, principal e secundárias se manteve e foi reforçado por outras experiências, compreendidas aqui, como situações de risco para o desenvolvimento do apego de Ana:

No relato abaixo, Ana aponta seu conflito com a irmã mais velha, que também era muito pouco afetiva e ciumenta, e com a qual tinha uma relação que incrementava a baixa auto-estima de Ana:

…A adolescência foi assim, eu era um terror, porque vivia brigando com a minha mãe. Então eu acho que essa história teve uma continuidade muito comprida, sabe? Uma coisa que não foi resolvida.

E: Se arrastou?
ANA: É. Então acho que é por aí, ficou aquela coisa e meu pai acho que tentava, meio compensar esse outro lado, então eu tinha nele uma figura assim, muuuito carinhosa, muito querida. E às vezes, acho que depois conversando, depois de grande agora que meu pai e minha mãe já são falecidos. Um dos meus irmãos falou, você era a queridinha do papai. Sabe, eu era muito agarrada a ele porque eu nunca tive acesso à minha mãe. Então eu nunca tive assim um carinho, eu nunca tive uma mãe que eu pudesse chegar, aí olha, tô namorando, briguei com não sei quem, briguei com namorado, não eu nunca tive isso, nunca. São coisas assim, acho que muito assim, contrabalançadas, né? Acho que meu pai supriu o que eu não tinha dela…

> …"*Que irmão mais velho faz e fala que você é adotada. Adotada e eu não sei porque, alguma coisa, acho que eu fiquei meio impregnada, eu não sei como, falar isso, mas era uma coisa...por exemplo, os irmãos mais velhos brincavam, deixavam eu brincar. Então vamos brincar de casinha, minha casa tinha um gramado enorme, então andava de bicicleta dentro da casa, casa, né? É, ta bom, vamos brincar de casinha, você é o pai, eu sou a mãe, nan nan nan, eu falava, e eu? Você é a empregada, ah tá bom, eu sou a empregada. Ah, hoje a empregada tá de folga, não vai. Entendeu? Sabe aquela coisa? Então era assim, uma coisa de te excluir, daí você é adotada, você é adotada. Teve uma boa época que eu cheguei a pensar, não é possível, eu não tinha esse tipo de raciocínio, mas eles me cortavam das brincadeiras quando eu era criança, e a minha mãe tinha toda essa coisa...e eu sentia, eu sentia, que, sabe?*
>
> **. . .** *Minha irmã era tão sacana que ela sabia…Sabe, ela ficava fazendo coisa e me deixava assim, insegura, sei lá, indecisa, ela fazia esse tipo de jogo, sabe? E qualquer coisa, se eu falasse, ah, bom, não, ela que resolvia onde ela queria dormir, a que sobrasse era eu, sabe? Se eu falasse, ah eu quero dormir ali, não, ela que decidia onde ia dormir. Esse tipo de situação e eu acho que ela, lógico, ela três, quatro anos mais velha que eu e ela sacava, essa coisa que a minha mãe tinha mais o xodó com ela do que comigo, então ela jogava muito com isso. Ela fazia jogo. Ela sabia que quem ia levar era eu"…*

Nestes relatos, Ana demonstra que na adolescência conseguiu dominar o medo e diminuiu a passividade frente a figura da mãe, o que intensificou a tensão na ligação entre as duas. Apesar da insegurança, Ana conseguiu desenvolver maior autonomia e desenvolveu mecanismos mais agressivos de enfrentar o medo e a ameaça despertados pela interação com a mãe.

Nesta entrevista, a experiência percebida por Ana como mais significativa no sentido de mudar o estilo de vinculação afetiva e enfrentamento de adversidades, foi a relação com o pai, que continuou sendo avaliado como disponível e amoroso, e a viagem para outro país, por meio da qual, Ana pode desenvolver um senso mais adequado de autonomia, auto-controle, auto-valorização durante o período de afastamento da família.

h) Características do Abandono:

Trata-se de um abandono parcial, caracterizado pelo distanciamento e indisponibilidade emocional constante, falta de afetividade, comunicação restrita, frequente agressividade verbal e física, ausência de contato físico para oferecer

conforto e afeto, regras de comportamento rígidas. Desta forma, na percepção de Ana, o relacionamento com a mãe foi marcado por rejeição explícita. Não havia comportamentos contraditórios e ambivalentes, mas uma consistência no estilo evitativo de cuidados por parte da mãe.

Assim como apontou em suas descrições, Ana não encontrava na figura da mãe um *porto seguro*, que proporcionava conforto e segurança, mas ao contrário, percebia a mãe como ameaçadora, fria, distante, e, desta forma, era a antítese de uma base segura. A insegurança provocada por este relacionamento influenciou de forma negativa a percepção que Ana tinha de si mesma, das pessoas e do mundo.

Quando foi questionada sobre sentir-se rejeitada, Ana aponta:

> *Senti, porque essa coisa da minha mãe, eu tinha, senti e depois tinha aquela brincadeira besta, né? Que irmão mais velho faz e fala que você é adotada…Sabe aquela coisa? Então era assim,* ***uma coisa de te excluir, daí você é adotada, você é adotada. Teve uma boa época que eu cheguei a pensar, não é possível, eu não tinha esse tipo de raciocínio, mas eles me cortavam das brincadeiras quando eu era criança, e a minha mãe tinha toda essa coisa...e eu sentia, eu sentia, que, sabe? Que parecia eles estavam querendo me cortar mesmo do, vamos dizer, do ambiente****. Então era, foi uma coisa muito difícil pra mim…É, alguém por exemplo tinha dor de garganta, eu via a minha mãe fazer qualquer mimo, e eu ficava com dor de garganta, ah não, isso aí toma remédio e vai pra escola. Não vai faltar na escola não, sabe?*

i) Percepção do comportamento dos pais

Com relação a mãe, Ana começou a entender algumas reações com a ajuda da psicoterapia, processo pelo qual, pode perceber a mãe com uma pessoa que também teve muita dificuldade no relacionamento com a própria mãe (avó de Ana) e que ficou muito deprimida depois da perda das filhas gêmeas, anterior ao nascimento de Ana. Desta forma, Ana pode entender a rejeição e a amargura da mãe, manifestada na rigidez perante a vida e as pessoas ao seu redor:

…"***E eu imagino assim, ela perdeu as gêmeas, né? Nasceram e morreram, deve ter sido uma gravidez difícil…****ela devia estar grávida das gêmeas, durante a gravidez, parece, ela teve que tirar sei lá, líquidos, porque estava fazendo muita pressão na barrida. Então eu acho, foi uma gravidez difícil, ela perdeu as gêmeas, deve ter sido difícil,* ***e depois engravidou. Então, eu imagino que não foi uma gravidez que ela quis.*** *E a minha irmã, quando nasceu, foi uma coisa assim, ah, é a primeira mulher, a primeira neta, então ela foi o xodó dos meus avós, foi xodó da minha mãe, tal. Acho eu nasci, ficou aquela coisa, ela era a neta, ela era, toda a festa, né? Aquela coisa, aí minha mãe, também teve o negócio do braço…*
*…****ela precisava de cuidados, mais médicos e não podia cuidar de mim, então foi uma coisa, acho que eu devo ter sentido que eu era jogada, pra lá e pra cá, meia cuidada pelos vizinhos e pelas empregadas. Não tinha uma coisa assim, um relacionamento com mãe****…*
*…****Eu lembro assim, que eu via ela cuidando dos outros e eu me ressentia.…"*** "*…****eu acho que dá pra entender, eu acho que ela, não sei, não sei, teve alguma encrenca muito grande e naquela época não se falava e eu acho que isso é carregado até pra minha vó.…E a minha vó materna, era assim, o jeito da minha mãe…***
…*Uma coisa meia…que nunca foi esclarecida, né? E essa coisa foi crescendo, crescendo…quando você é criança, você não entende, depois você vira adolescente revoltada, sabe?* ***Vamos dizer, eu trabalho, já trabalhei muito em terapia, sempre surge alguma coisa que ficou lá atrás, de repente surge, você trabalha, mas é uma coisa bastante complicada…"***

Esta compreensão foi fundamental para que Ana pudesse fazer uma revisão dos seus modelos internos com relação a ela própria:

…"Acho que talvez isso, essa coisa de, de ter medo de ir pra ver onde vai dar. Hoje não, hoje acho que até o contrário, se eu tô afim de ir, eu vou mesmo e, se eu quebrar a cara, foi porque eu escolhi ir. Era difícil eu tomar uma decisão e falar, eu vou fazer isso, eu vou pra aquele lado, eu vou ou não vou? Ou tinha que ir alguém junto, ou eu ia me certificar muito se aquele negócio era bom. Sabe, eu não tinha isso, de decidir ir, acho que isso foi uma coisa bastante difícil pra mim, até de escolher profissão, carreira, eu acho que em tudo na minha vida, eu tinha essa coisa de. Tinha acho que muita insegurança"…

Com relação ao pai, Ana enfoca mais a questão da compensação afetiva, na medida em que ele percebia a esposa como uma mulher muito nervosa e tentava minimizar o impacto e a tensão do relacionamento entre as duas. A falta da afetividade por parte da mãe fazia com que Ana se apoiasse fortemente na afetividade recebida do pai, que foi um bom referencial de amor e conforto, como se pode observar no relato abaixo:

*"…eu acho que **era dele mesmo, da personalidade dele**, ele não fazia isso só comigo, ele tinha esse mesmo tipo de atitude com os outros. E eu acho que, por exemplo, quando eu era adolescente ele chegava pra minha mãe e falava: "deixa, deixa!'. **Ele era muito mediador nas coisas, assim, eu não sei se era consciente ou não, sabe, de dar carinho quando não tinha do outro lado**. Eu via assim, que ele fazia com todo mundo, mas quando ele fazia comigo, aquilo era muito forte. **Como eu não tinha do outro lado, então de quem eu tinha, eu precisava me apegar. Eu dava muito valor ao que tava recebendo. Então, assim, pra mim assim, ele era o máximo, era meu ídolo, né?** Ele tava fazendo igual pra todo mundo e eu não tava percebendo que era exatamente igual, eu tinha dele o que eu não tinha dela, então pra mim era muito diferente, um contraste, né? **Eu acho que tem isso de você achar que é muito mais, mas é por causa da falta do outro, né?".***

j) Reação e enfrentamento

Ana sentia-se isolada e não pertencente ao contexto familiar. Este sentimento prevalecia tanto no relacionamento com a mãe, como com os irmãos mais velhos e, principalmente, com uma irmã que era tratada, segundo Ana, de forma muito mais afetiva pela mãe, como observei no relato que se segue:

…Teve uma boa época que eu cheguei a pensar, não é possível, eu não tinha esse tipo de raciocínio, mas eles me cortavam das brincadeiras quando eu era criança, e a minha mãe tinha toda essa coisa...e eu sentia, eu sentia, que, sabe? Que parecia eles tavam querendo me cortar mesmo do, vamos dizer, do ambiente. Então era, foi uma coisa muito difícil pra mim."

Sentia-se muita insegura e não tinha referências de base segura:

*"Eu acho que **eu tinha a impressão de que eu não era cuidada lá**. Então tudo eu tinha medo, eu tinha medo de apagar a luz e tinha medo do escuro, de vir ladrão, porque já teve épocas aconteceu… Então eu tinha medo acho que disso, eu acho que **eu não me sentia protegida**…"*

As ameaças intermitentes, implícitas e explícitas, faziam com que Ana dirigi-se toda a sua atenção, emoções, pensamentos e comportamentos no sentido de garantir o merecimento do amor e os cuidados da mãe, investindo intensamente no relacionamento ambivante com a mãe e evitando a desconexão, ou seja, o abandono total:

> ”…os *meninos* (irmãos), *então eram terríveis, então eles foram internos, acho que uma vez em Cidade F e não sei mais aonde* ***e a minha mãe vivia me dizendo que ia me mandar interna****. Ce vai pro colégio interno****. Então, acho que isso era uma ameaça, isso eu tinha medo…eu ficava tentando fazer tudo da maneira que ela quisesse pra não dar uma pisada fora ela era muito rígida, né?…*** *Eu nunca fui de sentar e estudar, porque eu prestava atenção na aula, fazia a prova e ia bem, porque eu era muito rápida, mas eu era...sabe, eu não conseguia ficar sentada na cadeira, tava sempre inventando uma brincadeira, gostava de sentar no fundo. Aquelas coisas de moleca. Então assim, e freira também, era um saco, então assim, tinha nota de comportamento, delicadeza a ordem, uma besteira.* ***Então as notas, vinham as notas altas, de ordem vinha quatro, três, nossa! E a minha mãe acho que quase me matava. Então ela falava assim, você vai vê, você vai pro colégio interno igual os seus irmãos, uma coisa assim, ameaçadora, sabe? Eu já me sentia assim preterida e ainda vão me tirar de cena! Era uma coisa inacreditável, eu não sei se ela pretendia mesmo ou se só ameaçava, era uma coisa difícil pra mim aceitar isso”***

Ana relata poucas reações diante da rejeição da mãe, o que nos remete a uma passividade na interação com esta figura de apego, sem conseguir perceber sua responsabilidade neste contexto. Porém, alguns relatos nos mostram diferentes estratégias utilizadas por Ana para resgatar a atenção desta mãe:

(a) antecipava de forma angustiada a rejeição ou a punição por parte da mãe:

> *… Eu comecei a chorar, me levaram para enfermaria, eu lembro tão bem dessa situação! A moça lá lavava e tirando os espinhos e passou mercúrio cromo, então ficou o braço todo vermelho, e eu não parava de chorar e ela falava assim, não tá doendo, não tá doendo. Não é, é que eu vou chegar em casa e minha mãe vai ficar brava…*

(b) ansiedade excessiva manifestada em sintomas físicos:

> *… E eu não sei porque, isso eu era pequena, eu lembro, eu era bem pequena, e eu fui tomar um lanche na escola e eu peguei um cesto de lixo e vomitei. Então o que a freira fez? Ligou pra minha casa, chamou o motorista, pra me buscar. Daí eu cheguei em casa, meu pai e minha mãe já tinham chegado de viagem, já deviam tar em casa, eu escutei de tarde então não sei, hoje eu penso, devia estar tão nervosa e vomitei, vomitei de propósito pra ver meu pai e minha mãe e quando eu cheguei em casa porque eles estavam lá, eu levei mó bronca da minha mãe! Porque eu tinha vomitado? O que eu devia voltar mais cedo da escola? Em vez de falar, ah, que legal, você já voltou, sabe?*
>
> *…Eu fiquei tão assim, feliz que eles tinham voltado, e a recepção foi assim, uma bronca, sabe assim, uma coisa muito superficial, não tinha assim, afeto. Coisa de pegar, de beijar, de dar um abraço, não tinha isso.*

(c) controle do comportamento para atingir a aprovação da mãe:

> …E*u fazia uma força pra ser querida…*

(d) chamava a atenção por meio do adoecimento:

> *…É, alguém, por exemplo, tinha dor de garganta, eu via a minha mãe fazer qualquer mimo, e eu ficava com dor de garganta, ah não, isso aí, toma remédio e vai pra escola. Não vai faltar na escola não, sabe?…em todas as atitudes dela, eu percebia que tinha alguma coisa errada…*

(f) recorria ao pai ou compensava de outras formas:

> *…Sabe, até alguma situação que eu tava assim, brava com a minha mãe, tava de castigo, tava chorando, qualquer coisa, depois quando ele chegava, ele via a minha cara de, por exemplo, eu brigava, qualquer coisa, ele ia lá. Punha no colo, beijava, sabe?…*

> *…Não sei, eu lembro assim, de chorar e de uma forma de compensar aquilo que eu não tinha conseguido, eu lembro que eu fazia de outra forma, sabe? De dar a volta por cima, era meio assim, sabe? …*

Portanto, a situação de abandono vivida por Ana caracterizou-se por uma **insuficiência de interação** (rejeição), com alguns episódios de **descontinuidade** caracterizados pelas separações rotineiras.

Esta situação crônica de insuficiência de cuidados maternos e ausência de base segura para o desenvolvimento afetivo foi minimizada, em parte, pela convivência com pessoas conhecidas e responsivas, como o pai e a “avó torta”.

Além disso, o impacto desta privação deve ser avaliado sob os seguintes critérios:

(a) Idade: Segundo Ana, a rejeição se estabeleceu deste o início da relação com a mãe.

(b) Tempo de privação: da infância até a morte da mãe;

(c) Grau de privação: Ana avalia que foi rejeitada totalmente por sua mãe. Não tem outras memórias além da rejeição.

Sendo assim, entendo que o comprometimento desta perda se deve ao elevado grau de privação e sua condição crônica até a vida adulta, influenciando o desenvolvimento global de Ana.

I) Manifestações de luto

Diante da privação permanente, Ana se enlutou. Reagiu à perda pela rejeição da mãe, manifestando sentimentos de tristeza, culpa, raiva e hostilidade, solidão, agitação, ansiedade, anseio (desejo de estar com a mãe) e desamparo. Apresentou, também, sensações físicas como: aperto no peito, nó na garganta, sensação de despersonalização, queixas somáticas, angústia, desespero e ao longo do tempo, desapego.

A presença física da mãe prorrogou o sentimento de ambivalência, à medida em que Ana, frequentemente, buscava recuperar ou conquistar a atenção da mãe. Seu sentimento de pesar era reanimado a cada insucesso destas tentativas.

Além disso, foi possível avaliar manifestações cognitivas como: confusão, diante das memórias evocadas, preocupação excessiva com relação a atenção da mãe. Durante a entrevista Ana apresentou um discurso prolixo, principalmente na etapa de perguntas sobre a infância, mais especificamente, nas perguntas que abordavam a questão da privação materna.

Os sentimentos de culpa e ansiedade foram os mais frequentes e intensos neste processo, que culminou com a morte da mãe, há cinco anos atrás. Aí, então, o luto pelo abandono se misturou com o luto pela perda concreta, condição que favoreceu o reconhecimento social do seu pesar. Porém, este processo de luto ficou comprometido pela multiplicidade de perdas envolvidas e pelas pendências, pelo conflito e pela ambivalência que já não podiam mais ser reparados com a mãe.

Desta forma, numa tentativa inconsciente de resgatar e recuperar a relação perdida, Ana passou a sentir os mesmos sintomas que a mãe teve durante a doença:

> *Porque eu tinha acabado de voltar de viagem, nem sabia que ela tava mal, depois que eu fiquei sabendo dessa dor, aqui atrás (aponta para as costas). Então quando eu* ***operei eu tinha muita dor aqui. Então, eu falava vou morrer, é igual da minha mãe, é igual da minha mãe.*** *E eu tinha um problema na cervical, tomava e depois eles tiveram que puxar o músculo aqui de trás,* ***então tinha mesmo essa dor, nada a ver com a da minha mãe****. Agora, foi assim, uma morte rápida, né? Em termos, na época foi****, porque eu achava assim que eu estava sendo super legal****, que eu tava fazendo tudo, que tinha passado, que eu tava assim, dando a maior força, que eu tava cuidando da minha mãe. Mas ela ficava muito dopada, por causa da dor e, realmente, tava ali por tá, porque tinha enfermeira o dia inteiro então, ficava mexendo no pé, mexe na mão****, mas depois que ela faleceu ficou um negócio esquisito para mim, porque ficou assim, eu não sei o que passou pela cabeça, que eu fantasiei, que eu ia falar com a minha mãe, sabe aquelas coisas que você imagina?*** *Eu ia ficar o dia inteiro dentro do quarto, andava pra lá, andava pra cá, daí um ligava pra pedir notícias, daí a gente teve que proibir telefone no quarto****. Mas não teve isso, não teve esse final, né? Vamos dizer, esse acerto de contas.*** *A gente sei lá, a gente trabalha tanto, né? Nossa, eu fiquei muito mal, depois fiz terapia.* ***Deu pra, vamos dizer, pra amenizar, porque é uma coisa que não vai mais consertar. Não adianta querer insistir nisso, ficar vivendo em torno disso, uma coisa que não vai voltar atrás pra consertar.***

m) Situações de risco

Considero tais situações como risco para a elaboração do luto pelo abandono:

1. Rejeição por parte da figura materna num período crítico da formação e desenvolvimento do apego;
2. Dinâmica conflituosa do relacionamento
3. Apego inseguro
4. Grau de Confiança: nenhum
5. Intensidade da ambivalência / relacionamento hostil expresso
6. Histórico de depressão da mãe
7. Dinâmica familiar conflituosa, principalmente com irmãos;
8. Comprometimento das condições de saúde física e psicológica (câncer na ocasião da morte da mãe)
9. Baixa auto-estima.
10. Suposta causa da rejeição: luto materno pela morte das filhas gêmeas
11. Perda não reconhecida socialmente
12. Ausência de parâmetro e preparação para o luto

13. Existência de segredos em relação à perda (depressão e tentativa de suicídio)
14. Culpa intensa sobre a hostilidade da mãe
15. Crescente necessidade de compreensão do comportamento da mãe.
16. Falta de apoio social: foi oferecido apenas pelas vizinhas: tia e avó “tortas”.
17. Estresses secundários: conflito com irmã mais velha e sentimento de rejeição por parte dos irmãos e outros cuidadores.

n) Processo de luto

Considerando todos estas situações de risco, o processo de luto foi marcado pela ambivalência (presença física *X* ausência emocional) e pelo grau de desamparo decorrente da hostilidade e rejeição crônica.

Ana vivenciou um processo de luto ambivalente, marcado por uma prolongada ausência de pesar, uma vez que, ela alimentou a esperança de que a perda pela privação materna era reversível e, desta forma, o luto se manteve incompleto até o momento da morte da mãe.

Ana apresentou os seguintes Indicadores clínicos de luto complicado:

1. Comportamento agitado.
2. Pensamentos obsessivos persistentes e preocupação com o morto e elementos da perda.
3. Capacidades do enlutado comprometidas pelos sentimentos ou pensamentos sobre o morto.
4. Relacionamentos marcados por medo de intimidade e excessiva ansiedade $\Rightarrow$ medo de perdas (abandonos) futuras (os);
5. Raiva crônica, alternado com episódios de apatia.

o) Outras perdas ou situações de risco

Além da ausência emocional, Ana relata ter vivido uma prolongada ausência física pela hospitalização da mãe, em decorrência de uma tentativa de suicídio, que se tornou um segredo familiar até a vida adulta:

…"E tem uma coisa, acho que uma coisa super importante, que vou falar, que é até para você entender um monte de coisa. Eu já era inclusive casada, quando eu nasci, a minha mãe, dizem, a minha mãe sofreu um acidente cortou daqui até aqui (aponta o pulso), que ela quase perdeu a mão, o braço, foi nas clinicas virou objeto de estudos porque ela ia perder o braço. Enfim que ela não tinha força na mão porque ela tinha um problema no nervo, não sei o que, então, a história era assim, que ela foi correr atrás dos meus irmãos mais velhos, eles fecharam a porta de vidro e teve o acidente, por isso. Então, daí, além de acontecer isso, os meus irmãos mais velhos, tiveram, agora não lembro, catapora, uma dessas coisas, naquela época e minha vó, mãe da minha mãe, tinha que cuidar dos meninos e minha mãe foi para o, ficou um tempão no hospital. E quando ela voltou... Então eu praticamente, fui meio criada pela vizinha ela virou uma vó torta pra mim, era uma portuguesa, com duas filhas solteironas, então eu lembro assim, tudo acontecia na casa delas…Depois de muito assim, e sempre ficou aquela coisa, aquela coisa meio misteriosa, minha mãe sempre assim, brava, ela não tinha carinho por mim, pelo menos não demonstrava e talvez sei lá, depois que ela perdeu as filhas e engravidou, talvez sei lá, não fosse um filho que ela quisesse, não sei. Interpretando, mas eu fui saber, depois de muito, depois de grande, não sei em que conversa, que essa minha avó torta e a filha me contaram que não foi, que minha mãe tinha tentado se matar…"

Ana perdeu sua avó materna aos 10 anos de idade, mas relata que esta perda não foi significativa, uma vez que sua avó era distante e fria e seu vínculo com esta figura também era conflituoso, o que resultou em pouco contato entre elas ao longo deste período:

Eu perdi só minha vó eu devia ter uns dez anos, mas era essa minha vó brava, quer dizer, a gente sente, mas acho que não foi assim, acho que perda, perda de morte, eu não lembro, na minha infância de uma coisa assim, de ah perdeu…

Outra perda relatada foi a de um cachorro com quem conviveu durante 14 anos (até a adolescência). Sua perda foi sentida, mas houve apoio do pai para enfrentá-la e aceitá-la:

Eu perdi um cachorro que já tava há 14 anos com a gente, daí a família inteira chorou, ele já nem levantava mais e eu lembro que meu pai levou pra sacrificar, o veterinário falou: "não, tá no fim, vai ter que sacrificar." O meu pai chegou em casa, olhou pra todo mundo e falou que ele tinha que conversar uma coisa muito séria e ele estava sério. Eu tinha uma irmã mais nova que falava assim, não fui eu, eu juro que não fui eu. Daí ele contou daí, nossa, acho que a gente chorou uma semana, acho que foi uma coisa que doía, era um cachorro que a gente dava mamadeira, tinha 14 anos, então, era parte da família, né?

p) Reações relacionadas a estas perdas

A tentativa de suicídio da mãe ficou associada a um sentimento de rejeição:

> *"…e sempre ficou aquela coisa, aquela coisa meio misteriosa, minha mãe sempre assim, brava, ela não tinha carinho por mim, pelo menos não demonstrava e talvez sei lá, depois que ela perdeu as filhas e engravidou,* ***talvez sei lá, não fosse um filho que ela quisesse, não sei****. Interpretando, mas eu fui saber, depois de muito, depois de grande, não sei em que conversa, que essa minha avó torta e a filha me contaram que não foi, que minha mãe tinha tentado se matar.*

q) Outras situações de risco:

A agressividade da mãe e da avó materna, assim como os conflitos com a irmã mais velha foram situações que agravaram o desenvolvimento do apego inseguro, a baixa auto-estima e ansiedade de Ana diante da necessidade de ser aceita pelas outras pessoas:

> *…" minha mãe sempre foi muito histérica, muito nervosa, ela arrumou um chicotinho que devia ser do meu pai bater no cavalo, ele saltava, né? Então qualquer coisa ela vinha de chicotinho e nessas confusões, vamos dizer, que eu não tinha culpa, eu apanhei de chicotinho…Não sei se foi só isso, que eu lembro de eu berrando pra que eu ficasse de castigo, né? A minha mãe saiu de lá de dentro com uma raquete de praia de tênis e eu apanhei com aquilo. Eu estava brincando. Então, eu acho que assim, tem situações que foram traumáticas. Eu acho que dentro de um pacote, eu não lembro assim, de um acidente, que morreu gente, que aconteceu isso, que aconteceu aquilo. No desenrolar das coisas, né? Assim situações, desde o nascimento, até, sei lá, a eu começar a trabalhar isso. É, foram coisas que para mim foram muito pesadas, sabe assim?"…*

> *…"Minha irmã era tão sacana que ela sabia…Então eu queria perto da janela e aí minha irmã falava: "você vai ver, se entrar ladrão eu vou sair pela porta correndo mais cedo."… Sabe, ela ficava fazendo coisa e me deixava assim, insegura, sei lá, indecisa, ela fazia esse tipo de jogo, sabe? Esse tipo de situação e eu acho que ela, lógico, ela três, quatro anos mais velha que eu e ela sacava, essa coisa que a minha mãe tinha mais o xodó com ela do que comigo, então ela jogava muito com isso. Ela fazia jogo. Ela sabia que quem ia levar era eu."…*

> *…"Minha vó tava guardando negócio de compra, geladeira, alguma coisa e tinha uma mesa com aquelas toalhas de plástico grossas, né? Eu tava lá sentada, olhando a minha vó e tinha uma faca, eu peguei fiquei assim, até cortar a toalha, nossa… na hora que ela viu aquilo, ela me pegou pela orelha, chacoalhava, chacoalhava, eu fui pro banquinho, sabe, então são coisas, que pra mim não eram agradáveis, então assim falava não, ela não é minha avó"…*

Estes relatos nos apontam a dificuldade de Ana se perceber como um agente desta relação, colocando-se numa posição de vítima perante estas relações conflituosas.

Comportamento de apego na vida adulta

b) Contexto Familiar

Ana tem 52 anos, é casada há 30 anos com Hugo, tem terceiro grau completo e é profissional liberal. O casal teve dois filhos, Marcelo (28 anos) e Tatiana (26 anos) que são casados, mas ainda não possuem filhos. Seu pai faleceu, vítima de câncer quando Ana tinha 38 anos de idade e sua mãe faleceu há cinco anos atrás, também vítima de um câncer.

b) Figuras de Apego

Segundo o relato de Ana, posso afirmar que suas figuras de apego na vida adulta continuaram sendo seus pais, o marido, uma das irmãs e sua "avó torta".

Relação com os pais:

A relação com os pais na vida adulta funcionava sob o mesmo estilo de parceria; algumas estratégias foram reformuladas, mas a meta fixada na infância se manteve.

Relação com a irmã mais velha:

Já com a irmã mais velha, Ana descreve um maior distanciamento emocional que foi se acumulando após sucessivas experiências negativas, resultando em sentimentos de mágoa e desapontamento e, consequentemente, no afastamento entre elas:

…" Olha, hoje, é assim, sabe aquela expressão, não fede nem cheira? Porque hoje é assim, ela tá, lá, é uma pessoa que se separou do primeiro marido e teve já mais uma meia dúzia. Porque é assim, são três filhos do primeiro marido, esse último, é assim, ela se separou, a menina ainda era nenê…. Então assim, nessa bagunça toda, acho que por causa dos sobrinhos, ficava meio com dó dos meninos, acho que ela era meio maluca, sabe? Então, ficou assim, meio que foi diluindo, não que eu tenha esquecido, mas eu trabalhei isso, hoje, sabe, uma coisa que ficou longe, não me agride mais. Por que eu não podia nem ouvir falar o nome, sabe, quando as coisas tão muito vivas, né?… Então eu acho que por exemplo, em relação a essa minha irmã, chegou nesse ponto. Ninguém chegou pra mim e falou olha, aconteceu, isso, isso, isso comigo, ai que pena, minha irmã é uma coisa assim! Não, sabe, ela sempre foi assim defendida, então a gente teve muito, hoje, já não, eu acho que não é importante na minha vida, sabe?"…

Relação com o marido:

Ana demonstra que estabeleceu uma comunicação melhor, com um estilo despojado; menos passivo e reprimido para expressar suas emoções. Seja pela disponibilidade emocional, seja pela atitude de encorajá-la a assumir algumas responsabilidades na vida adulta, a relação com Hugo tornou-se importante para a revisão dos modelos internos sobre si e sobre relacionamentos íntimos:

…"Uma coisa acho que, assim, complicado, por exemplo, acho que eu com meu marido, se tivesse acontecido alguma coisa assim, eu ah ficava brava, soltava e dali a meia hora eu nem lembrava mais. Não é assim, de você ficar embutida e não falar, sabe? Sabe, acho que até hoje, eu acho nos relacionamento com as pessoas, eu acho que tem mais é que botar pra fora. Essa coisa de ficar engolindo… Eu acho que com ela (mãe)*era isso, você, de certa forma, era obrigada a engolir, as coisas que você passava, o que você sentia, desde coisa bobinha, brigar com a amiga da escola...com o passar...qualquer coisa, morria ali, sabe? Não tinha pra quem contar. Sabe, de você chegar da escola e falar, olha, tô triste, minha amiga me bateu na escola, sei lá, qualquer bobagem, não tinha isso"…*

Relação com a "avó torta":

Ana demonstra que a vizinha continuou sendo uma referência positiva, um figura de apego substituta que, também, passou a ser uma referência afetiva para seus filhos no papel de "avó":

…"E os meus filhos, quando cresceram eles aprenderam a gostar demais dela, né? E até hoje eles falam Vovó Dinha. E agora elas estão morando em A. , por causa do clima, né? Não tem poluição, elas tão morando, faz tempo, lá. Então, às vezes eu falo: "eu vou na Vovó Dinha. - Ah legal, você vai na Vovó Dinha, né?" Então quer dizer, ficou uma pessoa muito da família. Eu acho que de adulto, que teve essa ligação, foram essas duas pessoas"…

Desta forma, ao interagir com as figuras de apego Ana apresentou um estilo de apego preocupado, pelo qual se mantém envolvida em sentimentos de raiva e mágoa com a mãe e a irmã. É incapaz de ver sua própria responsabilidade nos

relacionamentos e suas estratégias de relacionamento social são baseadas no temor de ser abandonada.

c) Percepção das consequências das experiências da infância na vida adulta

- **Do relacionamento com a mãe***:*

Ana avalia que as consequências da relação com a mãe foram a insegurança e a ansiedade para vivenciar situações novas e desconhecidas:

> *"…olha, eu acho que afetou, em algumas coisas eu acho que sim.* ***Eu sempre fui uma pessoa muito insegura e incapaz de tomar uma decisão*** *assim, até ir comprar um negócio, sei lá, comprar a roupa preta ou a branca? Eu falava assim, mas a branca vai ficar mais clarinha, vai ficar melhor, vou levar a branca...ah, mas eu gostei da preta... Ah, mas, sabe, isso foi uma coisa que foi muito...foi feito muito, comigo. Então eu sempre tive assim, muita insegurança de tomar uma decisão, de escolher, de falar, não, eu vou assumir, sabe? Eu nunca tinha certeza, eu fazia as coisas certas e era como se eu vou assumir e vou por esse caminho, porque eu nunca tive a certeza no caminho errado. Levava bronca, ficava de castigo, então eu acho que isso afetou muito.* ***Não ter segurança suficiente pra tomar uma decisão. Sempre fui uma pessoa extremamente ansiosa, tipo assim, o que vai acontecer? O que vem pela frente? Acho que é tudo isso muito conseqüência."***
> *….quando eu tive os filhos, que eles eram pequenos, coisa que eu não queria que fosse igual da minha mãe, mas tudo o que aconteceu durante a minha vida até agora, eu acho que cada vez mais, se eles fossem bebês hoje, seria diferente do que eu fui quando eles eram crianças, assim, sabe? É meu e ninguém toca, sabe aquela coisa? Eu acho que daí eu sentiria como se estivesse tirando um pedaço de mim, fiz muita bobagem, aquela coisa, eu era muito imatura, chorava;, pra tudo, punha remédio em tudo que era buraco, cocô mole, cocô duro, olha, eu ia para o pediatra, eu não sei como ele me aguentou, o pediatra deles, porque era todo dia um telefonema. Ele dava plantão de manhã cedo, acho ficava noite e dia, no hospital L., eu ia pra lá de pijama já, sabe? O Marcelo tinha bronquite, então era, sabia o nome dos enfermeiros, porque tinha o dia de rodízio lá, tudo, sabe? Uma histérica, e hoje eu não sei, hoje eu acho que seria uma coisa muito doida, sabe? Um filho hoje de um a*
> *no, ai, não sei.*

> *Acho que talvez isso, essa coisa de, de ter medo de ir pra ver onde vai dar. Hoje não, hoje acho que até o contrário, se eu tô a fim de ir, eu vou mesmo e se eu quebrar a cara, foi porque eu escolhi ir. Era difícil eu tomar uma decisão e falar, eu vou fazer isso, eu vou pra aquele lado, eu vou ou não vou? Ou tinha que ir alguém junto ou eu ia me certificar muito se aquele negócio era bom. Sabe, eu não tinha isso, de decidir ir, acho que isso foi uma coisa bastante difícil pra mim, até de escolher profissão, carreira, eu acho que em tudo na minha vida, eu tinha essa coisa de. Tinha acho que muita insegurança.*

- **Do relacionamento com o pai***:*

Deste relacionamento, Ana destaca ter internalizado o estilo de cuidados e de expressão dos afetos e emoções, atribuindo ao pai as características positivas e à mãe, as negativas do seu comportamento social.

"…e por outro lado eu acho que tem uma parte boa também, que isso ***eu puxei muito o meu pai*** *que é aquela coisa de, sabe? Meio que* ***fez com a gente e mostrou de ser cuidadora, de ter prazer às vezes, de presentear o outro do que ser presenteada, sabe? Nas mínimas coisas, numa coisinha, numa lembrancinha. Ele tinha essa coisa, sabe de detalhinho, ele tinha acho que de brinde, de fim de ano eu não sei.*** *Então, tinha cadernetinha de telefone escrito o nome da firma, canetinha, tinha e de vez enquanto ele vinha e enfiava a mão no bolso e falava, tó pra você. E era uma cadernetinha de telefone, com nome e eu adorava, achava aquilo o máximo, eram bobagens que criança gostava, é?* ***E desse lado mais carinhoso, mais, até mais doador eu puxei o lado dele…Eu acho que são coisas, tem o lado mais negativo, e tem o lado positivo sei lá, eu trabalhei muito em cima e tem o lado positivo também".***
"…sabe, eu não tinha isso, de decidir ir, acho que isso foi uma coisa bastante difícil pra mim, até de escolher profissão, carreira, eu acho que em tudo na minha vida, eu tinha essa coisa de…tinha acho que muita insegurança."

No exemplo abaixo, notei como se deu a internalização da influência da mãe e do pai sobre a percepção e sobre as estratégias para se relacionar com outras pessoas:

Eu aprendi, não é que eu aprendi, eu acho que eu fiquei meio com um vicio, não sei se é qualidade ou defeito, que hoje, eu fui aprender, agora, depois de adulta, que hoje, assim, eu tinha um esforço constante pra ser aceita, pra agradar, eu fazia o diabo, eu acho que só faltava eu plantar bananeira pra minha mãe me enxergar, ficou uma coisa comigo, porque eu via que com os outros irmãos, por exemplo, com a minha irmã, tinha tititi, sabe? …Então, eu acho que assim, em várias situações eu era meio que excluída, não sei porque, não sei o que rolava na cabeça das outras pessoas. Então eu tinha uma necessidade brutal de ser aceita. E que eu fizesse durante toda a minha vida, eu tenho uma coisa que é minha nata, que eu posso até ter herdado do meu pai, é, de agradar o outro, de fazer um mimo, não um presente, mas tipo uma coisinha, sabe? Fazer um carinho pro outro, assim. Então, durante essa minha vida, com essa vontade de aceitação, tudo, complicou, porque esse lado, ficou meu exacerbado, eu fazia demais e o outro adorava receber e não dava nada em troca. Em relação a amizades, em relação a namorados, então é aquela coisa assim, de você sempre dar muito e quanto mais eu dava, menos a pessoa retribuía, porque sabe? Não tinha retorno, a maneira de retornar era diferente e eu achando que eu ia agradar, que eu ia ser aceita, então eu acho que isso é uma coisa vamos dizer, que eu aprendi ou, não sei. Mas é uma coisa pra mim, clara. Até eu achar um equilíbrio, não foi fácil, porque eu levei bastante tempo da vida, tipo assim, de procurar amigas, as amigas não, combinavam ah tá bom, combinavam, ah tá bom, outro dia eu te pego e vamos almoçar, por exemplo eu ficava histérica, eu não saia dali, porque a pessoa ia passar. Daí a pessoa falava: "ah sabe, eu desviei e eu fui embora" e eu procurava de novo, quer dizer, era burrice até, né? E isso que eu acho que é uma marca muito lá de trás, dessa necessidade isso eu tenho assim, mas muito nítido, muito.

O comportamento de cuidador na maternidade

a) Relacionamento com os filhos

> *…Ah, essa criança vai aprender, ser muito amorosa, ser menos confiante, confiante nos relacionamentos, ser, vamos dizer, um pouquinho mais esperta, mas acho que vai ficar muito clara essa coisa da troca afetiva, é uma coisa que pesou tanto, porque eu acho que é uma coisa que eu sempre foquei, eu hoje vejo meus filhos, eu tenho essa coisa, eu brinco, sou grudenta com eles. De pegar, de beijar, de abraçar, de bobagens até, no computador, não sei o que, estou fazendo uns negócios, vou passar, eu falo, ah, vou mandar um negócio, aí mando. Daí falo, hoje foi um desenhinho, um negocinho mexendo, assim, sabe? No meio do nada, e eu acho muito legal isso, porque eles acham o máximo e falam, oh que delícia! Eu abri o computador e tinha um bonequinho chacoalhando e essa criança, sei lá, acho que ela aprenderia muito isso...*

Neste relato, Ana demonstra seu desejo de estabelecer com os filhos uma relação diferente da que viveu em sua própria infância. Desta forma, observamos a influência desta privações que viveu e da relação de dependência que estabeleceu em decorrência delas, nesta expectativa relacionada à maternidade. Ao relatar seu "grude" com relação aos filhos, Ana demonstra sua carência e ansiedade que marcam as estratégias que desenvolveu para estabelecer um estilo de cuidado *responsivo* com os filhos.

b) Como se percebe como mãe

No relato que se segue, encontramos vários elementos que exemplificam o estilo de comportamento cuidador desenvolvido por Ana em relação aos dois filhos.

Ana avalia que a maternidade foi uma experiência bem sucedida. Ser mãe de um casal de filhos e estabelecer com eles muita proximidade e companheirismo foram os indicadores deste sucesso, segundo ela. Ainda assim, avalia que suas estratégias eram, em alguns momentos, inadequadas, mas que o resultado final representou, de fato, uma mudança qualitativa do estilo de cuidados, ou melhor, da maternagem que conheceu em sua infância.

Ana aponta também, a sensação de fracasso e os sentimentos evocados pela crise conjugal do filho, ilustrando a perspectiva individual de investimento emocional

num filho, como um pedaço de si; como um depósito de ilusão e de esperança, como perspectiva de futuro. Desta forma, Ana ressalta como o relacionamento com os filhos é multi-determinado por um número de fatores conscientes e inconscientes e por conflitos, na medida em que os sentimentos com relação a eles são uma mistura de sentimentos sobre si mesma e sobre o significado dado aos outros, bem como sobre a criança que ela foi.

Desta forma, compreendi que a relação com Marcelo e Tatiana significa esperança para resolução do luto pela rejeição materna que Ana sofreu ao longo da vida, tornando-se uma compensação por sua infância destituída.

Além disso, estas crianças representaram um novo começo da vida afetiva de Ana, por meio do qual, Ana pôde estabelecer novas formas de troca afetiva e expressão emocional:

> *Eu posso falar assim que eu sou uma mãe realizadíssima, sabe? Vamos supor, eu tive o que eu quis, né?* ***Eu era louca pra ter filhos****, tive um menino e uma menina, e assim, não fica aquela coisa, só tive homem, só tive mulher, tive os dois, e eu esperei ter um filho homem e eu acho assim,* ***apesar de hoje eu estar acompanhando o processo do meu filho, a separação dele é uma coisa que tá mexendo comigo, eu acho assim, eu sou muito realizada, por ter os filhos que eu tenho, sabe?…*** *Eu fico, você sofre a distância, alguma coisa, mas eu sou assim, eu sou uma mãe coruja, sou uma mãezona coruja…sempre fui hiper protetora, sabe? De querer debaixo da aza mesmo. …Mas eu acho que eu sou assim, uma mãe que eles podem contar. Tipo se abrir, rir, eu acho que eu aproveitei muito, mais do que nenê, porque nenê eu era muito insegura, muito infantil. Eu curti, não era, tem gente que só gosta de nenezinho, eu curti mais a fase maiorzinho e adolescente que todo mundo tem ódio, eu curti, né?…*

c) Percepção dos filhos

Ana conseguiu estabelecer um equilíbrio entre atitudes de limites e disciplina e sua necessidade de ser “grudenta“ e excessivamente protetora. Aponta, também, sua identificação com a filha Tatiana, estabelecendo semelhanças e diferenças entre ambas:

…os meus filhos nunca me deram trabalho na escola, se eu falar, é mentira, eu nunca sentei do lado de um filho pra fazer lição, nunca. Eu fazia assim, almoçava, hora de descansar um pouquinho, hora da lição. Não saiam para nada, então, natação, equitação, tudo o que eles fizeram, era depois da lição, entendeu? Sempre tinha lição primeiro, nunca repetiram de ano, sempre foram bem, na faculdade, bem, a Tatiana fez duas faculdades, descobriu que não era bem o que ela queria, o Marcelo tá meio, no segundo ano de faculdade, mas são pessoas assim, de índole boa, comparando os dois, tem até um pouco da coisa da mulher, a Tatiana é mais gastadeira, mais consumista do que o Marcelo, gosta de grife, o outro não da bola, sabe, aquelas coisas? Mas hoje está casada e está pensando e quer engravidar, quer ter filho e agora ela sabe economizar, é lógico. Quando tá com mamãe, mamãe compra as coisas que filhinha quer, né? Eu vejo que mesmo com este perfil, ela é uma pessoa que sabe o que ela quer, que sabe trabalhar, ela tá bem casada, adora o marido, então eu vejo assim, tem um pouco a mão da mãe aí, né? Não sei eu tô super realizada, eu acho que cada um tá num momento muito diferente, na vida. A gente não pode meter o bedelho na vida de casados deles, né?…

Neste relato Ana também comenta sobre sua sensação de impotência perante a vida dos filhos, referindo-se à crise conjugal vivida por Marcelo.

Ana aponta cinco adjetivos para definir a relação com ambos os filhos:

1. Alegria

O sentimento de alegria aparece associado aos momentos de união entre ela e os filhos:

…a gente sempre teve um lado alegre de conviver, sabe assim, almoçava em casa, sei lá. E até hoje quando a gente junta pra almoçar, pra jantar, principalmente em casa, restaurante, tem aquela coisa que não dá pra falar, se tem mesa muito próxima, não é que nem. Mais sútil do que em casa. É muito engraçado, porque é um momento até de nostalgia deles, daí começa, você lembra que… e fala bobagem, sabe? E eu entro muito na deles, a gente tá sempre rindo, eu acho que é por aí…

2. Muito amor

Ana ressalta, no relato abaixo, seu estilo amoroso e atencioso com relação aos filhos e destaca um momento registrado e eternizado por uma foto em que ela, o marido e os filhos estão unidos, sem conflito ou irritação, destacando a necessidade de negar e afastar os sentimentos ambivalentes presentes em qualquer contexto familiar:

…"quando o Marcelo fez vinte e um, eu fiz como se fosse um livrinho para ele, peguei fotos de várias situações, desde ele pequeno até o tempo atual, eu fui colando, eu fiz em papel, papel de computador mesmo, e ia escrevendo e eu tive isso, um clic na véspera do aniversário dele, eu queria dar alguma coisa especial e não sabia, eu me tranquei no quarto e falei: meu Deus! eu chorei o dia inteiro, porque cada foto que eu pegava, eu escrevia, ai, era um negócio, muito forte, ficou super legal, encadernei e dei de presente pra ele e tinha uma foto da gente lá no hotel que tinha assim, cada bangalô ficava duas pessoas e o quarto do hotel, era só a sala de refeição e o banheiro, então a gente tava tomando café, ah, era um hotel que ficava dentro do parque, e ficavam só os hospedes. A gente pediu para uma pessoa tirar uma foto, então a gente estava tomando café e tirou da varanda e foi uma foto muito feliz, esse cara tirou e a gente tava todo mundo num momento muito legal, então todo mundo rindo, não tinha nenhum com cara emburrada, ou um com cara, ah que saco, sempre tem, né? E eu, pus essa foto no livro do Marcelo e falando, né? Que essa foto eu queria guardar pra mim, como se ficasse pra sempre, como se congelasse a tua vida, que a gente ficasse desse jeito e que, logicamente, a gente aceitaria os agregados e que os agregados tivessem muito amor pelas pessoas, pelos quatro, né? …mas é um momento congelado de, muito, muito entrosado, a gente curtindo, muito bonito, muito amoroso ali, e é uma foto que pra gente, é muito significativa, ficou, sabe, uma coisa que fica, né?…

Ana aponta ainda a ameaça representada pela possível invasão de outras pessoas ("agregados") neste núcleo familiar, o que romperia a homeostase existente, que proporcionava a Ana uma sensação de proteção e segurança.

3. Cumplicidade

Segue, abaixo, um trecho do discurso de Ana em que ela aponta a mudança do seu comportamento como cuidadora durante o período de transição da primeira infância até a adolescência dos filhos, passando de uma mãe extremamente insegura e ansiosa, para uma mãe descontraída, companheira, mas tranquila e relaxada nos cuidados dispensados.

Ana apontou que um fator crucial para esta mudança foi a diminuição da responsabilidade de cuidar dos filhos, associada ao grau de dependência existente na relação das crianças com seu cuidador principal, nos primeiros anos de vida. À medida em que esta dependência foi transitando para uma maior autonomia, Ana ficou menos insegura, o medo de fracassar diminuiu e ela passou de uma mãe vigilante à uma "moleca" que vivia o mundo dos filhos.

…"eu me sinto assim, uma mãe, mais legal com os meus filhos adolescentes do que quando eles eram crianças, acho que uma mãe mais madura, que entende, então, quando eles eram bebês, eu chorava, tudo eu chorava, o Hugo saia para trabalhar, eu ficava histérica, principalmente com o Marcelo que nasceu um mês antes e tinha bronquite, sabe? Era assim, e depois ficou aquela coisa, tinha que mandar fazer lição, tinha que levar na natação, sabe, eu era assim, era muita responsabilidade eu acho que a gente cumpriu…e eu sempre dizia assim, o pai é o legal, mas a mãe é a ruim, porque leva para tomar a injeção, leva no dentista que dói, sabe? …E quando eles foram crescendo a coisa ficou mais leve, eles iam, eles falavam, a Tati principalmente, você vai fazer isso? Não é só porque sua mãe fazia com você é que você vai fazer isso, ou sua mãe não fazia, você fazia, sabe? Ela brigava assim comigo e eu entrava em todas, eu era muito boba, eu acho. E tinha vezes que o Hugo falava, ai que saco, eu tenho que separar vocês duas...Porque eu sempre fui meio molecona, andava com eles pra cima e pra baixo, andava com o carro cheio de moleques, então uma vez eles montaram uma banda… eu carregava instrumento, fazia faixa, acompanhava, sabe, então, eu acho que a gente era assim, eu era cúmplice nos programas deles, na bagunça deles, eu acho que eu era meio presente, então, tinha muita cumplicidade, sabe? De meio que participar das coisas com eles, tinha horas que eles brigavam comigo, mais de igual pra igual, do que pra uma mãe, sabe? Berrava naquele festival, torcia, então eu acho que é por aí, a gente sempre teve isso"…

4. Preocupação

Mas uma vez, Ana mostra a importância da união familiar para a garantia do seu senso de segurança e aconchego:

…"Mas um está sempre com preocupação com o outro, sabe? Não é só a vida deles, mas eu já peguei a Tati preocupada com o Marcelo, vem me falar ou fala na frente dele e o Marcelo também, ah tô preocupado, a Tati não sei o quê, eu acho que existe um cuidado um com o outro, assim sabe? Uma coisa muito de proteção, agora não sei, a palavra por aí. Um cuidado, preocupação, interesse, não sei uma coisa de um querer saber da vida do outro…existe assim, acho que é preocupação entre os três, né?" …

5. Companheirismo

Aqui, Ana aponta o distanciamento existente nos primeiros anos de vida dos filhos favorecido pela relação de dependência. Desta forma, compreende-se que no período em que o sistema cuidador era eliciado de forma intensa e frequente pelos filhos ainda pequenos, Ana demonstrava um estilo de cuidados que oscilava entre o evitativo e o ansioso, como consequência do modelo interno que desenvolveu com relação à maternagem:

…"É isso tudo, essa troca de assunto, a gente viajar junto, ou viajar com uma amiga com os filhos e eu com os filhos, junto e estar nessa bagunça, assim sabe? Muito, muito embolados, não uma coisa de ficar muito distante, eles pra lá e eu pra cá. Acho que tinha mais quando eles eram pequenos, né? Depois eles foram crescendo e essa coisa de eu acompanhá-los quando eles eram adolescentes, ficou essa coisa até hoje. Por exemplo, eu tô sozinha em casa, um me liga, o que você vai fazer, ah nada, vou comer alguma coisa e depois vou dormir, no fim de semana, né? Ah então a gente vai passar aí, e a gente vai jantar, um dos dois casais me ligava, né? Eu falava não, vão lá vocês, fazer suas coisas, imagina, vão me carregar? Não, nós vamos passar aí, porque vamos, tinha muito essa coisa de me puxar pra um teatro, pra jantar, qualquer coisa, como quem diz, você não vai me atrapalhar, não. De virem me buscar, eu não quero sair, ou eu quero ficar sozinha em casa vendo televisão"…

A sensação de ter "vencido como mãe" está associada à proximidade dos filhos e ao sentimento de felicidade e bem-estar que eles demonstram.

Ana aponta também a dificuldade de se comunicar, compartilhar assuntos íntimos com pessoas próximas e demonstra seu prazer e êxito em ver esta dificuldade sendo superada pela filha, que se aproxima e compartilha segredos.

*… "é gostoso, porque eu vejo, assim, que eles ficam rondando, né? Agora ele tá meio afastadinho, mas é assim**, passa a segurança de você sei lá, ter vencido como mãe, sabe**? Eles tão felizes, essa coisa da Tati, né? **Eu nunca fui assim deu me abrir e contar um segredo, qualquer coisa, bobagem, sei lá**…É legal você sentir esse lado, né? Dela, vim falar dela…*
…eu entrava muito nisso de meio que proteger…
*…Então, **eu nunca, nunca me culpei de dizer ai acho que eu fui desleixada ou fui rigorosa demais, o resultado foi bom, né? A gente vai acertando, errando, vai tentando, então isso me dá uma certa segurança.** Eu, eu tenho tido assim, nesses momentos, agora com eles já adultos fora de casa, tal, às vezes assim, alguma, não é nem nostalgia, alguma coisa assim, como se você pudesse voltar um pouquinho e mãe dar palpite, sabe? Ele tem que saber sozinho, ele tem que errar sozinho, ele tem que passar até certas dificuldades, se for uma grande dificuldade, aí intervém, né? Mas assim, coisas pequenas, que é pra eles mesmos. Então isso, às vezes eu fico assim, ai, me dá uma tristeza ver o outro triste, ele tem que resolver sozinho sabe? Alguma coisa que vem a mãezona de novo. Mas eu acho que por enquanto eles tão dando conta"…*

d) satisfação e dificuldades na maternidade

A sensação de satisfação está estritamente relacionada à capacidade de autonomia dos filhos *X* dependência. Ana demonstra uma ambivalência entre o desejo de manter os filhos sob sua proteção e controle, e seu medo de fracassar diante da responsabilidade como cuidadora. O conflito entre manter os filhos sob

seu controle e deixá-los cuidar da própria vida, representa a ameaça de abandono e rejeição sempre presente na vida de Ana.

…"Ai, eu acho que essa coisa de ter muito orgulho deles hoje, eu acho que a coisa que me dá mais prazer é saber que eles tão bem, bem não tão, tão numa fase meio difícil aí, mas sabe assim? Conseguindo a vida deles, sabe? Têm saúde, cada um tem seu apartamento, tem seu carro, então, um dia mais encrencado, outro dia menos encrencado, mais, vão ter que aprender sozinhos, eu posso estar presente, mas eu não vou interferir. Mas ver que estão podendo fazer isso, passando apertado ou não, eu sei que eles tem capacidade de fazer, então isso é muito, bom. ***Você tem os filhos tocando a própria vida. Eles não dependem de você, lógico, a gente ajudou pra caramba, porque hoje em dia, filho se não ajudar, você não consegue comprar uma casa, você não consegue comprar, sabe? Mas eles sabem como tocar, então é muito legal isso."…***

e) Necessidades como mãe

As necessidades como mãe denunciam a ligação existente entre o sistema cuidador e o sistema de apego, na medida em que Ana necessitava de segurança e proximidade para se sentir confortável e confiante para desempenhar o papel de cuidadora.

f) Sentimentos

Raiva

Ana aponta que este sentimento era despertado pela falta de controle e pela frustração:

…"É, você acha que você vai matar o filho, pô.. tem um que come e o outro que não come, sabe? Cala a boca! Nossa, eu fiz coisas desse tipo. Então eu ficava com raiva, eu vou te matar! Sabe aquelas coisas que tinha emoção, que você quer fazer e você não consegue enxergar que o outro também vai fazer porque ele também tá com problema, então eu tinha aqueles ataques que brigava, tal, depois eu me matava. O que eu chorava, como que eu fui fazer isso com eles? A outra não mamou porque tava com dor de ouvido, sabe umas coisas? Então eu acho que era esse tipo de raiva, sabe? Pombas, ela chora a noite inteira, eu quero dormir! Sabe aquelas coisas que você, aí na hora que você enfia a cabeça no travesseiro e a criança descobre que você foi dormir. E chora a noite inteira, né? E depois de manhã, você acordava, a criança dormia, acho que foi mais com o Marcelo, que eu entrava num desespero, que eu enfiava no carro pra dormir"…

Culpa e medo

A culpa era despertada pelo sentimento de raiva e pela atuação agressiva em decorrência da frustração e da raiva. Este sentimento também se enraizava no medo

de não ser aceita ou rejeitada e de que os filhos tivessem uma imagem negativa dela, repetindo o modelo da mãe:

…"Culpa assim, eu sinto assim, de que possa ficar alguma imagem com eles negativa com a minha figura, então assim, eles não tem uma coisa negativa, mas assim, sabe que é brincadeira, né? Ele me cutuca e sabe que eu fico super chateada, ela fala, eu lembro dos rabinhos, minha filha só vai ter dois rabinhos, sabe aquela coisa? Então eu tinha assim, medo de que eles guardassem alguma coisa que eu tinha feito, nesse sentido, por inexperiência, por tá querendo acertar e não estar conseguindo, que eles pegassem isso e ficasse marcado, isso eu tinha uma coisa, terrível. Eu acho que até tem alguma coisa que eles guardem"….

…"porque eu tinha um medo assim, porque por mais que eu quisesse fazer o oposto da minha mãe, que eu ia acabar sendo igual a minha mãe. Porque acho que a gente, eu pelo menos no começo, tudo que eu não tinha, eu quis fazer exagerado, então, até você achar o equilíbrio, e quando era pequena, uma peste, ela falava não é porque sua mãe fazia isso isso isso, você vai fazer comigo, sabe? E com o tempo eu ficava me sentindo culpada, porque eu tinha que ser enérgica, eu era, não, não vai pra escola, sim, não vai faltar, sabe? Minha mãe falava, é só uma febrinha, vai, não, tinha que fazer lição, tinha que cumprir as obrigações, então ficou meio e eles fazem natação desde que se entendem por gente, né?"…

Segurança e ambivalência

Como característica do seu estilo de apego, inseguro e ambivalente, Ana se comporta a partir do modelo operativo interno, por meio do qual, entende que precisa agir sempre de forma adequada e eficiente para garantir o amor das pessoas e, desta forma, convive com o constante medo de ser rejeitada, inclusive pelos filhos, demonstrando a interferência das experiências infantis no desenvolvimento do seu sistema cuidador. A internalização desta insegurança se mescla com o senso de competência e auto-valorização desenvolvidos no papel de cuidadora. Esta ambivalência resulta num comportamento de cuidadora extremamente responsivo, o que significa que Ana conseguiu superar o modelo de rejeição e privação afetiva vivido com sua figura materna, isto é, sua meta na parceira com os filhos foi efetivamente alcançada. Porém, em decorrência desta expectativa de abandono, este estilo é ainda impregnado pelos sentimentos de medo e ansiedade:

Outros sentimentos foram descritos por Ana durante a entrevista no que se refere ao relacionamento com os filhos:

1) Sentimento de frustração e decepção com relação ao filho:

- Sobre a crise no casamento do filho:

…"mas falando, então, sabe, é uma coisa que daí eu não sei se é decepção, se é raiva, é uma coisa meio misturada, porque eu tô vendo meu filho sofrer, então eu não acho que isso vai pra frente, ou ela vai ter que mudar mesmo, porque ele, então isso me dói, me dói ver ele triste, porque ele está triste."

2) Sentimento de impotência com relação às dificuldades enfrentadas pelo filho:

"…Uma coisa assim que pra gente tá doendo, eu digo isso como pais, né? E não pode se meter…por enquanto eu tô esperando, na expectativa; já tentei conversar com ele, porque a gente sempre foi muito ligado, teve muitas conversas, ele evita. Um dia eu falei que eu queria ir falar, ele deve ter percebido e falou, mãe, se for sobre o meu casamento, sobre a minha vida, pode parar, eu não vou falar, assim, bem direto. Então tá uma coisa assim que eu tô só na expectativa pra ver o que vai dar. Depois, de repente eles resolvem ficar casados, porque ele já voltou pra casa, continuam casados e eu vou ter que engolir, mas a minha vontade, a minha vontade é pegar essa menina e falar poucas e boas pra ela, sabe? Porque eu sempre fui muito legal pra ela, sabe? E hoje, infelizmente, eu tenho que aceitar que ela não é a pessoa que ela tem mostrado ser…E eu sei lá, eu tô com as mãos amarradas. Eu tenho raiva, tenho vontade de falar pra ela, olha aqui minha filha, você é burra, você é burra, só falando assim. Não é pra falar, mas você tá perdendo um marido que te adora, que você joga tudo no chão, que te faz todas as vontades, você tem tudo do bom e do melhor, coisa que você nunca sonhou na sua vida e fica aí desse jeito até a gente ficar de saco cheio…Então eu tô com raiva, eu tenho vontade de chacoalhar ela, mas se eu encrencar agora, uma coisa não certa, não definida e ele não ficar com ela? Então eu acho que é uma coisa que eu estou vivendo hoje, é uma situação assim, que grrrrr, ai dela, quando escuto alguma coisa que ela fez, é uma coisa em relação a filho, muito difícil de a gente assistir."…

g) Reação a separação dos filhos

Como característica central de um estilo ansioso e preocupado, a perda do senso de controle mobiliza muita angústia e dispara ainda mais ansiedade; percebo este mecanismo nas situações de separação dos filhos, nas quais Ana se comportou de forma extremamente ansiosa e controladora, utilizando os mesmos mecanismos de defesa da infância:

…" o Marcelo, tava no pré-primário, da escola, então era um ano sim, um ano não acho que foram pra uma cidade passar dois dias, como a gente é tonta! Dois, três dias, sei lá o quê, nossa, a hora de fazer a mala, eu fiz uma puta de uma mala para o Marcelo, nossa, eu fiz uma monte de coisa e pus bilhete pra professora, olha, faz isso, faz aquilo, se ele tiver crise, você me liga. Ai, será que vão tomar conta do menino? E põem casaco, não põem casaco, não sei o quê, nossa, parecia uma agonia, porque foi a primeira vez que ele foi ficar longe de mim e sem ninguém estar tomando conta dele, né? Ai, mais eu fiquei! Quando ele voltou, eu fui correndo pra mulher perguntar, ai, mas ele tossiu? Milhões de coisas e ela falou: "ele passou ótimo!" e ele chegou, não tava tão ótimo. Tava meio friozinho, deve ter garoado, não tava cem por cento, mas acho que ele não tava nem aí, sabe? Não usou o que levou… tava nojento! Sei lá, deve ter ficado com a mesma roupa dois ou três dias, mas pra mim foi muito difícil essa separação, foi a primeira vez com um ônibus. Ih, eu não posso telefonar pra ver como ele tá, né? Essa daí foi, a primeira...

…"Então eu acho que todos os momentos que eu passei de estresse por ter separado dos meus filhos, não sei o que é drama, se é dramático, o que é, eu vivenciei, muito duramente, sabe? Pesou muito, doeu muito, eu senti muito. Era uma coisa assim, que tava escapando da minha mão. E se, de repente, acontecer dele precisar e não tiver, sabe? Nossa, eu viajava, né? Era assim, talvez até parte da minha personalidade, da minha história, tudo misturado aí, eu acho que todas as coisas da minha vida, foram vivenciadas muito intensamente, tanto as coisas boas, quanto as coisas ruins. Então, uma separação dessas pra mim, que era bobagem pros outros, pra mim era sofrido, sabe? Sabe, eu sentia mesmo, era uma coisa que doía pra mim, então, não sei eu acho que está um pouco fora de mim, né? Em ser tão, de ser tão, como é que fala isso? Em ser tão estressada, daí você tem crítica dos outros, ai que bobagem! Tá chorando porque ele foi ali, sabe aquelas coisas? Poderia gozar que eu chorava na frente."(rs)…
"*Então, eu acho assim, foi muito duro escolher o colégio! Meus filhos tinham que brincar, mas já que tem que ir pra escola, têm que ir pra um lugar que eu acho, com ar livre, legal, que eles possam brincar, sabe? Eu era assim, muito exigente, não sei se na época era a melhor escola pra colocar, mas eu sempre fui assim, então aconteceu, crescer, assim, primário, ah, a professora brigou, ah, deu lição de mais, não vai dar tempo de fazer. Alguma coisa assim, ah, eu virava onça, eu era daquelas mães chatas. (rs). No maternal, ai, lá vem aquela mãe pentelha, que fala isso, que fala, sou consciente, uma mãe pentelha, consciente!"…*

h) Revés no relacionamento

Ana aponta o conflito entre sua filha Tatiana e sua nora, desde o período em que esta era apenas a namorada de seu filho. A nora é percebida por Ana e Tatiana como invasora e pouco confiável, o que representa uma ameaça para a necessidade de controle de Ana sobre a relação com os filhos. Este conflito ficou ainda mais acentuado com a crise conjugal do filho.

i) Semelhanças entre mãe e filhos e influências na relação

Ana avalia que a semelhança mais significativa com Tatiana refere-se à extroversão e facilidade para a convivência social. Com relação ao filho, além das semelhanças físicas, ela se vê espelhada no jeito amoroso e sensível.

Quanto à influência destas semelhanças, Ana percebe que o jeito extrovertido da filha favoreceu os frequentes e intensos conflitos entre ambas durante a adolescência de Tatiana, na medida em que Ana precisava controlar o comportamento da filha e esta contestava estes limites e buscava conseguir o que queria, de forma determinada e agressiva. Já na vida adulta, Tatiana usou a mesma

agressividade para proteger e cuidar da mãe no período do tratamento do câncer de mama, o que para Ana foi extremamente importante e reconfortante.

…"fisicamente, que é mais fácil, o Marcelo sempre foi mais a minha família fisicamente e a Tati, a família do Hugo, tanto que o meu pai, quando ela era pequenininha, falava vem cá Luizinha, porque Luíza é o nome da minha sogra, é a cara, o jeitinho, quando reunia a família do Hugo, casamento essas coisas, eles sempre acharam que a minha filha era filha da minha cunhada, assim, hoje, fisicamente, eles também já estão mudados, a Tati tem o corpo de família do Hugo, isso continua, mas as pessoas que a conhecem falam, nossa, você não precisa nem dizer que é filha da sua mãe; você é a cara da sua mãe eu não enxergo isso, mas as pessoas acham, acho que o físico entra no emocional, a maneira de falar, a maneira de rir, na convivência você fica com a cara, assim, mesmo que não seja fisicamente, os traços… Agora, eu sempre achei o Marcelo mais parecido comigo na maneira de ser e a Tati, mais o Hugo, tanto é que uma época, eu achava que ela ia fazer a carreira Y, assim, na minha cabeça, mas ela odiava ler, tem que ler muito, então eu falei não dá. Mas a carreira Y é para uma pessoa que sempre foi assim: se ela achar A, é A até o fim, hoje ela já não vai mais entrar em conflito com a pessoa que tá falando B, mas sabe, pra ela é A e acabou, ela pode até ficar escutando, mas ela não muda o que ela acha é e pronto ela sempre foi muito decidida nas coisas, então, por exemplo, de pequena, ai vou por o casaco, põe, não põe, tá calor, não sei o que e a gente brigava feio, o Marcelo era assim, tá bom…Ele tinha a vontade dele assim, ele fazia o que ele queria, então ele é meio cabeça dura, ele fingia que ele tava concordando, entendeu? E depois, ele fazia do jeito dele. Eu acho assim, a minha maneira de ser, tipo a minha vida inteira, talvez eu não soube enfrentar as pessoas, falar como a Tati faz. Então a Tati era muito mais o Hugo, a maneira do Hugo ser e o Marcelo era muito mais eu, tipo assim, não falava, ele não era de falar. Mas, hoje, eu acho assim, a Tati é mais parecida comigo na maneira de ser extrovertida, tipo assim, na maneira de se dar mais fácil com as pessoas, já tá no ambiente, já tá conversando ou sei lá o que, e o Marcelo não, o Marcelo já é fechado, ele é mais lento, não que ele não fale, se ele entra num lugar ele não vai ficar num canto sem poder falar, ele é mais lento no processo….então, isso eu acho que ela tem de mim e o Marcelo é mais fechado. Eu acho que o Marcelo sempre teve mais coisa minha, na maneira, ele sempre foi mais sensível, mais amoroso, mais fechado, mais ele, assim, eu sacava. A Tati não, ela abria a boca era muito pão pão, queijo queijo e é mais precisa com o jeito do Hugo."…

E: No que estas semelhanças influenciaram o relacionamento entre vocês?
Ana: "…eles começarem a se tornar jovens adultos, porque como era diferente, a Tati na maneira de ser, a gente brigava o tempo inteiro, não descolava, sabe aquela coisa de você vai ficar maluco? Porque a gente ficava o dia inteirinho uma falava, a outra retrucava, era o dia inteiro de ponta, mas aí se eu sentava ela sentava do lado, se eu ia na cama, ela sentava na cama, sabe, assim? Grudada, grudada direto e depois as coisas foram sendo modificadas, um monte, ela foi amadurecendo e eu, de uma certa forma, também, eu fui vendo que eu era uma tonta e eu entrava mesmo. Daí, na fase da minha doença, daí ela mudou, totalmente, mesmo, sabe? Daí, ela virou não sei nem que adjetivo dar, mas ela virou a onça parida, não era mais eu a onça parida dos meus filhos, ela, era uma coisa, ninguém mexe na minha mãe, sabe? Ninguém toca na minha mãe, ninguém irrita a minha mãe, e ficou muito, eu acho que ficou muito legal. Foi muito gostoso fazer as coisas no casamento dela, eu fiz no do Marcelo também, mas era a nora, fica mais difícil. E da Tati era mais gostoso a gente dividia muito"…

j) O que espera que os filhos tenham aprendido da relação com a mãe?

Ana aponta no relato abaixo seu desejo de perpetuar nas futuras gerações a mudança de estilo de cuidadores. Ela reflete mais uma vez sobre sua meta de ser uma mãe calorosa, presente, participativa, quebrando o modelo de rejeição e frieza que viveu. A privação afetiva que viveu foi transformada em responsividade e sua

preocupação em repor a privação de afeto, não atropelou a necessidade de impor limites e exercer a autoridade com os filhos, ainda que isto fosse muito angustiante e penoso, já que Ana aprendeu desde pequena a jamais dizer “não” para quem amava.

…”eu gostaria que ficasse uma coisa muito, muito gravada pra eles é de uma coisa de ***independência****, que quando eles tiverem filho,* ***que eles façam de tudo mesmo, sabe?*** *Da forma que eles conseguirem, quebrar a cabeça, mas que* ***eles não deixem de estar presentes com os filhos, em momento nenhum, o que for, que eles meio que acompanhem, né****? E além disso, que sei lá,* ***que eles sejam amorosos, afetivos com os filhos, pacientes****, lógico que vai chegar uma hora que vai ter que dar umas palmadas, uns gritos, deixar de castigo, uns berros, né?* ***Mas que não deixe de ter esse lado, esse lado de passar coisa boa pro filho, o pai, a mãe, um corretor, né? …****uma maneira de você ser clara, de você ser honesta, eu acho que muita coisa você, é explicar pra um filho, tipo assim, é assim, porque é e acabou, assim, não tinha argumentos, você queria discutir, mas porque eu não posso ir lá? Por que eu não posso fazer isso? Não, é assim, sabe? Não tinha, não de repente, você explicar de uma outra forma, educar de formas diferentes, olha. É lógico que vai ter uma hora que você vai perder a paciência, vai botar de castigo e falar, não é não e acabou. Mas tentar falar: olha, eu não quero que você faça assim e assim, porque é perigoso, fazer sei lá, isso, sabe? Tentar manter o teu nível, mas você entrar na linguagem dele, no mundo dele e poder fazer com que ele entenda o sim e o não. Ai eu tive muita, muita ansiedade assim comigo, com as minhas coisas legal.* ***Porque eu achava que eu não podia só dar sim pra cobrir aquilo que eu não tive. Aquela parte afetiva eu queria, mas eu tinha que corrigir, eu tinha que dar o corretivo, então, às vezes, podendo, eu tinha que falar não pra eles não ficarem mimados, e isso entrava em muita angústia, e eu acho que não, acho que se você, na linguagem do filho, você consegue passar isso…*** *Eu não sei talvez eu esteja fantasiando uma coisa que fosse o ideal e não vai ser desse jeito. …Eles, que eles* ***sejam pais presentes, pais carinhosos, compreensivos, não bobões, corrijam também seus filhos, mas dêem mais chances, porque, às vezes, a criança precisa escutar um não****…*
*…****Então, muitas coisas ficaram sem explicação, sem motivo, não é não, acabou. Pergunta, era uma coisa meia rígida, né? Não é uma coisa que eu quis pros meus filhos e acho que seria legal eles não quererem para os deles…***

I) Diferenças entre mãe e filhos e influências na relação

A maior dificuldade de Ana referia-se à relação com Tatiana, pois ela tinha dificuldade de manejar a personalidade forte e determinada da filha, o que gerou muita tensão na interação entre ambas. Já com Marcelo, pessoa tímida e fechada, Ana não conseguia se comunicar com facilidade, em razão de sua timidez e pouco abertura para comunicação.

m) Estilo de cuidador

Conforme já foi discutido, Ana demonstrou uma tendência para manifestar um estilo de cuidados responsivo, porém inseguro, marcado por ansiedade e medo de não garantir o amor dos filhos com o seu repertório de estratégias para dispensar cuidados e afetividade.

- **Relação entre estilo de apego e de cuidador**

Isto denota a influência da perda vivida na infância pela rejeição da mãe, mas também aponta uma superação dos modelos internos internos originais, com uma avaliação menos distorcida sobre si e sobre os outros, com maior percepção e manejo dos sentimentos de insegurança e medo. A afetividade foi desenvolvida em outras relações e o medo passou a ser mais controlado diante das relações com o marido e com os filhos:

…"Então, durante essa minha vida, com essa vontade de aceitação, tudo, complicou, porque esse lado, ficou meio exacerbado, eu fazia demais e o outro adorava receber e não dava nada em troca. Em relação a amizades, em relação a namorados, então é aquela coisa assim, de você sempre dar muito e quanto mais eu dava, menos a pessoa retribuía, porque, sabe? Não tinha retorno, a maneira de retornar era diferente e eu achando que eu ia agradar, que eu ia ser aceita, então eu acho que isso é uma coisa, vamos dizer, que eu aprendi ou, não sei. Mas é uma coisa pra mim, clara atrás. Até eu achar um equilíbrio, não foi fácil, porque eu levei bastante tempo da vida…E isso que eu acho que é uma marca muito lá de trás, dessa necessidade isso eu tenho assim, mas muito nítido, muito…

…depois, acho que, com o tempo, você começa a ficar mais consciente, você amadurece, você vai entrar numa análise, então até aquele momento, eu acho que eu não era ligada nisso, porque eu ainda era insegura com relação à minha mãe: "poxa, foi meu aniversário, ela veio aqui trouxe um presente, ficou dez minutos e foi embora!" Ou, se eu falava: "vou fazer um jantar!', ou fazer uma festa à noite, ela vinha e voltava correndo, sabe? Então eu ainda tinha de ah, fez assim pro outro e não fez pra mim, minha irmã mais velha tinha filho, mudava pra casa da minha mãe, sabe, ter sua casa, sabe? Tá tudo bem, aí, ou eu contava, aí, eu tô tão cansada, o Marcelo me deu trabalho à noite, foi pro pronto socorro, sabe alguma coisa assim? Eu tava nervosa, preocupada, né? Ela falava, ai, isso é bobagem, porque sempre tinha uma coisa maior pra contar, que um filho tinha dado mais trabalho, quase morrido, ela sempre tinha uma história, então você falava, sabe assim, muito pequena e talvez por isso eu não tivesse consciência de tudo que eu tava fazendo naquele momento. Poderia estar de uma forma ou outra, às vezes errando com os meus filhos, com a minha neura toda. Sempre por perto, a hora que eles saíssem, eu tava sempre disponível, eu tava sempre disponível, sabe? Miou, eu tô lá. Mas eu não tinha, eu não tinha consciência disso"…

n) Perdas na vida adulta:

Ana relata a morte do pai de um casal de amigos e demonstra que o impacto desta experiência estava relacionado ao caráter de proximidade, trazendo o tema da morte e da perda para um contexto muito próximo de Ana, mobilizando seus medos e fantasias em relação a sua finitude e das pessoas que amava.

A primeira e impactante experiência de perda e luto foi a morte do pai ocorrida há quatorze anos:

… "foi muito ruim ele era uma pessoa assim, vaidosa, ele era um homem alto, mais pra magro, não magro, bem alto, olhando ele era bem alto…Então, ele tinha um puta físico pra um velho de setenta, de quanto, setenta e três anos?… Ele tinha setenta e três anos, né? E um dia ele foi fazer a barba e achou que ele tava amarelo, ele achou que era hepatite, alguma coisa… Aí marcou um médico e pediu um clínico, ele pediu um ultrassom e daí ele falou pra minha irmã médica, porque eu tenho uma irmã médica e casada com um médico também…mas ele estava achando que meu pai tava com câncer de fígado, eu lembro assim, que eu cheguei primeiro, eu não sabia da notícia desse jeito…
…Ele ficou oito meses na cama, então foi pegando tudo, pegando pulmão, assim, uma novela a internação dele, porque minha mãe não saia do quarto nem pra ir na lanchonete do hospital…Então foi um negócio muito difícil, pra gente, acho que pra gente, acho que pra mim, principalmente, porque e eu tinha essa ligação com o meu pai. pra mim foi muito difícil também o relacionamento com a minha mãe, durante a doença do meu pai. Foi assim, ah, foi complicado! Depois eu meus irmãos mais velhos, o meu irmão mais velho, principalmente, que a gente achou que ia segurar as pontas, era maior covardão! …eu segurei muita barra disso, olha, eu acho que, de uma certa forma, prejudicou a minha família também…
… Eu passei muito mal com essa morte. Eu acordava a noite chorando, ele falava, Ana, que foi, pesadelo? E eu falava não, tá doendo. A noite era de doer. Então, a pior morte pra mim, foi essa morte. Morte por ser uma pessoa querida, morte por ser uma coisa muito comprida, muito desgastada e, tipo assim, o meu casamento ficou meio estremecido com isso, que eu nem parava mais em casa, né? Então eu imaginei, também, uma coisa que eu acho que, tamanha imaturidade, né? Uma coisa assim, ah, agora, né?
…Será que ninguém vai cuidar de mim? Fazer um paparico, né? Eu fiquei arrasada! Eu acho que de lá pra cá, a minha família foi quebrando. Foi quebrando meu marido e os filhos, não filhos, filhos eu tinha sempre uma ligação muito forte. Mas irmãos, daí já entrou inventário, daí entra dinheiro, olha há catorze anos atrás que começou a coisa fazer assim (sinaliza com gestos que indicam uma revirada). Hoje, eu posso te falar, se me perguntarem, quantos irmãos você tem? Não sei, o que eu tenho é uma irmã que é essa minha irmã chegadíssima, que é a médica, que inclusive, me deu a maior força nesse negócio da minha doença, ela e meu cunhado e meu irmão que mora na fazenda…
…E daí foi, sabe, a família foi chegando a um ponto…Então, por isso que eu acho que a família foi quebrando, eu não sei, eu acho que meu pai foi muito o ponto central da família…Então eu acho que assim, eu acho que morte, a principal, foi a do meu pai….
… Do meu pai foi uma coisa muito mais sentida, assim, em termos, acho que de tempo, não sei assim, eu acho que já tinha passado muito tempo e eu continuava em não aceitar. Sabe, doía, doía, fisicamente, sabe?" …

O outra experiência significativa foi a morte da mãe ocorrida há cinco anos:

…Porque eu tinha acabado de voltar de viagem, nem sabia que ela tava mal, depois que eu fiquei sabendo dessa dor, aqui atrás (aponta para as costas). Então, quando eu operei eu tinha muita dor aqui. Então, eu falava vou morrer, é igual da minha mãe, é igual da minha mãe. E eu tinha um problema na cervical, tomava e depois eles tiveram que puxar o músculo aqui de trás, então tinha mesmo essa dor, nada a ver com a da minha mãe…

…foi assim, uma morte rápida, né? Em termos, na época foi, porque eu achava assim que eu estava sendo super legal, que eu tava fazendo tudo, que tinha passado, que eu tava assim, dando a maior força, que eu tava cuidando da minha mãe. Mas ela ficava muito dopada, por causa da dor e, realmente, tava ali por tá, porque tinha enfermeira o dia inteiro então, ficava mexendo no pé, mexe na mão, mas depois que ela faleceu ficou um negócio esquisito pra mim, porque ficou assim, eu não sei o que passou pela cabeça, que eu fantasiei, que eu ia falar com a minha mãe, sabe aquelas coisas que você imagina? …Mas não teve isso, não teve esse final, né? Vamos dizer, esse acerto de contas. A gente sei lá, a gente trabalha tanto, né? Nossa, eu fiquei muito mal, depois fiz terapia. Deu pra, vamos dizer, pra amenizar, porque é uma coisa que não vai mais consertar. Não adianta querer insistir nisso, ficar vivendo em torno disso, uma coisa que não vai voltar atrás pra consertar. Mas foi difícil, mas foram diferentes. Foram duas mortes, mas foram totalmente diferentes e no fim, a do meu pai, que por mais que a gente sentisse, que não queria que ele morresse, a gente já tava rezando pra ele morrer, porque com oito meses de hospital"…

Além disso, Ana teve que enfrentar a perda da saúde, devido a um câncer de mama, o que foi muito impactante e importante na sua vida, seja por ter acontecido dois meses após a perda da mãe, ou ainda, pela condição de vulnerabilidade, de medo de morrer, e pelo suporte social precário durante o tratamento:

…'Minha mãe morreu 29 de janeiro e eu fui operada, acho que treze, treze de março, eu acho, foi em março. E, nesse período, a minha filha tinha feito plástica no peito e lipo na barriga. Foi assim, um perereco, né?…
*… Então, foram coisas muito confusas, eu acho que tô falando isso pra voltar um pouquinho, hoje, então, vivenciei o luto da minha mãe, não deu tempo, misturou com o meu luto, né? Então, assim, foi muito complicado. Um pacotão, porque eu, sabe, na minha cabeça eu não conseguia digerir as coisas. Tinha coisa que eu queria questionar, mas ao mesmo tempo, não era mais hora de questionar, porque eu tinha as minhas coisas, a minha filha, a minha filha perdend*o aula na faculdade, porque ela não queria ir pra aula, ela queria ficar comigo o dia inteiro"…

o) Reações de luto

As reações envolveram choque, barganha, desespero e tentativas de desapegar-se da mãe.

Ana reconheceu e enfrentou as perdas pela morte do pai, pela rejeição e morte da mãe, e as perdas relativas à doença. Para isso ela viveu um longo processo até adaptar-se à nova realidade com a ausência das figuras de apego e rever sua identidade diante do novo contexto investindo em novas relações afetivas, como marido e filhos.

O processo de luto com relação à perda do pai envolveu tristeza, solidão, barganha, desamparo e angústia.

Já no luto pela perda concreta da mãe, Ana viveu sentimentos de choque, raiva, ansiedade, desamparo, alívio, culpa, vazio, angústia e confusão.

…"Do meu pai foi uma coisa muito mais sentida, assim, em termos, acho que de tempo, não sei assim, eu acho que já tinha passado muito tempo e eu continuava em não aceitar. Sabe, doía, doía, fisicamente, sabe? Uma coisa que pra mim era muito difícil, da minha mãe, foi uma coisa meio, meio, vamos dizer uma coisa pesada, apesar de, já tinha tomado tudo, uma coisa bem difícil. Mas ficou uma coisa, eu fiquei meio, parecia que eu tava meio entorpecida, sabe? Uma coisa que eu tava triste, eu chorei, mas ao mesmo tempo, sabe?"…

Com relação ao adoecimento, Ana viveu a sobreposição deste luto com o luto pela perda da mãe e sentimentos como choque, revolta, medo de morrer, ansiedade, e desamparo apareceram de forma intensa e frequente não só no diagnóstico mas ao longo de todo tratamento. Confusão, depressão e isolamento social também foram reações presentes neste período.

p)Situações de risco

- qualidade do vínculo com a pessoa morta
- os conflitos e questões pendentes
- processo de luto antecipatório no adoecimento
- suporte social
- estressores secundários

Com o pai, Ana relutou em aceitar a perda, porque isto implicava o desinvestimento emocional e ruptura de uma relação afetiva extremamente importante, em função da disponibilidade emocional que tentava suprir a privação de amor por parte da mãe.

Já com a mãe, a experiência de rejeição, impregnada de conflitos e sentimentos ambivalentes, que provocaram um processo de luto ambivalente desde

a infância, culminaram com a morte rápida, sem tempo para elaboração e resolução dos conflitos pendentes:

…"Essas coisas, não sei, eu fiquei um tempo que eu não conseguia me entender, daí, eu não resolvi isso, eu não entendi isso, sabe, fica muita coisa que não tem resposta. Coisas que eu gostaria de ter tido respostas…
…E eu acho que, assim, que eu gostaria de ter tido resposta, porque, obviamente, o jeito que eu fui criada, influenciou o jeito que eu criei meus filhos, né? Tudo que eu não tinha, eu queria fazer pra eles, ao contrário, eu queria dar demais. Então, era demais, então, a minha filha deu um trabalho!. Aí, logo que a mamãe morreu, que eu tive que ser operada, pra Tatiana foi difícil, foi um negócio meio repentino, né?"…

Não posso deixar de citar o aspecto psicogênico do câncer de mama, diagnosticado dois meses após o falecimento da mãe, incluindo somatizações semelhantes às da figura materna quando descobriu a doença. O sentimento de rejeição e a baixo auto-estima reprimidos por Ana ao longo da vida, sem que esta se permitisse demonstrar desespero e expressar a sua dor, raiva e hostilidade em relação a mãe e a outras pessoas, tornaram-se extremamente estressantes para Ana, deixando-a numa condição de vulnerabilidade para o adoecimento. A falta de esperança e crença em si mesma foram camufladas por um estilo alegre, e despojado de conviver socialmente.

Ao receber o diagnóstico de câncer, Ana isolou-se socialmente, deprimiu e se sentiu mais uma vez abandonada e sem esperança.

q) Suporte Social

Na morte do pai e da mãe, Ana contou com a ajuda do marido e da irmã médica, com quem dividiu tarefas e apoio emocional mútuo. Porém, Ana sofreu com a falta de apoio e participação dos demais irmãos e, como perda secundária, após a morte do pai, a família começou a viver inúmeros conflitos que já existiam, porém eram implícitos até este acontecimento, e surgiram disputas pela herança que levaram a um ruptura da estabilidade familiar e separação dos irmãos.

Já no adoecimento de Ana, ela relata falta de apoio do marido e da família dele, contando com a ajuda da filha que se manteve mais constante nos cuidados e, posteriormente, aceitou o apoio profissional de sua psicóloga:

…"Acho que todo mundo ficou meio perdido. A minha sogra é uma pessoa que, hoje, convivo em respeito ao meu marido, eu tenho que freqüentar, quando eu freqüento, sabe? Porque em momento algum ela me visitou, ela não pegava no telefone e falava assim, você quer que eu vá aí te fazer companhia? Nada, a filha dela se diz enfermeira formada, sabe, não sei o que, sabe, isso foi um negócio que doeu muito, sabe, eu falava assim, perguntava, ah, ela ligava no escritório pra saber notícia"…
…Várias pessoas distantes, que hoje são próximas, se ofereciam pra me levar na quimio…Eu falava pras pessoas, olha, não é que eu tô recusando, a Tatiana faz questão de ir e como a pessoa tem que ficar três horas e meia lá, eu acho que é bobagem, você vai perder tempo, vai descansar, um jeito para eu falar: "olha, o dia em que eu precisar eu peço", mas a Tatiana não abre mão…
…Eu parei de fazer terapia uma hora, né? No dia, a minha terapeuta queria ir até a minha casa, eu não queria ver ninguém, eu não queria ver terapeuta, pra mim assim, como eu ainda vou falar das minhas coisas, sabe assim? Eu acho que eu tava tão desorientada, tão perdida que eu, ela inclusive foi falar comigo. Ela me ligou falando, olha, eu acho que você precisa ter apoio, eu falava: "Não quero, eu prefiro ir passear no shopping". Eu tive uma crise, até que as coisas foram, vamos dizer, acalmando, ali naquele momento, né? As coisas foram entrando muito na rotina comecei a me sentir sozinha, daí deu tudo, depressão, a misturar minha mãe, aí comecei a elaborar minhas coisas, um dia a terapeuta me ligou, ela ligava pra saber noticias, tá assim, tá assado, eu nunca falava com ela. Um dia eu atendi o telefone, pelo amor de Deus, eu preciso voltar, eu acho que naquele momento, tava todo mundo perdido, eu acho, a gente não soube, ou não teve alguém que soube como comandar era, olha você faz isso, você faz aquilo, sabe? Meio que organizando a casa…
… Mas faltou, faltou assim um, acho que uma cabeça aí, talvez eu contasse com o meu marido ou esperasse muita coisa dele que não teve, mas ele também acho que não sabia nem onde ele tava, como ele tava, a reação dele foi diferente, ele se encapsulou e morreu o emocional ali. O racional concreto, no trabalho cada vez que ele se enfiava mais e largou tudo, largou tudo, então era difícil, né? Então acho, o momento de eu ter sentido necessidade de alguma coisa, falta de alguma coisa, que a gente sentia falta acho que de tudo, não sei nem dizer do quê"...
… É falta, eu acho assim, sempre falta um apoio, e é assim, tem gente que perde o pai e a mãe cedo, não sei, mas, simbolicamente, pra gente, a gente acha que a mãe vai proteger, a mãe vai dar carinho, vai tudo…E eu acho que pra mim veio acompanhando o que eu não tive, o que eu não tive, entendeu? A falta sempre ficou, sempre ficou o buraco, sempre ficou aquela coisa de ir em busca de..".

Resiliência

Pensando numa metáfora para a história de Ana, visualizo uma flor que, mesmo abafada numa cúpula de vidro (rejeição) translúcido, *ainda e sempre*, consegue encontrar um espaço para crescer e se espalhar.

O enfrentamento do câncer representa uma experiência importantíssima na vida afetiva de Ana, porque, além do sofrimento que ela conseguiu enfrentar, ela lidou com esta experiência de uma forma muito diferente da qual tinha enfrentado as adversidades anteriores, incluindo a rejeição da mãe e a morte das figuras parentais.

Neste episódio, Ana permitiu-se expressar a gama de sentimentos negativos abafados durante toda a vida e isto permitiu que o processo de doença pudesse ser elaborado. Além disso, por meio do enfrentamento desta experiência, Ana transformou alguns significados construídos ao longo da vida sobre relacionamentos e sobre si mesma, melhorando sua auto-estima, resgatando a esperança e revendo suas necessidades, metas e capacidade de enfrentamento:

…"Eu tinha que ir em busca de alguma coisa, mais pra frente um pouco, que daí eu entrei em uma depressão do capeta, eu tive, eu fiquei muito sozinha, eu tava muito sozinha, né? Tanto que eu comecei a escrever o livro e tal. Eu acho que eu tinha que ir em busca de alguma coisa pra sair do buraco, porque se eu dependesse, vamos dizer, da minha mãe, eu ia ficar no buraco. Eu não tinha condição de me apoiar em ninguém, ninguém tinha condições de me segurar, e aconteceu uma coisa que eu tive uma briga homérica com o médico e hoje eu sou amicíssima…ele chegou pra mim e falou assim, eu tava péssima, eu tinha que fazer curativo, eu tive que fazer a pele crescer com um expansor, um horror. E eu ia chorando, eu ficava histérica, eu tava muito pra baixo e um dia ele me chamou na sala, falou senta, ele me deu uma bronca! que eu não tinha idéia como o meu marido e meus filhos deviam estar, que eu era uma pessoa forte, que eu não podia entregar os pontos, eu tive um ataque, eu quase pulei no pescoço dele. Eu falei: "eu que tô doente, meu, eu que preciso e ninguém tá enxergando, poxa vida!" E eu acho que é um momento muito infeliz, porque deve ter sido, depois de um tempo eu vi, deve ter sido uma barra, ele falava para todas as pacientes para segurar, pra não deixar a peteca cair e ele falou pra pessoa errada, porque a coisa entrou muito, sabe? Eu tava precisando e ele falou um negócio pra mim. Então eu acho que é isso, eu acho que sempre ficou esse buraco, esse buraco ficou e eu tive que tirar uma força não sei da onde, daí eu fui descobrindo o que eu poderia estar fazendo pra fazer. Eu acho que dessa coisa de descobrir e começar puxar, eu fui me levantando e quanto mais eu puxava e procurava, mais eu ia indo em frente, então foi o caminho que eu fiz, sabe? Eu tive que ter um objetivo, pra levantar, né? Pra poder sair do buraco, porque eu achei que eu não ia sair, sabe? …eu sempre fui movida a desafio, porque eu sempre tive tanta desafio e aquilo me dava força para eu brigar, para eu lutar e eu ia chegar. Então, eu acho que foi por aí, eu tive que ter um objetivo, para eu consegui sair da depressão, sair disso, eu achava que eu ia ficar no buraco mesmo, que eu não ia sair do buraco"…

a) Mecanismos de risco:

Algumas características demonstradas por Ana foram consideradas mecanismos de risco para o enfrentamento do abandono e de outras adiversidades:

- Percepção de informações contraditórias sobre relacionamentos amorosos;
- Modelos operativos internos marcados pela insegurança e baixa auto-estima;

Algumas experiências foram percebidas por Ana como situações de risco para sua capacidade de vinculação e de enfrentamento das adversidades:

1. Rejeição desde a primeira infância;
2. Perda do pai e da mãe;

3. Dinâmica familiar conflituosa com mãe e irmãos;
4. Pouco suporte social;
5. Crise conjugal agravada pelo envolvimento de Ana com o processo de doença e morte da mãe e, logo depois, pelo diagnóstico e tratamento do seu câncer.

b) Mecanismos de proteção

- Diminuição de reações negativas que se sucedem à exposição ao relacionamento com a mãe;
- Incremento da auto-estima e auto-eficácia por meio da existência de relacionamentos de apego seguro com a “avó torta” e execução de tarefas bem sucedidas,
    - Cuidados com os filhos;
    - escreveu um livro sobre o câncer;
    - retomou a carreira profissional como autônoma;
    - retomou os estudos;
    - investiu no resgate do casamento;
    - diminuição dos conflitos com a filha;
- Temperamento fácil
- Valorizou a capacidade de lidar com a perspectiva futura de situações de *estresse* e adversidade e a capacidade de superar as sequelas do risco psicossocial do passado, referentes ao abandono, às perdas e a doença:
- Maior autonomia depois da doença;
- Estratégias de enfrentamento eficazes;
- Maior flexibilidade;

Outras experiências foram avaliadas por Ana como situações que favoreceram sua capacidade de vinculação e de enfrentamento das adversidades:

- Relacionamento com o pai;
- Relacionamento com a “avó torta”;
- Relacionamento com a irmã médica;
- Apoio profissional (psicoterapia e médicos envolvidos no tratamento do câncer)

c) Influência do casamento

Ana avalia que a ausência física do marido influenciou seu desenvolvimento como mãe porque a obrigou a assumir a maternidade e a responsabilidade perante a criação dos filhos. Inicialmente, Ana entendia isto como um aspecto negativo, uma repetição da situação de abandono e desamparo, mas, atualmente, ela busca enfocar no aprendizado positivo que isto ocasionou. Isto demonstra sua mudança de interpretação das situações adversas como um forte mecanismo de proteção para lidar com outras situações de desamparo.

…o Hugo sempre foi mais rígido e mais amadurecido do que eu. Eu acho que mais responsável, começou a trabalhar muito cedo, tinha aquela coisa, meio de protetor, meio de tomar conta, mas em relação, por exemplo, ao Marcelo… no começo, bem no começo, o Hugo ajudou. Depois, ele tinha que viajar e eu entrava em neura, ***então eu acho que isso, de uma certa forma, provocou o meu amadurecimento como mãe. Eu tinha que assumir que eu tinha filho,*** *ele se arrebentava, eu tinha que ir pro pronto socorro costurar,* ***sempre acontecia quando eu tava sozinha, então quando ele chegava, já tava tudo resolvido, já tinha o sufoco. Então eu acho que ele ajudou porque eu tive que fazer…****Eu tive que aprender a fazer um monte de coisa sozinha, não depender dele, correr pra pronto socorro…****Então, eu acho que foi esse outro lado de vamos dizer assim, de uma certa ausência e daí eu tive que me virar. Isso influenciou****.*

E: Você entende isso como ponto positivo, negativo?
Ana: Hoje, positivo, teve uma época que eu achei que ele era muito ausente, só eu que levava no médico, só eu que levava na natação, na equitação, o diabo… teve uma fase que eu, eu achava ele muito ausente, assim, mesmo quando eles eram maiores, algumas coisas eu sentia que como eu tinha uma com os meninos, eu acabava eu resolvendo, eu decidindo eu tendo que agir e eu agia. Então eu achava que ele era ausente, hoje, sei lá. Eu penso assim, se ele tinha ausência, mas isso não quer dizer que ele não tava nem aí. São circunstâncias da profissão dele, da vida dele, tal. ***Pode ter sido até um pouco negligente, mas quando ele tava junto eu acho que ele era presente, sabe****?”…*

Categorias de análise estabelecidas posteriormente:

a) Reverberações da entrevista:

Ana também foi questionada sobre as possíveis reverberações ou mobilizações da realização da entrevista e relatou que o aspecto que mais ressaltou foi o fato de perceber que consegue lidar com estas lembranças de forma mais tranquila, dominando melhor as emoções. Como característica da elaboração de uma situação traumática, Ana lembra do contexto traumático mas conseguiu desconectar a emoção, ou boa parte dela, da memória:

O que você achou da entrevista ? De falar sobre o passado e sobre o presente?

*… **de falar e não conseguir falar, de ter crise de choro e o assunto ou coisas assim, só de lembrar sei lá, sozinha, você está pensando, de vir àquela ânsia de choro, sabe, aquela tristeza que dói? Foi legal de ver que é lógico, você não apaga, você não esquece, faz parte da sua história de vida, então isso tudo, aparece no meu comportamento, provavelmente no comportamento dos meus filhos como pais, mas são marcas que você sei lá, que hoje eu lido de uma forma diferente. É lógico, que se pudesse apagar, voltar lá atrás e falar, apaga tudo e faz um filminho mais bonitinho, mas já que não pode, eu acho que assim, tem que ver o lado positivo da coisa…***

Porém, o acionamento da memória destas experiências, num nível mais profundo, mobilizou alguns sentimentos que foram manifestados de forma inconsciente por meio dos sonhos.

*…"Não, eu senti assim, **mexe um pouco**, não vou dizer que não mexe, de você tá lembrando, de você estar mexendo, **mas, talvez, antes mexesse muito mais**. Porque você não tá falando na coisa sempre, você não tá lembrando, e agora eu não lembro, se foi depois que eu vim aqui, agora eu não sei, não sei dizer, **mas é que eu tenho sonhado com o meu pai e com a minha mãe, e eu sonho que eu tive, foi depois da quinta feira** (primeiro dia de entrevista)**, isso eu lembro, e a minha mãe apareceu doente e era da manhã, e eu falava assim, como pode, você já morreu?** Sabe, uma coisa meia louca? Não, mas ela voltou, ela voltou, ela tá assim e ela vai morrer, falei, mas não pode, ela já morreu, eu não conseguia entender, sabe? …**E, daí, tinha uma outra situação também, que meu pai ia pegá-la, e eu falei, mas ele tá morto, como pode?…** Daí eu imaginei que tenha sido de tanto falar, tal, mas assim, chegava até ser meia cômica, sabe? Não sei, era uma festa na casa que a gente morou a vida inteira, uma coisa lá de trás, sabe? De espaço, de ter falado, tem mexido a semana inteira, né? Mas nada assim que tivesse preocupado, numa boa, que eu ficasse angustiada, não, nada disso. Passei bem, normal."…*

*…"**de transformar sempre uma coisa assim, muito ruim em me da uma força de eu transformar numa outra coisa que seja o oposto. Talvez lá trás eu não tenha tido nem tanta consciência disso, hoje eu tenho completa consciência, tem tudo que ta assim negativo, pesando, vai ter conseqüência, uma coisa difícil, problemática, eu tenho um movimento muito assim eu acho mais, da coisa estar errada, não estar dando certo, então alguma coisa, vem um negócio, vem aquele movimento deu querer transformar. Da minha doença, é uma coisa, talvez, que toda a minha história lá atrás foi negativa, hoje tem a positiva.** Eu tive que me virar sozinha, eu tive que ter uma força pra não ser igual o que ela foi. Eu falava: "Ai, meu Deus! Será que era só a maneira de eu ver ou ela é assim mesmo, né?"…*
*… **Eu acho que tive que crescer na amarra, me virar na marra, amadurecer na marra, tudo na marra, tudo por forças das circunstâncias, então eu acho que talvez eu não coloque de um lado tão negativo. Haja anos de terapia e o diabo, né? Não sei, hoje eu convivo com isso numa boa, sabe? Se eu tiver que contar, lógico, não é uma coisa que você conta aberto, porque eu acho que alguns lances as pessoas nem vão entender direito, como é que é?***
***…**eu acho que isso é uma coisa que trouxe muito pra mim, essa coisa de ser insegura, de não saber tomar uma decisão, por muito tempo foi assim, uma coisa que me prejudicou, porque, assim, eu pra todo mundo, depois eu podia eu resolver, mas eu nunca, se vai ou não vai, eu falava, eu vou porque resolvi. Não, pergunta pro outro, pro outro, a mesma história do branco e do preto, vai comprar branco ou preto? Até tá, eu vou levar os dois, de repente eu goste do branco, de repente eu goste do preto, sabe? Então eu acho que isso é um reflexo lá de trás…*

Além disso, como mostra o trecho acima, a entrevista favoreceu a reflexão de Ana sobre suas características de enfrentamento destas experiências de perda e esta revisão trouxe um reconhecimento do seu amadurecimento, da melhora da sua auto-estima.

E: Quando você começou a terapia:
Ana: Olha, eu comecei, tava começando a adolescência, é, eu achei que daí eu, eu não tinha estrutura, sabe? Pelo menos pintaram pra mim, né, adolescência difícil, teve o lado difícil, é obvio, ninguém é certo? Mas eu tinha medo, sabe? Eu era insegura, sempre fui insegura, então eu achava que eu não ia dar conta e daí a terapia. Era assim, primeiro chegou com, porque é assim, que vai, sempre chega assim os meus filhos, os meus filhos tão péssimos, eles tão adolescentes, sabe, eu acho que eles eram pré-adolescentes, ai não era nada disso, né? Primeira, primeira sessão, já comecei a chorar, de tanto que eu soluçava, então faz muito tempo que isso é trabalhado, né? Ai, quando você tá vivenciando isso, você vai no embrulho, você vai tocando, talvez eu tivesse um pouco mais de conhecimento, um pouco mais de voltar lá atrás e falar chegou a hora, você precisa fazer, você precisa acontecer, né? Eu carreguei eles…

Por fim, Ana afirma a importância do apoio que encontrou na relação com a psicoterapeuta e considera que por meio do processo de psicoterapia, conquistou seu amadurecimento e senso de auto-confiança.

7.7.2. Análise da Entrevista com Júlia

O contato com Júlia

Contato: Júlia tomou conhecimento da pesquisa por meio de sua psicoterapeuta, que ao ser informada sobre a pesquisa pelo *e-mail* enviado, apresentou a proposta para Júlia, que, por sua vez, aceitou participar e entrou em contato por telefone. Após duas conversas por telefone, esclarecendo objetivos e explicando o procedimento, percebi que Júlia estava preocupada com a questão do sigilo e busquei deixá-la à vontade para fazer perguntas e avaliar sua disponibilidade para participar. Ao obter mais informações relativas ao termo de compromisso, ela se mostrou mais despreocupada e quis marcar um horário para realizar a entrevista. Justificou que depois que começou a fazer psicoterapia, aprendeu a valorizar o trabalho do psicólogo e que, portanto, gostaria de contribuir e, quem sabe, até ajudar outras pessoas.

Contexto familiar na infância

A mãe de Júlia engravidou aos dezessete anos de idade, quando namorava com seu pai e esta situação foi reprovada e rejeitada por sua avó materna que expulsou a mãe de Júlia de casa. Sendo assim, sua mãe foi acolhida nas casas de amigas, e durante toda a gravidez sua mãe ficou separada de seu pai e sem apoio familiar.

Na ocasião do parto, houve outro conflito entre a avó e o pai de Júlia, o que resultou num novo afastamento de seu pai que não chegou a registrá-la como filha legítima, e Júlia cresceu sob o estigma social de ser filha de pai “desconhecido”.

Portanto, Júlia nasceu num contexto de múltiplas rejeições; da avó, do pai, e de forma mais ambivalente, da mãe.

O contexto familiar tornou-se ainda mais complexo porque seus pais voltaram a viver juntos pouco tempo depois e tiveram outro filho, André, mas voltaram a se separar dois anos depois.

Portanto, a configuração familiar de Júlia foi caótica desde sua constituição:

Júlia relata que uma das razões para que o relacionamento entre seus pais fracassasse foi a diferença de nível cultural existente entre eles; ele era um homem extremamente culto que foi adotado pelos empregadores de seus pais e que, por isso, recebeu uma boa educação, mas enfrentou muito preconceito em razão de ser um homem negro, adotado, que viveu numa família de pessoas brancas e ricas. Já a sua mãe era órfã de pai e sua família era chefiada por sua mãe (avó de Júlia) que era uma mulher de nível sócio-econômico baixo, mas muito empreendedora e que conseguiu oferecer boas condições de vida e educação para os filhos por meio do trabalho.

Separada do pai de Júlia e criando os dois filhos sozinha, sua mãe tinha como meta conquistar uma vida material melhor, mas não conseguia ter e oferecer estabilidade emocional para os filhos o que resultou numa dinâmica familiar extremamente instável com inúmeras situações de abandono por parte da mãe, da primeira infância até o início da vida adulta:

…"Bom, minha mãe é mãe solteira, né?… Eu sou a primeira, ela tinha 17 anos, e morava com minha avó que já era viúva também com mais dois filhos, né. Então, com 17 anos, ela namorava com meu pai, engravidou e quando minha avó descobriu a gravidez, ela tocou a minha mãe pra fora, era uma situação anormal naquela época e ela ficou em casas de amigas, coisa assim... Quer dizer, o meu pai nem acompanhou a gestação da minha mãe assim, de uma maneira responsável, né. Acho que, esporadicamente, ela o procurava, ou ele a procurava, não sei, eles não ficaram juntos na minha gravidez. A partir daí, a minha vó, assim, ela hostilizou bastante a minha mãe e ela tinha por mim assim...Ela se afeiçoou a mim, mas como ela era uma pessoa sofrida também, você veja, ela tinha ficado viúva também, então você imagina a cabeça dela. Ela não demonstrou, inicialmente. Então foi uma rejeição total, meu pai, minha avó e a minha mãe também, por conta de que ela ficava pensando: se eu gostar desse bebê, vão dizer que eu gostei de ter um bebê solteira, né? Então eu fiquei muito de canto e minha mãe até hoje comenta: você era ruim. Ela sempre disse isso. Você era ruim porque em vez de mamar, você mordia (faz expressão de desaprovação)…Então, foi uma infância difícil porque a minha mãe se tornou a ovelha negra da família, porque tinha engravidado e solteira. E ela continuou o namoro com meu pai e teve mais um filho, o André (ainda de braços cruzados) Então aí, extrapolou mesmo, porque daí eles ficaram juntos, depois do André, eles ficaram juntos, mas o meu pai nunca me registrou, por conta da briga que ele teve com a minha vó na maternidade, todos os meus irmãos têm o nome do meu pai, da minha mãe, registrou tudo normal. Eu, naquela época ficou pai ignorado, e isso, é uma coisa que fica pra vida toda... Han (pequena pausa) Eles não ficaram juntos muito tempo. Eles se separaram acho que depois...Acho que quando o André tinha uns dois anos, mais ou menos, acho que um ano e pouco. E, aí, a minha mãe teve uma vida, acho que bastante difícil pra época, porque meu pai era um homem que ...Ele tinha uma cultura diferente da minha mãe…

…Então, han, acho que essas mudanças todas que aconteciam com a gente e não conseguia manter um padrão de vida legal, porque ela nunca quis ir morar na periferia... E ela não conseguia, a gente ficava dois, três meses num lugar e tinha que mudar. A gente chegou a mudar de um apartamento e deixar todos os móveis dentro, toda nossa roupa, não conseguiu tirar"…

O comportamento de Apego na infância

a) Percepção da relação com a mãe:

Júlia não conseguiu atribuir adjetivos para o relacionamento com a mãe, que definiu como complicado, mas escolheu algumas características para descrever o comportamento da mãe:

1. **Nervosa:** Júlia aponta que a característica mais marcante da mãe, nos poucos momentos de interação era o nervosismo e relata que isto implicava um medo constante diante de sua presença. Neste sentido, este sentimento era ocasionado, em alguns momentos, pela agressividade e, em outros, pelas pistas que a mãe dava da iminência do abandono.

*"…Agora, a relação com a minha mãe que eu me lembre, a minha mãe sempre, não sei, é muito complicado, porque quando ela estava junto, quando ela estava junto com a gente, ela tava sempre **muito nervosa**, **a gente tinha muito medo dela**, essa é a verdade, ela tava sempre nervosa e ela era muito nova"…*

2. **Prática:** Júlia se remete à objetividade da mãe, que não negligenciava a alimentação dos filhos, deixando a alimentação pronta para ser consumida durante seu horário de trabalho. Júlia demonstra que, apesar da dificuldade afetiva, sua mãe era muito zelosa com os cuidados básicos como a comida, vestuário, que ela mesma confeccionava, numa tentativa de desempenhar os cuidados com relação aos filhos:

> *"…o mais importante pra minha mãe, **mesmo quando ela tava em casa, eu não sei, não era o afeto, a minha mãe era muito prática**. Eu lembro de uma vez ela me levou, tem um parquinho da prefeitura, subindo a ladeira F, eu lembro dela deixar a gente no parquinho lá e ir trabalhar, aí ela fazia uma marmita que eu amava, ela punha arroz, feijão e ela fazia com batata frita, que até hoje eu gosto, ela cozinha bem. **Eu acho que ela tentou, eu acho que bem no começo assim, eu acho que ela tentou muito ser mãe**. E o que eu lembro é que todos os meus vestidos ela sempre fez, porque ela costurava, né? Ela não gostava, ela gostava muito de me enfeitar, mas sabe, assim. Eu não sei, eu acho que eu fiz um pouco de bloqueio de algumas coisas. Deixa eu ver, mais cedo…eu lembro do parquinho que ela levava, todos os dias a gente ia de shortinho vermelho e camiseta branca, **ela sempre gostou de arrumar bem bonitinho"…***

3. **Inteligente:** Esta característica era associada ao aspecto criativo de sua mãe com relação à confecção de suas roupas, o que foi percebido por Júlia como uma atitude de afeto e que foi internalizada como uma memória muito positiva da interação das duas. Por outro lado, Júlia lamenta a dificuldade da mãe em manter comportamentos construtivos como mãe.

> ***…"A minha mãe é muito inteligente**, e eu acho que a única coisa ruim disso é que ela não persistiu mas ela é muito inteligente, **muito criativa**, eu diria que ela era uma **artista, porque ela pegava retalhinhos, isso eu me lembro, de tecidos e fazia vestido, mas ela sempre fez isso, lindamente**…*
> *…Ela era autodidata, ela nunca estudou, era muito inteligente. E assim, meio nômade também, sabe? Mas muito criativa…o que você imaginar, ela faz ..se ela ver esse sofá, ela faz uma capa pra esse sofá. Ela tira as medidas, faz o molde e faz…só que vai ficar mais linda a capa do que o forro, porque ela já faz uma almofada combinando."…*

4. **Irresponsável:** Esta é característica se configurou pela ausência da figura materna e pelas exigências quanto ao comportamento dos filhos, somadas aos sucessivos abandonos por parte desta figura de apego. Portanto, esta

figura cuidadora não ofereceu estabilidade, conforto e segurança para os filhos, que tiveram que criar estratégias para garantir estas necessidades.

Um relato muito importante é a tentativa de suicídio da mãe, que mobilizou sentimentos de culpa, medo e raiva em Júlia que, além de socorrer a mãe, foi acusada pela própria mãe de ser culpada pelo comportamento auto-destrutivo de sua figura de apego principal.

…"E a outra, a outra coisa que a gente herdou muito da minha mãe, fora a criatividade, ***é que ela por ser muito irresponsável, ficou a responsabilidade e ela cobrava isso, é engraçado, que ela era totalmente avoada, mas ela cobrava…***
…Tinha, uma ***vez ela tentou suicídio****, aí, a minha mãe tem mania de remédio e quando ela não consegue alguma coisa por bem, ela consegue pelo emocional, então ela deixou a porta fechada, não tinha comida, a gente perguntando: e agora? Tinha uma amiga na casa dela, e ela falou, eu tomei não sei quantos comprimidos e ela falou: "você vai morrer" e ela falou: "eu quero morrer mesmo". Ela começou dizendo que tava com taquicardia, e hoje eu sei o que é taquicardia, que tava adormecendo e não sei mais o quê! Nossa, nós morávamos no sexto andar e como a gente ia carregar esta mulher? Então a amiga falou: "Então, compra leite, vai buscar leite…rápido! Vai chamar um "sandu", o "sandu" era um tipo de ambulância que vinha, sabe? Era do governo. Vou telefonar pro "sandu", vou no apartamento da vizinha telefonar, aquelas coisas. E ninguém tinha nada, não tinha telefone e era um tal de "****Júlia, vai comprar leite! André chama o sandu, bate no apartamento da vizinha!****". Ficou aquele tumulto. E a gente era pequeno e tão sozinho…e minha mãe tinha aquelas coisas de jogar na cara: "Porque eu sou sozinha, eu tenho que fazer isso pra vocês dois e tem a Júlia que não faz nada! É impossível, como é que eu posso? Vocês isso, vocês aquilo". Então a gente resolveu que a gente tinha que ajudar, a gente tinha, quem sabe assim ia ficar mais fácil, né?*** *Imagina como é difícil, vocês dois, e a gente via que era mesmo complicado, porque minha tia falava mal, minha vó falava mal, todo mundo falava mal. A gente ficou numa creche aqui perto…olha, como vai lembrando das coisas! E era aqui na rua F, pertinho, e era qualquer creche, porque a gente era pequeno, acho que o André não tinha nem dois anos. Ela estava procurando e colocou a gente na creche A, era uma creche de pessoas ricas, mas eles davam bolsas de estudo. Ai colocou a gente lá e largou, ficou um mês sem ir lá, né? Mas ai a minha vó veio, porque eu acho que na ficha ela tinha colocado o telefone da família e a minha avó veio e levou a gente pra casa dela, e, uma lembrança que ficou pra mim, o André não lembra que ele era pequeno, é que as mães vinham visitar as crianças, eram domésticas que dormiam no emprego então elas deixava neste lugar, mas elas vinham de final de semana buscar as crianças e a minha não vinha. Eu ficava triste, mas eu não ficava com raiva, você vê, eu pensava :"ela não veio"…isso é uma coisa que me deixa triste, (chora) o André era pequeno e eu dizia para ele: "Ela não veio porque tudo mais difícil* pra ela"…E a gente ficava esperando, isso era muito ruim"...

Neste relato Júlia descreve a memória mais carregada de sofrimento, marcado pelo sentimento de abandono. Ela se emociona, demonstrando profunda angústia e desamparo ao relembrar um episódio, no qual ficou um longo período internada numa creche sem a presença ou visita de nenhuma

pessoa conhecida e sem nenhum preparo para a separação. Neste episódio, Júlia enlutou-se, dando espaço para a tristeza decorrente da falta de esperança e da necessidade de se desapegar da figura materna. Buscou uma justificativa para aplacar o sentimento de rejeição.

5. **Instável:** A ambivalência era caracterizada pelo regresso, após o episódio de abandono, marcado pelos presentes e bens materiais oferecidos aos filhos. Desta forma, Júlia oscilava entre os sentimentos decorrentes do abandono e os sentimentos de prazer e esperança despertados pelo comportamento da mãe em seu regresso. A internalização desta ambivalência resultou num sentimento de culpa e incompetência de não garantir a permanência da mãe por mais tempo junto dela.

…E assim, ela sempre quis o melhor pra gente, porque ela sumia, mas quando aparecia, parecia um Papai Noel, cheio de coisas, trazia tudo de bom, que até nem combinava com o que a gente estava vivendo, a nível de roupa, a nível de, ai até um brinquinho ou jóia, de já ter uma casa nova toda montada, bonita, um quarto pra nós dois, um vestido de crochê ou isso e aquilo, você entendeu? Ela, isso eu acho que é bom, ela gostou sempre.. assim…por a gente não ter, na relação da gente ***ficou um saldo positivo de assim, eu quero ter uma família…normal. E eu acho que isso veio dela, porque eu acho que ela lutou, mas ela não conseguiu. Eu acho que foi como uma corrida de bastão, eu vou conseguir e assim a minha relação com a minha mãe até os doze anos, não sei, uma coisa que ela não conseguiu, porque tanto eu como o André, a gente sempre que ela dava oportunidade, a gente protegia****. E ao mesmo tempo, quando ela aparecia com aquelas coisas bonitas pra gente, ela era meio ídolo pra gente, mas a gente só conseguia entender, porque a gente não conseguia segurar ela (faz a gesto)...*
… Ela tentou ter loja, mas como ela não dá continuidade a nada, as coisas não foram pra frente…sumiram no ar, puf!…
…A, não sei, a gente sentia como fazia falta, né? Porque a gente só tinha ela, né? E quando ela voltava, não era mais aquela situação, ela já morava em outro lugar, já tinha outra casa montada, ela fazia comida, arrumava a casa e tal, a gente sentia que era diferente, né? Ela não deixava eu ir com a minha vó, ela só deixava se ela ia lá e deixava, mas se alguém fosse lá pegar, ela ia buscar, "são meus filhos", sabe? Então ela dizia assim: "agora vai dar tudo certo e a gente vai ficar junto, vamos ser uma família", mas dali a três ou quatro meses acabava, mas quando ela voltava de novo, ela sempre reafirmava - e a palavra é um coisa forte, né? - e ela dizia: "nós vamos ser uma família". Aí como uma época a gente viu que não ia ser mesmo, né? - a gente optou por sermos só nós… primeiro eu e o André…ele estava um pouco maior e depois veio um outro irmão, o Ivan, filho do meu pai, com uma amiga da minha mãe, veio morar com a gente e nós ficamos, éramos três crianças dentro de um apartamento, você acredita?…

6. **Artista:** A admiração de Júlia reflete sua necessidade de tentar investir e resgatar esta figura que, por meio da ambivalência, alimentava de maneira intermitente a esperança e o apego de Júlia:

> *…Porque ela sempre fez coisas bonitas, até hoje ela faz. A casa dela era diferente da casa de todo mundo, porque ela bordava almofada, ela fazia crochê, ela bordava mesmo, tecido, de crochê, a gente tinha toalha bordadas, tinha coisas pintadas, ela era uma artista! Ela costura muito bem…eu tinha vestidos lindíssimos, xales… Era artista mesmo e, tanto é assim, que não é uma visão só minha, porque muitos artistas a procuravam, porque ela era muito criativa, ela fez perucas, todas do Z, Ela punha uns pregos na parede e fazia as perucas que tinham que ser feitas, ela era uma artista…*

b) Percepção da relação com o pai:

Júlia não respondeu esta pergunta porque não se relacionou com o pai no período da infância. Esta figura se aproximou novamente durante a adolescência e até este período Júlia se sentiu totalmente rejeitada por ele. Este sentimento era reforçado pelo fato do pai ter estruturado uma outra família, cuidando e assumindo outros filhos.

Porém, Júlia relata que no período em que houve a reaproximação, seu pai contou-lhe que não teve intenção de abandoná-la, que havia tentado cuidar dela, mas que não teve êxito pela intervenção de sua mãe que buscou impedi-lo por meios legais. Ana demonstrou um sentimento de ambivalência com relação a rejeição do pai, porque precisou acreditar em sua disponibilidade emocional, mas encontrou poucos subsídios para isso.

Com a frequência da interação, Ana começou a se apegar ao pai, desenvolvendo uma relação de proximidade e afetividade com ele:

> …Eu não sei, infelizmente eu não posso dizer nada, porque não vivemos juntos até nos reaproximarmos, é aí é só essa história que eu já te falei…

> *…Olha, o meu pai, eu convivi muito pouco com ele na infância, a minha mãe me levava pra visitar o meu pai, ele era uma pessoa que tinha outros filhos e quando nós íamos assim, eu tenho uma lembrança boa, mas poucas vezes, porque eles brigavam e depois a mulher dele pediu que ela não nos levasse mais. Fiquei anos sem ver meu pai, ela não levou mais. Até que tivemos um contato no fórum… Acho que eu tinha uns quatro, ou seis anos e ele levava a gente para passear, levava a gente no lugar*

onde trabalhava, mas a gente não tinha muita, não tinha o que conversar. Depois, eu sei isso, contado pelo meu pai, que quando eles se separaram, ele tentou muito ficar comigo e isso eu não sabia, sempre achei que ele tinha me rejeitado. E ele me roubou uma vez, me levou pra casa de um irmão em Cidade C aí a minha mãe me procurou e não achou, foi no fórum e ele acabou dizendo que ele tinha me levado, mas isso foi antes do André nascer, antes deles ficaram juntos, porque eu era bebê. Até que eles tiraram uma foto com a gente, mas a minha mãe tomou cândida, fez um escândalo, veio até a radio patrulha e foram até o trabalho do meu pai em Cidade C e ele queria que eu ficasse com ele, mas aí acho que ele ficou com problemas, talvez tenha sido isso. E em relação, depois disso a gente não teve muita convivência, era muito esporádico a gente se ver, ele ficou com a família dele e não procurou, ele nunca deu pensão, ele nunca fez nada…

…Teve assim, um encontro e eu vi assim, a ***humildade dele de pedir perdão e de dizer que ele tinha falhado, eu acho que eu tinha uns treze para quatorze anos e ele tentou chegar perto de mim e que ele se arrependia de não ter me registrado e queria me registrar, mas aí eu não queria mais e eu disse: "nós podemos conversar sobre isto depois, eu primeiro quero ter uma relação boa com você".*** *Aí ele me contou que tinha me roubado porque queria ficar comigo e ele ficou emocionada porque eu sou a cara da mãe dele que morreu, morreu nova, com problemas de diabetes, essas coisas. E assim, o* ***meu pai ele tinha verdadeira paixão por mim, uma paixão mesmo, uma paixão! A gente ria e conversava muito,*** *ele era uma pessoa ligada na casa, era um cara que gostava de cozinhar.* ***Então ele me convidava pra ir comer na casa dele, ele tava com a Silvia, tal, ele sabia cozinhar, ele fazia pratos maravilhosos, coisas gostosas, a gente ria, ele adorava contar piada, a gente ria com ele de ficar com câimbra, carinhoso, meu pai era muito carinhoso e ele criou uma relação muito boa comigo****, a nível assim, que quando eu quis me casar, minha mãe não queria, ele providenciou toda a papelada no fórum pra eu casar sem a autorização dela. Tinha até uma coisa que se chama "suprimento de idade", ele providenciou tudo e ele fez tudo, tudo direitinho, como todo pai faz****. E quando ele me viu dirigindo a primeira vez, ele trabalhava em um fórum, eu parei na porta do bar, tinha um fusquinha verde e quando olhei, ele ficou bege de ver, ele chamou todo mundo do bar pra ir ver, minha filha!…ele ficou muito emocionado, e no dia seguinte ele falou pra todo mundo…*

c) Estilo de apego

Ao descrever as inúmeras situações de negligência e abandono que viveu em decorrência do comportamento inadequado da mãe, Júlia mostra suas estratégias de enfrentamento e sobrevivência. Cada vez mais unida ao seu irmão, Júlia passou a estabelecer dois modelos distintos e conflitantes de relacionamento de apego; com a mãe desenvolveu um estilo que oscilava entre as características de insegurança evitativas e as ambivalentes, apresentando comportamento auto-suficiente, predomínio do comportamento de exploração com autonomia, mas ao mesmo tempo, cronicamente ansiosa, em relação à mãe; evitava contato físico caloroso, mas demonstrava preocupação com esta figura, demonstrando ausência de relacionamentos íntimos, com exceção do irmão, mas ao mesmo tempo, estabelecendo um repertório razoável de estratégias para lidar com outras pessoas

no âmbito social, com o intuito de facilitar caminhos para as soluções de suas necessidades básicas e para cuidar do irmão, enquanto que com André, ela estabeleceu uma relação de segurança, conforto, troca afetiva e apoio mútuo.

…*Então a gente fazia pactos, eu e ele* (André)*, nós não podemos deixar que isso aconteça, eu não vou ser prostituta, então eu vou estudar e você também. E a gente era parceiro mesmo, sabe? E quando eles largavam a casa sozinha e não tinha ninguém, a gente podia curtir…*

…Mas eu tive a sorte de ter um irmão, a gente foi assim muito companheiro, a gente sempre tentando resolver as confusões da minha mãe, minha mãe arrumava mil confusões, eu acho que se ela tivesse que ficar mais tempo num lugar, não ia conseguir, porque tinha um monte de encrenca, ficava devendo pra todo mundo, tinha um monte de rolo que vinha em cima da gente, batiam na porta e xingavam a gente…se você me falar da minha adolescência, eu digo que a loucura da minha mãe foi tão grande que minha mãe foi presa naquela época…

… Na hepatite, ficou muito claro que se eu tivesse algum problema eu tinha que resolver sozinha, porque era uma casa que tinha água de poço, nós tomávamos aquela água, quando eu comecei a ficar amarela, vomitando, não sei o quê, o médico, eu lembro como se fosse hoje, olha, foi à água, né?… Eu acredito que uma outra mãe não teria feito, eu fiquei de repouso, fiquei trancada no quarto, a casa era pequenininha, sabe? Olha, foi um transtorno. Naquele dia eu percebi que eu estava com hepatite e só eu tinha que cuidar da hepatite, então, eu me senti mal e resolvi ficar na minha. E depois eu tive muito problema de estômago, vômito, enjôo, gastrite, tontura, porque ficou a seqüela da doença, né?

…Ah…É que acabava acontecendo sempre que ela estava longe, porque ela nunca estava perto, mas se ela estivesse perto, ela socorria tal, era aquela coisa, ela não ia na minha cama à noite, pra ela era básico, já fui socorrida…

… Eu já tinha noção de sobrevivência com seis anos, aí eu vendia, vendia pro açougueiro, eu lembro que o balcão dele era alto e eu batia assim e ele via e olhava e fazia sinal, e ele dizia: "vai ali do lado" que era pra eu poder conversar cm ele, no balcão não dava, né? E eu falava, eu vendo este jornal e eu falava que era o meu pai, o meu pai trás jornal todo dia, você não quer? Eu posso te vender jornal, aí o senhor não precisa mais comprar o jornal de ninguém, tudo bem? Eu trago pra embrulhar a carne. E isso me garantia assim, algumas coisas pra gente mesmo, roupa, lápis, caderno e a matinê de domingo era sagrada, que era no teatro B, e o que eu mais gostava na vida era a matinê e era muito engraçado, por que eu lembro tudo e eu via a mesma coisa, mas de cinqüenta vezes, aí a gente ia mais cedo. E todas às vezes eu ria com a mesma intensidade, eu achava o máximo! Então, tinham coisas tristes, mas a gente sempre levou pra um lado bom…

…eu sempre tive aquela coisa, eu tinha que me proteger, eu não tinha quem me proteger, eu sempre, eu não sei, eu não tinha um perfil de criança, eu não brincava e quando brincava eu tinha brincadeira de menino. Tive algumas amigas e eu acho que duas que ficaram mesmo e há seis anos atrás eu encontrei com uma amiga, e, com ela, era assim, ela me conheceu de pronto e a mãe dela também tinha uma vida complicada, ela morava na Avenida D e a gente insistiu em ficar com a amizade, porque, assim, eu nunca insisti muito em ficar com os meus amigos e a gente insistia, mesmo o André quando ficava longe, ele ia na casa daquele amigo nem que fosse a pé, eu não, ficou longe eu já desistia"…

d) Sentimentos em relação a figura de apego:

- Com relação à mãe: medo de ser abandono definitivamente, ambivalência entre a raiva e o amor

E: E como ela reagia?

J: Muito brava, minha mãe sempre muito brava, por que minha avó tinha ido buscar, eu tive que viajar, sabe? Você não tinha que se meter, porque os filhos são meus! E levava a gente embora.

- Com relação ao irmão: prazer, conforto e segurança:

…A gente não tinha o amor de outros adultos, a gente tinha a gente…nós éramos o nosso norte. Na próxima seção vou trazer um livro pra ler a dedicatória que meu irmão fez para mim. Ele me deu no natal, o livro eu não li inteiro, vou te ser sincera, por que não sei, eu não consegui ler. Mas a dedicatória assim, que me tocou, na noite de natal ainda! Olha, eu fiquei…**porque eu nem imaginava que o André achava que eu fui um norte para a vida dele. E ele nem sabe que nem norte pra mim eu tinha**! …

e) Sentimentos em relação a si:

- Culpa pelo abandono da mãe e do pai;
- Incapacidade de manter proximidade com a figura de apego;
- Baixa auto-estima;
- Responsabilidade pela própria vida e pelo irmão;
- Competência para solução de problemas

f) Sentimentos em relação aos outros relacionamentos

- Rejeição e insegurança:

E: Você se sentiu rejeitada?
J: Muito.

E: Olhando para trás, naquela situação por quem você se sentiu rejeitada?
J: Pela família inteira, só minha avó que não. Da família inteira, porque, você imagina, naquela época, todo mundo lutando, tinham seus próprios filhos e vida e uma pessoa que não é assim. Sabe, dava muito trabalho, era um problema pra todos. Já, na época, era muito difícil. As escolas não eram pra negros, as oportunidades não eram pra negros, como é que eles podiam assumir filhos de outra pessoa? Falava tá, eu vou ficar com a Júlia e com o André e pronto, acabou, aí minha mãe chegava e fazia altos escândalos, são meus filhos! Sabe, eram filhos dela, mas ela também não assumia! Aí as pessoas…o único sentimento que podiam ter era rejeição mesmo, olha, porque não era só…era tudo, era mais um problema, mais uma boca, era isso, nós éramos problema para qualquer pessoa…
…com certeza a gente era *persona não grata* mesmo!…

g) Outras figuras de apego

Avó materna:

A única figura substituta como cuidadora foi sua avó materna que apesar de pouco disponível com relação à afetividade, representava a segurança e o conforto nos momentos em que a mãe os abandonava:

> *…Ai minha vó veio, que acho que alguém entrou em contato, explicou, e aí levou pra casa dela (ainda chora). E na casa dela foi legal, foi aí que começou, assim, foi o inicio de amizade da minha vó com a gente, foi aí que começou a passar um pouco aquela coisa de eu ter nascido sem minha mãe ser casada,* ***acho que foi o inicio com a minha vó, sabe? Ela tinha a vida dela. Ela se ausentava, mas quando começava a ficar bem crítico, quando a gente era pequeno, ela era um anjo da guarda. Ela vinha e resolvia a situação. Então hoje, eu me pergunto às vezes: por quê será que ela não nos deixou lá? Por que eu me lembro que quando a minha mãe aparecia, ela falava: "são meus filhos, eu não quero, eu que cuido, não sei o quê". Eu acho que se a gente tivesse ficado, teria sido muito bom, né? Nessa casa dela, foram os patrões dela ajudaram a comprar o terreno e depois construíram uma casinha, ela trabalhou com eles até aposentar, né? Depois construiu a casa da frente. Então, eu acho que a gente teria estabilidade, segurança, mas minha mãe nunca deixou…Então, essa coisa da creche que eu lembrei foi uma coisa que a gente sofreu muito, a gente ficou muito triste****…*

> …Olha, eu acho que, praticamente, não tinha ninguém para dar diretrizes? Não. Teve muitas pessoas, um monte, mas uma pessoa que tenha servido de espelho, não. Eu acho que o meu espelho foi a minha avó, mas ela não era tão presente…a minha avó trabalhou até muito velha, eu não sei. Ela sempre dedicou o tempo dela para procurar onde a gente estava. Mas teve vez dela ficar um ano sem saber onde nós estávamos, porque naquele tempo não tinha telefone, não tinha correio, era muito complicado para você achar uma pessoa…

h) Modelos operativos internos sobre si, os outros e o mundo:

A interpretação destas experiências sucessivas de abandono promoveram a construção de modelos operativos internos caracterizados por insegurança e baixa auto-estima e um senso de desconfiança perante outros relacionamentos:

> *…ela falava: "você destrói minhas coisas, você sempre destrói tudo que é meu, você Júlia, é uma cobra" Ela me dizia isso a infância inteirinha, "sempre pronta pra me picar", ela me falou isso, ela dizia que eu era uma cobra.* ***Eu tenho fascínio por cobra, sabia? Eu fiquei amiga da cobra, né? Eu era uma****.* (mostra um anel com o formato de uma cobra no dedo indicador)*. Eu não sei, eu não era uma criança boazinha, eu nem sei o que é ser uma criança boazinha, mas o André era…*

Desta forma, afirmo que a parceria corrigida para a meta estabelecida entre Júlia e sua mãe, segundo o modelo operativo interno desenvolvido por ela, caracterizava-se por:

PARCERIA CORRIGIDA PARA A META: Júlia e sua mãe

JÚLIA

Meta fixada: proximidade com a mãe e garantir sua permanência

Estratégias: evitar desagradar, ser eficiente, cuidar da mãe

⇓ ⇑

MÃE DE JÚLIA

Meta fixada: não estabelecer proximidade com os filhos e responsabilizar-se por eles

Estratégias: afastamento físico e emocional; separações intermitentes, agressividade, cobrança de atitudes, acusações.

Sendo assim, afirmo que esta parceria também tinha como resultado, um razoável nível de frustração de ambas as parceiras, na medida em que suas metas não eram atingidas, mas ao contrário, eram conflitantes. Modelos operativos internos de si e do outro tornaram-se negativos a partir de experiências sucessivas de abandono.

É importante ressaltar que, segundo o relato de Júlia, observo que sua mãe sofre um tipo de transtorno mental e, pelas características de seu comportamento social analisadas por meio do discurso de Júlia, posso levantar a hipótese de que trata de um *Transtorno de Apego Reativo na Infância*, que segundo o DSM IV, apresenta os seguintes critérios diagnósticos:

(a) Ligação social acentuadamente perturbada e inadequada ao nível de desenvolvimento na maioria dos contextos, iniciada antes dos 5 anos e evidenciada por vinculações difusas, manifestadas por sociabilidade indiscriminada, com acentuada incapacidade de apresentar vinculações

seletivas adequadas (por ex., familiaridade excessiva com pessoas relativamente estranhas ou falta de seletividade na escolha das figuras de vinculação)

(b) A perturbação no critério A não é explicada, unicamente, por atraso no desenvolvimento (como no Retardo Mental) e não satisfaz os critérios para Transtorno Invasivo do Desenvolvimento.

(c) Cuidados patogênicos, evidenciados por pelo menos um dos seguintes critérios:

(1) negligência persistente em relação às necessidades emocionais básicas da criança por conforto, estimulação e afeto.

(2) negligência persistente quanto às necessidades físicas básicas da criança.

(3) repetidas mudanças de responsáveis primários, evitando a formação de vínculos estáveis (por ex., mudanças freqüentes de pais adotivos)

(d) Existe uma suposição de que os cuidados no Critério C são responsáveis pela perturbação comportamental no Critério A (por ex., as perturbações no Critério A começaram após os cuidados patogênicos no Critério C).

Segundo a interpretação de Júlia sobre o comportamento da mãe, considero este transtorno como um diagnóstico provável, uma vez que, segundo o relato, o comportamento de sua mãe satisfaz os critérios (a), (b), (c.1.), (c.2), e (c.3). Quanto ao critério (d) poucos dados foram descritos para avaliar sua probabilidade. O relato de Júlia também sugere que sua mãe apresentava também uma perturbação crônica de conduta social e profissional.

Apesar da distorção e inadequação presentes nesta ligação afetiva, no período da infância, Júlia buscou equilibrar este modelo com a convivência e união com seu irmão, num sistema de troca mútua de afeto e segurança:

PARCERIA CORRIGIDA PARA A META: Júlia e seu irmão

JÚLIA
Meta fixada: proximidade e segurança
Estratégias: cuidadosa, amiga e protetora

⇓ ⇑

ANDRÉ
Meta fixada: proximidade e segurança
Estratégias: cuidadoso, amigo e protetor

Esta parceria teve como resultado, uma total satisfação de ambos os lados, na medida em que suas metas foram atingidas, equilibrando e minimizando a privação afetiva e a ambivalência proporcionada pela mãe e pela ausência absoluta do pai. Modelos operativos internos de si e do outro foram equilibrados a partir destas experiências.

i) Estabilidade e mudança do comportamento de apego na adolescência

Com o pai: Neste período Júlia construiu sua relação com o pai, desenvolvendo um vínculo de apego importantíssimo que favoreceu a mudança do modelo interno de Júlia sobre a relação com a mãe:

…E assim, o meu pai ele tinha verdadeira paixão por mim, uma paixão mesmo, uma paixão! A gente ria e conversava muito, ele era uma pessoa ligada na casa, era um cara que gostava de cozinhar. … ele fazia pratos maravilhosos, coisas gostosas, a gente ria, ele adorava contar piada, a gente ria com ele de ficar com câinbra, carinhoso, meu pai era muito carinhoso e ele criou uma relação muito boa comigo, a nível assim, que quando eu quis me casar, minha mãe não queria, ele providenciou toda a papelada no fórum pra eu casar sem a autorização dela. Tinha até uma coisa que se chama "suprimento de idade", ele providenciou tudo e ele fez tudo, tudo direitinho, como todo pai faz. E quando ele me viu dirigindo a primeira vez, ele trabalhava em um fórum, eu parei na porta do bar, tinha um carro verde e quando olhei, ele ficou bege de ver, ele chamou todo mundo do bar pra ir ver, minha filha! Aquilo foi no final dos anos setenta e tinham poucas mulheres assim, ele ficou "bege", ele falava: "olha minha filha"! Ele entrou no carro emocionado, eu no volante, ele ficou muito emocionado, e no dia seguinte ele falou pra todo mundo. Ele montou um time de futebol com todos os meninos e eles iam num campinho de vársea lá na cidade L…

Com a mãe: Júlia passou a interpretar a relação de forma menos distorcida, a partir do episódio em que a mãe foi presa. A partir disto, Júlia passou a entrar em contato com seu sentimento de raiva e mágoa com relação à sua principal figura de apego. Consequentemente, alguns modelos operativos internos sobre a mãe e sobre si mesma foram se modificando.

…Ela apanhou, foi pra delegacia, apanhou porque tinha dado um cheque sem fundo, eu tinha treze anos. Então, a partir daí eu comecei a ter um sentimento de mágoa com a minha mãe. Porque eu vi que ela estava extrapolando nos limites dela de irresponsabilidade. Então eu vivi sem um apoio, eu nunca pedi um colo, ela não tinha afeto né? Mas eu sentia que era complicado pra ela, eu sempre procurei entender, eu sempre queria entender assim, por que ela fazia isso, qual a dificuldade que ela tinha, mas quando aconteceu isso com ela, eu comecei a questionar que isso não era legal, não era legal. Não era necessário, sabe? Eu acho que até a gente podia sofrer mas, junto, não era necessário. Não sei, ela devia ter um distúrbio, alguma coisa, pode se levar pra esse lado. Eu via que a minha mãe, sempre que ela tinha que prejudicar, alguém da família, ela sempre me prejudicava mais…

j) Estabilidade e mudança do comportamento de apego na vida adulta:

Na fase adulta, Júlia manteve o comportamento social evitativo, buscando completa autonomia para a resolução de seus problemas:

…E eu sempre achei que eu tinha que fazer sozinha. Na minha primeira gravidez, o meu marido estava viajando, eu senti as dores, eu fui pro mesmo hospital que minha mãe estava trabalhando, pedi para não avisar ninguém e fiquei sozinha. Meu irmão me levou até lá. Fiz o parto sozinha, quando o Mauro chegou, a Cris já tinha nascido…

Assim como sua mãe, Júlia separou-se com poucos anos de casada, ficando sozinha com duas filhas, sendo que a última também cresceu afastada do pai, que buscou conhecer durante a adolescência.

Além disso, Júlia manteve as mesmas estratégias de relacionamento com a mãe durante esta fase, e alguns comportamentos de apego, bem como modelos operativos internos sobre si mesma e sobre a mãe que passaram a sofrer modificações apenas recentemente.

I) Características do Abandono:

O abandono da mãe:

Nós moramos em São Paulo inteira e algumas cidades do interior. Todas as vezes que nós saíamos de um lugar era por ação de despejo. Nós fomos despejados todas essas vezes, às vezes nós morávamos um pouquinho mais, mas sempre tinha ação oficial, aquele estresse, um monte de coisa e tal. Escola…nós sempre nos matriculamos em escola. Nós íamos e chegava na escola, perguntava se tinha vaga e tal, mas nós nunca terminamos um ano em uma escola. A gente começava o ano em uma escola e terminávamos em outra. Mas existia uma coisa muito boa eu e o André, né, é que nós tínhamos sonhos bons, sempre. A gente tinha uma garra, uma gana de mostrar para todas as pessoas da família que a gente ia dar certo por que era assim: minha mãe quando nós éramos pequenos, ela ia visitar minha família, minha vó, minha tia, principalmente no final de ano, que todos se reuniam na minha vó"…

Caracteriza-se por um *abandono parcial*, marcado pelo distanciamento e indisponibilidade emocional constante, falta de afetividade, sucessivas situações de separação temporária; quando a mãe estava presente, era frequente sua agressividade, além disso, ressalto a ausência de contato físico para oferecer conforto e afeto, instabilidade e ambivalência no comportamento de cuidadora, incluindo episódios de negligência física e emocional. Assim sendo, Júlia percebeu o relacionamento com a mãe marcado por rejeição implícita, por meio de comportamentos contraditórios e ambivalentes, com uma inconsistência no estilo evitativo de cuidados por parte da mãe.

Esta figura de apego não representou um *porto seguro*, que proporcionava conforto e segurança, mas ao contrário, representava medo, ansiedade e culpa. A insegurança provocada por este relacionamento influenciou de forma negativa a percepção que Júlia tinha de si mesma, das pessoas e do mundo.

Quando foi questionada sobre sentir-se rejeitada, Júlia demonstrou sua sensação de desamparo :

E: Você se sentiu rejeitada?
J: Muito…Pela família inteira, só minha avó que não. Da família inteira, por que você imagina, naquela época, todo mundo lutando, tinham seus próprios filhos e vida e uma pessoa que não é assim. Sabe, dava muito trabalho, era um problema pra todos. Já na época, era muito difícil. As escolas não eram pra negros, as oportunidades não eram pra negros, como é que eles podiam assumir filhos de outra pessoa? Falava tá, eu vou ficar com a Júlia e com o André e pronto acabou, aí minha mãe chegava e fazia altos escândalos, são meus filhos! Sabe, eram filhos dela, mas ela também não assumia! Aí as pessoas…o único sentimento que podiam ter era rejeição mesmo, olha, porque não era só…era tudo, era mais um problema, mais uma boca, era isso, nós éramos problema para qualquer pessoa…

E: Você se lembra da primeira vez que ela sumiu? Quantos anos você tinha?
J: Ai a primeira vez que ela sumiu, deixa eu ver, eu tinha acho o quê? (silêncio) o André tinha uns quatro ou cinco anos e eu tinha nove anos. O que me doeu, eu pensei que não ia ver mais. Ela sumiu muito tempo. Esse era o x da questão, eu era muito pequena, muito pequena. Antes eu, não sei bem, mas acho que eu pensava porque ela sumiu e não levou roupa..
E: Sim. Quanto tempo ela ficou fora nesta situação que você descreveu da creche?
J: Eu acho que uns seis meses, porque depois, eles entraram em contato com a minha vó e minha vó veio e pegou a gente.

Daí, minha mãe, criou um hábito: quando ela não conseguia alugar uma casa, ou quando a vida tava difícil, ela deixava a gente na casa de alguém e sumia durante 2, 3, 4, 5 meses, já chegou a sumir um ano. E agente ficava lá e a pessoa procurava por todos os lugares e começava a judiar da gente, entende? Porque não era uma coisa conversada: olha, vou deixar as crianças aqui...Ela simplesmente deixava, dizia que ia ali e nunca mais aparecia. A gente, às vezes, ficava com roupa do corpo. A pessoa tinha que se preocupar em arrumar uma roupa, alguma coisa, ver uma escola e, normalmente, eram pessoas da família, então por isso adquiriram o hábito de quando ela chegava com a gente, dizia que tava saindo, que não iam mais entrar naquela de ficar com a gente. Aí é que começaram as coisas e piorou; as mudanças pra lá e pra cá. Ela não se fixava num emprego...Aí ela começou a optar por namorados, entende? Então ela tinha sei lá, um namorado mais poderoso, que podia ajudar e coisa e tal…

E: Tem alguma outra separação que marcou e que vem na sua mente?
J: Caramba, todas marcaram. Até os catorze anos, não, acho que até os doze, todas marcaram.

o André ia pra casa, eu ficava andando, eu ficava sonhando, eu era tão sonhadora quando eu era criança que eu batia com a cabeça no poste, eu sonhava assim: eu quando crescer eu vou ter uma filha, eu vou ter uma casa, a primeira coisa era ter uma casa, uma casa maravilhosa, de tijolinho a vista. Aí toda casa de tijolinho que eu via, eu parava e ficava olhando, eu quase era atropelada. - e eu vou decorar assim - os meus sonhos sempre foram esses, a casa, a casa. Eu tinha loucura em nunca mais ser despejada, nunca mais. Então eu acho que é isso. Eu queria tanto ter a minha casa, porque eu sabia que ela ia embora e me deixar.

E: Você consegue saber quantas foram as separações?
J: Não, eu acho que muitas vezes, eu não sei se o André sabe, por que ele fez um estudo, mas eu acho que muito, vamos dizer, por doze anos, duas vezes por ano, aí, não sei, por aí. Chegou a muito mais que isso, depois dos catorze, mas na primeira fase nossa, ela era muito mais ausente do que presente. Não tenho como te dizer quantas vezes, não dá!

Portanto, a situação de abandono vivida por Júlia caracterizou-se por episódios frequentes e prolongados de descontinuidade (abandonos) e, nos curtos períodos de interação, predominava uma situação de insuficiência da interação (negligência emocional e física).

Esta situação crônica de descontinuidade e insuficiência de cuidados maternos e de total inexistência de base segura para o desenvolvimento afetivo foi minimizada, em parte, pela convivência com o irmão e, de forma menos constante, com a avó materna.

Neste caso, o impacto da privação também deve ser avaliado sob os seguintes critérios:

(a) Idade: Segundo Júlia, a descontinuidade mais prolongada iniciou quando Júlia tinha nove anos de idade.

… (silêncio) o André tinha uns quatro ou cinco anos e eu tinha nove anos. O que me doeu, eu pensei que não ia ver mais. Ela sumiu muito tempo. Esse era o x da questão, eu era muito pequena, muito pequena. Antes eu, não sei bem, mas acho que eu pensava porque ela sumiu e não levou roupa. Eu achava, até a bem pouco tempo, não era só naquela época. Imagina, eu não consegui que ela gostasse de mim, ela só pode ter me deixado porque não me queria. Eu só sentia culpa (mostra-se muito angustiada). Culpa por não conseguir fazer com que ela ficasse…isso me machuca, isso eu tenho certeza. É isso me machuca…

E: Você consegue saber quantas foram as separações?
J: Não, eu acho que muitas vezes, eu não sei se o André sabe, por que ele fez um estudo, mas eu acho que muito, vamos dizer, por doze anos, duas vezes por ano, aí, não sei, por aí. Chegou a muito mais que isso, depois dos catorze, mas na primeira fase nossa, ela era muito mais ausente do que presente. Não tenho como te dizer quantas vezes, não dá!…

…eu acho que pequenininhos, quando ela tinha que ficar, ela ficava, mas depois foi crescendo e ela foi se afastando, aí ela voltou pra ficar junto, quando eu engravidei da Cris mas, de pequena, eu não lembro…

(b) Tempo de privação: intermitente, da infância até a vida adulta;

(c) Grau de privação: Júlia avaliava, durante a infância, que foi rejeitada totalmente por sua mãe e por sua família, com exceção do irmão e da avó materna.

Sendo assim, entendo que o comprometimento desta perda se deve ao elevado grau de privação e sua condição crônica e ambivalente até a vida adulta, influenciando o desenvolvimento global de Júlia.

O abandono do pai:

Caracteriza-se por um *abandono total durante um período limitado*, do nascimento aos treze anos de idade, marcado pela ausência física e emocional.

Assim sendo, enquanto criança Júlia percebeu o relacionamento com o pai marcado por rejeição explícita.

Portanto, a situação de abandono vivida por Júlia, com relação ao pai, caracterizou-se por um longo período de descontinuidade, ou seja, o abandono total.

Esta situação foi reparada a partir da adolescência, quando pai e filha se aproximaram e passaram a convier de forma contínua, íntima e calorosa até a vida adulta, quando o pai faleceu.

Neste caso, o impacto da privação também deve ser avaliado sob os seguintes critérios:

(a) Idade: Segundo Júlia, a descontinuidade começou durante a gestação.

(b) Tempo de privação: temporária, da infância até a adolescência;

(c) Grau de privação: Júlia avaliava, durante a infância, que foi rejeitada totalmente por seu pai, porém após o reencontro Júlia reavaliou e mudou sua percepção sobre o comportamento do pai:

Quer dizer, o meu pai nem acompanhou a gestação da minha mãe, assim, de uma maneira responsável, né. Acho que esporadicamente ela o procurava, ou ele a procurava, não sei, eles não ficaram juntos na minha gravidez. Mas quando eu nasci, os dois foram, minha avó e meu pai foram na maternidade. Houve uma briga tão grande que quase que minha mãe leva o bebê errado para casa.
J- (ainda de braços cruzados) A partir daí, a minha vó, assim, ela hostilizou bastante a minha mãe e ela tinha por mim assim...Ela se afeiçou a mim, mas como ela era uma pessoa sofrida também, você veja, ela tinha ficado viúva também, então você imagina a cabeça dela. Ela não demonstrou, inicialmente. Então foi uma rejeição total, meu pai, minha avó e a minha mãe também, por conta de que ela ficava pensando: se eu gostar desse bebê, vão dizer que eu gostei de ter um bebê solteira, né? Então eu fiquei muito de canto e minha mãe até hoje comenta: você era ruim. Ela sempre disse isso….
Eu, naquela época ficou pai ignorado, e isso, é uma coisa que fica pra vida toda... Han (pequena pausa) Eles não ficaram juntos muito tempo. Eles se separaram acho que depois...Acho que quando o André tinha uns dois anos, mais ou menos, acho que um ano e pouco.

Avalio que a sobreposição destas duas situações de abandono e rejeição foi um fator de risco para o desenvolvimento emocional de Júlia.

m) Consequências do abandono

A instabilidade na rotina e perdas secundárias resultantes das frequentes mudanças, como perda de objetos e bens pessoais, afastamento dos amigos, hábitos e rotina interrompidos sucessivamente foram algumas das consequências

extremamente negativas para o desenvolvimento sócio-emocional de Júlia e seu irmão.

Em decorrência desta falta de estrutura, Júlia relata que houve um outro fator estressante, referente às expectativas sociais em torno dela e do irmão, que lhe imputavam o estigma de fracasso e marginalidade pela falta de um direcionamento e pela ausência das figuras parentais. Por outro lado, este fator passou a funcionar como um mecanismo de proteção para Júlia, na medida em que ela encarou esta expectativa como um desafio e uniu-se ao irmão para provar às pessoas ao seu redor que elas seriam capazes de superar as adversidades e o desamparo:

...nós mudamos 72 vezes. Nós moramos em São Paulo inteiro e algumas cidades do interior. Todas as vezes que nós saíamos de um lugar era por ação de despejo. Nós fomos despejados todas essas vezes, às vezes, nós morávamos um pouquinho mais, mas, sempre tinha ação oficial, aquele estresse, um monte de coisa e tal. Escola…nós sempre nos matriculamos em escola. Nós íamos e chegava na escola, perguntava se tinha vaga e tal, mas nós nunca terminamos um ano em uma escola. A gente começava o ano em uma escola e terminávamos em outra ...A gente chegou a mudar de um apartamento e deixar todos os móveis dentro, toda nossa roupa, não conseguiu tirar. Então, era muito complicado, muito complicado por que não tinha uma seqüência, então, a gente fez assim, as pessoas diziam que a gente não ia dar certo: a Júlia vai ser prostituta e o André vai ser ladrão e era assim, na cabeça deles. Então, os filhos da Monica são inteligentes mas, eles ficam pra lá e pra cá, e a Júlia, com certeza, vai ser prostituta e o André vai roubar. Então, a gente fazia pactos, eu e ele, nós não podemos deixar que isso aconteça, eu não vou ser prostituta, então, eu vou estudar e você também. E a gente era parceiro mesmo, sabe? E quando eles largavam a casa sozinha e não tinha ninguém, a gente podia curtir…

Uma outra conseqüência foi a experiência de lidar com o sentimento de medo de forma crônica e intensa, o que propiciou o acionamento também intenso e freqüente dos mecanismos de defesa de Júlia, que, aos poucos, foi se relacionamento socialmente de forma defendida e esquiva, estabelecendo apenas relacionamentos superficiais e buscando uma auto-suficiência com o objetivo de evitar o disparo deste sentimento:

E: Você falou que você foi uma criança assustada, com medo. O que mais te assustava, te amedrontava?
J*: Olha, sempre quando chegava a noite eu estava muito assustada e essa insegurança financeira, porque a gente nunca tinha dinheiro. Medo de escola, como vai ser a professora, como vão ser as outras crianças, os amigos? O medo do amanhã, hoje, eu já sabia, eu não tinha o mesmo amanhã. O que vai acontecer? Como vai ser? Acho que é isso mesmo, eu tinha medo do escuro e da noite...*

... Com medo. Gabriela, eu passei a vida inteira com medo, sabia? Com medo de mudar de casa, com medo de não conseguir crescer e ficar bem, apesar de eu sempre afirmar que ia dar certo, no fundo eu tinha muito medo de não dar, sabe? E, foi bem difícil, eu acho que eu fiz assim, uma barreira. Eu tenho certeza, agora, eu não sabia definir - hoje eu tenho certeza - eu sei que eu sempre tive muito medo. E sempre, apesar de estar segura, eu sempre fui insegura, hoje, eu sei que eu sempre fui insegura...

No relato abaixo, Júlia aponta sua resistência para lidar com o abandono e as adversidades decorrentes desta situação de desamparo e sua esperança em desejar e buscar uma situação familiar melhor, mais estável, tentando superar o modelo vivido com seus pais. O fracasso de sua família de origem tornou-se a força motriz para sua capacidade de enfrentamento e de realização:

*...bom…traços bons… ela me deixou…a minha relação com ela tem traços bons…**a visão de vida, a força que a gente tem, acho que é da minha mãe.***
Sabe, Gabriela, que eu só comecei a ter mágoa depois dos quatorze, quinze anos. Até aí, a gente tinha loucura por ela, os dois (ela e o irmão). Então, a gente não via muita coisa, depois, as coisa foram ficando mais graves. Ela passou uma vontade de ter uma família, a gente tinha vontade de protegê-la, a gente sentia que ela tinha aquela coisa da luta, a gente queria entender, mas eu me pergunto, que chances ela tinha de dar certo, com tanta coisa errada?...

n) Reação e enfrentamento

(a) Sentimentos de tristeza e desamparo eram constantes:

...Eu ficava triste, mas eu não ficava com raiva, você vê, eu pensava :"ela não veio"…isso é uma coisa que me deixa triste, (chora) o André era pequeno e eu dizia para ele: "Ela não veio porque tudo é mais difícil pra ela"…e a gente ficava esperando, isso era muito ruim...
*..Então, hoje, eu me pergunto às vezes: por quê será que ela não nos deixou lá (*na cada da avó materna)*? Porque eu me lembro, que quando a minha mãe aparecia, ela falava: "são meus filhos, eu não quero, eu que cuido, não sei o que". Eu acho que se a gente tivesse ficado, teria sido muito bom, né?*

(b) Sentimentos de frustração, raiva e culpa:

E: Como você reagia quando ela sumia?
J: Decepção, né? Eu acho, eu acho que eu não tinha idade para entender também, hoje, eu acho que é uma decepção, mas assim, eu não tinha culpa, a minha mãe sempre fez questão de deixar claro de que a gente tinha culpa em tudo que acontecia, que ela ia atrás de alguma coisa pra gente e que nós tínhamos culpa nas coisas que estavam acontecendo e, que de uma certa forma, a gente até atrapalhava ela arranjar a solução, ela tinha exatamente essa postura. Todas as vezes que alguma coisa não dava certo, a gente já por si já assumia a culpa. Você compreende?
... Imagina, eu não consegui que ela gostasse de mim, ela só pode ter me deixado porque não me queria. Eu só sentia culpa (mostra-se muito angustiada). Culpa por não conseguir fazer com que ela ficasse...

(c) Medo crônico.

Júlia desenvolveu algumas estratégias para lidar com a descontinuidade da interação com a figura de apego principal:

1. Antecipava, de forma angustiada, o abandono:

... ela saía eu já sabia que ela não ia voltar. Ela tinha a cara, o jeito de que não ia voltar, e me dava aquele mal estar, aí eu sufocava aquele mal estar e tentava dizer: "não é necessário esse mal estar, eu sei como conviver com isso, ela fazia parecer, nada vai mudar! " Mas, eu sabia, parecia que alguma coisa me dizia. Já começava a me dar aquela coisa e eu ia vomitar. Ela tinha cara de que não ia voltar, o jeito e era assim...

2. Ansiedade excessiva, manifestada por sintomas físicos:

E: Você lembra em que situações você vomitava?
J: Em situação de insegurança. Assim: escurecia e a minha mãe não chegava, me dava medo, quando ela saía eu já sabia que ela não ia voltar. Ela tinha a cara, o jeito de que não ia voltar, e me dava aquele mal estar, aí eu sufocava aquele mal estar e tentava dizer: "não é necessário esse mal estar, eu sei como conviver com isso, ela fazia parecer, nada vai mudar! " Mas, eu sabia, parecia que alguma coisa me dizia. Já começava a me dar aquela coisa e eu ia vomitar. Ela tinha cara de que não ia voltar, o jeito e era assim e, até hoje, quando eu tenho uma reunião, quando vai ter um assunto, uma pauta de vários assuntos, ou quando é um assunto que eu vou ser atacada e nós temos avaliação, aquela coisa toda, já me vem o mal-estar, mas eu vomito muito menos porque agora eu sei como controlar...
... Eu tive gastrite, eu fui uma criança que vomitou mais que todas as crianças do mundo. Eu, de repente, vinha uma coisa aqui na minha garganta que ficava apertada e eu tinha que vomitar...

3. Controle do comportamento para evitar a frustração com outros relacionamentos, demonstrando segurança e autonomia:

...Que aquela criança que as pessoas falavam, nossa, ela vai pra escola, hoje eu sei que aquilo tudo era uma…como vou te explicar? Era uma grande necessidade de aparentar que fosse e acabou sendo! Mas, tudo começou de uma necessidade de convencer. Será que tá dando pra entender? Mas no fundo, eu era uma criança bastante assustada. Com muito medo, eu acho que foi esse medo que aflorou até eu fazer terapia. Teve uma hora que eu não sei, ele era enorme, era um monstro em mim, entendeu?...

... Aí eu comecei a ver que eu tinha que resolver minhas coisas sozinha...

..Eu consegui controlar minha vida: "ah você pode fazer alguma coisa, não precisa deixar o amanhã acontecer assim, você pode mudar o seu destino" – hoje, eu analiso e vejo isto - Mas eu comecei a pensar desta forma, neste estilo, não com essas palavras, mas neste estilo. Comecei a vender jornal, sabe essas coisas? Um bom sentimento ia tomando conta, eu ia atrás. Eu posso fazer, eu vou fazer, não tenha medo! Veja uma coisa de cada vez, você entendeu? Eu acho que foi isso, o medo diminuiu - quem consegue controlar as pernas? E vai indo. (risos) Mas demora…

...Eu fiquei com uma obrigação de acertar sempre…desde criança! Eu me cobrava quando algo não dava certo - Por quê eu não vi? Por que eu não pressenti? – uma crítica! E uma coisa que eu tenho que trabalhar é quando eu recebo uma crítica…é meio complicado aceitar uma crítica…tenho tentado olhar para a crítica e tirar o que ela tem sempre de bom e o resto eu jogo fora...

4. Recorria ao irmão:

Mas eu tive a sorte de ter um irmão, a gente foi assim muito companheiro, a gente sempre tentando resolver as confusões da minha mãe, minha mãe arrumava mil confusões, eu acho que se ela tivesse que ficar mais tempo num lugar, não ia conseguir, porque tinha um monte de encrenca, ficava devendo pra todo mundo, tinha um monte de rolo que vinha em cima da gente, batiam na porta e xingavam a gente. Mas eu tive a sorte de ter um irmão, a gente foi assim muito companheiro, a gente sempre tentando resolver as confusões da minha mãe, minha mãe arrumava mil confusões, eu acho que se ela tivesse que ficar mais tempo num lugar, não ia conseguir, porque tinha um monte de encrenca, ficava devendo pra todo mundo, tinha um monte de rolo que vinha em cima da gente, batiam na porta e xingavam a gente.

o) Reações de luto:

Diante da indisponibilidade emocional e ausência física intermitente da mãe, Júlia viveu um processo de luto. Reagiu à perda pela rejeição da mãe manifestando sentimentos de tristeza, culpa, raiva, ansiedade, anseio (desejo de estar com a mãe) e desamparo. Apresentou, também, sensações físicas como: aperto no peito, queixas somáticas, angústia e ao longo do tempo, desapego.

Júla também experimentou confusão, descrença e crescente desapego em relação à figura materna, o que implicou uma inversão de papéis, por meio da qual, Júlia e André assumiram o papel parental na relação com a mãe quando ainda eram crianças:

...porque tanto eu como o André, a gente sempre que ela dava oportunidade, a gente protegia. E ao mesmo tempo, quando ela aparecia com aquelas coisas bonitas pra gente, ela era meio ídolo pra gente, mas a gente só conseguia entender porque a gente não conseguia segurar ela (faz a gesto).
... Ela passou uma vontade de ter uma família, a gente tinha vontade de protegê-la, a gente sentia que ela tinha aquela coisa da luta, a gente queria entender...

A presença física intermitente de sua figura de apego principal tornou crônico o sentimento de ambivalência, à medida em que Júlia se cobrava e se culpava por sua incapacidade de evitar que a mãe fosse embora mais uma vez. Seu sentimento de pesar era ativado a cada separação. Por outro lado, sua esperança era alimentada a cada regresso regado por promessas por parte da mãe:

...Ela não deixava eu ir com a minha vó, ela só deixava se ela ia lá e deixava, mas se alguém fosse lá pegar, ela ia buscar, "são meus filhos", sabe? Então ela dizia assim: "agora vai dar tudo certo e a gente vai ficar junto, vamos ser uma família", mas dali a três ou quatro meses acabava, mas quando ela voltava de novo, ela sempre reafirmava - e a palavra é um coisa forte, né? - e ela dizia: "nós vamos ser uma família". Aí como uma época a gente viu que não ia ser mesmo, né? - a gente optou por sermos só nós… primeiro eu e o André…ele estava um pouco maior e, depois, veio um outro irmão, o Ivan, filho do meu pai, com uma amiga da minha mãe, veio morar com a gente e nós ficamos, éramos três crianças dentro de um apartamento, você acredita?...

p) Processo de luto

Desta forma, entendo que o processo de luto não se concluiu, porque não houve uma situação de perda definitiva, seja pela imtermitência das separações, seja pela ambivalência existente na interação e, consequentemente, isto inviabilizou o desinvestimento afetivo completo com relação a figura de apego.

Somente na fase da adolecência Júlia reconheceu a perda pela privação dos cuidados maternos que até este momento era negada por meio da idealização desta figura :

...Acho que por eu ser desconfiada, porque você vê, lógico, todo mundo, quando é rejeitado, fica desconfiado. Eu tenho dificuldade de aceitar rejeição. Uma coisa que me dói muito é traição – traição - nossa, essa coisa de sentimento eu levo muito a sério, é difícil e eu rompo, rompimento total, radical. E isso não pode acontecer, porque eu acho que você tem que aprender a conviver tranqüilo com rejeição. Não é? Como é que todas as pessoas podem gostar de você? Não é? Quando eu sinto que eu não tô, sabe?

...Sabe, Gabriela, que eu só comecei a ter mágoa depois dos quatorze, quinze anos. Até aí, a gente tinha loucura por ela, os dois (ela e o irmão). Então a gente não via muita coisa, depois as coisas foram ficando mais graves. Ela passou uma vontade de ter uma família...

Por meio do relato de Júlia, considero que ela manifestou reações de angústia intensa e ansiedade durante as primeiras separações, mas ao longo do tempo, Júlia mostrou-se cada vez mais apática e controlada emocionalmente diante dos episódios de separação.

Júlia enlutou-se, também, pelas perdas secundárias: falta de um lar, falta de amigos e de apoio social, instabilidade financeira, despejos.

Foi durante fase adulta que Júlia pode compreender e dar sentido ás perdas vividas, contando com apoio psicológico, processo que favoreceu uma reorganização dos sentimentos e a validação para o seu processo de luto.

Júlia reajustou-se ao contexo de privação e desenvolveu estratégias para adaptar-se à realidade, o que envolveu uma revisão dos modelos operativos internos sobre si, sobre a mãe e o mundo:

...E hoje eu consigo falar disso normal, depois de muita terapia…porque antes era muito difícil, mas eu consegui resolver muita coisa com a terapia…é um momento rico, porque se eu fosse falar da minha infância com você antes da terapia, nós tínhamos que pegar um rodo pra puxar a água de tanto chorar! Acho tudo muito rico, porque consigo ver tudo de um lado melhor!..É, porque eu não podia falar na minha infância sem chorar, tudo o que eu não chorei na época, tudo que eu falava agora adulta, eu me debulhava em lágrimas, eu soluçava e não conseguia nem falar, por isso que eu acho: que idéia eu tinha de terapia, né?...

q) Suporte Social

...Olha, eu acho que, praticamente ,não tinha ninguém, pra dar diretrizes? Não. Teve muitas pessoas, um monte, mas uma pessoa que tenha servido de espelho, não. Eu acho que o meu espelho foi a minha avó, mas ela não era tão presente…a minha avó trabalhou até muito velha, eu não sei. Ela sempre dedicou o tempo dela para procurar onde a gente estava. Mas teve vez dela ficar um ano sem saber onde nós estávamos, porque, naquele tempo, não tinha telefone, não tinha correio, era muito complicado para você achar uma pessoa...

(a) Avó Materna: relacionamento marcado inicialmente por uma rejeição (antes de Júlia nascer) e, durante a infância, caracterizava-se pelo mesmo estilo instável de relacionamento com a mãe, mas ficou associado a um sentimento de proteção pois era esta avó quem acolhia Júlia e André quando a mãe se afastava por muito tempo:

(b) Tia avó: relacionamento temporário e ineficiente com relação ao prover cuidados, pois era uma pessoa doente e era incapaz de satisfazer as necessidades de Júlia:

.. Ai minha vó veio, que acho que alguém entrou em contato, explicou, e aí levou pra casa dela (ainda chora). E na casa dela foi legal, foi aí que começou, assim, foi o inicio de amizade da minha vó com a gente, foi aí que começou a passar um pouco aquela coisa de eu ter nascido sem minha mãe ser casada, acho que foi o inicio com a minha vó, sabe? Ela tinha a vida dela. Ela se ausentava, mas quando começava a ficar bem crítico, quando a gente era pequeno, ela era o anjo da guarda. Ela vinha e resolvia a situação...

Tia avó
…teve uma época que ela nos deixou no bairro M, na casa da irmã da minha avó e, todos os dias, eu lembro assim, essa irmã da minha avó era muito bem casada, o marido dela era europeu e tinha um bar, uma coisa assim, mas ela não tinha filhos e ela tentou de tudo para ficar com a gente, mas ela tinha um grande problema; ela era alcoólatra, justamente ela tinha tendência para beber e casou com um cara que tinha um bar. Então ela fazia bolinhos, não sei o que e depois ela ficava o tempo todo bebendo. Ela ia pro bar e a noite voltava pra casa e a gente ia pra escola, ela bebia mais um pouco a tarde, aí eu lembro que eu saia da escola e ficava andando…

r) Situações de risco

Considero tais situações como risco para a elaboração do luto pelo abandono:

1. Rejeição por parte da figura materna (abandono parcial) e paterna (abandono total) num período crítico da formação e desenvolvimento do apego;
2. Dinâmica conflituosa do relacionamento com a mãe
3. Apego inseguro
4. Segurança do Apego: nenhuma
5. Grau de Confiança: nenhum
6. Intensidade da ambivalência / relacionamento hostil latente
7. Possível desajuste mental por parte da mãe
8. Baixa auto-estima.
9. Perda não reconhecida socialmente
10. Ausência de parâmetro e preparação para o luto
11. Culpa intensa
12. Crescente necessidade de compreensão do comportamento da mãe.
13. Falta de apoio social
14. Condições sócio-econômicas
15. Ausência de estabilidade na rotina de vida;
16. Negligência emocional;
17. Tentativa de abuso sexual por um amigo da mãe

s) Outras perdas

Avó materna na adolescência:

Júlia reagiu intensamente a esta perda, por representar mais um abandono de uma figura de apego com o qual estabelecia uma relação marcada por insegurança e ansiedade.

Reação desta perda:

...Muito ruim…muito traumático. Mas olha, o enterro dela, por incrível que pareça, foi super leve, não por ela ter morrido, mas porque estava tudo tão calmo. Eu perdi a minha avó e ela muito importante para mim e fiquei um pouco perdida. Eu conversava tanto com ela!
...Ah, no começo, sim, fiquei procurando um caminho. Porque eu me senti sozinha, eu tenho foto dela na minha carteira até hoje. Ela era muito linda.

E: Você participou do funeral?
J: Tudo, tudo, inclusive da doença, mas ela ficou doente muito rápido, ela enfrentou tudo numa boa, eu ainda fui buscá-la no hospital na penúltima internação e ela falou para mim – ela ficou no no quarto com mais uma doente – e ela falou para a acompanhante: "Essa é a Júlia e o André, são os meus netos, filhos da Sílvia e eles são maravilhosos!" e a moça falou: "Ela fala tanto de vocês!" coisa que a gente também não sabia! Ela ficou mais orgulhosa ainda, porque naquela época, a gente não tinha carro, nem eu e nem o meu irmão, mas a gente se uniu e levamos ela de táxi, porque o hospital ficava em Guaianases e deixamos ela na minha tia e ela falou: 'Nossa, vocês tiveram dinheiro para pagar o táxi! Ela ficou muito feliz! E ela tinha muito orgulho de mim, porque todos tinham a boca muito fininha e eu não, e porque eu sempre gostei de sapatinho de salto, então ela me chamava de Minnie (risos). E ela falou; "Minnie, você ficou bonita!" Eu tinha dois "coques" de lado quando era pequena, então eu era a própria Minnie mesmo!...

t) Outras situações de risco

Tentativa de abuso sexual

Nesta situação, Júlia aponta mais uma aitutde de negligência por parte da mãe, na medida em que este homem foi escolhido por ela para ser o cuidador substituto dos filhos.

Este episódio reforça a importância do irmão como *base segura*.

Além disso, a situação de abuso reforçou o medo crônico e a necessidade de manter o segredo sobre a situação, remetendo-nos a pensar sobre as razões psicológicas que levaram, não somente Júlia, mas também seu irmão ao silêncio. Compreendo que a repressão vivida por estas crianças refere-se, não só a um mecanismo de proteção diante deste trauma, mas como um recurso desenvolvido

diante de todos os outros traumas de infância, uma vez que, diante da ameaça de uma separação definitiva com relação à mãe, Júlia e André passaram a silenciar diante de vários episódios traumáticos aos quais eram submetidos em razão da negligência materna.

A revelação deste segredo aconteceu por meio da entrevista, após quarenta e dois anos. Isto sugere que o contexto da entrevista foi pecebido como protegido e a relação estabelecida entre a pesquisadora e Júlia possibilitou a quebra do "contrato" estabelecido de forma intrapsíquica com esta figura de apego:

Olha eu lembro que a minha mãe tinha uma amiga que elas saíam muito juntas, agora eu não lembro o nome dela, ela era casada com um cara, alto, forte do tipo bonitão e sempre que elas não estavam, deixavam a gente na cama e eu me lembro que uma vez ele tentou fazer alguma coisa comigo, ficou me olhando, mexeu na minha perna, eu tinha uns nove anos, ele passou a mão no meu braço e me pois no colo, na hora em que ele me pôs no colo, eles tinham um piano, ele colocou a mão no piano e falou, aonde você vai? Eu comecei a dizer não - Israel era o nome dele! - eu comecei a dizer o que é isso? Eu não quero! Eu acho até que ele chegou a beijar o meu pescoço e eu falei – "me põem no chão" - ele tentou me levar da sala pro quarto e o André viu e falou – "você não mexa com ela, você deixa ela aí, o que você vai fazer com ela?" - Então a gente não tinha noção do que podia acontecer, mas a gente tinha noção do perigo. Engraçado, isso eu nunca contei para a terapeuta! - E aí ele disse: "não, que é isso, senta aí menina"... e ele me pôs no chão e eu fui pra copa. Ai, quando minha mãe e a amiga chegaram, perguntaram: "por que vocês estão aqui fora" – mas a gente não falou nada...
E: Como você se sentiu?
J: Com medo. Gabriela, eu passei a vida inteira com medo, sabia?...

- **Comportamento agressivo da mãe**

A agressividade da mãe também foi percebida como uma condição de risco:

... A minha mãe era agressiva e me batia,ela não me batia no rosto, mas ela me batia muito, nos dois...era por disciplina, você não fez, vai apanhar. Ela me batia...

Comportamento de apego na vida adulta

a) Contexto Familiar

Júlia tem 51 anos, foi casada duas vezes e teve duas flhas do primeiro casamento, Cristina e Andréa. Júlia se separou de Mauro, seu primeiro marido, quando Andréa era bem pequena (um ano de idade). Mais tarde, casou-se com

Paulo, com quem ficou por vinte anos. Não teve filhos deste casamento. Ambas as separações ocorreram após Júlia descobrir que estava sendo traída.

Cristina tem um filho, Júnior, de dez anos e Andréa tem um casal, Marcelo, com seis anos e Maria, com dois anos de idade, e estão separadas de seus maridos.

Atualmente, Júlia está divorciada e mora com Cris. Trabalha na área de humanas, chefia uma equipe de prestação de serviços.

O relacionamento com sua mãe é muito conflituoso, mesmo com a pouca convivência estabelecida por Júlia, há alguns anos.

Júlia mantém um relacionamento muito próximo com André, que também é casado e tem filhos.

…A Déa é casada, mas ela está se separando, mas ela já está entrando em outro casamento…Eles ficaram juntos dez anos, mas aí não deu. Mas aí ela conheceu o Luís, trinta e dois anos idade dela, né? Estão apaixonados, faz um ano que estão juntos e agora ela tá voltando para a Inglaterra, agora em setembro e, aí, eles vão se casar. ele veio pra cá e ficou oito meses com o pai…
…A Cris namorou a mesma pessoa dez anos, casou, ficou mais cinco e depois se separaram. Ele era alcoólatra, ela sabia desde do inicio, mas ela achou que ia conseguir , ela era apaixonada, ela começou a namorar com ele com dezessete anos. E não deu muito certo, se separaram. Ele é um pai excelente, tem loucura pelo filho, leva pra cortar cabelo, leva pra não sei o quê. E tiveram uma separação, não muito recente. Acho que de três a quatro anos, mas agora ela ainda está na fase de muitos namorados, muitos amigos…no casamento ela ficou com cem quilos, ficou diabética um monte de coisa, porque ela não conseguia conviver com o alcoolismo. Ela entrou em coma, ficou mal, foi pro hospital, ficou na UTI, tal, aí, de repente, ela pôs o pé do outro lado e acho que viu a morte, né? Entrou em coma. E nasceu outra. Está magra, bonita, está super bem, sabe?…

E: E quantos netos você tem?
J: Três.

E: Quantos anos eles tem?
J: A Cris tem um filho de dez anos e a Déa tem um de seis que é o Marcelo e a Maria que vai fazer dois anos. Então, eu digo que elas, não sei, mas a Cris não pensa, por enquanto, em nada, mas quer sim, ter outro. Mas a Andréa…

b) Figuras de Apego

1. Relação com o pai:

Júlia resgatou o relacionamento com o pai aos treze anos de idade e a partir deste momento, a proximidade entre eles foi muito significativa para Júlia, que percebeu este relacionamento como caloroso, seguro e prazeiroso:

…"E assim, o meu pai ele tinha verdadeira paixão por mim, uma paixão mesmo, uma paixão! A gente ria e conversava muito, ele era uma pessoa ligada na casa, era um cara que gostava de cozinhar. Então ele me convidava pra ir comer na casa dele, ele tava com a Silvia, tal, ele sabia cozinhar, ele fazia pratos maravilhosos, coisas gostosas, a gente ria, ele adorava contar piada, a gente ria com ele de ficar com câinbra, carinhoso, meu pai era muito carinhoso e ele criou uma relação muito boa comigo, a nível assim, que quando eu quis me casar, minha mãe não queria, ele providenciou toda a papelada no fórum pra eu casar sem a autorização dela…Ele amou todos os filhos, apesar da gente não gostar dos outros… Ele chegava com duas sacolas imensas, isso depois que eu casei, ele levava desde a bolacha para neném até a cerveja para o meu marido, tudo e dizia: "Deixa que eu cozinho, porque eu vou fazer um peixe pra vocês". Até morrer ele ficou perto dos filhos. Mas teve uma coisa que a gente descobriu, ou melhor, o meu pai, depois de velho, assumiu que era homossexual e foi morar com outro homem e separou da Silvia…A minha mãe, acho que é até interessante, a minha mãe ficou muito brava com isso, que ela sofreu por um amor a vida inteira e ele tava com um homem! Eu fiquei com pena da minha mãe, sabia? O que será que ela passou junto com ele? Porque ele tinha um amigo também separado, quando eles eram solteiros, que era noivo e que depois foi na minha tia e contou pra ela que não podia casar, porque não ia casar nunca. E muitos anos depois encontraram o amigo, totalmente gay, aí não sei, muito complicado. O meu pai teve tantos filhos e era gay!
... é complicado, mas acho que meu pai era mais generoso, sabe? Em todas essas coisas que me aconteceram, eu falo que pra mim, ***ele que tocava mais. Eu tinha mais afinidade com ele****. E eu acho que eu gosto mais do jeito do meu pai comigo, é minha opinião. Eu gosto muito da minha mãe (movimenta a cabeça, fazendo um gesto de negação) mas, se eu pudesse escolher, seria ele"...*

Porém, apesar de muito prazeirosa, a relação com esta figura, também proporcionou desamparo e decepção, quando Júlia descobriu a homossexualidade do pai:

...Com o meu pai foi tudo de bom, tudo. A única coisa que eu fiquei meio chocada que eu falei: nossa! a minha figura masculina é muito ruim, Gabriela! Porque aquela coisa, o meu pai, com o cara! Mas eu aceitei do mesmo jeito. Mas ele foi muito bom, muito dedicado, ele quis minha amizade, então foi legal. Muito, ele era uma pessoa perdida, ele fez a escolha dele e depois ele assumiu que era gay. Fez toda esta confusão, só que, quanta gente ficou mal por conta disso, né?...

2. Relação com a mãe e com o irmão:

A relação com a mãe caracteriza-se por muitos conflitos, mas, nesta fase, a mãe aproximou-se mais de Júlia, ajudando nos cuidados das filhas, após a separação:

*...”A **concorrência**, minha mãe concorre muito e eu acho que em quase tudo...*
... Quando eu comecei a namorar com o Mauro, meu primeiro marido, ela falou assim para mim: “Não sei o que o Mauro viu em você, porque ele é muito bonito e você é feia!” (faz uma expressão de interrogação). Aí eu falei: ”Quem sabe ele me achou legal? E eu sou legal com ela, e ela me alfinetava, entendeu? E assim são todas as coisas...
... Por exemplo: a minha mãe, ela engordou depois dos quarenta anos, então, agora, ela fala: - eu sou profissional de saúde e tenho que usar branco - “você tinha que comprar calça cor da pele, escura, mas você usa roupa branca com essas calcinhas que ficam entrando e tal e não sei o quê!”. Mas minhas filhas falam: “mas ela tem o corpo bonito, ela é magra” e elas são muito mais gordas do que eu, bem musculosas, e a minha mãe fala: “mas é muito vulgar, calça branca com calcinha pequena, de cintura baixa. E elas respondem: “ela não usa uma cor da pele e a gente não acha com a cintura alta, é moda e a cintura é baixa. Levanta o braço e aparece aqui a barriga, né? Ela diz que eu é que não tenho uma maneira correta de me vestir, que eu me visto como as meninas, aliás, eu uso roupa delas e elas usam as minhas, ela fala assim: “filhinha, você tem que por um colar de pérola, sabe?” Então eu ponho uma roupa ela me olha e fala: – e ela está bem gorda - “essa roupa aqui (e se mostra, imitando a mãe) eu comprei em tal lugar, nào me deixou mais magra” e aí eu falo: “Deixou, você está ótima!”.
...eu chegava e ela tinha mudado os móveis de lugar, tinha feita outra coisa, mas não é que ela tirava daqui e punha ali, não, ela mudava tudo. E eu acho que mudança é boa, mas ela podia pelo menos ligar e avisar: “olha, estou mudando suas coisas de lugar”. Ela não avisava nada e mudava tudo!”...

André continou sendo uma figura extremamente disponível emocionalmente, como aparece no relato sobre sua participação após o término do primeiro casamento de Júlia**:**

...”me dediquei para os meus filhos. Eu deixava com o André, porque o André ainda morava com a minha mãe, ele era novo ainda, se eu tinha dezessete, ele tinha quinze. Eu estava com dezenove quando a Cris nasceu, então ele estava com dezessete. Eles realmente me ajudaram, porque eu ficava fora das sete da manhã às onze da noite. E aí olha, quando minha mãe não tava, era o André, quando o André tava na escola, era minha mãe, e a minha mãe foi assim… dez, ela cuidou das crianças. Do jeito dela, ela batia também, a minha mãe era meio nervosa, mas ela ficou! E eu pude abrir a porta e sair, buscar rápido tudo de melhor pra eles e ela ficou. Se tinha dor de garganta, e aí tinha que ir no médico, ela ia, a Déa, até que, praticamente, até dois anos, a mãe dela foi a minha mãe. Você vê, né? E o André era o pai, ia pra escolinha e perguntava: “quem bateu? Beliscaram, quem foi? Eu tenho que beliscar também! (risos).” Sabe aquelas coisas assim? Eles me ajudaram demais. E eu fiquei com complexo de culpa com a Déa”...

c) Percepção da relação com a mãe

Júlia deixou de ser a cuidadora da mãe, mas para manter este limite, precisou se distanciar fisicamente dela. Esta atitude demonstra seu desapego em relação á mãe e uma mudança qualitativa no repertório de estratégias de enfrentamento e de defesa:

…"Hoje, ***é uma relação fria, não tem uma relação assim, de querer proteger, de ajudar, de querer estar junto porque ela continuou aprontando quando a gente já tinha filhos*** *e tal …até teve um dia que foi barra! e tal, e ela fez a última que ela podia fazer, ela pegou um cheque do namorado da minha filha, comprou um carro e sumiu com o carro, o menino tinha dezenove anos. Ele só tinha conta porque trabalhava num banco e eu nem sabia…O menino ficou numa situação difícil, eu tive que contar para a mãe dele que não foi ele, e ela era minha amiga. Olha a situação! Aí, eu falei, a partir de hoje ela não vai aprontar. Eu não posso deixar! Aí eu falei pra ela que simplesmente a nossa história tinha acabado ali. Eu não ia deixar que ela interferisse no meu relacionamento, no relacionamento com as pessoas próximas. Arrumei a mala dela - que ela tinha deixado algumas coisas em casa - e falei: "A partir de hoje, a minha casa não está mais disponível pra você." Aí, ela foi pra casa do Ivan e dois meses depois aconteceu a mesma coisa, porque ela ficava brigando com a sogra dele, que morava junto, porque ela começou a interferir na vida dos dois. E aí, realmente, a partir daí eu comecei a me afastar.*

E: Isso faz quanto tempo?
J: Minha filha tem trinta e quatro anos agora, eu acho que ela tinha uns vinte e poucos anos, ah não sei. Eu comecei a sair com as meninas, a gente foi viajar, aí foi, sabe? Aí, eu comecei a viver por um bom tempo. Porque antes, eu vivia em função dela, o que que ela pode fazer, o que vai acontecer? Sabe, eu não vivia a minha vida, ah… eu sofri e deixei mesmo de lado.

E: E hoje você tem contato com ela?
J: Ela me procura, eu recebo, mas pra mim…gosto muito dela, mas não dá. Ela sempre procura fazer alguma coisa, ela apronta o tempo todo…
E: Você tem alguma satisfação com ela hoje?
J: Não, eu nem tenho, porque fico longe e tudo bem, mas eu sinto que ela tem, porque eu já sofri muito e ela continua. Não sei por quê!"….

d) Percepção da relação com o pai

Este relacionamento foi vivido de forma tranqüila e agradável. A insegurança em relação à rejeição inicial parece ter sido superada pela qualidade do relacionamento construído, posteriormente, com o pai. Júlia sentia-se muito amada e aceita por esta figura e percebia o pai muito disponível, emocionalmente, não só para ela, mas para suas filhas e marido e para os outros filhos que teve.

e) Percepção do comportamento dos pais

Júlia interpretou que a situação de rejeição e indisponibilidade emocional vivida com os pais foi resultado dos problemas afetivos que seus pais viveram na infância e vida adulta. Percebe o pai como uma pessoa desorientada e com muitos conflitos, incluindo os relacionados com sua identidade sexual. Já, a mãe, também

vivenciou uma relação de rejeição com sua figura materna e Júlia avalia que ela repetiu o modelo de cuidadora que teve em sua infância.

… Olha, quando eu nasci a minha mãe era uma criança e ela não teve o apoio dos pais e o meu pai era uma pessoa perdida, eu acho que ele nem sabia o que queria, porque no final ele assumiu que era gay, você imagina o conflito que ele tinha dentro dele! E ele passou boa parte da vida com a Silvia e com a minha mãe. Você acredita que se ele tivesse vivo teria setenta e pouco anos, olha! Muito complicado, né? Sabe, eu acho que eles não pensavam assim: "eu vou ser mau com essas crianças!" Eu acho que tem casos assim que as pessoas fazem coisas ruins porque são loucas ou perturbadas, mas acho que no meu caso todas as coisas ruins que nós passamos e que os meus pais fizeram não foi porque eles quiseram, mas foi uma sequência de erros…

... Olha, eu acho que era um mecanismo de defesa, porque ela era rejeitada, ela rejeitava, acho que era uma corrida de bastão, sabe? Eu acho que ela nem percebia… eu acho assim, eu falei para ela, isso, no dia que nós conversamos quando eu, praticamente, parei a terapia; eu conversei com ela e eu acho que tudo isso que nós sofremos, a minha mãe sofreu muito mais. Sabe por que? Porque, na realidade, quando eu nasci minha mãe tinha dezessete anos e eu acho que ela tinha um grande medo da responsabilidade e ela foi altamente rejeitada e eu acho que ela fez uma transferência muito grande. Eu acho que foi isso, então, eu acho que naquela época, ela tinha medo daquela situação. Ela não teve a coragem para enfrentar, porque ela não teve apoio de ninguém. Você imagina há anos atrás o que era ser mãe solteira, se hoje é ainda assunto do Globo Repórter. Acho que a mãe dela abandonou, ela abandonou, uma escada…

E: Você falou que você foi uma criança assustada, com medo. O que mais te assustava, te amedrontava?
J: Olha, sempre, quando chegava a noite eu estava muito assustada e essa insegurança financeira, porque a gente nunca tinha dinheiro. Medo de escola, como vai ser a professora, como vão ser as outras crianças, os amigos? O medo do amanhã, hoje eu já sabia, eu não tinha o mesmo amanhã. O que vai acontecer? Como vai ser? Acho que é isso mesmo, eu tinha medo do escuro e de noite. Eu consegui controlar minha vida: "ah você pode fazer alguma coisa, não precisa deixar o amanhã acontecer assim, você pode mudar o seu destino" – hoje, eu analiso e vejo isto - Mas eu comecei a pensar desta forma, neste estilo, não com essas palavras, mas neste estilo. Comecei a vender jornal, sabe, essas coisas? Um bom sentimento ia tomando conta, eu ia atrás. Eu posso fazer, eu vou fazer, não tenha medo! Veja uma coisa de cada vez, você entendeu? Eu acho que foi isso, o medo diminuiu - quem consegue controlar as pernas? Evai indo. (risos) Mas demora…

e) Percepção das consequências das experiências da infância na vida adulta

- **Da relação com a mãe:**

Júlia avaliou as seguintes características como resultantes da influência da experiência com a mãe:

(a) desejo de ter uma família normal;

(b) criatividade e gosto por coisas boas;

(c) vaidade;

(d) descartar os relacionamentos quando eles promovem algum tipo de ameaça e/ou sofrimento;

(e) motivação para comprar uma casa própria;

(f) desconfiança;

(g) desejo de ter filhos;

(h) autonomia e independência;

(i) dificuldade em aceitar críticas

...”ficou um saldo positivo de assim, eu quero ter uma família…normal. E eu acho que isso veio dela, porque eu acho que ela lutou, mas ela não conseguiu. Eu acho que foi como uma corrida de bastão, eu vou conseguir e assim a minha relação com a minha mãe até os doze anos, não sei, uma coisa que ela não conseguiu, porque, tanto eu como o André, a gente, sempre que ela dava oportunidade, a gente protegia...
...Ela passou uma vontade de ter uma família, a gente tinha vontade de protegê-la, a gente sentia que ela tinha aquela coisa da luta, a gente queria entender, mas eu me pergunto, que chances ela tinha de dar certo, com tanta coisa errada?”...

…”Eu acho que tem pontos negativos e positivos, mas eu acho que afetou sim. Olha, a criatividade da minha mãe que era uma coisa boa, o gosto pelas coisas boas, principalmente da casa, como eu te falei, ela sempre fazia roupas, paninhos, aquela coisa dos detalhes, ela cozinhava e fazia coisas gostosas, sabe?… Isso foi proveitoso, só que a garra dela era momentânea, a gente teve que melhorar e acho que as coisas que ela fazia que a gente não gostava, a gente procurou não fazer. A única coisa que eu acho que foi ruim e que eu acho que eu tenho que trabalhar isso ainda, é essa coisa de descartar as pessoas como ela descartava a gente, eu ainda tenho um pouco disso. Eu ainda tenho isso. De repente, se eu sei que uma relação vai ser difícil, no trabalho, não que é uma coisa que tem dinheiro, tal, porque ali você sabe. Mas assim, numa amizade, num relacionamento sentimental, eu não entro não…sabe, se eu sei que vai ser difícil eu não vou e não quero contato, eu vou descartando. Acho que teve um aspecto bom e outro ruim, mas eu não queria, eu acho que eu queria trabalhar isso. Mas nào sei, porque a ótica da gente é muito pessoal”…

“…Acho que por eu ser desconfiada, porque você vê, lógico, todo mundo quando é rejeitado, fica desconfiado. Eu tenho dificuldade de aceitar rejeição. Uma coisa que me dói muito é traição – traição - nossa, essa coisa de sentimento eu levo muito a sério, é difícil e eu rompo, rompimento total, radical. E isso não pode acontecer, porque eu acho que você tem que aprender a conviver tranqüilo com rejeição. Não é? Como é que todas as pessoas podem gostar de você? Não é? Quando eu sinto que eu não tô, sabe? Eu tento mudar a situação, eu saio. Agora, com a crise no trabalho, eu mudei muito, foi por causa do trabalho, que agora o trabalho tá tão difícil que você até aprende (risos). Mudou muito, sabe? Que você vê, que não tem só aquilo. Eu fiquei com uma obrigação de acertar, sempre…desde criança! Eu me cobrava quando algo não dava certo - Por quê eu não vou? Por quê eu não pressenti? – uma crítica! E uma coisa que eu tenho que trabalhar é quando eu recebo uma crítica…é meio complicado aceitar uma crítica…tenho tentado olhar para a crítica e tirar o que ela tem sempre de bom e o resto eu jogo fora.”…

…"Desde que eu fui pra essa casa, vai fazer vinte anos, os nossos natais, cada um traz sua família. E eu sempre quis ter uma família, mas família com todos, não um, todos da família. Então, quando eu comprei este terreno, eu prometi a mim mesma que um dia eu ia ter uma casa grande e o natal com todos. E nunca mais nós passamos o natal separado"...

- **Da relação com o pai:**

Júlia não percebeu influência da experiência com o pai, mas eu destaco a afetividade e o companheirismo. Porém, a falta da figura masculina colaborou para a autonomia de Júlia, que sem respaldo e proteção, teve que buscar meios de sobreviver junto ao irmão.

O comportamento de cuidador na maternidade

a) Relacionamento com as filhas

A maternidade, inaugurada na relação com Cristina, foi uma experiência fundamental para o desenvolvimento emocional de Júlia, em especial, para a revisão dos seus modelos operativos internos sobre si e sobre e experiência de maternagem.

Segundo Júlia, a maternidade resgatou sua esperança em realizar o sonho de ter uma família estável, um lar que representasse um porto seguro e uma estabilidade socioeconômica.

A relação com a primeira filha foi marcada por esse senso de competência e pela esperança de poder mudar padrões antigos e começar uma nova família.

Já, a relação com a segunda filha, iniciou-se mergulhada num clima bem diferente. Júlia se sentia rejeitada pelo marido, estava só, enfrentando uma gravidez com uma outra filha pequena, passando por privações emocionais e físicas (fome) que culminou com a separação, pouco tempo depois do nascimento de Andréa. Júlia

estava debilitada, deprimida e enlutada pelo aborto provocado antes da gravidez de Andréa. Neste contexto, Júlia estava se preparando para ter mais uma filha e para desfazer o sonho da família estável, separando-se de Mauro.

Sendo assim, a disponibilidade física e emocional presentes no nascimento e nos primeiros anos de vida da Cristina não estiveram presentes no início da vida de Andréa, que foi criada pelo tio (André) e pela avó materna, enquanto Júlia, agora como provedora, trabalhava para manter a família.

…"Eu acho que a Cris, principalmente, ela é responsável por eu estar viva, com certeza. Quando ela nasceu, eu tava assim, num estágio da minha vida que eu queria uma família de qualquer jeito…normal, habitual. Sabe, eu tinha conhecido o Mauro aos quatorze, ele foi uma pessoa boa pra mim, mas desde o início eu percebi que não era uma pessoa que tinha jeito de ser um bom pai, um bom marido, porque ele não tinha uma história muito boa. Quando eu engravidei da Cris, pra mim foi maravilhoso, maravilhoso. Eu curti cada momento, desde que eu percebi que estava…sabe, a mama crescendo, a barriga, sabe?… Eu me sentia privilegiada, eu me sentia assim, como é que eu vou te dizer? ***Eu nem acreditava, porque eu queria tanto ser mãe para provar que eu poderia ser diferente e eu tinha conseguido, pra mim foi maravilhoso!*** *Foi parto normal…mais uma vez sozinha…acho que o André ficou comigo, ele foi bárbaro, assim, ele não sabia o que fazer, se ia procurar minha mãe ou se me levava, tanto é, que ele me deixou na sala de espera do hospital e foi pagar o táxi e depois, quando ele voltou eu não estava mais, ele foi aos gritos lá. Foi muito, muito gratificante;* ***aí Cris, eu acho que foi o início de tudo****…E ela era muito bonita, muito, aí* ***a Déa, eu tive uma gravidez complicada, não fisicamente, mas psicologicamente, porque o meu casamento estava acabando, o Mauro é músico, naquela época que era o auge de todas as loucuras de músicos, né? Ele tava fazendo uma peça… e o pessoal da peça era louco demais, maconha, LSD, um monte de coisas, se drogavam muito e ele também. Aí ele não queria a Déa de jeito nenhum e antes da Cris eu havia feito um aborto, porque em seguida da Cris, acho que não tinha um ano, eu engravidei, ele não queria, não queria, era uma loucura, a minha mãe sempre incentivou essas coisas…****a minha mãe tinha uma coisa com o Mauro, que eu não entendia…ela me levou lá e eu fiz um aborto e era um menino, eu tava de quatro meses e eu fiquei muito mal aí eu engravidei em seguida da Déa. E foi uma coisa meio rebelde assim, não que eu falei, ah agora eu vou engravidar, sabe? Eu acho que eu não podia ver a cueca, já, sabe? Então, eu não falei muito cedo, sabe? E depois,* ***ele rejeitou muito, mas demais…Ele nem olhava, praticamente, pra mim, mas eu agi do mesmo modo, me preparei como grávida, me assumi, fiquei numa boa****, a minha casa era uma fumaça só, os ensaios eram na minha casa, eu pegava a Cris e a gente saía e ia andar, ia passear, sabe?…E a Cris, era tão pequenininha, porque a diferença delas é de dois anos, ela assim, às vezes, eu queria desistir, eu ficava deprimida, eu não trabalhava, eu não tinha comida, eu passei tanta fome nessa gravidez, Gabriela…o meu marido só comprava droga, não se preocupava com comida, era só droga e doce…E todo mundo que chegava perto, falava uma coisa que eu queria reagir: "Tudo bem?" "Tudo bem?" sabe, com sentimento de pena; "Tadinha da Júlia! - sabe aquela coisa da pena? A Júlia barrigudinha! - Era aquela coisa, sabe aquele negócio assim? Eu pensava, com os meus filhos, isso nunca vai acontecer, nunca…eu jurei na igreja F, ali na rua D…eu fui com a Cris e aí eu fiz um pacto…eu ia toda tarde, eu tinha que sair mesmo por causa do barulho, eu acho todos os dias durante os sete meses da gravidez, com aquele barrigão e a Cris, que era um toro, no colo. Eu ia com a Cris no colo, da minha casa na H, até a igreja F. eu pedia pra Deus me ajudar, mas se não fosse pra ser, que quando o nenê nascesse, eu tivesse a coragem e a condição de sair daquilo, porque eu sabia que aquilo não tinha futuro. Então eu fiz esse pacto, era uma coisa que me fazia levantar de manhã, cuidar rápido das coisas da Cris, fazer o almoço, almoçar e eu já sabia, já tinha um programa. Pegava a minha filha e ia até a igreja e eu fui até os nove meses..e eu ia lá, sentava, depois voltava…. E tinha um dos componentes do grupo, um garotinho que morava perto de casa, que tinha uma mãe maravilhosa e uma irmã solteirona que se apaixonou pela Cris, aí eu tinha onde comer"…*

*… Então, a Cris era uma criança meiga, tranqüila, ela dormia assim, agarradinha comigo, tinha uns cachos, era fofa. Eu lembro que ela era muito bonita… Ela tinha uns cachos e os olhinhos, ela tinha uns olhinhos lindos. E apegada e adulta, porque ela falava assim - falava muito errado, mas eu entendia muito bem - eu ficava triste e ela: "você não chora, tá? Você não fica triste, tá?" Ela tinha essa coisa de impor, né? E foi um longo caminho a gravidez. A Déa, quando nasceu, era uma criança linda, eu dei sorte porque os meus filhos são lindos, não sou eu que acho, as pessoas acham. Os olhos dela parecem duas jabuticabas, são enormes e os cílios dela, até hoje, batem quase na sobrancelha…Mas, nenhuma das duas se parece comigo…**E eu não amamentei a Cris muito tempo, por que eu tinha que cuidar da minha vida**."…*

b) Percepção sobre si mesma como mãe

Júlia demonstra que era muito exigente com as filhas, e que, depois da separação sentiu-se muito culpada, em especial com a Andréa, por ficar muito ausente fisicamente. Mas ela buscava ser muito amorosa nos poucos momentos de interação e sempre buscou manter proximidade boa comunicação com as filhas.

Sua meta como cuidadora era ser responsiva em oferecer estabilidade para as filhas. As estratégias para atingir este objetivo foram prejudicadas pelas necessidades que tinha como provedora, acumulando dois empregos para garantir o sustento da casa. Além disso, Júlia buscou defender-se ainda mais, depois do processo doloroso de separação do primeiro marido, envolvida num processo de luto, com sentimentos de mágoa, traição e desamparo. Penso que estas condições inibiram seu repertório de comportamentos como cuidadora.

Esta mesma experiência se repete anos mais tarde com o segundo marido, o que aponta para uma tendência em escolher relacionamentos íntimos com as mesmas características do modelo de apego vivido na infância (instável, inseguro e rejeitador).

Como eu já te disse, ***eu tinha complexos que tentei superar. Mas, assim, elas me trouxeram vida,*** *como eu falei pra você, vida…até hoje!* ***Tudo é muito importante, mas saber que eu sou importante pra elas é muito mais do que tudo, eu tenho verdadeira paixão pelos meus filhos e pelos meus netos, sabe? Eu errei muito como mãe, eu acho que por não ter participado, eu acho que eu era muito exigente, eu era muito exigente, tanto que quando a Déa perdeu um ano no primeiro colegial, eu falei pra ela: "Você não trabalha, só estuda, eu não aceito uma reprovação." Acho que eu fui dura, porque ela ficou muito mal, eu era muito exigente, eu queria tudo limpo, tudo em ordem, eu fazia escândalo, sabe? Eu fazia escala, sabe?*** *Quem lavava a louça durante a semana, quem encerava a casa, quem ia cuidar do que, isso isso e aquilo, mas assim,* ***como eu tava trabalhando, eu ficava vinte e quatro horas fora, elas limpavam muito a casa, era uma obsessão...***
*...****Pra mim a maternidade, eu acho que foi muito gratificante, com certeza essa força assim, que eu sempre tive pra lutar, foi por causa das crianças...***

c) Satisfação na materidade:

Júlia aponta sua realização de não repetir o modelo de maternagem que teve com a mãe. Essa experiência contribuiu muito para uma melhora da auto-estima e do senso de competência:

.. É uma coisa assim, que eu não achava que eu ia conseguir e uma coisa que eu sempre tentei ser uma mãe diferente da minha. Eu queria ter essa oportunidade para provar pra mim mesma, que pode se criar um filho, mesmo com dificuldade, sem tanto sofrimento. Eu queria ver como é que era isso, porque que era tão complicado pra mim, então eu queria ver, sabe aquela coisa assim - quando você vê um profissional da sua área e fala: "eu acho que o trabalho dele podia ser melhor - e você fala; "vou trabalhar em tal área e vou me aperfeiçoar sei lá, em deficiente, pra provar praquela pessoa que o deficiente tem jeito." ...

d) Dificuldades como mãe:

Durante a entrevista, Júlia confirmou seu estilo inseguro e evitativo de relacionar-se com suas figuras de apego na fase adulta e, desta forma, a necessidade de isolar-se e controlar o grau de intimidade tornou-se cada vez mais presente. Na relação com as filhas, ela encontrou dificuldade de encontrar um equilíbirio entre sua necessidade de isolamento e a necessidade de prover cuidados para seus dependentes:

…"Eu acho que quando você é mãe, uma das coisas mais difíceis que tem é a individualidade, que é uma das coisas que você perde. E que pra mim, como pessoa, para mim é importante, porque eu sou muito independente. Sou independente, mas como mãe, às vezes você tem que fazer coisas pro outro, né/ que é o filho, e que na realidade, o que você gostaria que fizessem com você mesmo. Pra, daí, querer alguma coisa do outro. Eu gosto de ter momentos meus. Quando precisa de bom grado, a gente dá. Mas, depois que eles estão grandes, você começa a resgatar tudo isso de novo, é muito bom!. Eu não sou aquela mãe que assim, ai, agora, por exemplo, a única coisa assim, não sei se tem gente que entra no seu consultório e fala: "ai, se aquele quadro tivesse ali, talvez tivesse ficado melhor, meu Deus, olha o seu casaco, não sei o que"!" Eu não tenho muito isso. Se eu acho bonito eu acho, se eu acho feio fica pra mim, não é só elogio, mas não precisa perguntar, pode estar cinqüenta graus e se você tá com um casaco de lã, eu não vou interferir na vontade das pessoas. Ah porque este é lerdo, este é..., Eu acho que pra mim, falta às pessoas terem privacidade, liberdade, fazer sem interferência. Eu acho que ser mãe não me dá ao direito de querer controlar a vida do outro e não dá o direito ao filho, também, depois de uma certa faixa de idade, de querer que o pai ou a mãe vivam a vida, a vida dele, a gente tem que ter consenso de colocar limites"...

e) Percepção das filhas

Júlia descreve como as filhas eram fisicamente, quando pequenas e demonstra muita ternura e prazer neste momento:

…"Então, a Cris era uma criança meiga, tranqüila, ela dormia assim, agarradinha comigo, tinha uns cachos, era fofa. Eu lembro que ela era muito bonita. O Mauro é filho de italiano com negro, então ela era linda, sabe? Ela tinha uns cachos e os olhinhos, ela tinha uns olhinhos lindos. E apegada e adulta, porque ela falava assim - falava muito errado, mas eu entendia muito bem - eu ficava triste e ela: "você não chora, tá? Você não fica triste, tá?" Ela tinha essa coisa de impor, né? E foi um longo caminho a gravidez. A Déa, quando nasceu, era uma criança linda, eu dei sorte porque os meus filhos são lindos, não sou eu que acho, as pessoas acham. Os olhos dela parecem duas jabuticabas, são enormes e os cílios dela, até hoje, batem quase na sobrancelha. Mas, quando ela nasceu, o médico falou assim pra mim: "Olha, nasceu a criança com os olhos maiores que eu já vi na minha vida. Esse é o primeiro parto que eu faço de um bebê com os olhos tão grandes que já nascem abertos." Aí, mostrou. Muito fofinha, nariz pequenininho e a boca como a minha, carnuda. Mas, nenhuma das duas se parece comigo; a Déa tem pernas e pés magros, e a Cris é baixa, musculosa, mas as duas são a cara do pai"...

f) Percepção do relacionamento

Júlia faz uma avaliação sobre a dinâmica com as filhas, e descreve as diferenças no relacionamento com cada uma delas:

…”a Cris teve muito carinho. Aí, a Déa, pegou tudo ruim….do nada, então, eu quando me formei e comecei a trabalhar, eu sempre tive dois empregos, eu comecei a ter uma relação meio doentia com a Déa, assim…tipo super proteção e isso prejudicou depois, na adolescência, a minha relação com a Cris, ela ficou extremamente ciumenta, mas nós já resolvemos isso, mas nós demoramos pra resolver isso, nós três, porque a Cris foi super mimada por mim. A Cris não foi rejeitada, ela sempre foi tratada normal, porque eu sempre achava que a Cris teve o pai dela, quando a Déa veio, eu fiz dois anos de curso dois anos de estágio e eu não tava perto, eu não vi quando nasceu o primeiro dente, eu não vi quando nasceu o segundo, nem os outros, eu não vi quando ela começou a andar…quando eu cheguei, ela tava andando (a voz fica u pouco embargada), não vi ela falar mamãe, sabe? Quando eu percebi ela já tava falando tudo, foi assim, anos de muito trabalho pra mim, comecei a ter dois empregos, trabalhar até tarde, naquele tempo não tinha celular, a gente não tinha telefone, eu não tinha carro, eu saía muito mais cedo de ônibus de casa, eu trabalhava vinte e quatro horas direto, pra depois ir pra casa, então, eu não acompanhei muito a infância das duas, mas muito mais a da Déa. Daí, eu quis”…

…”aí, eu consegui resgatar isso depois dos dezoito, daí assim, eu era a motorista, eu comprei um fusca verde, que parecia um abacate e eu era motorista dela e de todas as amigas, porque nenhuma amiga tinha carro, né? Eu levava nos passeios e aí, eu punha o relógio pra despertar de madrugada e ia buscar, eu sabia o caminho de todas as amigas dela, sabe? Foi inicio de shopping…eu levava pra shopping pra ver vitrine, pra ver isso, pra ver aquilo. Aí sim, eu fui uma mãe mais presente, né? Mas, mesmo antes, quando eu trabalhava e não ficava muito, quando eu estava, mesmo com sono eu punha as duas pra dormir comigo, tal, eu sempre queria proximidade, eu sempre fui aquela de passar a mão, assim, como minha mãe nunca tinha feito carinho, eu sempre tinha aquela coisa do toque, eu chegava, fazia carinho, passava a mão no rosto, dava beijo, sabe? Mas…eu sempre procurava sentir que tinha o toque da mão, sentir que eu estava ali”...

Relacionamento com Cris:

Júlia atribui os seguintes adjetivos:

1. Respeito:

…“A Cris não abre a minha bolsa, não mexe na minha gaveta, ela me chama de senhora, sabe aquela coisa? E a gente pode estar brigando, mas se chegar alguém que ela sabe que eu não vou gostar, na hora acaba mal estar entre a gente, e a postura que ela tem em relação, até as nossas conversas, se a opinião dela é diferente, não que ela ceda, mas ela respeita o que eu acho”...

2. Parceria:

…”Se ela tiver que fazer, tudo o que eu precisar, eu já passei mal a noite e liguei pra ela, ela subiu, eu tava gelada, ela me tirou a roupa, colocou embaixo do chuveiro, quando eu olhei do banheiro, é uma suíte, da pra ver a cama, ela tava passando a cama com ferro, para ficar bem quentinha e eu não sentir frio quando eu deitasse. Então é uma parceira, eu não pedi, ai Cris, me socorre, então, sabe? É espontâneo, eu acho que isso é parceria.”…

3. **Senso crítico:**

…"Porque apesar de eu sentir o respeito, se às vezes eu estou, ou faço um negócio, uma coisa que eu preciso sair da sociedade, ela fala: "mãe, porque você fez? Você pode machucar alguém, sabe aquela coisa? Se é meu namorado, ela não da fora, mas ela fala, essa pessoa, não foi legal pra você? Você é tão sensível, você vai sofrer." Ela é muito preocupada e faz a crítica; "você trocou de carro, não vai te apertar? Será que era a hora, não era a hora? – Eu acho assim, quando começa a furar pneu, a gente já quer trocar de carro (risos). Se tem que vender, ela fala com humor: "AH! Acho que foi bom, porque de repente ia começar a furar o pneu!" Ela sempre tem humor, é como se fossemos duas amigas".

4. **Humor:** (não dá nenhum exemplo)

5. **Mesquinhez:**

…"Dinheiro dela é dela, se você pegar, tem que devolver até os centavos, ela pode até oferecer e ela tem assim: de repente ela quer comer bacalhau, ela pega, na casa dela – aliás, à casa dela, eu não tenho nem acesso, porque é assim, quem vê da rua, pensa que é um sobrado, mas da minha, saindo pelos fundos é a casa dela, então ela tem quarto sala, cozinha, banheiro, terraço, tudo separado, então, por exemplo – ontem ela fez uma bacalhoada para ela e o Junior e era um domingo e eu não cozinho, mas ela é incapaz de falar: "mãe, você quer um pouco de bacalhau?" E é sempre com comida, eu brinco com ela, ela é gulosa, sabe, mas eu dou risada disso, sabe por quê? Eu não sou muito de comer, eu sempre fui magra, mas eu queria que fosse, eu acho que é uma coisa chata, mas eu não falo nada, mas a Cris vai no mercado e faz, na hora do almoço, ela chamar o Junior para almoçar, mas ela não chama o sobrinho. Eu acho que isso é dela, por causa de comida, eu não sei o que passa na cabeça dela, mas um dia eu falei, aí, se for para o sobrinho comer lá, então a gente tem que arrumar o prato dele lá em cima e descer para comer na casa dela, outra comida. Talvez ela até ponha o que ela fez, sei lá. Mas isso, eu acho muito estranho."…

Relacionamento com Déa:

Júlia atribui os seguintes adjetivos:

1. **Respeito:**

..."O respeito, porque eu acho que o respeito assim, agora, se você me fizesse esta pergunta há cinco anos atrás, eu acho que a resposta seria diferente, mas hoje eu acho que a gente tem – cinco anos atrás e antes dela encontrar com o pai - e hoje eu acho que existe o respeito"...

2. Parceria:

....”De parceria com ela, eu tenho uma historia de anos, hoje eu sei que eu posso contar com ela e antes, de tudo o que teve, a gente sempre foi muito unida e quando teve, a situação do meu namorado, que foi o oficial de justiça, a Déa o agrediu, e ela falou: “Imagina, que nada de ação!” Sabe quando dá um ódio?” E ele começou a ficar alterado e ela na hora: “Cala a boca, não fala assim com a minha mãe! – e ele; “Ah falo sim!” – e ela deu-lhe uma bofetada e todo mundo ficou bege, até ele, ainda bem que ele não revidou. Ela assim: “mãe, se você, tem que resolver aquela coisa vai” – às vezes, eu tinha que ficar vinte e quatro horas de plantão e tinha que ir num órgão público resolver alguma coisa – deixa a condução que eu vou e depois eu te ligo se precisar. Ela arrumou um emprego sozinha, prestou um concurso, e quando ela passou, falou: “você não quer assinar aqui, olha, eu vou trabalhar no bairro F” – e eu disse: “mas eu nem sei do que você tá falando”- “Surpresa!” – “Mas você não tem que estudar?” – “Mãe, mas eu estudo a noite, já está aqui o papel e é só assinar” e todo o pagamento dela, no cartão, ela falava: “mãe eu preciso de dinheiro pra isso, isso isso, pra comprar alguma coisa e isso aqui é seu.” Ela sempre separou. E ela sempre teve um bilhetinho de carinho. Esse era da mãe, esse e dava dinheiro pra Cris, você fica com esse”...

.

3. Concorrência:

...”Porque, assim, tinha um problema, quando seus filhos chegam numa idade, querem usar sua roupa, seu sapato, você punha uma roupa: “Ah mãe, nem põem a meia preta porque rasgou, eu fui não sei aonde e rasgou. A Cris guardava a roupa para um dia especial e quando era dia, a Déa punha aquela blusa com uma calça jeans e ia lá no show não sei onde!” ...

4. Humor:

...”Sim, por exemplo, recentemente, quando eu terminei com o meu ex-namorado e ela disse: “Nossa, nem cheguei a conhecer teu ex - eu tinha que resolver - ela gosta de resolver os problemas, por isso que eu te digo da parceria, eu estava tentando resolver, não sei o que e aí ela falou: “mãe, ele parece um bebê, pelo amor de Deus, olha mãe, aprende uma coisa, um homem muito alto e muito machão, tem pênis pequeno e cabeça de merda!’ Sabe aquela coisa? E aí eu falei, nossa, ele tem o pênis pequeno mesmo! (risos) - elas são mais experientes do que eu - Se você quer ficar bem satisfeito, pega um de estatura mediana ou bem baixinho! Então ela não tem aquela coisa de mãe e filha, sabe? Ela fala mesmo. E com o humor dela”...

5. Generosidade (material)

...”Para tudo, por exemplo, saí mais cedo hoje e aí, eu não sou muito de comer comida, eu como besteira fora, eu só tomo leite de soja, então ela liga pra mim; “mãe, você vai sair pra almoçar? E é seu rodízio, né?” – Então, ela deixa marcado - “amanhã, almoçando em casa! ‘Eu só vou levar o Leo, quinze para as duas, eu já estou voltando da escola. Ela chega e vai fazer não sei o quê, então ela…e ela liga para o meu trabalho; “Escuta aqui Dona Júlia, o que a senhora está fazendo ainda aí? Pode vir, tá? O almoço já está no prato! Vamos vindo, por favor!” e desliga. E é assim com tudo, sabe? E ela fala assim: “Poxa vida, a gente dormiu na sua cama, você ficou com sono? E depois eu fiquei com dó. Ela falou para Cris; “conta par ela como ela estava dormindo” – “você estava dormindo com a cabeça assim, torta.” Eu fiquei no sofá e no colchonete, quando era duas horas da manhã, elas tinham ficado na internet, que elas desceram, elas falaram: “Por que você faz isso? Você quer arranjar um problema de coluna, e que a gente fique te empurrando numa cadeira de rodas, é isso que você quer? Sabe aquela coisa?”...

No relato abaixo, Júlia aponta o conflito que viveu com Andréa, depois que esta conheceu o pai, na fase da adolescência.

.Você falou por duas vezes que se fosse há cinco anos atrás, a sua avaliação seria diferente. Quais desses adjetivos você não usaria?
"Acho que a parceira, porque nós estávamos brigadas e ela é radical como eu. E aí outra coisa que eu disse pra você foi o respeito que tava faltando. Eu achava que eu tinha que fazer tudo pra ela, que eu era responsável por ela. Ah sabe assim? O respeito foi a zero. A parceria foi a zero e aí continuou, né?"
E: Durante que período?
"Desde que ela conheceu o pai; dos quinze até os vinte anos. E a gente conversou muito, e neste dia que a gente conversou, falamos que no começo foi o oposto, que foi assim, tudo super legal, foi o oposto, foi legal, e depois foi ruim; a Déa brigava com todo mundo, mas a gente estava lá, então acho que foi isso. Eu desconfiava das drogas, mas eu não tinha certeza. Mas, ter se afastado foi até bom, porque se não, a gente ia brigar muito"...

Atualmente, Júlia destaca que o relacionamento com as filhas caracteriza-se por parceria e amizade.

..."Por isso que eu digo, a gente tá num momento feliz, entendeu? Nós estamos juntas, tentando resolver o problema das crianças"...

E: E o que você sentiu com esta aproximação?
"Muito bem, muito bem porque fazia cinco anos que não nos falávamos por telefone, por carta, por e-mail, e ficamos todo mundo junto e gostamos disso, né? Ela falou: "que quando veio a separação, eu sentia falta da minha irmã, foi muito duro." E é um momento muito bom agora. E assim eu vejo um compromisso na Cris em ajudar a Déa. Ela não pensa que as crianças estão ficando comigo, ela pensa que as crianças estão ficando conosco."

g) Sentimentos

Raiva

Júlia aponta sentimentos de raiva em situações de *estresse* cotidiano, mas que buscava controlar assim como sempre fez ao longo da vida como outras figuras. Desta forma, buscou mudar o estilo agressivo e crítico que observou no comportamento de sua mãe como cuidadora:

"…Não, eu acho que algumas vezes eu me sentia meio perdida, com dificuldades que aparecem no dia-a-dia, mas eu nunca pensei que se eu não tivesse filho, seria melhor, seria mais fácil para mim. Ah, isso nunca! Eu tenho certeza! Então, acho que raiva, não. Eu podia ficar, preciso cobrir o cheque, se não ninguém paga e você não sabe da onde vai tirar, sabe aquela coisa? Mas não adianta ficar: "Aí, por que eu dei aquele cheque?". Eu não tinha quem cobrir o cheque, sabe? Não, eu tenho que cobrir, alguma coisa eu vou ter que fazer, mas no momento você tinha que dar, era um negócio, no meio do caminho, ah não, isso eu acho que não…"

E: Pode ter havido alguma situação que você tenha se sentido irritada como mãe?
"Ah, muitas vezes, isso é normal."

E: Tem algum exemplo que você possa me dar?
…"Você chegava e tinha que fazer uma coisa e não fez, às vezes, saiu ou dormiu e não fez lição…na época de namorado ou de pequenininho, que pega uma caneta e risca tudo…ah, eu acho que você se irrita sim, mas é uma irritação que dura dois ou três minutos, e porque a diferença era pequena, uma da outra então, elas faziam arte. Levava uma palmada, sei lá, filho tem disso, ou você vai na escola e o professor fala: "Olha a Cris criou problema não sei onde, tinha prova e ela ficou fazendo bagunça…"- Aí eu falava: "Pra que você faz isso? Eu já expliquei, não pode, não sei o quê". Então, tem , eu não vou mentir, não por ser mãe, mas tem que conversar ou corrigir e tudo bem."…

E: Como você lidou com esse sentimento?
"Ah, olha, é o que eu falo para você, o bom senso é o que me guia. Então, eu sempre me ponho no lugar, e penso; "olha, é uma criança, elas nunca foram disso", mas de você chegar e estar o seu cachepô de porcelana quebrado e colado. E aí você fala: "mas que filhas da mãe, colaram!" Eu falo, elas sabem que eu sou, eu sempre levo, eu aprendi a levar pro lado bom. Aí eu falava: "olha, não façam mais isso, a mamãe gostava, mas ficava chateada, sabe? Elas falavam: "ah mãe, eu preferia que você me batesse, porque você tem um jeito de falar com a gente…que eu preferia que você me batesse." Elas ficavam dias mal, até hoje elas falam isso. - "Porque você me faz sentir a importância daquilo que eu fiz pra você!' - e eu falo: "Puxa vida, ouvir isso é complicado!"…

Culpa

Como já foi afirmado, Júlia sentiu-se culpada por sua ausência no início da vida da Andréa e por não ter favorecido a convivência dela com o pai e percebeu que tentou compensar isto com uma atitude superprotetora.

…Muito, com a Déa. Eu penso assim, será que se eu tivesse tido um pouco mais de paciência, tivesse tentado consertar o Mauro, a Cris teve pai e ganhou muito mais carinho dele e a Déa não, sabe? No final, eu deixei essa menina sozinha, com o meu irmão e minha mãe e ela ficou tão…isso revoltou tanto ela que aos treze ela foi procurar o pai e ela mudou totalmente o perfil dela, anos, ela tá voltando a ser a Déa, agora, sempre tinha conflito, sempre tinha uma coisa, sabe? Ficou tão complicado depois que ela retomou a relação como pai, que aí eu fiquei assim, sabe? Não adianta a superproteção porque ninguém substitui o pai, sabe? Por isso que eu até deixo ele lá. Convivam, por favor, entendeu? Agora, tão lá em conflito direto, porque agora ela está vendo que é difícil, muito triste. Isso sim, viu, e eu acho que eu levei um tempo e pensei, aonde ele estivesse com a loucura dele, eu deveria ter levado, mas eu não queria esta visão, entendeu? Eu me culpo e não me culpo."

E: A culpa está em ter favorecido esta situação?

"É, com ela, porque com a Cris não. Com ela, porque ela foi atrás e foi, foi, foi, e sabe, então eu falo, se eu tivesse deixado ver e tal, mas, agora, ela vem me dizer que foi bom, vai fazer dez anos. Mas eu também não sofri muito não, porque quando eu vi que ia, e aí eu acho que ele ganhou o terreno dele, aí eu deixei, eu vi que aí eu deixou a pessoa viver. Se uma amizade começa a me perturbar muito, ah então tá, sabe? Eu não insisto muito com as pessoas, sabe? Como diz a Déa, ela fala que eu faço assim (dou um peteleco), então, porque, aí, no amor, qualquer pessoa, vai e vem. Eu falo eu converso, mas eu chamo e falo do assunto, especificamente."

E: E como é que você acha que lidou com essa culpa?
"Eu acho que eu fiz isso também. Deixei ela viver com o pai, ela tinha procurado ele e eu deixei, porque se eu ficasse, olha, não sei o quê, porque eu não tentei explicar. Eu expliquei olha, eu não queria que vocês convivessem com ele, porque ele é ele tem algumas coisas que não combinam com a mamãe. Eu nunca disse, ai seu pai é um drogado, não, nunca falei. Ele não tinha parado mesmo, eu acho que se eu dissesse, não ia ser de uma maneira legal."…

Segurança e prazer

O sentimento de segurança foi inaugurado e associado com todas as conquistas relacionadas à suas filhas e à família de modo geral, consitiuída com filhas e netos.

"Ah, acho que quando eu tive meu primeiro neto, eu falei: "Eu consegui!". Eu acho que teve várias: a formatura delas, o casamento, a primeira vez que elas viajaram sozinhas, foi pra Campos com uma turma. E voltou inteira; o dia em que eu vi a Déa dirigindo, ah eu acho que cada fase tem um momento, desde a formatura do pré, eu acho que filho, ele dá uma coisa, em cada fase ele traz uma coisa que você fala: "Olha, eu consegui!".

E: Então, isto aparece nas conquistas delas?
"Eu acho que sim, eu vibro com elas. Quando eu ouço hoje o meu neto falar inglês fluentemente, eu fico muito orgulhosa. Eu ainda brinquei outro dia, falei Cris, você não precisava nem ir para o país H. Esta família está progredindo! (risos) Eu acho muito bom".

Ambivalência:

Este sentimento esteve muito presente na relação com Andréa, que nasceu numa fase muito difícil para Júlia, de tristeza, frustração, perda e luto.

Preocupação:

Júlia mostra-se muito disponível, emocionalmente, para filhas e netos, e comporta-se como cuidadora, no sentido de despertar nas filhas a consciência e responsabilidade sobre o papel de mãe. Participa dos acontecimentos da vida deles, buscando evitar que sofram, e para isso, ensina suas estratégias familiares de enfrentamento, como isolamento e esquiva:

…"*Aí, eu acho que, principalmente, porque elas tem filhos, eu fico preocupada com as crianças e eu fico preocupada com a parte emotiva delas, eu gostaria que elas se preservassem de todo o sofrimento, é aquela coisa, eu acho que o que é mais difícil superar, eu acho, olha, dinheiro você ganha, sabe? Saúde, vamos tirar saúde que não é o foco agora, eu acho que o sentimento, eu queria que elas procurassem situações que não se machucarem por dentro. E é assim, o que me preocupa é que elas mantêm uma cabeça bem centrada, sabe? Que tenham condições de serem boas mães, eu ainda tenho essa preocupação."*

E: E como você lida com essa preocupação?
"Ah, eu converso com elas"…

i) Reação a separação dos filhos

Júlia sofreu durante as separações pela impotência diante do desenvolvimento das filhas, consequência da distância física, e ressentiu-se por não participar e ter controle sobre seus avanços sociais, cognitivos e físicos. Sentimentos de culpa, frustração e raiva surgiram em decorrência desta limitação:

… "eu sentia um problema de consciência, tipo assim, você chega e sua filha, você deixa com quinze dias, pra ter que trabalhar, aí um fala: "Ah, a Déa já está andando e você não viu, a Déa já tem quatro dentes. Eu não vi ela tendo as dores, é tão de repente que rasga o dente, de não ter guardado os dentinhos que caíam, pra colocar na correntinha, de não ter feito a trancinha para ir para a escola, de ir na escola e elas já estarem quase formadas, sabe? É aquela coisa de você deixar na porta da escola, querer entrar pra fazer tchau, coisas assim, a gente não percebe na hora, hoje eu percebo que essas coisas são muito importantes, e do nada ela fala uma coisa pra você e você percebe que ela é super inteligente, ou que ela tá com problemas. Mas só que se você trabalha, às vezes, você não percebe eles, quando você vê, vai correndo histérica pro médico, ou você vê que tem uma criança super dotada que não esta sendo aproveitada. Eu percebi isso com os netos, eu falo pra você que eu sou privilegiada, sabe por quê? Porque tudo que eu não pude sacar com os meus filhos, eu tô tendo a oportunidade de viver com os meus netos. Eu acompanhei muito de perto o Júnior, aí eu vi o que eu perdi com a Cris. E a gente perde bastante…Eu acho que são sentimentos que não têm nem como evitar esta perda. Então estou curtindo os netos e eu estou tendo uma boa relação com elas, o que não é difícil, porque não houve prejuízo com essas separações, eu conheço casos que houve prejuízos, então, aí fica mais fácil para eu me conformar, ficar tranquila…

E: Agora, você pode me descrever, que tipo de separação, ficou mais estressante para vocês do que uma separação rotineira?
J: Quando a Déa saiu de casa com dezessete anos.

E: Como ela lidou com esta separação?
J: Hoje ela diz, ela sempre disse que foi bom. Ela disse que sabe viver com pouco, com muito, e com o nada. Ela disse que isso dela sair fora do país, dela ter coragem, então, se a gente tivesse sido criada muito aconchegada, seria mais difícil o desafio. Eu acho que teria sido mais difícil. Quando ela saiu pra casar, foi sofrido pras duas partes, eu chorei muito e ela sofreu muito. ***Mas acho que hoje eu digo pra você, por ser sobrevivente, eu acho que prevaleceu aquele sentimento de "eu posso, eu quero, eu vou".***

E: E com a Cris houve alguma separação mais difícil?
J: A gente não se separou muito, a Cris, assim, se num sábado eu saio e demoro, porque sai com uma amiga, toca meu telefone: "mãe, onde você tá? Eu saí com uma amiga, ah tá." - Ela é, eu acho que ela sente mais, sei lá"…

j) Revés no relacionamento

Assim como Júlia avalia que a sua maternidade foi uma experiência definitiva na transição do seu modo de relacionar-se e de enfrentar adversidades, ela também avalia que o mesmo aconteceu com Andréa, e observa sua mudança de postura no relacionamento com Júlia:

…”*Eu acho que a maternidade fez delas, eu acho que elas sempre foram muito legais, mas eu acho que assim, com a Déa, principalmente, eu acho que a maternidade a mudou radicalmente o comportamento dela comigo. Eu acho que hoje que ela é mãe, ela é muito mais amiga, essa coisa, na vida, então, foi essa”…*

I) Semelhanças entre mãe e filhos e influências na relação

Júlia reconhece que ela e as filhas têm temperamento e personalidade forte, porém também são parecidas, quando precisam usar o bom senso para se controlar diante de uma discussão.

Além das semelhanças de comportamento, Júlia percebe a semelhança com relação a história de vida, na medida em que as filhas também viveram uma intensa experiência de descontinuidade de interação com a figura materna durante a infância e adolescência, e de privação total da figura paterna, principalmente, Andréa, no mesmo período. Porém, Júlia destaca sua disponibilidade emocional nos momentos de interação com as filhas e não atribui a uma limitação pessoal ou rejeição, mas, exclusivamente, a situação financeira, que forçava uma sobrecarga de trabalho para Júlia, como única provedora.

“…*A Déa tem muito mais coisas parecidas comigo no comportamento que a Cris, porque ela é assim com a vida, ela vai, ela faz, tudo, ela tem não tem medo, né? Mas a Cris é mais lenta nessa parte, mas as coisas que ela conquista são duradouras, então eu chego, assim, da minha personalidade, cada uma tem um pouco, né? Eu acho que é uma lição de vida com a calma dela. Porque se eu for avaliar, eu sou muito mais a Déa, ah, sabe aquela coisa? Eu vou, quando eu, eu sinto que vai ser complicado, eu penso na Cris. As minhas filhas são uma lição, sabia? E muita. Fisicamente, não muito, a Déa tem o corpo, as mãos, os pés, acho que eu até te falei, a Cris gostaria de se parecer mais comigo, ela diz.”…*

E: Como é que você acha que estas semelhanças influenciaram o relacionamento de vocês?

“*Eu diria que era um pouco complicado, porque as três têm personalidade forte, um gênio, que é difícil, tem coisa parecida, mas a gente nunca chegou pra brigar, ter gritos, nada, porque é outra coisa que a gente tem parecido, o bom senso; às vezes a gente ficava sem conversar, assim não naquele dia, ia conversar outro dia. Elas tinham essa coisa das duas confabularem alguma coisa, que tinham certeza, não iam conseguir me explicar, ou que eu não ia entender de jeito nenhum, combinavam a hora que iam me contar; ah deixa uma hora que ela tiver calma, vamos ver o que acontece, elas eram muito juntas. Então, assim, eu não me lembro de ter atritos maiores, a gente tinha atritos, porque prevalecia sempre o bom senso.* ***Elas são meio sobreviventes também, né? Eu acho que de uma conseqüência de vida minha mesmo, você tem uma mãe que trabalha vinte e quatro horas direto, você tem que ir na escola, você tem que fazer lição, você tem que almoçar*** *eu deixava tudo pronto, eu lembro do pirex, agora nem tem mais! (risos)”*

…"Um dia eu cheguei e tinha uma polícia na minha porta. Eu morava nos fundos e tinha uma viatura na minha porta, que tinha um monte de vizinhos e aí todo mundo falava que eu deixava as crianças sozinhas, ai ela, é aí o policial veio,: "aí, porque a senhora deixa a televisão, deixa duas crianças sozinhas, deu curto circuito do fio da televisão, tinha válvula, acho que a tomada tava meio em curto e elas ligaram e ffff, saiu lá no fio, fogo, sei lá"… talvez ele tivesse até razão de querer me levar pra delegacia, mas o que eu ia fazer? Por isso que eu falo que elas também são sobreviventes. A Cris fazia matrícula da Déa, eu deixava todos os documentos e ela matriculava ela e a irmã. Eu deixava todo dia um bilhete, elas tinham oito e nove anos, eu deixava o dinheiro e assim: "Déa, mamãe te ama, Cris, mamãe te ama - tinha que ser individual, porque se eu falasse a mamãe ama as duas, elas falavam, não foi só pra mim - Preciso que comprem batata, meio quilo de batata, meia dúzia de ovos, não gastem o troco, tá? Que é pra comprar o lanche da escola. Beijos te amo, amo de novo" - aí fazia uma carinha assim, com cabelinho, mamãe. E aí elas faziam…aí com dezesseis anos eu deixava o dinheiro do supermercado, elas sempre iam, elas sempre faziam as coisas, por isso que eu falo, são sobreviventes também."…

m) Diferenças entre mãe e filhos e influências na relação

Júlia destaca a diferença de idade entre ela e as filhas que promove divergências com relação às prioridades, necessidades e pensamentos entre elas

…"Ah, a começar pela idade, né? Os interesses são diferentes, com a Déa, a Déa vive uma vida alternativa, ela, eu acho que é coisa até da geração, mas a Déa é diferente, até da irmã. É duro, e a gente sabe que não é fácil. Desde o físico, ela é meio riponga (estilo rippie) desde que ela foi para o país H., sabe? Depois ela é a mais, ela anda com uma bota até o joelho, uma camiseta regata, com uma calça jeans cortada, assim e um casaco até o teto, você entendeu? E tem diferença também de pensamento. Porque ela é mais aventureira, a gente, 'aí, pé no chão. Então, eu acho que a minha diferença com ela é essa, e com a Cris, também, só que é menos, porque a gente tem uma diferença de dezessete anos, só que a Cris é muito madura. E não sei, Gabriela, eu acho que nós não temos problemas muito sérios. Se for olhar aí pelo que eu vejo, acho que as nossa diferenças não são tão grandes. Com a Déa nós não temos muitas diferenças, acho que eu tenho mais com a Cris."
E: Você acha que essas diferenças influenciaram de que forma a relação de vocês?
"Eu acho assim, que afetaram numa separação, pelos cinco anos de convivência que a gente perdeu, né? Assim, a convivência legal, porque assim, tinham aqueles flachs que a gente falava por telefone qualquer coisa, mas a gente sentia que era uma coisa de obrigação, pra saber, com a irmã, como é que faz as coisas, não, mas era uma obrigação. Era uma coisa que a gente tinha, e dessa briga pra cá, voltou a ser assim. Eu vejo ela perguntar: "Mãe, como é que você está de amor?" Porque a gente conversa isso mesmo. A Cris, eu tô sentada, ela vem e deita a cabeça no meu colo, ela fala: "Mãe, me dá um beijo? Ai, porque depois eu vou sentir falta do seu beijo."…

n) Estilo de cuidador

Júlia demonstrou uma tendência para manifestar um estilo de cuidados responsivo quando estava presente, mas o fato de se manter muito tempo ausente fisicamente, gerou insegurança e suas filhas tiveram a mesma necessidade de desenvolver estratégias de sobrevivência que envolviam autosuficiência, agressividade, principalmente a Andréa, pela ansiedade e medo.

o) Relação entre estilo de apego e de cuidador

Desta forma, percebo a influência da perda vivida na infância pela rejeição da mãe e do pai, na medida em que Júlia tem consciência de sua limitação e das consequências de sua ausência e, por isso, busca resgatar e reparar esta privação com estratégias de aproximação, buscando intimidade e boa comunicação com as filhas. Desta forma, Júlia também aponta uma superação dos modelos internos originais, com uma avaliação menos distorcida sobre si e sobre os outros. Aprendeu a controlar o medo e a ansiedade:

p) Experiências positivas e negativas na maternidade

A figura da mãe teve diferentes significados ao longo da vida de Júlia. Quando sua mãe foi cooperativa e cuidadora, era muito apreciada e valorizada por Júlia, mas quando ela buscava competir com Júlia ou interferir em suas relações com outras pessoas, Júlia julgava extremamente indesejável e invasiva:

…" fomos para Santos. Aí, eu tenho que te dizer que foi uma fase boa minha com a minha mãe, ela continuou a fazer as coisas dela, foi trabalhar normal não sei o quê. Mas, aí, eu fui trabalhar no hospital J., prestei um concurso, passei, então eu trabalhava de manhã, dava estágio a tarde e estudava a noite,e eu aí já tinha dinheiro, porque eu tinha salário, né? E o curso caiu assim, eu adorei o curso. Aí, eu nasci, sabe? Aquela coisa de depressão tinha parado, de gostar ainda, ai, será que ele volta, será que ele não volta? Eu passei uma esponja e parecia que ele nunca tinha existido na minha vida e me dediquei para os meus filhos…
…a Déa, até que, praticamente, até dois anos, a mãe dela foi a minha mãe. Você vê, né? …Eles me ajudaram demais…
…"A Cris não foi rejeitada, ela sempre foi tratada normal, porque eu sempre achava que a Cris teve o pai dela…Quando eu percebi ela já tava falando tudo, foi assim, anos de muito trabalho pra mim, comecei a ter dois empregos, trabalhar até tarde, naquele tempo não tinha celular, a gente não tinha telefone, eu não tinha carro, eu saía muito mais cedo de ônibus de casa, eu trabalhava vinte e quatro horas direto, pra depois ir pra casa, então, eu não acompanhei muito a infância das duas, mas muito mais a da Déa. Daí, eu quis…aí, eu consegui resgatar isso depois dos dezoito, daí assim, eu era a motorista eu comprei um fusca verde, que parecia um abacate e eu era motorista dela e de todas as amigas, porque nenhuma amiga tinha carro, né? Eu levava nos passeios e aí, eu punha o relógio pra despertar de madrugada e ia buscar, eu sabia o caminho de todas as amigas dela, sabe?… Mas, mesmo antes, quando eu trabalhava e não ficava muito, quando eu estava, mesmo com sono eu punha as duas pra dormir comigo, tal, eu sempre queria proximidade, eu sempre fui aquela de passar a mão, assim, como minha mãe nunca tinha feito carinho, eu sempre tinha aquela coisa do toque, eu chegava, fazia carinho, passava a mão no rosto, dava beijo, sabe? Mas…eu sempre procurava sentir que tinha o toque da mão, sentir que eu estava ali. Eu tinha uma prima minha que acabou indo morar com a gente, uma vez eu até rolei com ela uma vez, porque ela tinha batido na Cris, eu fiz um barraco enorme, eu dei uma surra nela, porque eu era brava. Mas, elas sabiam que sempre podiam contar comigo, até que um dia eu resolvi, alugamos um apartamento e ficamos nós três"…

…Era assim uma relação, procurei ter, de amigas. Agora, eu era muito brava, assim, isso como eu já te falei, eu era muito exigente."…

"É o que eu comentei com você, a Déa tinha um desentendimento comigo, ela o tempo todo tentava provar pra mim que eu não fui competente, e, de repente, ela se vê na mesma situação, o desfecho é o mesmo, aí ela sentiu que todo mundo tinha um limite, um grau de tolerância. E aí tá uma situação idêntica agora, separada, com dois filhos, tendo que começar a vida de novo, com outra pessoa…isso ótimo…mas é tão idêntico, eu precisei da minha mãe, ela tá precisando de mim. Só que ela é mais segura. Porque a gente tem mais estrutura, não é? Tanto eu, como a minha mãe., né? E a gente tem casa própria, uma vida mais estável…então acho que isso melhorou."…

q) Perdas na vida adulta

Perda do pai:

…O meu pai foi duro, a gente tava numa fase tão linda, a gente tinha terminado a obra, eu estava fazendo a minha casa, né? E eu sempre ia buscá-lo, aquela coisa pro almoço, né? Ele fazia almoço lá em casa, o meu marido junto, eles se davam super bem, né? Nossa, a gente ficou muito juntos, muito muito…a minha mãe ficou brava, porque ela dizia: "Puxa, como é que vai ser, você vai morar aqui sozinha, com duas filhas adolescentes e só tem mato aqui, você sempre foi egoísta! " e o meu pai já tinha outra visão: "Puxa, você foi uma empreendedora, que coisa maravilhosa! Aqui é muito lindo…nem você vai acreditar como esse bairro vai crescer!" E acho que logo depois ele morreu, a gente tava mal de grana e eu senti, as minhas filhas sentiram a morte dele, porque neste último eu convivi com a família dele…E ele sofreu, ele sofreu bastante, foi muito duro. Então, a gente ia no hospital cuidar dele, ele quis ser cremado, a gente ajudou porque os outros filhos não tinham condições, eu e o André pagamos pra cremar. A gente assumiu todos os custos e ainda demos apoio pra viúva, que tava separada, e ele ajudava porque tinha os filhos, né? Ele ajudava, ela recebia um terço do salário dele. Aí ficou uma briga entre ela e o parceiro dele, porque ele vivia maritalmente e a gente ficou ajudando um e outro. Ele sofreu bastante…

Término do primeiro casamento:

"Ah eu esqueci de uma parte; quando ela nasceu, o Mauro na primeira visita que ele fez, ele estava em São Paulo, fazia três dias que ele não ia para casa, eu fui pro hospital e ninguém sabia, eu fui com uma amiga, a esposa de um dos músicos que trabalhavam com ele, me deixou no hospital, eu tive bebê e aí ele foi visitar dois dias depois e sentou na beira da cama e falou: ***"Você já foi ver o nenê? Não, ainda não. Só vim aqui para te dizer uma coisa; se você for a um ensaio meu e acontecer alguma coisa, eu faço um escândalo, eu vou chamar a policia, veja bem, tá?"-*** *"Mas você não vai ver o neném?" - Ele falou: "Ah, não sei bicho" - tudo pra ele era bicho naquela época – "bicho, se pintar uma vontade eu vou ver". Eu saí do hospital e até hoje eu não sei se ele foi ver. Eu saí com a Lili e a Ju que foram me buscar, ele não foi. Eu cheguei, a luz estava cortada e casa tava suja, decadente, horrível! Aí eu resolvi que, eu não sabia o que eu queria, mas neu sabia que não era aquilo, eu tinha que tomar uma atitude, eu já tinha dois filhos, a minha mãe morava no Rio naquela época, o meu pai aqui em São Paulo, quando ele tava presente, ele ficava horrorizado, e eu resolvi que não queria mais aquilo."…*

Esta situação foi muito dolorosa, porque implicou uma decisão de romper um relacionamento com uma pessoa que Júlia amava, num momento de vulnerabilidade e de dissolver uma família com duas filhas pequenas, uma delas, recém nascida, tendo que enfrentar a rejeição e a traição do parceiro.

Neste momento, Júlia teve que lidar com a multiplicidade de perdas, além de ter que cuidar das filhas pequenas, enquanto reorganizava sua vida quanto à nova moradia e meios de subsistência.

Neste momento, Júlia teve o apoio de sua mãe que, mesmo com suas limitações, ajudou a cuidar dos netos.

…"eu vendi todos os móveis, eu chamei um caminhão do móveis usados, que ainda tem na rua O, com a K, e eu vendi todos os móveis ***e, mais uma vez, eu tava fazendo isso! Eu vendi todos os móveis, mais aqueles quinhentos cruzeiros e ele, quando foi levar o dinheiro - eu sinto, isto foi uma coisa que ficou marcada para mim - eu tava deitada com as crianças e ele jogou o dinheiro: "não era isso que você queria?*** *Pah (faz o gesto de jogar com força) ele jogou o dinheiro. Eu falei: "É isso mesmo - a segunda coisa - você pode ir embora." Olha Gabriela, eu não sei se você já desmanchou um namoro gostando, mas um casamento, gostando? Olha, é horrível! Em quinze dias fiquei sem leite, na próxima mamada já não tinha mais leite e demorou..mas eu saí! Porque eu precisa sair por conta delas, eu não queria, eu já tinha vivdo uma coisa horrível e eu não queria isto para os meus filhos. E aí deu, no outro dia peguei as minhas coisas, fiz supermercado, deixei a chave e fui encontrar com a minha mãe"….*

r) Suporte Social

O apoio da mãe e do irmão foram fundamentais para que Júlia pudesse se reorganizar, superar o luto e estabilizar-se profissionalmente para assumir o papel de provedora da nova família constituída:

..."Eu passei uma esponja e parecia que ele nunca tinha existido na minha vida e me dediquei para os meus filhos. Eu deixava com o André, porque o André ainda morava com a minha mãe, ele era novo ainda, se eu tinha dezessete, ele tinha quinze. Eu estava com dezenove quando a Cris nasceu, então ele estava com dezessete. Eles realmente me ajudaram, porque eu ficava fora, das sete da manhã às onze da noite. E aí olha, quando minha mãe não tava era o André, quando o André tava na escola era minha mãe, e a minha mãe foi assim… dez, ela cuidou das crianças. Do jeito dela, ela batia também, a minha mãe era meio nervosa, mas ela ficou! E eu pude abrir a porta e sair, buscar rápido tudo de melhor pra eles e ela ficou. Se tinha dor de garganta, e aí tinha que ir no médico, ela ia, a Déa, até que, praticamente, até dois anos, a mãe dela foi a minha mãe. Você vê, né? E o André era o pai, ia pra escolinha e perguntava: "quem bateu? Beliscaram, quem foi? Eu tenho que beliscar também! (risos)." Sabe aquelas coisas assim? Eles me ajudaram demais. E eu fiquei com complexo de culpa com a Déa"…

s) Situações de risco

Algumas contribuíram para a extensão e intensidade deste processo de luto:

- A qualidade do apego com o marido;
- A experiência de traição e o sentimento de rejeição do parceiro;
- Desde a gravidez, o marido também rejeitou Andréa;
- o contexto conturbado (perdas múltiplas) do nascimento de Andréa;
- dificuldades financeiras;
- como provedora, após a separação, Júlia teve uma sobrecarga de trabalho, que acarretou numa ausência física com relação às filhas;
- Cuidar de duas filhas pequenas, que representava uma intensa dependência física e emocional com relação á Júlia;

A associação destes fatores promoveu um prolongamento do luto com relação à separação e, consequentemente, prejuízos com relação ao desempenho do seu comportamento como cuidadora.

Resiliência

Durante a entrevista, Júlia relatou inúmeras situações de risco e as condições e estratégias de enfrentamento e superação das adversidades que viveu da infância até a vida adulta.

Desde a experiência de perda pela privação das figuras parentais, Júlia buscava encarar os obstáculos como desafios e tentava transformar uma experiência traumática ou adversa em uma lição positiva sobre si, sobre os relacionamentos e sobre o mundo. Para que esta visão prevalecesse diante do medo crônico, presente desde a infância, Júlia teve que evitar correr riscos de ficar

mais vulnerável emocionalmente e, por isso, desenvolveu estratégias de esquiva e auto-suficência no relacionamento com outras pessoas.

a) Mecanismos de risco

1. Informações contraditórias sobre relacionamentos amorosos;
2. Modelos operativos internos marcados pela insegurança e baixa auto-estima e isolamento social;

Algumas experiências foram percebidas por Júlia como situações de risco para sua capacidade de vinculação e de enfrentamento das adversidades:

1. Rejeição por parte da mãe e do pai desde sua concepção:
2. Sucessivas mudanças de casa:
3. Perda do pai;
4. Dinâmica familiar conflituosa com a mãe até a vida adulta;
5. Pouco suporte social;
6. Separações

b) Mecanismos de proteção

Algumas condições foram percebidas por Júlia como mecanismos de proteção para sua capacidade de vinculação e de enfrentamento das adversidades:

(e) Alteração da exposição de Júlia às situações estressoras;

(f) Diminuição de reações negativas que se sucederam à exposição ao abandono;

(g) Elevou a auto-estima e o senso de competência por meio da existência do relacionamento de apego seguro com o irmão e execução de tarefas bem sucedidas como filha e como mãe;

(h) Valorizou a capacidade de lidar com a perspectiva futura de situações de *estresse* e adversidade e a capacidade de superar as sequelas do risco psicossocial do passado.

(i) Estigma social (prostituta) transformado em desafio:

O medo de ser rejeitada totalmente pelas pessoas a sua volta, promoveu um forte desejo de transgredir o estigma e as barreiras impostas pelo fracasso de sua família de origem:

> …”*Então era muito complicado, muito complicado por que não tinha uma seqüência, então a gente fez assim, as pessoas diziam que a gente não ia dar certo: a Júlia vai ser prostituta e o André vai ser ladrão e era assim, na cabeça deles. Então os filhos da Monica são inteligentes mas, eles ficam pra lá e pra cá e a Júlia com certeza, vai ser prostituta e o André vai roubar. Então a gente fazia pactos, eu e ele, nós não podemos deixar que isso aconteça, eu não vou ser prostituta, então eu vou estudar e você também”…*

(j)O desejo de construir uma famiíla “normal”:

Este desejo mobilizou muitas estratégias de enfrentamento de Júlia, principalmente com relação à decisão de separar-se do primeiro marido e o investimento na vida profissional depois da separação:

> *...”ficou um saldo positivo de assim, eu quero ter uma família…normal. E eu acho que isso veio dela, porque eu acho que ela lutou, mas ela não conseguiu. Eu acho que foi como uma corrida de bastão, eu vou conseguir”…*

(l) A interpretação e utilização do livro *Pollyana*:

Este livro foi extremamente importante para Júlia, servindo como um suporte emocional constante em seus momentos difícieis. As estratégias de enfrentamento de Júlia muito se aproximaram dos valores presentes neste livro, o que mostra a

diversidade de situações que podem servir como mecanismos de proteção para o desenvolvimento da resiliência indvidual:

*…"É por isso que eu falo para você que o "**Polliana**" foi um livro muito importante pra mim, porque se a gente tivesse visto as coisas de um jeito trágico, deprimido, tal…acho que a gente não ia conseguir sobreviver, mas a gente conseguiu pensar sempre positivo.*
…Eu lembro que Polyanna foi um livro que marcou a minha vida. É um livro até besta por ver tudo do lado bom, qualquer coisa, um machucado, uma noite de medo, a luz cortada, tudo escuro, tudo. Até hoje eu tenho medo do escuro, não precisa ter um abajur no quarto ou no hall. O que eu lembro na infância é de cortarem a luz e eu ter que dormir no escuro. Não sei, o escuro pra mim era uma coisa, mas hoje em dia não é tão pesado. A gente vivia o medo, eu acho que foi por isso"…

(m) Controle do medo e mudança de estratégias de enfrentamento:

…"Eu consegui controlar minha vida: "ah, você pode fazer alguma coisa, não precisa deixar o amanhã acontecer assim, você pode mudar o seu destino" – hoje, eu analiso e vejo isto - Mas eu comecei a pensar desta forma, neste estilo, não com essas palavras, mas neste estilo. Comecei a vender jornal, sabe essas coisas? Um bom sentimento ia tomando conta, eu ia atrás. Eu posso fazer, eu vou fazer, não tenha medo! Veja uma coisa de cada vez, você entendeu? Eu acho que foi isso, o medo diminuiu - quem consegue controlar as pernas? E vai indo. (risos) Mas demora"…

… "E a gente sobreviveu, porque a gente fez peruca e vendeu, a gente rachava o dinheiro e a gente sobreviveu e os meninos continuavam indo na escola e eu também. Outro dia a gente lembrou isso num almoço, que o André e o Ivan foram lá em casa, então era eu ele, a mulher do Ivan, os filhos do Ivan, a mulher do André, os filhos do André e as minhas filhas e a gente lembrou, gente, lembra daquela época das perucas? Ela deixou a gente naquele apartamento com aquela bicha, o prédio era horrível! Tinha homossexual, tinha prostitutas que ficavam na porta do prédio fazendo programa e a gente era criança. Nunca aconteceu nada de mal. A gente conseguia pagar aluguel porque fazia peruca, a gente tecia cabelo assim, em produção, montava, costurava tudo. E ali, na rua T, ele conseguiu que umas pessoa que viviam de perucas e ele fez uma ponte pra essas pessoas comprarem com a gente e assim, a gente sobreviveu um tempão!"...

Algumas situações foram consideradas positivas por Júlia, favorecendo sua resiliência:

1. O relacionamento com o irmão:

Esta relação se manteve ao longo da vida de Júlia como um símbolo de esteio afetivo, um *porto seguro* que garantia um senso de proteção e acolhecimento, mas também uma estímulo ao senso de responsabilidade como cuidadora, para lutar e enfrentar as adiversidades.

… Mas eu tive a sorte de ter um irmão, a gente foi assim muito companheiro, a gente sempre tentando resolver as confusões da minha mãe, minha mãe arrumava mil confusões, eu acho que se ela tivesse que ficar mais tempo num lugar, não ia conseguir…

…E a gente era parceiro mesmo, sabe? …E quando eles largavam a casa sozinha e não tinha ninguém, a gente podia curtir…

2. Relacionamento com a mãe depois da separação:

Quando Andréa nasceu, sua mãe abandonou provisoriamente o papel da filha adolescente e assumiu o de cuidadora da filha e da neta, e este processo foi muito importante para Júlia rever sua interpretação desta relação, até então, muito frustrante e conflituosa. Neste momento a mãe ofereceu disponibilidade afetiva e garantiu segurança para que Júlia pudesse desempenhar seu comportamento exploratório como provedora da família:

… "a minha mãe ajudou para bem, porque ficou com ela e eu tive a oportunidade de trabalhar, eu não deixei ela com estranhos, porque ela era a avó. Eu sei que ela ficava fazendo vestidinho de boneca e ela fazia bolinho de chuva, sabe, essas coisas que criança gosta e que é de vovó? Coisas com calda de chocolate e fazia coisinhas, porque ela costura, né?… ela foi uma pessoa que tudo que ela fez que marcou de ruim na gente, mesmo que ela fazia as coisas pras crianças, que ela sumia e meu irmão ficava sozinho com elas e eu tinha que arranjar uma empregada louca para ficar com elas, sabe essas coisas assim?"…

3. A experiência da maternidade:

O senso de competência e auto-valoriazação resultantes da maternidade foram os primeiros ingredientes para a revisão dos modelos internos da infância:

…"Eu me sentia privilegiada, eu me sentia assim, como é que eu vou te dizer? ***Eu nem acreditava, porque eu queria tanto ser mãe para provar que eu poderia ser diferente e eu tinha conseguido, pra mim foi maravilhoso!"…***

4. O processo de psicoterapia:

O apoio profissional foi muito importante como base segura para que Júlia pudesse enfrentar e cuidar das feridas abertas resultantes do luto pelo abandono vivido. Neste contexto, Júlia se permitiu compartilhar dores, perda, medos e rever suas estratégias de defesas psicológicas que dificultavam seus relacionamentos

pessoais. A elaboração do luto, por meio do processo psicoterápico, também viabilizou um melhor manejo das emoções relativas à fase da infância:

*…"E hoje eu consigo falar disso normal, depois de **muita terapia**…porque antes era muito difícil, mas eu consegui resolver muita coisa com a terapia…é um momento rico, porque, se eu fosse falar da minha infância com você, antes da terapia, nós tínhamos que pegar um rodo pra puxar a água de tanto chorar! Acho tudo muito rico, porque consigo ver tudo de um lado melhor!…*

…É, porque eu não podia falar na minha infância sem chorar, tudo o que eu não chorei na época, tudo que eu falava agora adulta, eu me debulhava em lágrimas, eu soluçava e não conseguia nem falar, por isso que eu acho: que idéia eu tinha de terapia, né? Hoje eu vejo pessoas que eu trabalho e eu falo: "meu Deus, essa pessoa precisa muito de terapia" - tem tanta gente que precisa e nem sabe. Eu já indiquei muitos clientes para a minha terapeuta"…

… "Ah, ultimamente, com certeza, até com a minha mãe, nossa, eu consegui conversar com a minha mãe, de forma que, mas não é que eu tenha falado, eu entendi que a minha mãe sofreu mais do que a gente, tanto que até hoje, até hoje, ela sempre faz as mesmas coisas. E ela deve ser infeliz, tanto que ela mora na casa do outro e não adianta falar pra ela sair, que ela vai viver como uma indigente, né? E aí falar, você deixa ela fazer assim, só a cara da pessoa já indica, ela olha e começa a chorar, ela chora pra te pedir dinheiro, ela chora pra te pedir uma roupa, toma remédio pra tudo, ela diz que tem doença, não sei. Ela toma n remédios de manhã, depois ela toma meia garrafa de vinho, sabe? Mas o que eu sei é que quando eu falei pra ela, o que eu achava de todas as coisas que ela havia feito, que eu tinha muita mágoa, que quando eu me lembrava eu chorava, e que com a terapia eu entendi que ela sofreu muito mais do que eu, ela chorou copiosamente, quando eu conversei com ela. Ela não passa um dia, hoje, sem chorar e antes isso não acontecia. Ela cora, nem que for só um pouquinho, agora eu sei que cabeça é tudo, cabeça é tudo. E lidar com a cabeça das pessoas é complicado. Então, pra mim foi muito bom"...

c) Influência das experiências da infância e da maternidade

Como já foi afirmado, Júlia aproveitou as experiências de trauma e perda para explorar e desenvolver estratégias e soluções para sua vida:

…"Se eu tivesse que dizer pra você alguma coisa, hoje, eu vou te falar, eu agradeço…eu já tive momentos de revolta sobre a vida que eu tive, hoje, eu agradeço a infância que eu tive…acho que o saldo foi muito positivo. Já que essa era a vida que estava destinada para mim, então, então, eu agradeço. Mas eu agradeço, porque me trouxe muitas coisas boas. Então, eu tenho certeza que se eu tivesse me sentido com mais…não conforto, mas mais protegida, se eu tivesse sido mais protegida, eu teria medo de me expor. Agora, eu não tenho medo de nada, de nada. Já aconteceu de todo mundo sair, meu marido ter que trabalhar de noite, e eu não tinha medo. Minhas filhas, a que tava casada foi dormir com o marido, quem não tava, foi dormir com o namorado, ninguém queria dormir naquela casa. Eu não dormi, mas eu fiquei lá, na minha casa. Me sinto totalmente à vontade, é o meu espaço, é o único lugar que eu me sinto à vontade, é o meu canto. Tenho até o canto de tomar sol. Eu faço loucuras pra ficar em casa, eu sei todos os cantos dela, limpo a caixa d'água, subo no telhado"…

d) Influência do casamento

Mauro - Primeiro casamento:

Segundo Júlia, Mauro sentiu-se ameaçado com a chegada das filhas, seja pela condição de ter que assumir resposabilidade como pai, ou seja pelas perdas inerentes à reestruturação da relação do casal e à formação do sistema familiar.

Neste contexto, Mauro não conseguiu oferecer apoio e estabilidade para que Júlia pudesse desenvolver seu comportamento como cuidadora (base seguro), mas de forma contrária, a instabilidade e ameaça presentes nesta relação de pego/amorosa, repetindo a experiência de rejeição e abandono já familiar para Júlia.

Portanto, afirmo que a relação com Mauro representou um fator de risco para o desenvolvimento do comportamento de cuidadora, para a elaboração do luto pelo abandono, com consequências negativas para o seu desenvolvimento emocional.

Júlia aponta seu vínculo atual com Mauro, marcado por sentimentos ambivalentes e luto nào resolvido com relação à separação.

…"Eu e o Mauro? A gente fez assim, ele principalmente, e ele era um homem muito apaixonado e eu acho que, na realidade, ele não queria filhos, naquela época eu acho que ele não queria, ele tinha vinte e um anos, a música era tudo pra ele, eu acho que ele não queria isso. Eu acho que era por ter vinte e um anos, eu acredito, eu acho que de uma certa forma pra ele, acabava com o relacionamento. Ele queria a Júlia que foi modelo, ele queria namorar, ele queria curtir, ele era músico, ele não queria responsabilidade. Acho que ele se sentiu traído de eu ter engravidado, dele ter que assumir responsabilidade.

E: Como é que foi isso pra você?
J: Ah, pra mim na época foi fatal, hoje eu não acho tanto, que é isso que ele queria, eu não tinha com quem contar, eu não tinha conseguido com a minha mãe, socorro, eu preciso de uma família. Foi difícil, eu queria sair de casa, ter uma família e ele jogou um balde. Eu gostava dele, não que eu não gostasse, eu gostava, eu acho que não foi consciente isso. Hoje que eu vejo que foi isso, mas na época não, na época eu queria casar, era o meu amor, e eu gosto dele até hoje. ***Eu acho que ele é especial. Eu acho que o amor ele, o amor é misto, entendeu?*** *É uma coisa assim, eu tenho uma visão do amor, hoje em dia, tão diferente…*
…Mas a gente viveu e se ele não tivesse me traído, estaríamos juntos até hoje, era assim, mas eu não sabia. Eu acho que estaríamos juntos até hoje. Porque o Mauro não é um amor que eu quero ficar, porque ele tá cadente, não é nada, eu acho que a lembrança dele é muito boa, porque eu amo os meus filhos, foi ele que me deu, me ajudou a ter, você tá entendendo? As pessoas podem ter amores diferentes e eu tenho o maior respeito por ele, agradeço pelas coisas lindas que nós tivemos juntos, mesmo minha mãe não querendo, tal. Porque, hoje, ele também ama de paixão aquelas filhas, tá? Os resultados dessa união são maravilhosos. A família não parou! O Otávio me trouxe de novo aquela alegria de que eu podia provocar tesão, era assim, ele me acordou de novo para a vida, porque eu corria, ele gosta de mim. Ah gosta de mim, então, tudo bem, eu vou ficar com ele. Ele foi importante pra mim, eu não fiquei pulando pra lá e pra cá, eu tinha de novo um marido. E uma hora eu entendi que ele precisava de mais do que aquilo que eu podia dar, né?"…

Paulo - segundo casamento:

Segundo Júlia, Paulo viveu à margem em sua vida durante vinte anos, num contexto em que não havia espaço para ser o *amante*, ainda ocupado por Mauro e permeado por sentimentos ambivalentes que foram inibidos desde a separação. Não houve, também, espaço para desempenhar o papel de pai, na medida em que Júlia formou um núcleo familiar com as filhas e netos, hermeticamente fechado e protegido contra ameaças e invasões. O medo de ser abandonada fez com que Júlia tornasse infértil à relação com Paulo, seja no vínculo que poderia ter sido construído com suas filhas, seja no investimento em outros filhos.

Neste contexto de ligação amorosa e evitação, segundo Júlia, Paulo se envolveu em diversas relações extra-conjugais que foram o motivo aparente do término do casamento e, consequentemente, motivo aparente, também, do incremento das defesas psicológicas de Júlia nas relações amorosas.

De forma muito consciente, Júlia expõe sua percepção sobre sua necessidade de atingir as metas estabelecidas, ainda na infância, com relação ao sistema de apego e ao sistema de cuidados desenvolvidos. Estas metas referiam-se à necessidade de construir uma base segura, concretizada por um lar fixo e uma família estável (sem ameaças ou abandonos) e desenvover uma parceria diferente do modelo conhecido com seus futuros filhos, baseada em afeto, segurança e proximidade.

O medo de investir e se envolver com relações amorosas (consequência do modelo interno negativo sobre si mesma e sobre os outros) que não garantiam segurança e estabilidade, promoveu uma ansiedade ainda maior de atingir estas metas por meio da interação com as filhas, caracterizando um falso senso de

controle sobre estas relações, que buscava manter, por meio de um comportamento obscessivo com relação às filhas:

> *…"o meu segundo marido, eu também gosto dele, ele vai em casa, ele gosta de jazz, a gente ouve jazz, é uma relação tão comum, eu não tenho raiva que ele me traiu, hoje a gente se dá bem. Eu sei que tinham outras, antes daquelas duas, umas bem mais velhos que aquilo, ele já me traía. Mas, hoje, eu falo para ele: 'Você é um caçador, um eterno caçador!" Nenhuma mulher vai ficar com ele, provavelmente, e cada pessoa tem um perfil, o dele é caçar. Cada pessoa é de um tipo, sei lá. Ele fala: "É, realmente, isso, e a única mulher que eu amei foi você!" E ele me liga, a gente conversa,* ***então assim, eu me acostumei a viver sempre com pessoas frias, eu me sentia excluída, então, eu acho que eu nunca deixei de gostar do Mauro…***
> *…* ***Para a Déa não foi legal, ela queria o pai, ele não conseguiu ser pai pra nenhuma das duas****.*
> *E: Mas você acha que isso prejudicou seu relacionamento com elas?*
> *J:* ***Não, porque a gente tinha um relacionamento paralelo, ele sentia que ele não era a pessoa mais importante ali, não houve problema com isso, graças a Deus!"…***

> *…"Aí o Paulo me falou, que não foi não ter os filhos que fez com que ele procurasse outras pessoas, foi* ***que ele sempre se sentiu à parte, que parecia que a vida era eu e as meninas, e que ele era um figurante. Hoje, eu vejo que foi verdade, na ânsia de eu cumprir todas as minhas promessas entre aspas, cumprir com tudo aquilo que estava dentro de mim, eu fiz assim (gesto de afastar) com o mundo****. Eu, assim, ele falou, se você tivesse que pisar numa pessoa pra uma coisa que não era nem delas, era sua, você faria, qualquer coisa. Sabe, eu acho que foi muito infantil mesmo, por quê? Porque eu achava assim, isso foi o que mais me marcou – as mudanças frequentes - com certeza. Você não conseguir ter relações duradouras, sabe? Isso é muito ruim. A coisa mais importarte é família; eu adorava a minha vó e eu a via tão pouco, tanto que quando eu fiquei maior e sabia pegar o ônibus pro parque S, eu arrumava minhas coisas, passava numa floricultura no largo G, eu comprava flores e eu ia visitar minha vó. Eu deixava um bilhete pra minha mãe.* ***Eu sempre perseguia família****."…*

e) Influência de outras situações ou relações percebidas como risco:

- **O *coma diabético* da fllha e o nascimento prematuro e adoecimento do neto:**

  A doença da Cristina favoreceu a ameaça concreta e intensa deste senso de controle, com a possibilidade real de ser, mais uma vez, abandonada por uma pessoa amada. O sentimento de impotência vivido, foi compensado por uma atitude extremamente zelosa e protetora com relação à filha e, posteriormente, com relação ao neto, quando este nasceu prematuro. Nestes episódios de depressão e rejeição da filha, Júlia assumiu a maternagem de Júnior, no que tange os cuidados práticos e afetivos, o que também associo à necessidade de

resolver a culpa que restou em relação a sua ausência na vida de Andréa (filha mais nova).

…"com a minha filha…ela teve coma diabético, então foi difícil. Mas, ela foi muito corajosa…ver um filho na U.T.I. é a pior coisa que tem! Teve duas, teve a dela e o nascimento do Junior que nasceu de seis meses, o primeiro filho dela, o meu neto, foram quarenta e poucos dias de sofrimento total, ele foi pra UTI, até os quatro meses dele, a gente sofreu bastante, eu, principalmente, porque ela teve um sentimento de rejeição, ela teve uma reação de desgaste, né? Normal, e aí ela não queria ir no berçário, ela não queria ver o bebê cheio de aparelho, sabe? Não quero, aí pelo amor de Deus! Aí eu tive que assumir isso, de não: "você tem que ir!, realmente, foi muito complicado, foi muito complicado. Aí depois de três meses, que ele foi pra casa, que ele tava legal, aí ele desenvolveu uma hérnia e teve que operar, sabe? Foi duro, eu ia pro hospital com ele e pensavam até que eu era a mãe, porque eu assumi a maternidade dele. Mas depois foi tudo bem, acho que ela sofreu com isso…

…Ela entrou em coma, ficou mal, foi pro hospital, ficou na UTI, tal, aí, de repente, ela pós o pé do outro lado e acho que viu a morte, né? Entrou em coma. E nasceu outra. Está magra, bonita, está super bem, sabe? …Já fez terapia, mas fez logo que saiu do coma, ela teve que fazer, porque ela sempre achou que se a relação dela com o marido fosse boa, que ele ia sair do alcoolismo e é uma coisa que ela já tinha tentado, porque ele bebia desde os doze anos de idade. Então, eu acho que até o coma veio por conta da depressão"….

- **término do último relacionamento amoroso:**

Neste último relacionamento, Júlia sofreu uma forte desestruturação psíquica, incluindo um período de depressão, em razão da experiência de abandono que viveu. Júlia interpretou como uma reincidência do processo de rejeição com a mãe. Portanto, este episódio foi muito importante, porque, num primeiro momento, foi percebido como extremamente negativo pelo grau de sofrimento que evocou mas, posteriormente, foi uma situação que possibilitou uma catarse de sentimentos reprimidos por quase cinco décadas, desde o primeiro episódio de abandono. E esta desestruturação foi necessária para uma posterior reorganização com o apoio da psicoterapia:

...“Este último namorado foi ***quem me levou a terapia, quando eu fui pra lá, eu estava aos pedaços, terceira vez que eu não acerto, porque ele fez o mesmo movimento que a minha mãe fez comigo, ele me deu tudo, ele me colocou no céu, ele me ajudou a reformar a minha casa, e ele chegou e falou assim: “Essa casa que outro homem morou e viveu, eu não quero, nós vamos morar juntos numa casa só nossa,*** *e aí ele quebrou tudo, não sobrou uma telha, uma porta, quebrou tudo. Só que ele não fez o movimento de vir, aí, um dia ele chegava com o liquidificador, no outro dia com a centrífuga, aí outro dia ele chegava com uma escadinha pra limpar não sei o que, ou eu mesma, eu achava a reforma fantástica, já não tinha mais dinheiro, eu já tava até aqui de enforcada e ele também investindo tudo, os dois, mas era uma coisas que eu nem sonhava, quando foi ver, eu falei, agora eu vou viajar, vou aproveitar a vida, eu tava programando uma viajem pra o Nordeste. E aí, ele foi colocando na minha cabeça: “Deixa sua família, deixa tudo, eles tão acostumados… Essa casa ele fez pra mim assim, essa casa não tem o perfil de trazer família aqui, nossa, eu fiquei super ofendida, eu quero que reforme isso, vamos mudar aquilo, vamos fazer assim, vamos por uma lava louça, pepepe, papapa, e ele ainda separado, mas morando com a ex-mulher, por conta de um filho de dezesseis anos, que não aceitava a separação… Mas isso muito rápido…vai ser resolvido, tal. Ta lá, até hoje. Porque ela toma remédio, não sei o que lá, isso durou dois anos, quando nós brigamos, isso quase me matou, a casa toda quebrada, pedreiro, encanador, eletricista, ora, eu tirei todos os quadros, todos os móveis da sala, era madeirite por tudo, e aí eu falava, puta confusão, quebraram um pedaço de você*

…Eu não conseguia falar. Eu debulhava, eu tinha falta de ar… Aí, o final foi muito engraçado, foi assim, foi calmo, tranqüilo, não dá mais, ele roncava que é uma coisa que eu odeio, depois eu subi e falei pra ele: “Acabou!” - “O que acabou? - Eu falei: “Não, eu e você acabou!” – Ele, imagina, não sei que, eu peguei o sapato eu dei uma surra nele de sapato, eu nunca bati em ninguém assim, a nào ser aquele dia da bolsa com a pedra, e ele não teve como se defender, porque assim, eu pulei em cima dele, ele falou assim eu posso te bater também, revidar, eu ligo 190 agora, pra um oficial de justiça, você vai pra cadeia, você invadiu a minha casa, o meu espaço, eu não gosto de você, você é uma enganação, ainda, antes de sair, quando ele tava saindo, ele veio cínico me dar a mão, eu falei, sai que eu vou dar, isso não aconteceu, e a partir daí ele veio todo domingo, todo todo, mas eu nunca mais E, eu nunca mais, e aí eu terminei a casa, fiz tudo, no primeiro dia em que eu peguei o martelo, pus tudo no lugar, eu coloquei todos os quadros na parede e foi tipo, um ritual, coloquei móveis, tapete, não sei o que…Foi assim, terminei a casa e, hoje, eu consigo falar, que pra uma coisa ele serviu, eu tive que fazer terapia. E eu penso. O que foi que fez eu pegar ele assim? Ele fez um movimento de vir e não veio e ele me deixou de novo, dentro do meu espaço, quebrada, ele não tinha esse direito.. Ele nem sabe, ai, também, um pancada, porque ele tinha que fazer uma coisa dessas?”…

- **ser mãe na idade madura:**

Este fator promoveu sentimentos ambivalentes em Júlia: se, por um lado, ela avalia que a precocidade da maternidade reforçou a sua insegurança e desamparo para cuidar das filhas, por outro, esta condição favoreceu para que o seu vínculo como cuidadora se transformasse, posteriormente, em um vínculo de amizade com as filhas, o que minimizou o medo de estar só e de envelhecer. A culpa pelos cuidados avaliados como ineficientes no início da experiência como mãe. também justifica a avaliação deste fator como risco:

…Olha, uma coisa que eu acho importante, é importante ser mãe mais velha, eu acho que uma das ***coisas que não foi legal, se eu tivesse que optar pela maternidade, eu faria a opção por ser a mãe mais velha. Eu acho que a mãe adolescente no caso, ela queima uma fase, e eu não sei se isso é legal, você precisa estar mais madura pra ser responsável por uma criança. Eu acho que a maternidade é uma coisa muito séria, não é só pra você, né? É pra sociedade, eu acho que a gente precisa de muita sorte, sendo uma adolescente, para conseguir formar um caráter legal na criança, eu acho que tem menos desgaste se a gente está preparada para ter e tem tanta coisa, eu acho que se você é mais velha, é muito mais fácil****. Não muito velha, porque eu acho que não trinta e oito quarenta anos, eu acho que dos vinte e oito aos trinta e cinco é uma idade boa. Eu acho que com dezessete como eu fui, acho muito cedo, aí você vai,* ***você não vai ter estrutura pra ter a criança, você precisa de uma estrutura até pra estar junto, isso eu acho que é importante.*** *Mas eu tenho impressão que é melhor, porque nova, é um esforço muito grande. A idade acho que foi um obstáculo. Eu tenho amigas da idade das minhas filhas ou um pouco mais velhas, então, você entra nessa faixa, já não tem muita diferença, não é?* ***A gente ganha também, porque a gente vai em cinema junto, a gente vai em teatro, até hoje, a gente empresta roupa - essa é bonita, você pode?***
… *Eu penso, será que não foi má vontade minha? Será que se eu tirasse com uma bomba, se eu fizesse massagem, sabe? Se eu soubesse o grau de importância, com certeza eu teria, sabe? Eu só dava uma, você vê, eu tive parto natural e tomava antibiótico. Então essas coisas assim, que eu acho que a gente não tem muito. Ela tinha constantes crises de amidalite, o medico dizia que ela tinha baixa resistência.* ***Eu me pergunto, se eu tivesse amamentado, ela teria? Não sei****…*

Categorias de análise estabelecidas posteriormente:

- **Reverberações da entrevista:**

O contrato de confiança estabelecido na entrevista:

Júlia demonstrou claramente seu repertório de defesas diante de uma situação que exigia confiança durante o processo de entrevista. No segundo encontro ela freou a retomada do processo de entrevista, buscando garantias para preservar a si mesma e aos familiares, bem como testar a confiança e credibilidade da pesquisadora. Por meio da referência do vínculo com a terapeuta, ela se permitiu ter um senso de controle sobre a situação, solicitando que as fitas que continham a filmagem da entrevista ficassem com ela:

…"Eu inclusive disse para a terapeuta que te contei coisas que eu nunca havia contado nem pra ela. Foi uma coisa rápida né? ***Eu falei que tinha vindo, tal, que tinha gostado de você, que a conversa tinha sido boa e que havia um ponto sensível ainda e era exatamente o ponto em que eu não havia comentado com ela. Ela falou, mas que bom acontecer isso? Tal, daí ela falou e ela perguntou se você estaria me mandando a sua opinião sobre esse trabalho e aí eu falei, eu não sei se ela vai fazer isso, nós não conversamos sobre esse assunto. Ela disse que no doutorado dela, ela mandou para as pessoas que estavam envolvidas. Eu nem sei se isso seria importante pra mim, eu só gostaria de ver as fitas, porque eu acho que assim, a conclusão dela, não é que não me interesa, mas eu encarei tudo como uma conversa mesmo, sabe como um relato?*** *A conclusão é muito mais do seu trabalho do que uma ótica minha, não sei. Não sei se a minha idéia está errada?"…*

E: Não, eu acho que o que você está me mostrando, é que o valor desta conversa para você é você poder rever a sua vida...
"É…e passar pra alguém que vai trabalhar isso e vai ter uma outra visão, talvez. Mas que necessariamente eu não preciso saber.
…Aí eu te digo: Por quê a maioria das pessoas querem ficar anônimas?"

E: Você gostaria de se identificar?
" Não, eu não sabia, isso porque, tem a minha mãe, os meus irmãos, eles nem sabem…acho que isso não é justo, foi só uma pergunta, porque, de repente, não sei, os anos passam e muita coisa muda. É pra ficar claro de que houve pergunta, de que houve o compromisso de que isso não vai mesmo acontecer, porque, ***Gabriela, a gente vive num mundo de que as pessoas não têm uma conduta, um caráter e tem gente querendo ficar muito famosa, ou muito necessitada, tem. Às vezes, tem coisas que a gente diz num momento que tinham um objetivo e que passam a ser difeferentes. Não sei se você se lembra quando teve uma novela da Glória Peres, que foi uma novela que teve um transplante de coração, eu não assisto novela, mas apareceu uma pessoa dizendo que tinha escrito aquela história e que a Glória Peres pegou e usou."***

E: É por isso que você assinou aquele documento e nós esclarecemos cada ítem dele e assinamos, nos comprometendo com cada palavra que estava ali.

''Então eu pergunto porque as coisas precisam ficar claras, ***eu tive uma fase da minha vida que eu não deixava nada claro e até hoje eu tenho um pouco de dificuldade, não de não deixar as coisas claras, mas de falar realmente as coisas, mesmo que doa. Eu sempre "doro a pílula". E isso é ruim****.''*

Neste momento, no papel de pesquisadora, não só me prontifiquei a devolver as fitas, como busquei abrir o espaço necessário para que Júlia pudesse expor sua insegurança e fantasias de desconfiança com relação à minha atitude. Desta forma, Júlia demonstrou mais uma situação em que diante do medo, ela conseguiu agir de forma menos passiva e insegura. A partir deste momento, a relação pesquisadora-participante efetivou-se num contexto de confiança e estabilidade:

Eu vou entrar em contato com você para te enviar as fitas e estou totalmente à sua disposição para esclarecer o que você achar necessário.
J: Então eu pergunto porque as coisas precisam ficar claras, eu tive uma fase da minha vida que eu não deixava nada claro e até hoje eu tenho um pouco de dificuldade, não de não deixar as coisas claras, mas de falar realmente as coisas, mesmo que doa. Eu sempre "doro a pílula". E isso é ruim.

E: Claro! E aqui é muito importante você poder colocar isso, na medida em que você está se expondo e precisa se sentir a vontade para fazer isso.
J: Com confiança.
E: Tanto que, quando eu te pedi para ler os termos, era para isso, para ver se estava claro. Para que você pudesse sentir que tudo que você precisasse para se proteger, estava garantido ali. Tudo o que envolve a conduta ética em pesquisa, nós temos esse compromisso, desde o material, as fitas, a identificação, enfim, tudo e eu tenho uma enorme preocupação com isso.
J: Tudo bem, vamos em frente…

As fitas foram devolvidas assim que a transcrição das mesmas foi finalizada e num contato posterior para confirmação do recebimento pelo correio e da integridade do material após o transporte, Júlia afirmou que não tinha assistido às fitas, mas apenas guardado no armário. Como resultado, o senso de controle promoveu o sentimento de alívio e tranqulidade necessários para Júlia.

Júlia avaliou que a entrevista foi importante por surpreendê-la em dois episódios:

(a) a percepção de que o abandono ainda não foi resolvido, com a emoção evocada pela lembrança do abandono prolongado na creche;

(b) a lembrança e o compartilhar da experiência "quase" abuso sexual na infância;

(c) a percepção de que foi capaz de sentir confiança mesmo sem ter uma relação de initimidade prévia;

(d) utilizou a reflexão feita por meio da entrevista como subsídio para cuidar da neta que irá morar com ela por alguns meses:

…Eu inclusive disse para a terapeuta que te contei coisas que eu nunca havia contado nem pra ela. Foi uma coisa rápida né? Eu falei que tinha vindo, tal, que tinha gostado de você, que a conversa tinha sido boa e que havia um ponto sensível ainda e era exatamente o ponto em que eu não havia comentado com ela."…

No fim da entrevista:
… "eu lembrei de mais coisas que eu tratei na terapia, mas o que foi melhor mesmo, foi falar tudo isso, assim, como se eu tivesse conversando com uma amiga, porque sempre que falei da minha vida, eu sempre chorei muito. Isso foi um termômetro pra ver que eu estou mais compensada, mais adulta, que tem coisas mais resolvidas dentro de mim, e ao mesmo tempo, a única coisa que eu achei estranho foi da creche, então, parece que meu gancho está naquela creche da rua M., aí agora, isso serviu para a experiência que eu vou ter com a minha neta. Ela vai ficar sem a mãe dela antes de completar dois anos, ela faz dois anos na segunda-feira, é no dia em que a mãe dela viaja. Eu gostei, porque agora eu sei o que ela vai sentir, então, participar da pesquisa foi muito oportuno. Porque na hora em que eu vou ficar com a minha netinha por mais de quatro meses, eu lembro o que eu fiquei numa creche, pequenininha e que dou tanto que eu choro aqui, e eu não vou querer que ela chore. E você me perguntou também como seria se eu tivesse uma criança de um ano e quais seriam as três coisas que mais acontecessem com ela, e isso também me deu uma luz, porque eu quero dar isso para ela e para o meu neto e eu tô tentando transferir isso para a Cris, porque a gente vai ter que se unir para que eles sejam felizes, mesmo sem a mãe. Ela vai mandar e-mail e tudo mais, mas nada é igual do que ela estar aqui, mas acho que se a gente estiver aqui para que eles sintam menos a ausência dela"...

Portanto, Júlia se envolveu profundamente com a entrevista e se mostrou muito estável emocionalemente nos contatos telefônicos posteriores, o que nos mostra que, *apesar* e *por meio* da mobilização de emoções e elaborações que foram surgindo ao londo do discurso, a entrevista teve efeitos terapêuticos, o que foi reassegurado pelo fato que Júlia já tem um suporte profissional que a acompanhou antes, durante e depois da entrevista:

7.3. Análise da Entrevista com Paula

O Contato com Paula

Contato: Paula tomou conhecimento da pesquisa por meio de uma colega de um trabalho voluntário, que ao saber da pesquisa, perguntou se Paula gostaria de participar e ela, por sua vez, se interessou. Paula, por sua vez, além de atuar na área de humanas, é filha e mãe adotiva e engajada em movimentos sociais que enfocam campanhas sobre adoção. Neste sentido, Paula já expôs sua história de abandono e adoção, por muitas vezes, em contextos públicos, e entendeu que participar da pesquisa seria repetir uma experiência com o intuito de poder colaborar com outras pessoas, por meio do relato da sua história. Após contatos telefônicos, foram agendadas as entrevistas. Foram realizados dois encontros para a conclusão das perguntas, sendo que o primeiro foi realizado no escritório da sede deste trabalho voluntário e o segundo, em sua casa. Neste segundo contato, participei um pouco da sua intimidade, conhecendo sua família; mãe, marido e filhos, por iniciativa de Paula, que fez questão de apresentá-los.

Contexto familiar na infância

Paula não valoriza em seu discurso o episódio do abandono e a adoção em si, descrevendo apenas seu contexto familiar após a adoção, referindo-se à convivência com os pais adotivos desde os dois meses de vida. Ela nasceu e morou numa cidade do interior de São Paulo e foi adotada por um casal que já tinham onze anos de união, mas não tinham filhos biológicos. Paula é filha única deste casal e esta família viveu sob uma situação social e ecônomica limitada, mas estável, sem privações de necessidades materiais básicas:

…"Bom, eu nasci na cidade D, fui adotada, só que vim a saber disso só mais tarde. Eu não sabia antes. Então, eu fui adotada por um casal, minha mãe já tinha trinta e quatro anos, só que tinha dez anos de casada e não podia ter filhos e me adotou, né? E permaneci filha única.
É, no começo, eu era filha única, mimada, porque minha mãe era uma pessoa muito humilde, meus pais, né? Eu tinha mimos, ao mesmo tempo em que me mimavam, eles me educaram. Só que eles me ensinaram sempre assim, o que a gente pode…pode, o que a gente não pode, não pode. A gente vê agora na vida adulta tudo isso, né? Que é importante a gente saber, a gente era humilde, mais ao mesmo tempo, era feliz. Então, ao mesmo tempo que ela me mimava muito, mimava assim, me arrumava, aquela coisa assim, que saía toda…como aquela menininha. ***Tanto é, que eu nem desconfiava que eu era adotada, por isso, eles me criaram normal, vamos dizer assim, né? Muitas vezes, hoje em dia, a gente vê pais que adotam e não criam normal. Ai coitadinha, não, eu fui criada como uma filha"****…*

Paula tomou conhecimento sobre a adoção somente na adolescência, por meio de uma pessoa estranha, o que gerou uma reação imediata de revolta e, posteriormente, de aceitação:

…"Só que num primeiro momento, o que aconteceu? Eu tinha dezesseis anos, eu só chorava, eu fiquei nervosa, daí veio uma amiga, ai, você quer conhecer a sua mãe biológica? ***Com dezesseis anos você ainda nem sabe quem você é e ainda vem uma descoberta dessas! Ela me chamou e disse: "Paula, eu não quero mais que você chore, você tem algum motivo pra chorar? Você tem algum problema com o que aconteceu? Não, porque eu sou a sua mãe!" E eu parei, então, aquela segurança que ela me passou, eu sou a sua mãe, parece que todas as coisinhas, os fantasminhas, não tinha o que eu pensar. Isso foi muito importante, a partir daí, naturalmente, né? Falar que eu sou adotiva não me interfere em nada, né?"…***

Neste trecho, Paula aponta que o momento da revelação sobre a adoção contribuiu para a dificuldade em compreender e aceitar sua origem e sua história, na medida em que ela vivia a crise de identidade inerente à adolescência, que se intensificou com os dados sobre o abandono.

Somente quando questionada, Paula abordou o tema do abandono, sendo que seu discurso caracterizou-se pela descrição do episódio da revelação de sua origem, abordando superficialmente o episódio do abandono para, rapidamente, retomar o relato sobre a convivência com os pais adotivos:

*…"****Eu estava em casa, com o meu pai e passou um senhor em frente a minha casa e falou pro meu pai: "ah, essa menina que você pegou pra criar? E eu vi que meu pai ficou mudo, aí eu fiquei quieta, cheguei mãe, aí eu falei: "eu sou filha adotiva?" Daí ela caiu no choro, ela chorou muito, daí eu comecei a chorar também, daí ela me contou todo o caso que aconteceu****. Eles queriam guardar isso pra quando eu tivesse mais velha eu tinha dezesseis anos apenas. Daí, ela contou uma história que a minha mãe biológica, não pode, ficar comigo e ela me jogou no poço, perto de onde ela morava"…*

Paula fala brevemente sobre o abandono e relata a adoção como uma experiência avaliada como positiva, aceita e elaborada:

…"E eu parei, então, aquela segurança que ela me passou, eu sou a sua mãe, parece que todas as coisinhas, os fantasminhas, não tinha o que eu pensar. Isso foi muito importante, a partir daí, naturalmente, né? Falar que eu sou adotiva não me interfere em nada, né? Tem pessoas que ficam…eu acho que não tem, eu acho, assim que o filho adotivo, ele é uma graça maior, porque você fez parte daquela família, não enviado assim, que a mãe deu a luz e acabou, não, ela foi em busca, você foi querido, isso eu senti"…

Por outro lado, sua única frase sobre o abandono demonstra que Paula se sente angustiada ao relatar o episódio:

…"Eu brinco que, graças a Deus, o poço estava vazio...rs e aí passaram dois dias, duas noites, crianças jogando bola e ouviram um choro de criança. Aí, me tiraram do poço e eu fui pro hospital e aí eu fiquei tempo, minha mãe já tinha entrado com pedido no fórum de adoção, quando ela ouviu notícias na rádio e ela falou: "é minha!". *Então, eu acho que isso é bem, eu acho que nada nessa vida é por acaso e ela começou a acompanhar a reportagem, tal. E foi uma coisa muito bonita, que* ***ela fala: "havia muita gente que estava interessada e eu humildemente, eu consegui…o que tinha de pessoas de poder aquisitivo alto, nossa!" Mas foi dado a ela, né****? Então ela conta que quando eu cheguei na casa, foi aquela alegria, então isso que ela passou mostra a alegria que foi eu fazer parte da vida dela!…"*

Neste trecho do discurso, observo o desconforto e a angústia de Paula que, conscientemente, evita ficar em contato com os sentimentos de rejeição e desamparo que emergiram ao lembrar da experiência de abandono. Paula enfrentou a situação de rejeição, negando seus sentimentos em relação a isso e buscou evitar a lembrança, realizando uma cisão entre os sentimentos relacioandos ao abandono e à adoção.

Paula relata que o relacionamento dos pais foi marcado por conflitos que culminaram com o término do casamento, quando ela já era adulta.

Comportamento de apego na infância

(a) Percepção da relação com a mãe

Paula escolhe as seguintes características para definir a relação com a mãe adotiva. Quando questionada, nem cogitou a possibilidade de falar da mãe biológica, negando totalmente este vínculo:

1. **Amor:**

   Paula avalia que a mãe adotiva sempre esteve disponível emocionalmente:

> *…"A minha mãe sempre ela teve assim, em tudo que ela fosse fazer, era assim, ela, por exemplo, um cafezinho ela levava pra mim, ela fazia uma roupa com muito amor pra mim, pra eu estar bem vestida. Bem vestida assim, estar bem, não é? Ela, com tudo que a vida dela, ela e meu pai nunca viveram bem, eles quase se separaram, nunca foi um casal, nunca deveriam ter casado, nunca. Eles são opostos, completamente diferentes, né? Ela me dava muito amor, ela me passava isso"…*

2. **Honestidade:**

   No relato selecionado, Paula aponta que as regras e valores claros e consistentes estabelecidos na relação com a mãe, favoreceram o desenvovimento do senso de segurança e que estes valores influenciam seu comportamento até hoje:

> *…"A minha mãe falava: "um real que você emprestou, você tem que pagar um real de volta. Se está pra pagar dia dez é dia nove que você tem que pagar." Nada, nada se pega sem pedir, nada sem autorização, tudo, e engraçado que isso, hoje eu sou, faço parte disso, porque isso vem da gente, né? Pode ser um centavo, mas se não é meu, não é meu aquele centavo. Eu lembro que uma vez, eu fiquei devendo dez centavos, a minha mãe disse: "você vai pagar! - não mãe, o homem falou que não tem problema, não! - você vai pagar. Esses dez centavos não pertencem a nós" – então, ela me ensinou muito"…*

3. **Carinho:**

   Paula valoriza e reconhece gestos de amor, atenção e carinho por parte mãe. Ela avalia que o comportamento carinhoso da mãe se manteve inalterado ao longo dos anos.

…"É, carinho é aquela coisa, por exemplo ela tinha, todo dia de manhã, no natal, eu acordava e tinha uma mesa de frutas, pães, bolos, o que ela pudesse, naquelas condições, já tinha aquele carinho pra mim ali. Mesmo que ela não pudesse fazer um bolo, ela fazia…às vezes ela tava doente, ela levantava e fazia o bolo, né? Então, são coisas que, até hoje, ela mora conosco, né? E até hoje é assim, ela faz um carinho assim, que você vê que vem de dentro, um cafezinho tem carinho, só que agora você fala assim, eu sou mãe, eu sou adulta, nossa que carinho que ela teve comigo! Até nos dias de hoje"….

4. Amizade:

Paula descreve uma ótima comunicação com a mãe, caracterizada por constante liberdade de expressão e acolhimento:

…"Amizade era sempre, a minha mãe foi sempre assim… eu fiquei assim, menina moça, né? Então eu contava tudo pra ela, eu gostei de fulano, então, ela tinha aquela amizade, só que ao mesmo tempo, ela era amiga, mas ela botava os limites, coordenava, sempre foi assim, até hoje, mãe, foi assim.. tal, eu gosto de contar pra ela. A minha mãe é muito minha amiga mesmo, em todos os sentidos ela tá ali junto"…

5. Atenção:

Ao descrever situações que envolveram atenção, Paula aponta que seu senso de segurança e proteção foi sustentado também por sentir-se controlada pela mãe em algumas situações, que também se mostrava preocupada e disponível para ajudá-la, quando necessário:

…"atenção…você vê, ela é muito ligada, então se eu tô saindo, se eu chego, filha o que aconteceu? E sempre foi assim, né? Então, antes por exemplo, desde cedo eu trabalhava e ela falava, mas não há necessidade de você fazer e eu não, mas eu quero pra eu ir crescendo, então em todos os sentidos…se era formatura, não o que você precisa? Vamos te ajudar, tudo era especial o que eu estava fazendo, se eu estava indo num curso X, na época, ou se eu tava preparando alguma coisa pra formatura, então ela tinha uma atenção muito especial, até hoje, também, graças a Deus, graças a Deus!"…

(b) Percepção da relação com o pai

Paula teve dificuldade de avaliar a relação com o pai, marcada por um distanciamento emocional e físico. Paula não conseguiu atribuir cinco adjetivos, conforme solicitado pela pesquisadora:

1. Ausente:

Paula sente-se muito ambivalente em relação ao pai, por um lado precisa reconhecer e aceitar o estilo de cuidados do pai, mas, por outro lado, sente que o distanciamento percebido na interação com ele, ia além da ausência física, em razão da vida profissional:

…"meu pai sempre foi assim, mais ausente, porque ele trabalhava fora, ele prestava serviço para uma empresa, então ele era assim, ele vinha de final de semana, de quinze em quinze dias"…

2. Carinhoso:

Seu pai mantinha-se próximo com uma frequência intermitente na vida de Paula. A preferência pela relação com a mãe deve-se também pelo distanciamento e insegurança característicos da relação com o pai:

…"mas uma coisa que marca muito, até hoje a mamãe fala, é isso, ele é bom, você tá pedindo os adjetivos e eu já to explicando, rs. Carinho, carinho também, tinha muito carinho, não como a minha mãe, porque foi diferente o relacionamento, né? Porque carinho eu tive aos montes, mas ele me passava também, é que ali era mais assim, era mais eu com a mamãe…
…Então, nesta parte de carinho, eu lembro quando minha mãe, quando eu era pequena, todo domingo ele me pegava, ela me arrumava toda e ele saia comigo, o carinho dele era passeio, então eu ia na feira, eu ia passear, então ela diz que eu comprava chocolate, ele falava que era caro, rs, então ele falava assim, que quando ele tinha dinheiro ele ia, quando ele não tinha dinheiro ele nem passava, então ele conta isso com prazer, por mais que por dez, depois de dez anos, há uns dez anos atrás ele se separou da minha mãe, mas contato nós sempre tivemos, então ele conta isso com carinho, né?"…

3. Honestidade:

Os valores morais foram passados para Paula de forma consistente tanto pelo pai como pela mãe, o que foi percebido como muito importante para seu desenvolvimento moral, aprendendo a ter atitudes pró-sociais e moralmente corretas:

…"Honestidade, ele sempre me ensinou também, a gente sempre sacou, nós saiamos juntos, não muitas vezes, mas era mais de final de semana, ele me passava isso, eu fui num bingo com ele, num fim de ano, na firma onde ele trabalhava e eu não sei o que me deram alguma coisa a mais, um cartão e ele disse: "não sei, não filha, não é certo, não é certo" era muito isso"…

4. Amizade:

A amizade tornou-se mais consistente na vida adulta, durante o processo de separação entre seus pais, mas Paula busca idealizar esta relação, que percebe como enfraquecida, no que se refere à função do apego.

...”Ele me passava sempre que possível, na amizade, também era bastante, era uma amizade muito boa. Tanto é, que quando foi pra ele se separar da mamãe, eu conversei muito. É isso mesmo que o senhor quer? Sabe, eu com meu pai, eu passei a ser a mãe e ele o filho. Mas a gente sempre teve um convívio muito bom, então uma vez ele foi na reunião da escola, porque eu sempre fui uma aluna boa, assim, eu me esforçava bastante, era atenciosa, então ele ficou assim, né? Super pai, ficou super contente, então meu pai também me dava muita atenção, sabe? Na medida do possível, mas eu convivia mais com a mamãe, né?”…

(c) Reação à separação:

Paula relata que sua mãe sofreu muito nestes episódios de separação e buscava evitá-los, controlando a vida social de Paula e tentando mantê-la ao seu lado o quanto fosse possível. A primeira separação ocorreu quando Paula tinha onze anos e foi percebida como muito agradável, trazendo alívio e senso de autonomia para Paula. Mas, de forma contrária, sua mãe ficava extremamente ansiosa e vivenciando sentimentos de ameaça e medo por perder o controle sobre o comportamento de Paula.

Paula relata que esta carência excessiva da mãe comprometeu o se desenvolvimento, no sentido de adiar ou impedir algumas transições e amadurecimentos, como por exemplo: morar numa cidade mais estruturada, viagens, convivência social limitada.

Segundo Paula, sua mãe desenvolveu uma relação de dependência com a filha, tendo como principal razão, a frustração e desamparo com relação ao casamento.

Outro aspecto muito importante e destacado por Paula, foi a condição de saúde muito frágil da mãe, o que favorecia a inversão de expectativas e funções; ou seja, filha cuidando da mãe, propiciando segurança e conforto.

Por outro lado, o medo de morrer levava a mãe de Paula a preparar-se para isso e preparar Paula para lidar com sua perda, o que avalio como um fator extremamente negativo para o desenvolvimento deste vínculo e dos modelos internos de Paula sobre os mesmos, na medida em que o investimento emocional acontecia de forma ambivalente e, às vezes, evitativa, pois, poderia ser rompido a qualquer momento. Isto pode explicar o distanciamento emocional de Paula, que preferia cuidar, a ser cuidada pela mãe, o que geraria uma situação de extrema vulnerabilidade para ela:

"Eu tinha onze anos na primeira vez. ***Eu tinha onze anos, eu fui pra praia com o pai do meu pai e a minha mãe chorava todo dia.***
E: Ela chorava?
P: ***E eu tava feliz da vida, porque eu tava indo pra praia. Mas ela só me deixou ir por causa dos meus avós****. Porque queriam me levar, daí* ***eu lembro que eu liguei lá: "filha, cê tá com saudades? - Não mãe, tá muito bom". Imagina? Uma criança de onze anos, eu tenho um filho de onze anos, hoje eu vejo, ele quer curtir, né? Mas foi a primeira vez que eu me separei deles, que eu fiquei acho que uma semana em Peruíbe e depois eu retornei. E a minha mãe não****.*
E: Ela se arrependeu?
P: ***Ela sofreu muito, porque a minha mãe, ela sempre foi assim…nesse sentido muito carente, né? Porque como o casamento dela nunca deu certo, o meu pai viajava muito, então ela se apegou muito a mim. Até hoje ela é, todas as coisas é comigo, né? Então, nós temos uma amizade assim muito forte, só que pra ela eu percebo, por exemplo, quando eu tenho algum problema que aconteceu assim do dia-dia, eu não comento, porque se eu comentar pra ela já vira uma tragédia. Então isso eu acho assim que ela sofre muito. Imagina. Então, eu tenho muita dó por causa disso, porque ela se apegou muito. Ela acaba sofrendo****.*
E: Então, a separação foi tranqüila pra você?
P: Foi, foi.
E: Você lembra alguma reação do seu pai?
P: Não porque, como ele viajava, talvez fosse, não, eu lembro que a mamãe me falou e ele falava que eu sempre vou ficar bem, quer dizer, era tranqüilo. Foi duro pra ela, né? Ela sofreu bastante mesmo, eu não, tava tudo ótimo.
E: Você sentia ela preocupada?
P: ***Sentia, eu me preocupava, eu ficava, eu ficava triste, mas não era sempre, que nem assim, a minha mãe foi assim uma pessoa muito doente; às vezes eu chegava da escola e eu que ia esquentar o almoço, porque ela tava com hemorragia. Então, ela nunca foi uma pessoa que não tem nada, ela sempre falou que tinha medo de morrer e me deixar, então o que ela queria? Ela queria me ensinar, ela queria me ensinar a me virar sozinha, porque ela achava que mais dia ou menos dia ela ia morrer, cada mês ela tinha hemorragia e eram daquelas coisas terríveis! Então, eu acho que ela foi me preparando assim, pra se ela chegasse a faltar, eu ia me virar*** *e até esses dias nós tavamos brincando, ela falou:"Filha, olha, graças a Deus, Deus me deu isso, estou aqui, já vi meus dois netos, né? E vou viver, se Deus quiser!"* ***Então era uma coisa que ela não contava que ela ia viver.***
E: Você se lembra de alguma outra separação que vem na sua mente?

P: De nós? ***Meu casamento. Foi quando eu me casei, porque eu me separei, separei entre aspas, nós fomos pra lua de mel, e quando nós voltamos, porque na época, o meu marido tava começando os negócios dele e não tinha como a gente alugar casa e tal, então nós, nós, o meu pai, a indenização que ele recebeu quando ele aposentou, ele não podia dar muito pra nós, aí nós passamos a morar, né? Então, é a separação foi pelo fato da gente ter viajado, mas depois, ela respeitou que eu estava casada, né****? Era diferente, ela falava: "Aí, vocês vão viajar, vocês vão fazer isso?" Só que ela nunca falou: ai não faça.* ***Porque foi diferente, porque eu nunca pude viajar, nunca pude sair, porque ela nunca deixava, eu queria estudar fora, uma época eu queria fazer um curso e ela falou: "imagina que você vai ficar fora!" Eu nunca pude. Então quando eu casei, nós passeávamos bastante, demorou pra vir o primeiro filho, então, assim, nós curtimos muito, né****? Então eu vejo assim, o meu marido fazia o possível, ele até convidava ela tal, mas ela tinha o meu pai, quer dizer, foi uma separação boa, né? Quer dizer, ao mesmo tempo que uma precisava, uma tava ali. Só que tinha cada um o seu canto, né? E a gente vai amadurecendo também, né?"*

A outra separação marcante para Paula foi na vida adulta, quando se casou e deixou a casa dos pais. Nesta fase, a mãe sofria com a ausência da filha, mas, segundo Paula, não podia mais controlá-la. Paula relata que o marido colaborou muito para que ela pudesse fazer esta transição sem muito sofrimento e culpa, uma vez que ele buscou aproximar-se da mãe e tornar a separação mais tranquila para ambas.

(d) Comportamento de apego na infância:

Quanto ao comportamento de apego, Paula descreve, basicamente, suas estratégias com relação à interação com a mãe adotiva, porém, seu relato também permite avaliar as repercussões da rejeição e da ausência da mãe biológica, e considerar o modelo operativo interno de Paula resultante desta parceria corrigida para a meta com relação ao apego:

PARCERIA CORRIGIDA PARA A META: Paula e mãe biológica

PAULA (recém-nascida)
Meta fixada: proximidade com a mãe
Estratégias: choro intenso

⇓ ⇑

MÃE BIOLÓGICA

Meta fixada: evitar o estabelecimento do vínculo com Paula

Estratégias: afastamento físico e emocional;
abandono em local escuro e inóspito.

Sendo assim, afirmo que esta parceria resultou em absoluto fracasso e desamparo, na medida em que as metas primárias de Paula, como um bebê recém-nascido que precisava de um cuidador que oferecesse condições básicas de sobrevivência, amor, proteção e conforto, não foram atingidas, mas ao contrário, foram inviabilizadas pela outra figura. Modelos operativos internos de si e do outro tendem a ser negativos a partir de experiências de abandono total, mas esta situação foi temporária (até as 48 horas após seu nascimento), incluindo a gravidez e os seus dois primeiros dias de vida, seguidos do período de internação no hospital, até, finalmente, ser adotada por seus pais.

A minimização da experiência do abandono total foi garantida pela adoção realizada sessenta dias depois, que, de forma gradual, supriu a privação de contato humano, cuidados básicos e amor sofrida por Paula.

Sua mãe adotiva passou a ocupar um papel fundamental em seu desenvolvimento, tornando-se sua figura de apego principal, estável e disponível durante toda a fase da infância:

PARCERIA CORRIGIDA PARA A META: Paula e mãe adotiva (figura principal de apego)

PAULA

Meta fixada: proximidade com a mãe, sentir-se segura e aceita.

Estratégias: evitar desagradar, ser obediente, cumplicidade, companheirismo, evitar conflitos e expressão de sentimentos negativos.

⇓ ⇑

MÃE ADOTIVA

Meta fixada: proximidade com Paula, sentir-se segura e aceita

Estratégias: presença física e emocional; controle sobre o comportamento de Paula, excesso de atitudes protetoras.

Desta forma, Paula estabeleceu uma relação íntima e disponível com a mãe adotiva, que estava sempre presente quando Paula necessitava de carinho e proteção, ou mesmo, compartilhar suas intimidades. Esta relação foi a primeira experiência de disponibilidade emocional que Paula viveu em sua vida, tanto no aspecto qualitativo quanto no quantitativo da interação:

…"Olha, eu praticamente…eu não me machuquei, porque eu sei que quando eu vim pra mamãe, né? que ela me adotou, eu vim muito mal do hospital, então eu tive aqueles cuidados, tudo, mas depois de uma certa idade, eu nunca, assim, quebrei um pé, quebrei uma mão, isso eu não tenho, nunca tive. Eu tive, assim, travessuras, eu tive uma vez, o portão caiu em cima de mim, sabe, de segurar? Mas assim de machucar, uma coisa assim, eu não tive.
E: E algum problema provável que você teve, quem te socorreu?
P: A minha mãe. Pra tudo a minha mãe estava ali, então ela que me socorria.
E: Você não se lembra de nenhum outro momento quando era criança?
P: Eu não me lembro, a mamãe me falou isso, eu tive bronquite, que ela ficava, até eu tive uma leve, sabe, uma leve e aí ela ficava comigo fora, porque me faltava ar. Eu lembro de noite, sabe quando você dá assim, de noite aquele foco, né? Eu tive assim, sarampo e sai na chuva e fiquei sem falar, sabe, tudo coisas nesse sentido assim"…

Por outro lado, quando Paula estava triste ou com alguma dificuldade buscava isolar-se e evitar expressar seu sentimento para a mãe ou qualquer outra pessoa, o que pode ser explicado pela insegurança resultante do abandono, representada pelo medo de ser rejeitada e pela estratégia de agradar as pessoas e evitar conflitos com suas figuras de apego:

> …"Quando você estava indisposta emocionalmente, triste, chateada, o quê você fazia, você lembra? Quando criança?
> *P: Quando criança eu ia brincar sozinha…Ah, eu pegava as bonecas e ia brincar, geralmente. Eu lembro uma vez, que o meu tio trouxe bolsa e trouxe para as minhas primas maiores e pra mim não e fiquei triste, eu era pequena, mas eu me recordo. Eu não queria demonstrar, mas eu chorava, chorava, sabe, sem ninguém saber"…*

Considero que, neste caso, a experiência de abandono total favoreceu o sentimento de insegurança e a tendência a *esquivar-se* em situações de intimidade, mas os sentimentos relacionados à privação e às estratégias de enfrentamento desenvolvidas até então, foram minimizadas pela relação de apego com a mãe adotiva que, como cuidadora, comportou-se de forma responsiva e afetiva.

(e) Sentimentos em relação à figura de apego

Rejeição:

Paula nega o sentimento de rejeição com relação à mãe biológica e não reconhece qualquer rejeição por parte da família adotiva. Mais uma vez, Paula descarta a vivência com a mãe biológica, demonstrando um mecanismo consistente de negação e evitação de memórias relacionadas a este vínculo:

> *"Pelos pais? **Não, de forma alguma, nunca. Nunca, nunca, nunca**, eu acho até que por isso eu não ligo de onde eu vim. Eu lembro que num natal, foi tão engraçado, minha prima tava chorando e eu falei o que aconteceu? Não, a fulana falou que eu sou adotiva e falou que você também é. Eu falei, ah imagina, de tanta segurança que eu tinha. O carinho do dia-dia, que nem minha mãe dizia: "traz os seus amigos, vai fazer reunião? Vou fazer um bolo, sabe aquela coisa tão gostosa?" Que eu vejo, hoje, como mãe, eu tento fazer igual, mas eu vejo muitas mães que não querem ninguém na casa, muitas vezes até os filhos. **Eu gosto de acolher, isso também e isso eu devo muito á ela, porque ela fazia isso.** Eu tinha treze, quatorze anos e dizia: "vamos fazer trabalho em casa" e ela estourava pipoca, então era assim, eu acho isso muito importante, eu tive muito isso em casa, eu tive muito isso em casa. Então, eu que eu me lembro, eu nunca sei dizer que fiquei de lado, não. **Nunca senti isso, nem pelos meus avós, pelos meus tios."…***

Neste trecho, Paula aponta também a internalização de alguns comportamentos de cuidados da mãe, que passou a repetir com seu filho mais velho, por avaliar como adequados e importantes para sentir-se acolhida e pertencente ao núcleo familia durante a infância.

Medo:

Paula comenta que o medo de ficar só era bastante intenso durante a infância, mas não era compartilhado com ninguém. Paula não buscava conforto com nenhuma figura de apego, reafirmando sua dificuldade de expor sua vulnerabilidade, o que representava uma importante ameaça, seja no sentido de exposição, seja no sentido de sentir-se insegura, quanto à estabilidade dos vínculos que formou:

…"Olha, quando eu tinha ***uns nove anos, eu acho, eu não gostava de entrar em casa sozinha, eu achava que uma coisa ia me pegar, saía correndo, só que eu também nunca falei.*** *Eu lembro que era assim, era a minha casa, a casa da minha avó então os quintais batiam, sabe? Às vezes, sempre, toda tarde, eles se reuniam ali com a minha vó, eles faziam um bolinho e alguém falava, pega tal coisa, eu ia, mas eu ia com um medo de entrar em casa! Só que eu nunca contei pra ninguém, mas eu ia. Eu pegava e saia correndo. Até esses dias eu me lembrei, porque eu tava em casa sozinha e eu falei, que engraçado, né? Há um tempo atrás eu não entrava sozinha. Eu falei, não tem nada e eu sou muito católica também, né? Eu falei, meu Deus! Não tem nada! Mas eu tinha medo, morria de medo de entrar em casa sozinha, tinha pavor!"*
E: Mas por alguma coisa?
'Não, não, nada, era uma fase assim que eu lembro, tinha um corredor, eu pegava e saia voando dali, não sei do quê."
E: Por que você acha que você não falava? Ou para sua mãe, ou pra outra pessoa?
" Eu acho que pra não dizer que eu fui, não sei, eu acho que eu me sentia, é aquela coisa que eu não gosto de passar, ce entendeu? Que as pessoas vão falar, eu acho que pode ser uma fraqueza, não sei, era um momento que eu tinha fraco. Então, até hoje isso, eu comento muito abertamente com o meu marido, por exemplo eu acho que eu falei, puxa vida, se eu fizesse isso com o Miguel, daí, o meu marido também, é muito assim de levantar a auto estima. Não Paula, tal coisa é assim e assim, não, até por onde a gente vê, né? Se você focar pro lado negativo você vai encontrar, se for pro positivo você vai encontrar"*…*

Neste trecho, Paula aponta que a relação com o marido proporciona segurança suficiente para que ela se permita expressar medos e angústias, na medida em que ele se mostra estável e disponível emocionalmente para ela.

No trecho abaixo, Paula aponta o medo pela ameaça, constantemente presente nas interações com a mãe, nas palmadas como punição por um comportamento inadequado:

Ameaça:

Este sentimento surgia com frequência, em razão da interação com a mãe, marcada pelo estilo de educação, por meio do qual recorria a palmadas e ameaças verbais de agressão física para punir ou controlar a filha. Paula não reconhece ameaças explícitas de abandono por parte dos pais:

E: Alguma vez os seus pais te ameaçaram de alguma forma? Pode ser de qualquer forma, algumas pessoas, por exemplo, nos dizem que os pais já mandaram pra fora de casa numa hora de briga, numa hora de bronca.
"Não, isso não tem, a minha mãe era assim, o meu pai uma vez, eu lembro que ele me bateu porque ele pegou a varinha e ele nunca pois a mão em mim, porque era sempre a minha mãe, qualquer coisa ela dava palmada, a minha mãe sempre foi assim, no bumbum por exemplo dava palmada, não filha, cê não faz. Ela brigava e falava: "Vou tirar a cabeça do seu pescoço!" e hoje eu brinco com ela: "Mãe, olha o que a senhora falava!" Só que eu morria de medo dela, eu tinha medo, eu não lembro de nada de errado, lógico, você não consegue, mas assim, eu tentava não mentir, não fazer coisas que ela viesse ficar chateada comigo. Mas ela nunca falou tal coisa do tipo: "vai embora", ou coisa assim, meu pai uma vez me bateu, porque eu chamei ele de negro e ele é bem moreno de pele, daí ele me bateu, até a minha mãe falou, foi a única vez. Ele ficou mal, você desrespeitou ele, assim, não pelo fato do que foi, mas você xingou ele. Mas nunca me ameaçaram e eu acho que também não houve necessidade, né? Mas acho que não fariam não"…

(f) Sentimentos em relação a si

Paula sente-se muito insegura no que se refere aos relacionamentos, seja com o marido, com as amigas e com a família, na medida em que, expor sua vulnerabillidade ou sentimentos, como tristeza e raiva, representa para Paula um grande risco de perder estes vínculos. Assim como em toda situação de perda, o desconhecimento sobre a causa gera uma enorme angústia e uma variedade de outros sentimentos e fantasias acerca das razões do rompimento daquele vínculo.

Neste sentido, avalio que a interpretação construída por Paula acerca das razões que levaram sua mãe biológica, seja num nível consciente ou inconsciente,

envolveu um razoável nível de culpa por não ter sido suficientemente boa para garantir o amor e a presença da mãe biológica, que numa atitude fria e selvagem, abandonou e escondou Paula, recém nascida, num buraco escuro e, provavelmente, úmido e perigoso.

Paula expressa sua perplexidade diante da atitude da mãe biológica que a deixou, com poucas horas de vida, num buraco, desprotegida e chorando, mas, que mesmo assim, virou-se e foi embora. Nos raros momentos em que abordou esta situação, durante a entrevista, Paula expressou um profundo sentimento de desamparo e rejeição. Para suportar e lidar com esta angústia, suscitada em algumas ocasiões específicas (ex: dia das mães), Paula evita pensar nesta experiência e comporta-se em outras relações, principalmente com suas figuras de apego, de forma a garantir a minimização dos riscos de um outro abandono:

..."sempre fui a boazinha, sempre fui boa aluna, mas eles chegavam, eu falava, vai começar e começava. Meus pais não se entendiam, era a maneira deles serem"...

..."Se eu tô triste, eu não gosto que ninguém perceba, eu não quero que falem: "ai, coitada, ela tá triste!" É lógico, dependendo da situação, a pessoa vai saber e vai sentir, não que eu não quero que sinta pena de mim, não é isso. Mas é assim, eu não quero passar coisa triste para as pessoas, sabe?"...

..."Eu sempre fui assim de enfrentar. Não, até hoje, eu sempre tive e até hoje eu tenho, joguinho de cintura. Quando eu magôo sem querer, eu fico muito triste, muito triste. Que eu não sei, eu acho assim, a vida da gente passa tão rápido! Se eu não puder ser melhor com as pessoas. Você fica só reclamando e não resolvendo. Isso desde pequena, eu falava assim, que coisa engraçada!"...

..."Então, as pessoas têm confiança em falar pra mim, porque elas sabem que eu não vou falar pra ninguém"...

(g) Sentimentos em relação aos outros relacionamentos

Paula comenta sobre a relação com avó materna durante a infância, como uma terceira relação significativa, no sentido de perceber que era querida e aceita:

*...”Olha, eu tinha a minha vó que **eu era muito ligada**, que até eu lembro, quando minha mãe falava que **quando ela falou de adoção que ela falou: “Imagina!” e depois ela foi a primeira a ficar derretida**. Então, por mais que tivesse as outras netas, tal, **eu era a separada, então por mais que fizesse, Paulinha tal coisa, Paulinha tal coisa. Aquele carinho especial. E os outros tios nada mais, eu não era mais nem menos que as outras**. Tinha isso da minha vó, eu até falei, é tão engraçado, né? Porque a minha vó já faleceu há três anos e tava muito ruim, minha mãe não conseguia, porque tinha o sistema nervoso, já tava com a idade, eu que ia cuidar dela no lugar da minha mãe, falava: “mãe você não tem condições, então deixa que eu vou. Então, eu vou ver como é que ela tá” porque eu morava ali ainda, né? Esse tipo de coisa, sabe? Coisas assim, eu com outra prima também, **essa coisa com a minha vó foi, realmente uma troca, o carinho que eu recebi dela, depois eu pude passar pra ela**. Então, ela me passava coragem e eu ficava junto, sabe, aquela coisa ali. A minha mãe não, a minha mãe não tinha isso, a minha vó ficou esclerosada e a minha mãe; não agüentava aquilo. Ela pegava tristezas e via ela só falava coisas sem nexo, né? Então eu falava pra minha mãe, não, deixa que eu fico, porque cada filho fazia uma partinha, né? Então, deixa que na parte da senhora eu fico, eu me responsabilizo por ela. Então, eu fiz bastante, acho que todo o carinho que eu recebi, e ela era assim, não pode sentar na cama, eu não podia sentar na cama dela, pra tudo tinha que pedir ordem,e eu seguia direitinho, então ela aproveitava”…*

(h) Outras figuras de apego

Avó materna: No trecho citado acima, Paula aponta que o relacionamento com a avó era bastante afetivo, tanto que Paula quis assumir o papel de cuidadora desta avó quando doente, seja por retribuir o carinho, seja por poupar a mãe que, segundo ela, não estava em condições de fazê-lo. Ela ressalta ainda, que esta avó inspirava sentimento de coragem.

(i) Estilo de apego

Ao descrever a situação de negligência e abandono por parte da mãe biológica, que viveu nos primeiros momentos após o nascimento, Paula demonstra sua principal estratégia de enfrentamento e sobrevivência; a evitação e, consequetemente, o isolamento quando se sente vulnerável.

Com a mãe adotiva, desenvolveu um estilo que oscilava entre comportamentos influenciados pela insegurança, resultante do abandono e do conflito conjugal dos pais adotivos, ora pela segurança, resultante da disponibilidade emocional da mãe adotiva. Desta forma, apresentava comportamentos auto-

suficientes, buscando ter mais autonomia, tentativa que era, muitas vezes, sufocada e inibida pela mãe adotiva, mas ao mesmo tempo, comportava-se de forma ansiosa em relação às figuras de apego; demonstrando preocupação com a elas e pensamentos obsessivos relacionados à necessidade de aceitação.

(j) Modelos operativos internos sobre si, os outros e o mundo

(a) Sobre si: negativo, exigir-se um comportamento adequado para ser suficientemente boa para as pessoas que ama;

(b) Sobre os outros: positivo, pessoas a quem deve gratidão por amá-la e aceitá-la;

(c) Sobre o mundo: positiva, sentimento de gratidão e prazer.

O equilíbrio destes modelos internos na vida adulta possibilita uma tendência para relacionar-se com figuras de apego de forma *preocupada*, na medida que Paula busca ansiosamente conquistar a aceitação e validação dos outros, persistindo a crença de que para obter segurança por parte dos outros, ela tem que agir de forma adequada para com eles.

(l) Estabilidade e mudança do comportamento de apego na adolescência

Na adolescência sua origem é revelada, ou melhor, explicitada. De forma abrupta e inadequada, Paula toma conhecimento de sua condição por meio de um estranho e, então, sentimentos como choque, traição, desespero e revolta tornaram-se intensos e freqüentes neste conturbado período de formação de identidade. Questões existênciais, angústias, dúvidas e medos acirraram-se quando seu mundo presumido desabou e, no lugar dele, emerge a noção de uma origem marcada pela

rejeição e abandono. O que fazer com isto, senão agarrar-se aos vínculos reais e evitar reflexões profundas sobre suas feridas e seu passado? Além disso, seu comportamento mediador e comtemporizador, seja no núcleo familiar ou fora dele, busca garantir a estabilidade dos vínculos afetivos ao longo da vida.

"Eu tinha dezesseis anos, eu só chorava, eu fiquei nervosa, daí veio uma amiga, ai, você quer conhecer a sua mãe biológica? ***Com dezesseis anos você ainda nem sabe quem você é e ainda vem uma descoberta dessas!… E eu parei, então, aquela segurança que ela me passou: eu sou a sua mãe, parece que todas as coisinhas, os fantasminhas, não tinha o que eu pensar. Isso foi muito importante, a partir daí, naturalmente, né?"…***

Segundo este relato, avalio que no processo de elaboração desta revelação, Paula reoganizou seus modelos internos relacionados a si mesma e ao mundo, buscando definir sua própria identidade, e de modo geral, continuou usando as mesmas estratégias para se comportar com suas figuras de apego na adolescência, acentuando-se a necessidade de evitar conflitos e valorizar o vínculo construído com os pais adotivos.

(m) Estabilidade e mudança do comportamento de apego na vida adulta

No trecho citado abaixo, Paula comenta sobre a disponibilidade afetiva do marido, que passou a representar sua figura de apego principal na vida adulta, oferecendo apoio e conforto constante para ela, principalmente, com relação à educação dos filhos.

Os valores morais, como por exemplo, a hosnetidade, foram fortes influências no desenvolvimento da identidade e auto-estima de Paula, e por isso, foram internalizados e passaram a influenciar intensamente o desenvolvimento do sistema de comportamentos relacionado aos cuidados dos filhos.

Paula aponta também, que as dificuldades enfrentadas influenciaram sua atitude perante os obstáculos e adversidades da sua história de vida, no sentido de

favorecer o amadurecimento e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento; que a união com o marido e a base segura que isto representa, torna-se peça chave para sua resiliência como mulher adulta.

Neste sentido, avalio que, por meio do vínculo de apego seguro com o marido e da relação com os filhos, Paula fortaleceu sua auto-estima e sente-se mais segura para explorar o mundo e seus desafios.

Outro fator que influenciou esta transição de um estilo de apego inseguro para um estilo com mais tendência para se manifestar de forma segura, deve ser explicado também pela internalização da experiência calorosa e afetiva com a mãe adotiva.

Paula passou ao longo da vida, por um número de situações que influenciaram positivamente, ou ainda, que fortaleceram a sua resiliência. E, sendo assim, apesar de tratar-se de uma pessoa que viveu uma rejeição total num momento crítico para o seu desenvolvimento emocional, Paula aproveitou as outras situações mais saudáveis da sua vida, para ajudá-la na revisão do modelo da infância, superando a necessidade de fugir das relações para proteger-se de qualquer sofrimento.

Fugiu do modelo de relacionamento amoroso observado na convivência com seus pais que, durante a infância, mobilizou muito medo e ansiedade de ver o núcleo familiar desfeito e sentir-se abandonada mais uma vez. Desta forma, construiu um relacionamento muito tranquilo, otimista e de parceria com o marido, o que reflete seu desejo e sua capacidade de controlar as relações para atingir suas metas. Portanto, o relacionamento e a parceria com o marido foi um aspecto de reparação do estilo de apego da infância, representando, ainda, mais segurança e estabilidade para Paula:

*…"**O meu marido tá sempre aí, então eu acho que isso é muito importante**, eu falo, **se você pegar um centavo você já não é mais confiável**. Eu acho que eu faço muito isso com eles, se você pegar um centavo, você pode pegar mil reais, que é a mesma coisa, né? Então, **esta parte de honestidade, essa parte minha mãe sempre falava, os livros ela ia comprar, falava eu vou comprar livros novos pra você, mas eu vou comprar os novos e uns usados, porque quando eu não puder comprar novos, você não vai nem sentir a diferença. Então eu cresci assim com este aspecto, se eu não, por exemplo, se hoje eu tô com um carro, com um fusca, que seja, pra mim tá ótimo, sabe? Ela me fez assim, a crescer como pessoa. Eu dou valor pro que eu tenho, você entendeu? Graças a Deus a gente leva escorregões, eu com o meu marido, ele emprestou dinheiro para o irmão, o pouquinho que a gente tinha, perdemos, o terreno, perdemos tudo. Mas, eu acho que quando nos unimos, falamos assim, não tem problema, vamos viver hoje, existe nós dois, então vamos seguir, esse material então eu acho que teve muita influência do que a mamãe me passava, essa parte material, essa parte de carinho que ela me dava, eu de natal vou olhar pro meu filho e por alguma coisa ali pra ele, que dói o que ela me passou**. É engraçado que esse gesto que ela passava, todo natal eu tinha um presente de manhã, quando eu acordava, tinha que acordar, ia ter alguma coisa, de comer. E isso, meu marido começou a fazer pra mim. E eu faço para os nossos filhos, entendeu?… Então, isso marcou bastante pra mim, eu acho que mexeu bastante com a minha personalidade. Eles, os meus pais, eles brigavam muito, eles eram um casal que jamais deveriam ter sido casados, mas, isso tudo, quando eu via eles brigarem, que a minha mãe começava a brigar com ele, tal, isso não eu via que não tinha necessidade de ser assim. Então, eu até e tenho esse jeito assim, é o jeito da minha mãe, sabe? Dedo na tomada, mas, ao mesmo tempo que eu tenho o dedo na tomada, eu tento conciliar, sabe? Então muitas vezes, até falando agora, eu não queria passar problema, porque eu não queria briga, eu não queria nada daquilo. Eles brigavam assim, isso é azul, não isso é preto…Então eu não queria isso, porque eu achava assim, que ela era infeliz e ele também, ele vivia perdido. Então depois de moça, tudo, quando eu podia passar isso pra ela, porque quando criança, você não sabe. Mas não teve mais desgaste, eu não gostava daquela vida de briga, porque perdeu-se o respeito…Tenho quinze anos de casada, eu nunca vi ele perder a tranqüilidade dele. Por mais brava que eu estivesse na situação, eu contornava, eu até falava, passava o recado, mas não brigava, aí você é assim, nunca falei, você é bobo, você é um burro, olha o que você fez, porque eu sei que se eu ofender ele desta forma, ele também vai me ofender. Porque nós somos, nós temos esta parte, infelizmente, nós temos os defeitos, **então nós dois, a gente sempre procura mostrar qualidades**. **E também, a minha mãe falava, aí, você tá linda filha, você tá bonita, tal, e eu comecei a passar isso pro meu marido, você tá bem, ficou bonito, ficou ótimo e ele também. Isso assim, no dia-a-dia, eu acho assim que cresce, porque você já tem tantos problemas, né?** Que vê isso, no trabalho, tem criança chorando, tá com febre, tá doente, se você fica nisso, você acaba ficando naquela vida monótona e só vê os defeitos. **Então, eu vejo que então tem o lado bom que eu tive e mesmo o lado ruim que era isso, que eles brigavam muito tal, eu tentei resgatar para o outro lado, porque eu nunca fiz isso na minha vida. Tanto é, que quando os dois se encontram em casa, eu falo: "Aí meu Deus, eu não quero briga!", porque eu não quero mais aquela vida de briga. Aí assim, eu com meu marido não temos isso, então, eu quero preservar isso. Mas é isso da infância, sempre fui à boazinha, sempre fui boa aluna, mas eles chegavam, eu falava, vai começar e começava. Meus pais não se entendiam, era a maneira deles serem"…***

(n) Características do Abandono:

Trata-se de um abandono total, caracterizado pelo ruptura precoce e definitiva do vínculo com a mãe biológica, concretizando o absoluto distanciamento e indisponibilidade emocional, falta de afetividade e ausência de contato físico para oferecer conforto e afeto. Vale lembrar, que o caráter precoce da ruptura do vínculo não nega a sua existência, mas sim, aponta sua fragilidade.

Desta forma, o relacionamento com a mãe foi marcado por rejeição explícita, que apesar e por sua precocidade, foi a primeira experiência de perda de Paula: a privação do amor e dos cuidados maternos.

Porém, assim como apontou em seu relato, Paula, rapidamente (dois meses), passou a desenvolver um vínculo de apego com sua mãe adotiva e, de forma mais enfraquecida, com seu pai adotivo, encontrando nesta primeira figura, um *porto seguro*, que proporcionava conforto e segurança. Esta experiência, consistente, no que se refere à intensidade e frequência, contribuiu para o enfraquecimento e minimização dos efeitos da privação inicial. Mesmo assim, a insegurança provocada pela rejeição, influenciou de forma negativa o modelo operativo interno sobre si, ou outros e o mundo:

E: E você foi adotada com quanto tempo?
"Com dois meses".
E: Você pode me contar sobre isso?
"Como você quiser, posso contar. Eu estava em casa, com o meu pai e passou um senhor em frente a minha casa e falou pro meu pai: "ah, essa menina que você pegou pra criar? E eu vi que meu pai ficou mudo, aí eu fiquei quieta; cheguei mãe, aí eu falei: "eu sou filha adotiva?" Daí ela caiu no choro, ela chorou muito, daí eu comecei a chorar também, daí ela me contou todo o caso que aconteceu. Eles queriam guardar isso pra quando eu tivesse mais velha eu tinha dezesseis anos apenas. Daí, ela contou uma história que a minha mãe biológica não pode ficar comigo e ela me jogou no poço, perto de onde ela morava. Eu brinco que, graças a Deus, o poço estava vazio...rs e aí passou dois dias, duas noites, crianças jogando bola e ouviram um choro de criança. Aí, me tiraram do poço e eu fui pro hospital e aí eu fiquei tempo, minha mãe já tinha entrado com pedido no fórum de adoção, quando ela ouviu notícias na rádio e ela falou: "é minha!". Então, eu acho que isso é bem, eu acho que nada nessa vida é por acaso e ela começou a acompanhar a reportagem, tal. E foi uma coisa muito bonita, que ela fala: "havia muita gente que estava interessada e eu humildemente, eu consegui…o que tinha de pessoas de poder aquisitivo alto, nossa!" Mas foi dado a ela, né? Então ela conta que quando eu cheguei na casa, foi aquela alegria, então isso que ela passou mostra a alegria que foi eu fazer parte da vida dela! Só que num primeiro momento, o que aconteceu? Eu tinha dezesseis anos, eu só chorava, eu fiquei nervosa, daí veio uma amiga, ai, você quer conhecer a sua mãe biológica? Com dezesseis anos você ainda nem sabe quem você é e ainda vem uma descoberta dessas! Ela me chamou e disse: "Paula, eu não quero mais que você chore, você tem algum motivo pra chorar? Você tem algum problema com o que aconteceu? Não, porque eu sou a sua mãe!" E eu parei, então, aquela segurança que ela me passou, eu sou a sua mãe, parece que todas as coisinhas, os fantasminhas, não tinha o que eu pensar. Isso foi muito importante, a partir daí, naturalmente, né? Falar que eu sou adotiva não me interfere em nada, né? ***Tem pessoas que ficam…eu acho que não tem, eu acho assim que o filho adotivo, ele é uma graça maior, porque você fez parte daquela família, não enviado assim, que a mãe deu a luz e acabou, não, ela foi em busca, você foi querido, isso eu senti."…***

Como Paula aponta, se por um lado, sua *mãe biológica* escolheu separar-se dela, por outro lado, sua *mãe adotiva* disputou sua adoção com outras pessoas interessadas. Esta não foi uma vitória só dos pais de Paula, mas sim, de Paula, que teve uma segunda chance de sentir-se amada e amar.

Porém, afirmo que o processo de luto com relação à privação do amor da mãe biológica não foi *superado* por esta experiência positiva com a mãe adotiva, na medida em que o *abandono* e a *adoção* são experiências paralelas, mas não contínuas.

A adoção favoreceu a continuação do desenvolvimento emocional de Paula, uma vez que a manutenção da situação de privação poderia promover efeitos prejudiciais ainda mais irreversíveis em sua vida, podendo levar até mesmo à morte, mas por outro lado, a adoção, seguida da manutenção do segredo com relação à sua origem, implicou a inibição do pesar de Paula até a adolescência. Isto porque, a perda não aconteceu no momento em que Paula soube do abandono aos dezesseis anos, mas sim, quando Paula experimentou o abandono, seja, quando ela foi jogada por sua mãe no poço de água, em seus primeiros dias de vida, seja, quando ficou internada num hospital, e depois numa instituição até ser acolhida por seus pais adotivos.

Após a revelação da sua história, Paula viveu um grande paradoxo: se por um lado, a comunicação sobre o abandono concretizou a perda e, portanto, possibilitou que Paula expressasse seu luto, por outro lado, a ameaça de ferir e enfraquecer o vínculo com os pais adotivos e a angústia de enfrentar os sentimentos relacionados ao abandono, convidavam Paula a calar seus sentimentos e inibir seu luto.

Portanto, a situação de abandono vivida por Paula caracterizou-se por uma **descontinuidade** definitiva da interação com a mãe biológica.

O impacto desta privação deve ser avaliado sob os seguintes critérios:

(a) Idade: recém nascida

(b) Tempo de privação: definitiva

(c) Grau de privação: Paula avalia que foi rejeitada totalmente por sua mãe,

Sendo assim, entendo que o comprometimento desta perda se deve ao caráter definitivo e o elevado grau de privação e rejeição, influenciando o desenvolvimento global de Paula, seja na condição de privação de cuidados básicos nos primeiros dias de vida, seja no impacto emocional resultante da situação.

(o) Reação e enfrentamento

Assim, por meio de um processo angustiante e solitário, Paula demonstou que a estratégia que encontrou para lidar com esta ambivalência de sentimentos e confusão de pensamentos, foi, mais uma vez, engavetar e inibir a expressão do seu pesar o mais rápido possível, apoiando-se na importância da experiência e adoção. A cumplicidade, o amor e a gratidão por seus pais adotivos foram os fatorres fundamentais que sustentaram sua resiliência para enfrentar sua reorganização diante da “nova” realidade:

(p) Processo de luto

Desta forma, o relato de Paula aponta, claramente, que o luto pela rejeição da mãe biológica foi inibido e não reconhecido intrapsiquicamente por Paula e socialmente por sua família, incluindo os pais adotivos, até a vida adulta.

Por outro lado, desde que Paula começou a participar de campanhas e movimentos organizados para sensibilizar a comunidade sobre o tema da adoção,

realizando, inclusive, um trabalho voluntário numa destas instituições e, posteriormente, adotando sua filha mais nova, Laura, entendo que ela está buscando alguns caminhos para a expressão e validação deste luto.

O processo de luto foi vivenciado somente no que se refere à reação de **evitação ou negação**, etapa em que a pessoa enlutada *reconhece* a perda**,** que implica no conhecimento e compreensão sobre a mesma. Porém, Paula suportou **confrontar** a perda apenas de forma muito superficial e rápida, quando tomou conhecimento da sua origem, mas não teve permissão (interna e externa) para reagir à dor da perda, vivencie a dor; identificando-se com ela, aceitando a perda, e identificando e enlutando-se pelas perdas secundárias inerentes.

…"'Então, o dia das mães é o único dia, digamos assim, que eu penso. Eu penso em todas as mães, né? *Na vó que morreu, tal, eu sou mãe, quantas mães por aí, devem estar com dificuldade, não tem o que comer, pra dar pros filhos, então* ***eu acabo auto analisando, rezando, que a gente pensa, digamos assim, então aí eu penso na minha mãe biológica. Mas, eu sou tão feliz que eu não, eu sempre fui, que eu não quero que ela fique pensando, será o que eu fiz? Então é a única a única vez, depois eu nem penso.***
…falo com a maior naturalidade, só que eu esquecia, então é a única época. Mas eu acho que é por isso"…

A precocidade e falta de memória relacionadas à mãe biológica prejudicaram a necessidade de recordar e reviver o vínculo perdido, para revisar e lembrar de forma realista e, assim, enfrentar os sentimentos ligados ao luto.

Sob pressão e pela cumplicidade com os sentimentos e inseguranças de seus pais adotivos, Paula teve que abandonar o velho mundo assumido e assumir sua nova condição de filha adotiva, sem ter elaborado a perda de sua condição biológica.

Assim, Paula precisou ser capaz de reajustar-se para adaptar-se ao novo contexto, inibir pensamentos e sentimentos sobre o antigo e sobre a perda, adotar novos modos de estar no mundo, assumir uma nova identidade, e reinvestir em novos objetos de amor ou relacionamentos afetivos.

(q) Manifestações de luto

a) Sentimentos: Um bebê recém nascido, cuja condição de vulnerabilidade é absoluta em decorrência da dependência física e emocional, percebe-se por um longo período, sem nenhuma figura humana que responda aos seus sinais de busca por conforto, segurança e proximidade reage de forma instintiva com intensos sentimentos de desespero, agitação, ansiedade, medo, fadiga, anseio: desejo de estar com alguém, desamparo.

b) Sensações físicas: Todas as sensações físicas vividas neste período de desamparo são associadas à privação. Paula relata que ficou gravemente enferma em decorrência da privação de cuidados, que acarretou em sua hospitalização por mais dois meses:

…"porque eu sei que quando eu vim pra mamãe, né? …que ela me adotou, eu vim muito mal do hospital, então eu tive aqueles cuidados, tudo"…

Paula descreve também, somatizações que foram surgindo a longo prazo:

"Eu não me lembro, a mamãe me falou isso, eu tive bronquite, que ela ficava, até eu tive uma leve, sabe, uma leve e aí ela ficava comigo fora, porque me faltava ar"….

Ela aponta, também, as situações relacionadas aos dias em que comemorava o aniversário, nas quais Paula relata que se machucava com frequência, enquanto a mãe se ocupava com outras coisas e não podia dar-lhe atenção, o que sugere que Paula, inconscientemente, revivia o sentimento de abandono e buscava chamar a atenção com comportamentos destrutivos, uma vez que o dia do seu nascimento, possivelmente, ficou associado a alguma memória da privação de cuidados, mesmo que ligada aos componentes sensoriais de sua percepção, ainda muito primitiva da realidade, naquele momento:

…"E, normalmente, nos meus aniversários, eu me machucava no dia do aniversário, então tipo: bater boca, esfolava, sempre era no dia do aniversário. E ela falava: "enquanto eu tô fazendo o seu bolo, cê não pára, menina! Eu não parava mesmo, eu lembro muito do meu aniversário de três anos. Ela ia fazer uma festinha melhor, tal, então eu me lembro assim de muitas coisas daquele dia…: Machuquei, bati a boca, tenho a foto com a boca machucada"…

c) Cognições: confusão, "déficit" de memória e concentração, busca de conforto espiritual (rezando), pensamentos intrusivos (no dia das mães).

d) Comportamentos: inibição da expressão de sentimentos, evitar coisas que lembrem a mãe biológica, hiperatividade e inquietação, valorização da adoção no âmbito pessoal (adotando uma filha) e no contexto social (campanhas e trabalho voluntário).

(r) Suporte Social

Por tratar-se de um luto não reconhecido, a falta de suporte social foi um importante fator de risco para a elaboração e expressão deste luto, na medida em que, tanto família, quanto amigos e comunidade em geral, valorizaram, assim como ela, os ganhos da adoção e minimizaram as perdas e o luto inerente ao abandono.

…"Falar que eu sou adotiva não me interfere em nada, né? Tem pessoas que ficam…eu acho que não tem, eu acho, assim, que o filho adotivo, ele é uma graça maior, porque você fez parte daquela família, não enviado assim, que a mãe deu a luz e acabou, não, ela foi em busca, você foi querido, isso eu senti"…

(s) Situações de risco: muitos foram os situações de risco que promoveram a inibição e comprometimento do processo de luto vivido por Paula:

a) Quanto à perda:

- Inabilidade para antecipar;
- Precoce e violenta;

- Falta de cuidados subsititutos imediatos;
- Privação de cuidados básicos para a sobreviência;
- Permanência em local inóspito até o resgate;
- Hospitalização.

b) Quanto à Paula:

- Recém-nascida;
- Vulnerável física e emocionalmente;
- Filha única dos pais adotivas: sobrecarga de expectativas e superproteção;
- Na ocasião da perda, a compreensão de Paula estava relacionada à percepção da ausência de respostas frente a suas iniciativas de comunicação (choro) relacionadas ao comportamento de apego e saciedade de necessidades básicas (frio, fome, sede, sono, medo).

c) Quanto aos pais adotivos:

- Luto pela infertilidade provavelmente não foi elaborado;
- Problemas crônicos de saúde da mãe biológica (figura de apego principal);
- Mãe adotiva: medo de morrer, insegurança e ansiedade; vínculo de dependência afetiva com Paula;
- Pai adotivo distante fisica e emocinalmente de Paula, e de sua mãe adotiva;
- Segredo mantido pelos pais adotivos sobre a adoção;
- Proibição implícita de se falar sobre o abandono e sobre a mãe biológica;
- Conflito conjugal dos pais adotivos – instabilidade familiar;

- Separação dos pais – aumento da relação de dependência da mãe adotiva.

d) Quanto à família:

- Família pequena;
- Dificuldade de enfrentar a reação de luto da Paula na ocasião da revelação e depois disto;
- Baixo status sócio-econômico;
- Inabilidade de prover suporte.

(t) Percepção do comportamento dos pais

Da mãe biológica:

Paula experimenta sentimentos e pensamentos contraditórios ao falar da mãe biológica e da forma como foi abandonada. As ambivalências mais intensas são:

- Sentimento de raiva *versus* sentimento de pena;
- Entregar um filho *versus* jogar uma filha num poço de água;
- Esquecer *versus* lembrar;
- Lembrar dela no dia das mães *versus* rejeitá-la como mãe biológica;
- Não afetou sua vida *versus* não sabe sua história de origem e nem sobre histórico genético;
- Fala com aparente anturalidade sobre o abandono *versus* evita falar no assunto.

E: Em nenhum momento você pensou na história dela?
'Não senti, olha que engraçado, o dia das mães, né'? Depois, de um tempo pra cá, ***eu pensei, eu falei assim: "Puxa vida, se uma pessoa fez você não querer um filho e dar ele é uma coisa; agora, você não querer e jogar!" – aí, eu pensei, puxa, será que a pessoa nem tem dó, né? Sabe? Eu não vejo ela como uma mãe biológica e sim como uma pessoa que deve sofrer, então eu rezo, não deixe ela ficar com o sentimento de culpa do que ela fez. Hoje, eu sou feliz e, de repente, com ela, eu não ia ser feliz como eu sou. Então, o dia das mães é o único dia, digamos assim, que eu penso. Eu penso em todas as mães, né?*** *Na vó que morreu, tal, eu sou mãe, quantas mães por aí, devem estar com dificuldade, não tem o que comer, pra dar pros filhos, então* ***eu acabo auto analisando, rezando, que a gente pensa, digamos assim, então aí eu penso na minha mãe biológica. Mas, eu sou tão feliz que eu não, eu sempre fui, que eu não quero que ela fique pensando, será o que eu fiz? Então é a única a única vez, depois eu nem penso.*** *Uma vez eu fui no médico com o Miguel e ele falou, aí, o que você tem na sua família, ai eu tenho diabetes, eu falei: "pára, eu não sei o que eu tenho, porque eu não sei a minha família biológica, né?" Então eu nunca analisei, ai, sou filha adotiva,* ***falo com a maior naturalidade, só que eu esquecia, então é a única época. Mas eu acho que é por isso"…***

Do pais adotivo:

Paula percebe seu pai adotivo como um cuidador muito limitado, tanto no que se refere à afetividade, como quanto a presença física:

…"Porque eu acho que meu pai foi assim, ele era uma pessoa de sítio, então, ele assim, era, assim, uma pessoa mais ignorante, então ele não chegava, não tinha, assim, aquele afeto, a mamãe já era mais de falar, de perceber, ele não, já era quieto. Então, eu acabava ficando muito mais assim, com a mamãe. Eu lembro que com a mamãe, qualquer coisa boa que eu tinha pra falar, eu falava diretamente pra ela…
…E o meu pai, quer dizer ao mesmo tempo que esse relacionamento, tem uma filha, tal, porque também ele nunca me discriminou, você é adotada, de forma alguma. Nunca falou pra minha mãe, ai eu quero outro filho, não, nunca. Eu bastei, pelo menos é o que eles passam, então ao mesmo tempo que ele vivia por aí, era outra vida que ele, eu não sei, ele não tem aquela coisa familiar, ser feliz. Nunca teve, quer dizer, ele era bom pai porque, quando ele vinha, ele me respeitava, me levava pra passear, se eu precisava de alguma coisa, tal"…

Da mãe adotiva:

Paula considera que a mãe sempre foi muito dependente dela e insegura em incentivar o seu comportamento exploratório, porque não tinha o respaldo e apoio emocional do marido.

Segundo Paula, sua mãe era extremamente afetiva e presente, mas muito ansiosa e controladora:

…"Eu acho que a minha mãe era justamente por causa disso, porque ela não tinha meu pai ali companheiro, não. Então o que que ela tinha? Ela sempre foi meio sozinha, ela morava perto dos avós, tal, mas ela sempre foi a filha meio, que ela se achava desprezada. Então ela me teve, então era dela, eu acho que era essa insegurança, ela é minha. Tanto é, que se eu comesse na minha tia e não comesse em casa, nossa Senhora! Ela ficava nervosa, você entendeu? Porque eu desprezei. E como ela foi desprezada, então, eu não podia desprezá-la, então tinha essa situação. Olha, se eu puder, tal, só que isso eu achei complicado pra ela, porque até hoje eu falo pra ela: mãe, a vida não é assim, todos nós temos os nossos defeitos, eu não sou perfeita, a gente tem que ser uma boa filha, mas tem horas que nós discutimos, depois tá uma abraçada na outra. A gente bota pra fora, a gente não fica com mágoa uma da outra, aí a fulana fez isso, aí ela fez isso. Então, eu acho que isso, essa relação que ela tinha comigo, devia ser por isso. Por esse desprezo que ela sentia perante, como filha, como esposa, né?…
… mas aí quem coordenava era a minha mãe. Eu acho que era nesse sentido, por causa da forma dele ser"…

(u) Consequências do abandono

Algumas consequências são conscientemente apontadas por Paula, outras surgem, de forma inconsciente, em seu discurso:

(a) Exigente consigo mesma, no sentido de ser uma boa filha, "eu não digo perfeito, mas um ser humano melhorzinho, vale a pena, é importante", evitar expor sentimentos negativos ou sobrecarregar emocionalmente suas figuras de apego com seus problemas pessoais;

…"Até hoje eu sou bem assim. Se eu tô triste, eu não gosto que ninguém perceba, eu não quero que falem: "aí, coitada, ela tá triste!" É lógico, dependendo da situação, a pessoa vai saber e vai sentir, não que eu não quero que sinta pena de mim, não é isso. Mas é assim, eu não quero passar coisa triste para as pessoas, sabe? Se eu tenho uma coisa pra falar, sem ser boa ou ruim, eu não falo"…

…"É, não gosto descontar, então era raro eu ter uma coisa assim, que eu lembre, que eu fiquei nervosa, ou magoada e comecei: " aí, eu tô triste!". Eu sempre fui assim de enfrentar. Não, até hoje, eu sempre tive e até hoje eu tenho, joguinho de cintura. Quando eu magoou sem querer, eu fico muito triste, muito triste. Que eu não sei, eu acho assim, que a vida da gente passa tão rápido! Se eu não puder ser melhor com as pessoas. Você fica só reclamando e não resolvendo. Isso desde pequena, eu falava assim, que coisa engraçada!"…

…"o amor que eu tive da minha mãe, foi assim muito grande, então eu acho que superou. Tanto é que eu acho que eu falo tão naturalmente de adoção, da minha vida…ah mas você conta? Conto, porque eu acho assim, então tem pessoas que se revoltam, sou adotiva, de graça, você na sua família biológica seria só mais um filho e, na sua agora, você é o filho, porque o casal foi atrás de você. Então eu acredito que não, eu acredito que tenha superado. É porque eu acho assim, E, pelo pouco que eu sei, né? É lógico, por exemplo, você gera um filho e fala: "eu te amo, eu te adoro, eu te quero" ou se você gera um filho e fala: "aí eu não quero, tá na hora errada" é triste também. Só que eu acho assim, a partir do momento que nasce, aí revela o que você é. Por isso que eu acredito, ai filha adotiva, só que e o amor que você dá? Porque não adianta você gerar com todo o amor do mundo e na hora que vem é totalmente detonado, digamos assim, então eu acho que não, eu acho que o que vale é o amor que você dá, então, você supera. Agora, as suas fraquezas, isso, então eu acho que você tendo amor, você tendo limites, você ser, eu não digo perfeito, mas um ser humano melhorzinho, vale a pena, é importante"…

(b) Alguns comportamentos auto-destrutivos para chamar a atenção da cuidadora substituta:

…E, normalmente, nos meus aniversários, eu me machucava no dia do aniversário, então tipo: bater boca, esfolava, sempre era no dia do aniversário. E ela falava: "enquanto eu tô fazendo o seu bolo, ce não pára, menina! Eu não parava mesmo, eu lembro muito do meu aniversário de três anos. Ela ia fazer uma festinha melhor, tal, então eu me lembro assim de muitas coisas daquele dia…

De modo mais racional, Paula avalia que a experiência do abandono não teve consequências negativas, na medida em que o amor da màe adotiva superou a privação da mãe biológica:

…"Eu acho que não, não, porque toda a rejeição que ela teve, que, normalmente, ela teve e não me quis, depois de todo o carinho e amor que eu recebi, supriu tudo isso, entendeu? Eu acho que não"…

(v) Outras perdas ou situações de risco e reações

Adolescência:

- **Perda do avô:** fase de desenvolvimento crítica, cuidou da avó,
- **Perda da tia:** um ano após a perda do avô,
- **Pai do namorado.**

"Não, eu vim a perder o meu avô com quatorze anos. Essa foi a primeira perda.
E: Esse avô?
"Esse avô. Então, foi assim, muito triste, nossa, foi muito ruim! Assim, porque a gente queria, eu lembro que quando aconteceu foi em casa, lá na casa dele, foi de repente, só que depois a gente foi se consolando. A gente ficou dormindo com a minha vó, na casa dela fazendo companhia, a gente revezava com as outras primas e foi, depois teve a minha tia que morava lá, logo um ano depois faleceu".
E: Você tinha dezesseis anos*?*
"É, era uma tia querida também, que morava ali, a gente sempre tinha aquele carinho, tal, eu lembro que foi e depois, nessa fase foi isso."

Reações:

a) Choro intenso

"Eu lembro de na hora chegar pra vizinha e falar: "o meu avô morreu, o meu avô morreu!". E aí, depois, eu chorei muito."…
"Não, eu acho que foi problema de coração, ele não quis ir pro hospital então ficou sendo cuidado na casa, depois a morte começou a fazer parte daquilo ali. Não, eu chorava muito. Eu pus pra fora, porque, nessa hora mesmo, eu chorava muito e punha pra fora, foi assim, chorei bastante, mas chorei mesmo. Eu não guardei."
E: Você participou dos rituais?
"Tudo, tudo."
E: Você lembra dos seus sentimentos na hora da perda?
"Eu lembro que eu chorei bastante e fiquei com a minha mãe. O tempo todo eu fiquei junto com a minha mãe. Eu queria ficar junto com ela"…
E: Você sentiu medo na morte do seu avô? Mudou seu sentimento em relação à morte dele?
"Mudou, porque na época eu lembro que eu fiquei assim muito triste, mas assim, eu já me adaptei digamos, com isso. Ah meu avô morreu, não, eu aceitei. Doeu muito tal, mas eu aceitei, não fica: "aí, eu devia estar aqui" - minha mãe saiu, eu falei mãe, cada coisa acontece no seu tempo. Não dá pra mudar isso"…

b) Aceitação:

E: Você sentiu que a perda da sua tia foi diferente pra você?
"Não, eu senti também, porque ela era muito próxima, era irmã da minha mãe, sempre ali, mas, depois, também não, na hora senti muito, chorei, mas depois aceitei. Acho que é essa palavra, aceitei"…

…minha avó já era aquela pessoa autoritária, então ele acabava controlando, ficava só ali a minha vó com aquela autoridade, os filhos sempre fazendo tudo, tal, então eu achei que pra nós foi mais complicado, porque todo mundo ficou assim com muito dó da minha vó, lógico, né? Minha mãe fazia tudo que ela quisesse e de repente agora, a gente analisando, não eram tão corretas, né? Tipo assim, que o filho fizesse tal coisa, ele ia prejudicar a família dele, mas ela queria, coisas assim"…

- Reações à perda da tia: o impacto esteve mais relacionado às perdas secundárias, como a perda da união familiar, as mortes sucessivas do avô e depois da tia desestabilizaram a rotina da família:

…"Essa perda da minha tia também, ela deixou duas primas e o pai veio a falecer. Então, as minhas primas ficaram sozinhas, morando com outros parentes, eu lembro que foi, hoje analiso, pra elas foi muito difícil. Foi assim muito difícil, então foi pra toda a família. Então eram doze filhos e acabou, porque a família do meu pai eu tinha contato, mas não tanto, mas a família da minha mãe eu convivia com eles, ali, dia-dia. A relação era mais forte, né? Até hoje, é uma coisa engraçada, que eu saí de lá da casa da minha mãe e ela veio morar conosco, até arrumar a casa dela, tal, eu falei assim pra ela, mãe: "se eu tivesse dinheiro, né? Mas não tenho no momento, eu reformava a casa da vovó" - porque tem um pomar assim, mas está tudo abandonado, porque meu tio é solteiro e não tem casa, então ninguém quis mexer pra não tirar com ele dali, porque ele não tem pra onde ir. Então, eu falei pra minha mãe que eu queria, lembra? Porque os natais, a gente fazia lá em baixo, cada um pegava a mesa da casa e levava, sabe assim? Era uma coisa boa, gostosa, tinha discussões, fofoquinhas, mas pra gente era de muito carinho, muita união, então era engraçado, porque ao mesmo tempo que a gente sentia esse carinho, a gente sentia que uma tia não gostava muito da outra. Eu sei que hoje a gente tenta não fazer isso, não tem esse tipo de intriguinha, fofoca e na minha época tinha e isso prejudicou bastante a minha mãe e a mãe dela. Por exemplo, falava, daí ficava uma chateada com a outra, então hoje, foi bom tudo isso que nós vimos, pra hoje a gente ser diferente. O mundo falso, aquela falsa amizade, tudo isso mudou, porque eu realmente gosto da pessoa e não por obrigação ou pra falar dela. Hoje existe pessoas que falam, então isso que a gente conviveu ali, foi bom porque no nosso viver, nós conseguimos não ser assim. Sabe, você vai ser verdadeiro e não, ai vem aqui, ai fulano fez, ai eu não, na época acontecia, falta de Deus. Eu acho que isso é muita falta de Deus no coração, né? Não é ficar falando do próximo, ce tem que se olhar. E até hoje a gente retoma muitas vezes e fala"…

- **Reações à perda do pai do namorado:** enfrentou o sentimento de impotência e reconheceu, aceitou, enfrentou e elaborou os sentimentos e pensamentos acerca da morte e do luto desta pessoa querida.É possível afirmar que esta experiência foi saudável, na medida em que favoreceu este comportamento diante da morte.

…"De poder estar ali, fazer uma coisinha a mais. Então eu vejo depois, mais uma época depois eu namorava um garoto, tinha uns quinze anos, faleceu o pai dele e eu lembro que eu fiquei, eu gostava muito dele, era muito brincalhão, gostava muito de mim, tal e faleceu em casa e eu lembro que eu fiquei pondo algodão, tirando algodão; ele tinha pavor de colocar e eu, na pouca intimidade que eu tinha, eu pude ficar ali e agir naturalmente. Eu não podia fazer nada, faleceu…faleceu, vamos rezar. Ele era uma pessoa idosa tranqüila"…

Vida adulta:

- aborto: ficou em choque, triste e angustiada, mas se esforçou, usando recursos cognitivos e emocionais, para se reorganizar rapidamente. Assim como aparece no relato sobre a revelação de sua origem, quando entra em cena o sofrimento e a ambivalência por uma situação específica, Paula nega seus sentimentos e bloqueia seus pensamentos sobre o fato:

…"E depois de três meses que eu casei eu tive um aborto, foi uma perda também muito dolorida, né? Porque foi assim, nós não esperávamos ter um filho tão cedo, daí, com quase quatro meses eu perdi, foi assim numa consulta o médico falou: "ai, você perdeu!" eu fiquei em choque, né? Então foi muito triste! Mas foi uma coisa meio, eu fiquei abalada no tempo, mas depois eu não fiquei assim: aï, porque aconteceu isso? " Não, eu nunca fui assim, de choramingar muito o que aconteceu. Eu falei: "é a gente fica, mas bola pra frente." Porque você tem todo aquele período de coisa, mas depois a gente, eu consigo, graças a Deus!"…

(w) Outras situações de risco:

- Segredo sobre a adoção e posterior descoberta sobre a adoção por meio de um estranho;
- Comportamento da mãe frente às sucessivas doenças, preparando Paula para sua eventual morte, gerando ansiedade, medo do abandono e esquiva como defesa.

O comportamento de apego na vida adulta

Contexto Familiar:

Atualmente, Paula está com trinta e quatro anos, casada com Marcelo há quinze anos e é mãe de dois filhos: Miguel, com onze anos, e Laura, que foi adotada recém-nascida e, hoje, está com dois anos de idade.

Trata-se de uma família de classe média-alta, ele comerciante, ela profissional da área de humanas que vive numa cidade do interior de São Paulo, a mesma cidade em que Paula nasceu. Sua mãe foi morar com eles, pouco tempo depois que aconteceu a separação com o pai adotivo de Paula. A família é católica praticante.

(a) Figuras de Apego: mãe e marido

(b) Características dos relacionamentos de apego e percepção do comportamento dos pais:

Percepção da relação com a mãe:

Paula comenta que ao longo da vida, o relacionamento com a mãe se manteve com as mesmas características, sendo que a dependência da mãe aumentou, na medida em que ela se separou do segundo marido e foi morar com Paula, há dois anos.

Paula ainda tem dificuldades de lidar com a ansiedade e comportamento invasivo da mãe em sua vida pessoal, mas a relação é percebida como muito positiva, assim como a inversão de papéis, na medida em que Paula atinge sua meta de apego, mantendo proximidade com a mãe por meio de seu comportamento como cuidadora dela:

"Entre nós? Não, porque a minha mãe, olha, a minha mãe, continua comigo grudada, o meu pai é mais distante, mas é ligado, quer dizer, praticamente continua a mesma coisa. Só que, lógico, a minha mãe me respeita, pelo fato de eu já ser casada e mãe, né?…
… a minha mãe continua super chegada conosco, tanto é, que nós moramos ali e há dois anos atrás nós falamos pra ela, nós construímos um quarto pra ela na casa, pra ela morar junto, eu falei, você vai ficar sozinha fazendo o quê? A minha vó já tinha falecido, né? "É muito doloroso" - ela falou – "então eu vou ficar um tempo"… Então, nós conseguimos trazê-la pra casa. Estamos juntas, digamos assim, mas ela tem o espaço dela…
…Olha, a minha mãe, quer dizer, a gente convive juntas e é complicado, digamos assim, mas a minha mãe ela tenta fazer o melhor possível, ela mudou muito, amadureceu muito, digamos assim. Então, muita coisa da forma que ela era, ela já não é mais, então, deu pra melhorar o relacionamento. Então, essa insatisfação, eu tento entender, porque ela já está com quase setenta anos, ela tem manias, mas o que que a gente vai fazer com as manias? Não tem como. Essa preocupação dela comigo, às vezes, eu fico nervosa, ela faz mais do que deve, então, às vezes eu deixo quieto…

… Na minha mãe me satisfaz assim, o fato de ela cuidar com todo o carinho da minha família, do meu marido, dos meus filhos e eu poder estar olhando ela, estar com os olhos em cima dela…quer dizer, eu acabo invertendo os papéis e, porque um pouco antes da minha vó falecer, ela se casou com uma pessoa, porque ela tava muito infeliz, tal e eu falei: "mãe eu dou a maior força pra senhora, o que a senhora quiser fazer" e ela se casou com essa pessoa, uma pessoa de idade já também, então daí e ela sonhava, tipo assim: "eu vou ser feliz no casamento" e eu fiz, na medida do possível eu fiz uma festa de casamento, fizemos um bolo, sabe, bem assim, daí ela casou e três anos e meio depois, ela tava muito feliz e ela falava: "puxa, como eu sou feliz!' e eu ficava contente…mas eu passava e um dia eu peguei ela chorando e eu comecei assim, eu não podia fazer nada, como que eu falo pra ela, aí ela vai falar você foi à culpada de eu não, eu falei, tenta, vai tentando, faz isso, faz aquilo, mas eu já fiz, acho que ele não bate bem, não sei o que, foi, foi, daí nós só falávamos uma coisa: "o que a senhora precisar a nossa casa está de portas abertas pra senhora, tal, tal, tal. " Então um dia ela falou: "ai, não dá mesmo". Então, eu falei: "não tem problema nenhum, então o quê aconteceu?" Ela retornou…

…E acabou conciliando, então, a minha satisfação tá sendo assim, como eu te falei o dia-dia, é muito duro, tem dia que a gente tá de mal humor, tem dia que a gente tá meio bravo, mas de uma certa forma, a gente tem muito carinho uma pela outra. Eu parei de trabalhar no período da manhã, porque ela tava muito triste, muito deprimida, eu passei, sabe assim ir na feira com ela, sair os mínimos detalhes, ir no supermercado com ela, para eu poder dar uma atenção, porque eu falei vai que um dia de repente se vai, eu tenho que aproveitar o momento, curtir, né? Então, tem o trabalho, o marido, então eu pude fazer'…

Percepção da relação com o pai:

Ao longo do tempo, a relação com o pai ficou cada vez mais fria, principalmente, após a separação, quando o pai passou a assumir valores e comportamentos que eram inviáveis para a convivência com a família. Paula ainda sofre pela perda da figura masculina, na medida em que desejava que seu pai fosse mais presente, emocionalmente, com relação aos netos, mas isto aconteceu de forma muito esporádica e ele não se tornou uma figura significativa na vida dos netos, assim como foi na sua vida:

"Meu pai é assim também, de repente ele cai assim em casa. Ele sabe que eu sempre compro um presente pra ele, tá ali separadinho. Então, também eu não ligo porque eu sei que ele é assim…

Com que frequência você vê seu pai?
P: Uma vez por mês.

…O meu pai…ele vai em casa de vez em quando, então - "tá tudo bem? – "Não tá". Se ele precisa de alguma coisa ele me dá um alô, fica nesse sentido, nada que mude, digamos assim, ele vai raramente em casa…eu gosto que ele vá em casa pros netos terem um avô, porque precisa do avô, porque não tem do lado do meu marido, então. o meu pai não tinha como chamar de avô, porque via raro, sabe? É tão gostoso ter um avô e ele não tem. Sabe aquilo, vai pescar com o avô, ele não tem isso, então o dia que meu pai foi em casa, nossa, eu fiquei super contente, porque é a presença do avô pra ele. A Laura chega""Vovô, vovô!" - quer dizer, eu acho uma presença importante, né? Ele me satisfaz muito…porque ele, não tem como eu querer ele em casa, não dá. Ele tem outras idéias, ele é daquele homem que tá achando que tá arrasando, então não tem como, então dele ir em casa, dele ir ver as crianças, ficar um pouquinho, isso eu fico muito contente, acho que isso aí basta pra mim"…

Percepção das consequências das experiências da infância na vida adulta:

- **Da relação com os pais adotivos:**

(a) Insegurança quanto à adequação e eficiência do seu comportamento.

(b) Comportamento de mediação com os outros membros da família.

(c) Preocupação excessiva com o desempenho dos diferentes papéis (filha, esposa, mãe e profissional).

(d) Honestidade.

(e) Relacionamento com os filhos.

(f) A convivência conflituosa dos pais fez com que Paula lutasse para construir um relacionamento muito harmônico e respeitoso com o marido. E desta forma, a relação com ele tornou-se fonte de segurança e apoio para Paula.

(g) A experiêcia da adoção é muito valorizada por Paula como uma chance de pertencer a uma família e trocar amor com seus pais adotivos.

(h) Paula necessita retribuir o amor que recebeu e muito do seu comportamento é influenciado por esta necessidade.

O comportamento de cuidador na maternidade

(a) Relacionamento com os filhos:

Paula utilizou os seguintes adjetivos para comentar a relação com os filhos:

Relacionamento com Miguel:

1. **Carinho:** Paula aponta que o comportamento afetuoso foi aprendido por Miguel ao observar seu comportamento. Desta forma, Paula valoriza, de forma indireta, a si mesma como cuidadora.

…"Ah de carinho… olha, volto a lembrar, é aquilo de trazer café na cama, o Miguel me traz. No dia das mães, ele foi antes do Marcelo, a bandeja estava assim (menciona estar bagunçada), o café estava frio, mas ele trouxe, tudo arrumado na bandeja e foi com carinho que ele fez isso, porque ninguém mandou ele fazer e é o que eu passo muito isso pra ele, eu faço muito isso pra ele. Não faço por obrigação, eu faço por carinho, tem dia que ele fala: "Mãe, traz café na cama pra mim?" - Eu falo; "Filho, hoje não dá, já estou saindo, hoje não dá!" - "Ah mãe" – "Aí, filho, hoje não dá!. Sábado eu faço pra você!" Então, reflete muito isso"…

2. **Amizade:** Paula comenta sobre a estrutura moral pró-social do filho, sua postura que provoca empatia na pessoas e alimenta a necessidade de aceitação presente em Paula da infância à vida adulta e, agora, refletida na conduta dos filhos.

…"É, quando a gente precisa fazer alguma coisa e mesmo com isso de amigos, amigos são amigos, perde muita coisa pra conservar uma amizade, então eu acho assim, que ele comigo, com os amigos nossos assim, não sei, ele é muito amigo, que nem eu sou. Chega, por exemplo, chega um amigo em casa, ele fala, fica à vontade, até demais, ele não tem parâmetro, fica à vontade, quer comer alguma coisa, quer fazer tal coisa? Se chega um amigo do Marcelo ou meu, você quer tomar um refrigerante, o senhor aceita uma cerveja? Ele fala assim, né? Estilo assim, da amizade."…

3. **Personalidade:** a semelhança de temperamento entre mãe e filho é apontada por Paula como uma característica difícil de manejar na interação com Miguel.

…"A personalidade é calma, tranquilo, que nem eu. É assim; ao mesmo tempo em que ele é calmo, tranqüilo que nem o pai, ele pede tal coisa: "Mãe, tal coisa não pode, pode?". Ele é muito assim, entendeu? Então, eu vejo que ele é igualzinho a mim, então, ao mesmo tempo que está tranqüilo, em casa, ele, e eu sou assim também, explode, depois fica tudo bem, é igualzinho a mim. Eu falo: "Calma!' mas, eu estou me vendo. E o momento é assim; cinco segundos, mas não dá pra controlar, eu não consigo de vez em quando, mas ele também não consegue."
E: Pelo fato de ser igual, é difícil ou se torna mais fácil pra você? O que acontece?
"Olha, é difícil, é assim, eu tento fazer essa leitura, então eu não posso fazer demais, eu tenho que me controlar, ele não pode fazer isso, mas eu não, eu falo, não pode, só que ao mesmo tempo, eu defendo o meu também. Eu reprimo ele tal, mas eu sei que ele me vê"…

4. **Honestidade:** Paula busca desenvolver esta consciência de forma bastante rígida com Miguel, como tentativa de dominar o medo de perder o controle sobre o comportamento do filho.

"..É assim, por exemplo, não sei quem que assistiu e perdeu dez centavos, sei lá e ele falou: "Não, vamos entregar porque é dele." Muitas vezes, uma vez deram o troco a mais, eu fiz ele voltar – "Mas mãe, o moço nem percebeu!" - fiz voltar – "Depois vai ser descontado do salário dele e não é certo, filho. Depois você pede desconto!" - ele até brinca – "Mãe, eu vou pedir desconto". Você está entendendö? Mas assim, honestidade neste sentido"…

5. **Amor:** Paula compartilha seus momentos de ternura e aconchego com o filho e aponta que ele se sente à vontade para solicitar carinho, quando necessita:

"Amoroso, é assim: "Mãe, vem dormir comigo mãe". Ontem aconteceu isso, nós fomos na padaria e ele pôs o braço em cima de mim, sabe? "Mãe, está assim - mãe, eu fui pegar tal coisa" - ele quis me proteger, sabe, quando você sente? Agora, faz um tempinho que não, mas quando a gente saía, ele punha o braço em cima. Eu sentia um prazer imenso, que delícia aquele carinho! Mas quando responde, eu pego firme nele, eu fico, né? Você não quer que responda, quando ele é amoroso, é uma delícia! – "Dorme comigo hoje mãe, mãe, vamos dormir juntos? Vamos, mãe? Faz não sei o quê" - eu faço, largo tudo que eu tiver fazendo, Marcelo, cuida da Laura? Aí eu vou, né? É imenso e às vezes ele quer deitar junto comigo. Largo o Marcelo e vou, mas ele é carinhoso nesse sentido, muito carinhoso"…

Relacionamento com Laura:

1. **Carinho:** Paula aponta os momentos em que Laura, apesar de pequena, já consegue compartilhar atenção e carinho da mãe com outras pessoas.

…"É, carinho no sentido de, a gente sempre tem aquele, por mais que ela seja pequenininha, a gente passa, por exemplo, vamos levar, por exemplo, isso pro papai, né? Pra ela aprender, vamos levar, olha, esse aqui é do papai, vamos levar esse pro Miguel, e ela fala: "Vamos levar mamãe, vamos levar pro Miguel" - ela faz isso com carinho, né?"…

2. **Personalidade:** Ela relata que o temperamento e a personalidade de Paula demonstram maior determinação e, portanto, intransigência, o que se torna difícil para Paula em algumas circunstâncias, principalmente, em situações sociais:

…"Personalidade, ela tem uma personalidade; o que ela quer, ela quer, o que ela não quer, ela não quer mesmo, então eu falo, é igual, ai meu deus do céu! Só que ela não é calma, não tem esse lado calmo tranqüilo, não, é tudo, ela não para um minuto, tudo ela fala, tudo ela questiona nessa idade. Então, nesse sentido, ela sabe o que faz. Não pode, não pode, e ela, dá um jeitinho e ela vem, sabe? Até conseguir o que ela quer, então ela bate muito com a minha"(rs)…

3. **Amizade:** Neste relato, Paula demonstra sua necessidade de garantir um bom relacionamento social dos filhos, desde a mais tenra idade, o que revela seus modelos internos influenciando fortemente sua atuação como cuidadora e sua expectativa com relação aos filhos, como sua continuidade no contexto social:

…"Amizade, por exemplo se você pede tal coisa pra fulano, ela dá. A gente vê muito isso, às vezes ela está brincando com o brinquedo e agora ela tá começando a dar, então ela tá com uma bala, um pirulito, vamos dividir? Então você dá um dropes pra ela, você não quer dropes? Quer? Ela dá. Com amizade, com as pessoas, na escola ela se relaciona com todo mundo. Ela vai e pula, todo mundo brinca com ela, ela fala e os professores, eu já levei uma violeta pra todos, porque é o que eu faço pro Miguel, sempre fiz pro Miguel, filho, tem que dar pra todo mundo. Quando ele tava na quinta, eu falei - meu deus! - agora um monte de professor, falei, não, mas a gente dá uma lembrancinha, vamos dar pra todos. Mas o carinho não está no presente, é a lembrança, você vai fortalecendo a amizade"…

4. **Muito amor:** Paula aponta os gestos de carinho que recebe da filha, que reforçam o sentimento de aceitação e importância na vida dela:

…"Amor ela vem e passa a mão no rosto, com muito amor ao mesmo tempo, assim quando ela te vê no canto, que aconteceu, mamãe? Então aquele carinho de você está ali junto, aquele amor, né? E é muito gostoso, ela passa isso pra gente"…

5. **Atenção:** Paula descreve a manifestação de apego da filha, solicitando atenção e desenvolvendo estratégias para atingir sua meta em relação à parceira com a mãe:

"Atenção ela, atenção seria no sentido dela prestar muita atenção. Ela pede por exemplo, quando nós estamos assim, juntos, ela quer toda a atenção devida a ela, ela vem, ela pede colo, dá colo mamãe, ela pede atenção especial pra ela."

(b) Percepção sobre seu desempenho como mãe:

Ao se deparar com a expectativa de avaliação dos filhos sobre sua atitude como mãe, Paula demonstra como sua meta com relação à parceria com os filhos, enquanto cuidadora, é influenciada pela meta construída em relacionamentos de apego, ou seja, sua necessidade de agradar para garantir suas relações de apego, confundiu-se com seu papel de cuidadora, de provedora de segurança, conforto e amor, e neste papel, Paula busca ensinar aos filhos, os mesmos valores que nortearam seu medo de ser abandonada:

…"Ah, eu quero, por exemplo, que a amizade seja muito importante, eles tem que saber disso, ***que a gente não vive sozinho****, porque dinheiro não é tudo, a gente pode ter dinheiro hoje, sabe, eu acho que isso é muito importante,* ***mas não é só isso, que aproxima das pessoas****. Sabe, eu acho assim, o que eu penso é assim,* ***E, que a gente está aqui pra fazer uma diferença****. Você pode fazer diferença, se você conversar na sua família, com as pessoas que você convive, então, isso que eu queria que eles crescessem com isso. O ser humano não é fácil, nos temos os nossos defeitos, as nossas qualidades, só que a gente tem que procurar ver a qualidade do outro, sabe? Isso que eu acredito, eu acredito.* ***Por exemplo, se você é uma boa mãe, que você procure ser uma boa mãe, se você é filha, que você procure se uma boa filha. Eu quero que você faça um pouquinho a diferença, um carinho, uma amizade, está faltando hoje****. Então eu queria assim, que eles tenham a palavra, né? Vou fazer? Vou. Não posso, não posso, mas eu vou fazer, me comprometia afazer. Muita gente está esperando isso de mim, né? Então eu queria, eu não sei, eu queria que eles crescessem assim. Respeitando o próximo, que a gente procura passar bastante, porque eu acho que eu acho que precisa muito isso, muito, muito isso"…*

Além disso, Paula avalia que é uma boa mãe, preocupada, carinhosa, responsável, que estabelece limites quando necessário. Reconhece que cometeu alguns erros, mas ressalta sua intenção de oferecer uma relação com os filhos mais adequada do que as que viveu durante a infância com a màe biológica e adotiva. Seu propósito é superar o modelo de cuidados maternos que teve; sendo menos ansiosa, e mantendo o padrão de carinho e disponibilidade afetiva que encontrou na mãe:

E: Como você se descreve, como mãe?
*"Olha, eu sou muito assim, **preocupada**, assim, eu quero que seja, por exemplo, **responsável**, você tem que se impor e se eu tenho que levar ele em tal lugar, fazer alguma coisa, eu fico muito preocupada e se eu não consigo fazer, eu me desdobro para fazer. Acredito que eu seja uma **boa mãe**, **porque eu tô sempre presente em tudo, eu vejo lição da escola, né**? Eu vejo que tem pais que não se importam e dia dos pais, e dia das mães, não se incomodam se ele fez uma tarefa, não se incomodam, então eu me preocupo muito com isso, em estar presente. Se o Miguel quer se reunir: "aí, que legal! vem aqui em casa, vamos se reunir aqui". Então, se os amigos tem algum aniversário pra ir, eu levo. Então, eu acho assim, eu sou uma boa mãe nesse sentido. Mas, eu sempre vejo, Miguel, você cortou a unha? Vamos cortar a unha, Miguel. Sabe? Porque eu acho que eu me preocupo; "ai, você cortou o cabelo? Acho que tá na hora de cortar o cabelo, eu me preocupo bastante com isso, tanto da parte física quanto da parte, porque eu acho que precisa cuidar, né? Se você não tiver ali, vamos ver se o cotonete tá limpo, não dá, é uma idade assim. Então, eu acho que sou uma boa mãe, me preocupo, **rezo muito pra eles**, **nas horas que tem que ser mais brava, mais enérgica, pra saber, pra não perder o controle**, que nem esses dias que ele mentiu pro pai dele, ele foi pro shopping, eu tinha um compromisso e ele foi, então a hora que eu soube, como está no shopping? Eu achando que ele estava em casa. Eu falei: "meu Deus, eu não vou bater, porque se eu bater, de repente eu vou perder o controle assim, vai ser demais e eu não quero fazer isso" - então eu cheguei, dei uma bronca e ficou de castigo. Eu achei que valeu a pena, então eu sempre me preocupo, será que eu estou sendo certa, mas eu sou instintiva assim, eu me preocupo bastante. Mesmo com a Laura, é bonitinho, tal, mas na hora pode; pode, não pode; não pode. E ela entende, né? Então às vezes ela fala, boba, feia, não pode falar assim com a mamãe. E aí ela faz assim, fica quieta, ela sabe que ela fez errado. Às vezes eu falo pro Marcelo, vai lá ver como é que estão os dois, mas agora que eu impus, eu não posso voltar atrás. E é mais ou menos por aí"…*

(c) Percepção dos filhos:

Paula percebe os filhos como uma extensão de si e, como tal, sua interpretação acerca dos estilos e comportamentos dos filhos é extremamente contaminada por suas auto-críticas e exigências com relação a si mesma, e eles passam a ser mais valorizados por estranhos, do que pela própria mãe, que se encarrega de orientá-los e criticá-los para corrigir o comportamento, a fim de garantir a estabilidade de vínculos amorosos, sociais e profissionais.

(d) Percepção do relacionamento:

Inicialmente, destaco as expectativas de Paula acerca da relação com os filhos, da necessidade de ensinar os filhos sobre aceitação e resignação diante das adversidades da vida, além de incentivar a auto-estima deles e o conceito de família, tão desgastado em sua família de origem:

…"Olha, eu gostaria que ela fosse assim uma pessoa feliz, né? Que todos os problemas que passassem na vida dela, ela tivesse a força de ter Deus no coração e fosse feliz. Eu preciso superar isso, vou poder fazer um pouquinho melhor, vou ter carinho com o próximo, então, eu queria passar isso. ***Sabe, ser honesta, coisas boas. Que vingança não é nada****, que o que você tem,* ***você tem que ser feliz com o que você tem. Que você pode aproveitar as oportunidades acreditando em você. E que a principal coisa na vida assim, é lógico que depois de Deus, é a família, você tem uma família, você tem amigos e você é feliz.*** *Era isso que eu queria passar, eu queria que ela crescesse com isso, né?"*

Paula aponta que a relação com o filho é ambivalente por envolver o senso de proteção e estabilidade, mas ao mesmo tempo, exigir sua postura de responsividade como cuidadora, exigindo-se felicidade, eficiência, e presença constante na vida dos filhos, a despeito de sua vida profissional:

"Olha, ***ser mãe do Miguel é muito bom, porque ao mesmo tempo que ele é grandão, ele é carinhoso****, ele fala: "mãe, dorme comigo hoje?" Eu vou e durmo com ele. Ele tem tudo em cima dele, quer dizer, dá uma satisfação ver que esse filho que eu estou criando, ter esse menino grandão, bonzinho. É lógico que nessa fase agora tá meio complicado assim,* ***porque se eu não precisava impor limites, eu tenho que impor agora****, né? Nos lugares onde eles vão, em casa ele é mais safado, mas por aí ele é um…sabe, um "homão", então todo mundo, aí ele é um amor, pode deixar ele vim, eu falo pra ele, é importante a gente se dar bem com todos, ter esse carinho, porque a gente é bem vindo em qualquer lugar.* ***Então assim me sinto muito feliz. Ao mesmo tempo, preocupada, porque é uma fase de preocupações, porque a gente tem que estar em cima, muito…isso em tudo****. Tanto nessa parte sexual, quanto na parte afetiva, eu fico meia, eu fico pensando, ele tá lá, será que não tem alguém com drogas? Isso é muito visível hoje em dia, não adianta você falar: "ai meu filho não vai ter isso, vai sim. Ele tem que estar preparado pra dizer não, então eu vejo que a gente tem essa necessidade de ser muito amigo e expor tudo isso. "Se acontecer assim, assim, assim, sai fora, porque se não é isso" e você fica, será que ele vai conseguir fazer isso, né?"*

E: Então eu queria que você falasse um pouquinho de como você se sente sendo a mãe dela?
"Olha, não, a Laura pela fase que ela está, aquela fase graciosa, ela tem uma personalidade forte, porque quando ela fala não, é não! ***Você tem que saber dar os limites também, mas pra mim, por exemplo, como mãe, por exemplo, é lógico, a Laura veio por adoção, nunca eu pensei: "nossa ela é, tal coisa, ela é assim porque não sou mãe" - de forma alguma, pelo contrário, eu até esqueço.*** *Assim, não fico - aí, ela é parecida? Não, pelo contrário, eu olho pra Laura e falo, nossa, igual a mim, elétrica. E é engraçado, porque acaba assim, não dando o enfoque que ela foi adotada, né? Não sei, é uma forma assim, não vou esconder, mas para mim os dois são assim, iguais. O carinho que eu tenho pelo Miguel, ai ele não veio, vou deixar um pedaço de doce pra ele, vou guardar também pra ela. Então, eu antes de ter a Laura, eu falei: "Aí, meu Deus, ela vai ser meu segundo filho" -* ***será que, porque tem mãe que dá preferência ao primeiro filho? - graças a Deus eu tô por igual, porque eu penso em um e eu penso no outro.*** *Eu penso esse lugar vai ser bom pro Miguel? Eu sempre peso isso. A não ser que tem lugares que hoje vai ser o dia que o Miguel vai aproveitar mais, amanhã a Laura vai aproveitar mais. E eu falo pro Miguel, olha hoje, nós vamos num aniversário infantil, mas tem seus amigos, você fica conversando. Ela vai aproveitar mais, dependendo do lugar, ele proveita mais.* ***Muitas vezes, eu fico até meio dividida, o que eu vou fazer hoje? Para os dois…. vou priorizar e se por acaso tem que priorizar ela, que é menor, eu converso com ele, pra não ter esse negócio, não sempre ela.*** *Eu não estou fazendo isso, porque sempre vou e falo: "Olha Marcelo, pega a Laura porque agora eu vou estudar com o Miguel" e ele vê a importância dele comigo, né? Porque acho isso muito importante, porque essa idade toma muito tempo, é vinte e quatro horas, então se eu não dosar isso, ele vai reclamar amanhã e não pode, né?"…*

(e) Dificuldades como mãe

(a) amamentação;

(b) sentimentos ambivalentes de raiva e culpa, preocupação e alívio;

(c) sentimento de vergonha pelo comportamento inadequado dos filhos.

…"com o Miguel, o que foi muito difícil pra mim, foi amamentar, foi, assim, uma coisa que eu não sabia se eu não sabia amamentá-lo, leite eu tive muito pouquinho, durante um mês só, todo mundo falava, aí secou por causa disso, mas eu não sei, cada vez que eu ia amamentá-lo eu chorava, não era uma coisa assim que eu me dava. Eu fiquei assim muito triste, era uma coisa assim muito angustiante, porque eu queria dar, mas ao mesmo tempo eu não conseguia, então eu foi muito ruim essa parte do Miguel de amamentação, então eu não conseguia, de forma alguma e quando amamentava, amamentava chorando, eu não amamentava satisfeita…
… Agora da Laura, da Laura assim, não, ah se eu falar, você vai rir, por exemplo…e vem uma pessoa e fala, uma pessoa muito querida, ela deu um tapa no rosto da pessoa, então foi assim angustiante, porque é minha filha, então você, ela fez errado, mas é minha filha. O que eu posso fazer? Eu pedi desculpa pra pessoa e a pessoa é uma pessoa assim que não sabe lidar, você chega e daí fala, aí ela está com sono, ai, ela é boazinha. Mas aí você bate, que nem a Laura, bateu assim no rosto da pessoa, ela faz isso quando não gosta ou quando ela não tá boa, né? A gente conhece. Eu fiquei, sabe uma pessoa assim que eu não tenho, não é tão íntima assim, então eu me senti muito mal…Você não sabe o que fazer, eu me sinto muito mal, mas foi o ocorrido, eu não tinha como fugir da situação, né? Tinha que enfrentar...eu senti vergonha, vergonha. Falei: "Aí, minha filha, que vergonha fazer isso!" Eu senti vergonha."

E: Como é que você lidou com esta questão da amamentação?
…"Olha, eu colocava, tentava dar, mas era pavoroso, até eu lembro que eu brincava que eu ficava, vai pegar, vai pegar, pegou! Quando ele pegava eu chorava, chorava, eu nunca consegui sugar pelo sugador, não tinha, eu tinha pânico! Eu tinha dores, eu não conseguia, daí o que aconteceu? Eu ia dando, daí quando foi perto de um mês, eu lembro que foi quando meu pai olhou pra mim, eles tinham acabado de se separar, no mês. E o leite secou, tal e aí, eu fiquei muito nervosa e foi de repente. Ao mesmo tempo em que eu sentia um alívio, eu ficava preocupada. Eu falei puxa vida, o meu filho agora vai ficar sem leite, daí eu liguei pro médico, perguntei qual era o melhor leite que pudesse dar, porque eu não conseguia fazer aquilo, porque por mais que eu tentasse doía muito, eu não conseguia, né? Então foi isso que aconteceu… eu ficava angustiada, porque ao mesmo tempo que eu queria, eu não conseguia
…. Tanto é, que quando nasceu a Laura e a Laura veio, todo mundo falou: "mas você não vai poder amamentar" porque eu tava tomando anticoncepcional, então eu não fiz o trabalho de amamentar, eu falei, com o amor que eu tô dando esta mamadeira, eu acho que vale muito mais do que o seio, porque eu já tinha esta experiência. Eu pegava o Miguel assim, sabe? Não me toca que vai doer. E eu dava a mamadeira com aquele carinho, aquele amor, né?"…

(f) Necessidades como mãe:

- ter parâmetros para agir com os filhos; dominar o sentimento de insegurança
- fazer com que os filhos superem suas "deficiências" de comportamento:
- participar da vida dos filhos, buscando superar os modelos que entende que não funcionaram em sua infância :

- proporcionar cuidados eficientes e ter controle do funcionamento das coisas e das pessoas a sua volta:

…"Com o Miguel eu observava muito as outras pessoas, amigas, primas. Eu via o que era legal que elas faziam, eu tipo assim, ai vamos sair aos domingos, vamos levar, sabe, no parque, tal então muitas vezes que tinha vigilância do primeiro filho. A minha mãe tava ali, mas eu nunca dependi dela. Eu que queria dar banho nele, quer dizer, ela me auxiliava bastante, lógico, mas eu queria eu fazer. Então era assim, eu fazia, o que eu vou proporcionar pra ele, o que vai ser legal? O que vai mudar, o que que eu vou fazer?… o Miguel eu quero sempre que ele esteja aparecendo bem. ***É o que eu posso oferecer, é o que eu posso fazer como mãe.*** *Agora, a Laura, ela, quando nós pensamos em ter o segundo, eu não busco, porque eu acho que esse amadurecimento já me veio, entendeu? Eu fico com ela pra cuidar dela…eu que gosto de cuidar, que eu que gosto de ficar com ela. Claro que tem hora que você fica exausta. Eu que quero fazer as coisas dela sabe, arrumar a mala, eu não deixo pra empregada arrumar a mala, mesmo trabalhando agora dois períodos, eu que quero fazer estas coisas, né?* ***Participar direto."***

"Eu tento ver os pontos positivos e negativos que me rodeiam, pra eu saber ser."

.. "Miguel, por exemplo, ele tava com uma, ele tem uma certa dificuldade em leitura, então vem vindo, daí ele tava fazendo fono muito tempo e não resolveu. Daí eu falei: "então vamos, ele passou na escola e o conteúdo ele domina super bem. Mas a parte de leitura ele está lendo muito errado e na escola, ele está nesta escola há muito tempo. A escola é boa e vem passando isso pra mim, faz um bom tempo. Então, eu fui levá-lo em um lugar e eu fiquei, o que que eu faço? Já tinha professor particular, eu já estava estudando com ele, não dá, não melhorava, daí eu fui na escola e pedi uma orientação, né? Daí ela falou, vamos encaminhar pra uma psicóloga e vamos ver se ela consegue definir. E foi o que ela fez, ela fez um direcionamento e ela viu esta parte de dislexia, que não há esta conexão, por mais que ele escreva criança com, embaixo ele escreve criança com s na mesma frase. E fica tudo normal, tudo lindo maravilhoso, então eu me preocupo bastante. Eu não estou sabendo como ajudá-lo…
…Eu não sabia nada, porque até então quando ocorre alguma coisinha assim, eu vejo alguma coisa eu falo o que que eu poderia fazer? Converso muito com o Marcelo, o meu marido, será que a gente tá fazendo certo? O quê a gente pode fazer pra melhorar? Por exemplo, será que precisa mais tempo, ficar mais tempo junto? O que a gente tem que fazer? Então a gente sempre senta e vê isso, com o Miguel, eu vejo que de repente tem que parar e estudar com ele. Eu fiz e não resolveu, pus uma pessoa diferente, também não resolveu. E é um problema que não tem como resolver. E agora ela definiu e eu passei pra escola, só que veio a ansiedade. No máximo, ele fica preocupado - está difícil…
…É ruim porque eu tô vendo que esta parte eu não tô conseguindo. É muito, por mais que eu tenha trabalhado, ainda está faltando alguma coisa. Então, eu vejo muito que eu estou enfrentando, estou em busca, entendeu?"…

(g) Sentimentos

Raiva: relacionada a momentos de irritação com os filhos. Paula aponta que a maneira de expressar este sentimento é batendo neles, mas que busca se conter. Paula comenta sobre um episódio no qual, Miguel roubou um salgadinho do supermercado, infringindo as regras quanto à honestidade, conceito valorizado e imposto por Paula, e quando ela teve a atenção chamada em razão disto, ficou descontrolada e desnorteada, bateu muito nele ao chegar em casa,

envolvida num intenso e prolongado sentimento de vergonha e raiva. Naquele momento, Miguel não violou alguns pacotes de salgadinhos, mas sim, o eixo do comportamento social de Paula, o valor moral que estruturou toda a sua forma de ser e de educar os filhos:

"Já, já, rs. Raiva, como?"
E: Raiva ou irritação como mãe?.
"Não, não, de experiência de ser mãe não. Mas eu já tive assim, aquele momento uhuuu (respira fundo), olhar bem, ***porque eu acho que a gente bate demais, então você tem que se conter****. Mas de ser mãe não, de ser mãe não. E assim, eu quis ser, eu tive o Miguel depois de quatro anos de casada. Mesmo a Laura, depois de nove anos, nós queríamos. Falavam, você vai começar tudo de novo, agora que você está sossegada? Mas eu quero. Eu nunca senti raiva, de ser mãe não, eu nunca senti raiva."´*

E: Você já teve raiva do Miguel ou da Laura?
"Então, uma vez eu perdi a paciência com o Miguel, eu acho que já faz uns dois anos, que eu senti vergonha, raiva e bati mesmo, foi a única vez que não foi tapinha no bumbum, foi, eu fui no supermercado fazer compra, e no supermercado todo mundo conhece a gente, a gente está direto lá, tal e eu sempre falo pra ele: "filho, o que você vai querer comprar pra você? Umas três coisas: vê lá um salgadinho que você quer, um danone especial, umas coisinhas assim e encontrava comigo ali e tudo bem". Ele tinha uns nove anos de idade, ele vinha passando no caixa e uma senhora falou: "moça, estes dois salgadinhos são seus também! " - eu falei: " Meus? - "É, o seu filho pegou, foi no banheiro abriu e deixou lá." Olha, eu, aquilo ali, ***eu queria que o chão abrisse e eu entrasse dentro e desabasse, tipo assim, o meu filho fez isso, né?*** *E essa pessoa, ela não me conhecia muito e ela foi muito infeliz na colocação, ela não soube dizer. Ela podia chegar discretamente, olha ele pegou, brincadeira dele.* ***Não, ela foi bem assim, é que começa por aí, né Paula?*** *Na hora eu engoli o choro de nervo e falei: "Não, pode passar!" - eu falei: "Miguel você pegou?" Ele olhou assim, então eu sabia que ele tinha pego pela reação dele, né?* ***Então, aquilo ali foi angustiante e ao mesmo tempo vergonhoso, eu fiquei com muita raiva, eu falei: "Puxa vida, você faz tudo certinho, a criança vem e faz dessa."*** *Daí eu falei; "não, pode passar."* ***Daí, eu comecei a ficar vermelha, daí a amiga, a moça que a gente conhece, né? A moça que fica no caixa, falou, calma Paula, não fica nervosa, eu falei, não, eu vou acertar com ele em casa. Mas eu estava quase chorando, sabe?*** *Daí, ela me passou as coisas, eu fui no carro, entrei no carro, falei: "Miguel, como é que você faz isso, Miguel?" E comecei a chorar: "Como é que você faz isso? Se eles não conhecessem você, eles chamavam a polícia, pra quê? A mamãe sempre falou pra você pegar o que você quiser, porque você foi pegar salgadinho? Você roubou o salgadinho!" e comecei, chorando, chorando. E falei: "Quando chegar em casa você vai pro seu quarto!' - peguei a cinta e falei: " Você vai apanhar de cinta, porque é pra você sentir a dor e não fazer mais isso. Você nunca mais pega coisa sem pedir!" -* ***eu bati tanto nele. - O meu marido: "O quê você fez?" - Eu falei: "Depois eu explico!" - eu fiquei com raiva dele ter feito aquilo, então foi a única coisa que eu senti raiva mesmo. Eu nunca tive uma situação dessas, por mais coisinha que ocorresse, não, meu filho, mas aquilo ali me doeu muito, porque já vão pensar que meu filho já é um ladrãozinho, aquele medo, aquela vergonha e ainda a moça coloca, começa assim,*** *quer dizer a outra que me conhece, falou, Paula, isso é coisa de criança. Ele quer comprar o salgadinho, né? A gente saiu dali e eu falava, ele chorava, e eu falava, eu não vou agradar, eu não posso agradar.* ***O meu marido, olha, sua mãe fez porque ela está certa, ela não queria fazer isso de forma alguma, só que essas cintadas que você levou, serviu pra você ver que você não pode fazer isso, ou ela bate em você agora, ou a polícia bate em você no dia de amanhã. Daí eu sei que ele me chamou depois, pediu desculpas, mãe, perdão, eu não queria fazer, eu não sabia que ia acontecer tudo isso, desculpa****. Aconteceu isso, tipo assim, eram umas sete horas da noite e quando foi umas dez horas, porque não conseguia dormir.* ***Então o Marcelo falou: "Se você não for lá falar com ele, ele não vai conseguir dormir. Paula, ele está soluçando." E eu fui e falei: "Acho que agora já dá para conversarmos" - digamos assim, eu poucas vezes na minha vida senti raiva de alguma coisa, sabe? Mas é assim, de vergonha, ai é raiva, eu sei, é raiva, porque eu nunca senti isso, nunca****.*

Nem depois, nem que fizessem assim, coisas assim na nossa vida, tipo assim, o nosso problema financeiro é seríssimo, meu marido ajudou meu cunhado, fiquei seis meses dando todo o meu salarinho pra ele, uma pessoa que eu não tenho nada a ver, pra não vir a justiça e tirar o pouco que eu tinha na minha casa. Eu não tive raiva, nunca, tanto que, até hoje eu recebo ele, nós somos amigos. As pessoas falam, como é que você consegue? Eu falo, gente, acho que não é por aí. Pelo contrário, depois que isso aconteceu, acho que Deus iluminou e a gente tá bem, sabe? Nunca senti raiva de ninguém, mas nesse dia, eu fiquei com tanta raiva do Miguel. E depois disso, toda vez que ele diz que ele apronta, não eu não digo pra ele se sentir mal, mas é só interferir e pronto acabou. Interferir assim, tranqüilo. Agora essa vez assim, eu acho que por causa de pegar a gente de surpresa, foi um momento assim muito triste, nossa! ***Até hoje me dá um negócio assim, sabe? E não tem como escapar, amanhã vai acontecer com ele"...***

Culpa: este sentimento surgiu em relação à filha, quando percebeu que não conseguiu desempenhar os cuidados necessários para o seu bem estar. A privação da filha com relação a alimentação, foi vivida com muita culpa, seja por lembrar a situação de negligência que viveu com a mãe biológica, seja porque esta reação foi consequência do fato de estar ocupada com os cuidados dirigidos para sua figura materna. Isto é, o sistema de apego se sobrepondo e interferindo no sistema de comportamento de cuidados e a ansiedade com relação à sua figura de apego prejudicou sua responsividade com relação à filha:

"Ah já é normalmente é assim, quando acontece alguma coisa errada, eu me sinto culpada."

E: Acontece o quê?
"Tenho da Laura, por exemplo, de manhã ela tinha vontade de andar, ela ia andar e começava a andar. É hora do almoço, não almoça nada, eu faço o prato de almoço e dou, não comeu, mas eu dei, daí teve um dia que nós saímos, tal e ela tava chorando, tinha umas coisas que eu tinha pra resolver e a Laura começou a chorar, e eu comecei a sentir culpa, porque eu sabia que ela tava com fome. Eu falei, meu Deus, mas não é por aí, quer dizer, eu tô atrás da minha mãe e a minha filha, então eu comecei a sentir culpada. Porque ela acabou dormindo e aquilo me fez muito mal, porque eu sabia que é minha filha, só que ao mesmo tempo eu vou buscar minha mãe. Mas eu me senti muito culpada, porque ela dormiu chorando e eu sabia que ela tava com fome. E aí eu falei, puxa vida, eu deveria ter trazido, então o que eu fiz depois? Comecei a levar, vou levar uma fruta de almoço, um biscoito, mas foi assim muito, muito culpada. Não é pra fazer isso, não é fulano e ciclano, eu tenho que cuidar dela. Nossa, terrível, foi assim muito triste! Tanto é que agora eu já saio com uma fruta na bolsa de medo, pra ela não ter fome"…

Paula aponta que este sentimento também surgiu quando ela demorou a perceber que Miguel estava com dificuldades com relação à aprendizagem, e nesta situação, a culpa foi mobilizada pela exigência consigo mesma e a necessidade de ser uma mãe responsiva.

…"Ai veio um sentimento de culpa, sabe, eu senti culpada. Eu falei, meu filho, como que eu não enxerguei isso antes? Tanto é, que a primeira briga que eu tive com o meu marido foi para ter mais tempo pra ele. Esse ano ele está na quinta série. Não é terceira, são vários professores, quando acontecia alguma coisa, a professora ligava e tinha aquele cuidado todo e com cada professor ele era de uma forma. E por causa dele ter um bom relacionamento muito bom como aluno, então, o professor também tem essa visão, não, ele tem dificuldade. Ele presta atenção na aula, ele fala, mas na prova está faltando um pouquinho mais, digamos assim. Na escola onde eu trabalho, eles avaliam tudo, não avaliam só a nota, né? Então, porque, de repente, naquele dia a criança não estava bem. Se ela se comporta, participa? Participa, leva todas as tarefas, isso pontua também, tanto é que ele não tem nota vermelha no boletim. Ele não tem dez, dez, mas também não tem e eu nunca fiz questão disso, filho, eu não quero que você tenha nota dez, porque é nota, eu quero que você aprenda e que isso sirva pra você dia-dia. Porque pra mim, tem mãe que assim, se você não tirar dez eu não quero. Eu já não, eu acho que ele pode tirar oito, não pode ser reprovado. Coisa de relaxamento de quem não estuda, mas quando apareceu isso eu falei, meu Deus, o que eu fiz, o que estou fazendo de errado?

E: Você ainda se sente culpada?
P: Não, olha, eu penso que estou fazendo alguma coisa, estou em busca, então a partir do momento que eu estou fazendo eu comecei a contar, né? Então, eu não sinto mais culpa, eu sinto assim, eu fui na escola e ela me falou, Paula, olha é assim, ele está tendo dificuldade no aprendizado, então eu como mãe vou ter que auxiliá-lo no que eu posso, nessa parte de dislexia, né? Mas, estou me sentindo assim mais aliviada, que não está tudo em cima de mim, eu sou a culpada. Então, existe um problema e nós vamos ter que auxiliá-lo, a escola vai fazer a parte dela e nós vamos fazer a nossa parte como pais e eu como mãe. Então saiu aquela coisa, o que que eu faço? Eu estou fazendo errado! Porque antes, se eu não estudasse com ele, ia tirar nota baixa, pra mim, sempre pra mim. A pessoa falava; "aí, é porque eu não fiz tal coisa". Então, eu não conseguia fazer assim, acho que depois, assim, eu vou auxiliá-lo na medida do possível"…

Medo: Este sentimento estava relacionado a situações em que os filhos se comportavam de forma inadequado com relação às outras pessoas, em geral, desconhecidas, ou ainda, em situações sociais, como o episódio do supermercado. Isto nos remete à estabilidade do modelo interno por meio do qual, Paula percebe o mundo e as outras pessoas como superiores e, um erro ou comportamento inadequado diante deles, torna-se extremamente sofrido e ameaçador. Paula reedita suas experiências infantis relacionadas ao medo por meio do controle do comportamento social dos filhos.

…"reprimi a Laura no momento, na frente da pessoa, e tirei a Laura de perto da pessoa, de medo dela fazer novamente"…

…"mas aquilo ali me doeu muito, porque já vão pensar que meu filho já é um ladrãozinho, aquele medo, aquela vergonha e ainda a moça coloca, começa assim, quer dizer a outra que me conhece, falou, Paula, isso é coisa de criança"…

…"Tanto é, que agora, eu já saio com uma fruta na bolsa, de medo, pra ela não ter fome"...

Segurança: este sentimento está associado direta e conscientemente à necessidade de controle sobre a vida dos filhos:

E: Quando você se sente segura como mãe?
"Segura? Quando eu estou com os dois perto de mim" (rs).

E: Embaixo da asa, rs.
"Pior que é, é assim, rs. Ontem foi engraçado, nós fomos na crisma, a Laura tinha ficado com uma amiga que foi jantar junto conosco. Ai, sentamos num restaurante pra jantar, ai que gostoso, o Miguel, tal – aí, e a Laura? Onde esta a Laura? O que ela está fazendo? - É você ver, né? Até a hora que passou a Laura assim, que eu fui na casa dela, e ela brincando, dando risada, olha que bobagem, a gente já fica pensando que tá triste e está super bem, então eu acho que é essa coisa de vê-los bem. Daí você fica tranqüila, se não sempre: "Será que está bem? Será que comeu? Será que não comeu? Será que ta fazendo o que deve ser feito?"

Prazer: está associado a aprovação social do comportamento dos filhos e, desta forma, Paula se sente aceita e valorizada como mãe:

"Ah, quando eu coloco eles pra dormir assim, que eu posso dar beijo, mesmo não dando, eu falo com ele: "como foi seu dia filho? - "Ai foi bom mãe, eu fiz isso, foi aquilo" - no momento que eu estou trocando ela, sabe, que eu me sinto assim, me sinto mãe. Trocando ela, estou dando mamadeira, estou cuidando, estou sempre conversando, estou arrumando a cama dele, ajeitando o quarto dele, sabe? Isso assim me faz feliz. Quando você está com aquela presença, são coisas que pra fazer são tão, não tem como expressar, eu me sinto tão bem!'"
… "Senti prazer com ele? Por exemplo, desde que ele nasceu, ***ele nasceu com quatro quilos, então eu pequenininha****, né?* ***Eu achava o máximo****! Ele sempre foi assim, a mais no tamanho dele, do que, a idade dele, a média, ele sempre foi acima. Eu falei: Que lindo!" E hoje, por exemplo,* ***quando as pessoas vem falar dele pra mim: "Nossa, seu filho é um amor, nossa, super gentil! Muito bonzinho, muito carinhoso, sabe, com as pessoas?" Quando você vê, ele está pondo a mão no seu ombro, sabe, ao mesmo tempo que ele está tendo essa rebeldia dessa idade, a pessoa fala, ai Paula, ele é um amor de pessoa! Você fala, puxa vida, tô acertando!*** *Tudo que a gente passa que tem que ser amigo, que tem que ser uma boa pessoa, então, isso dá uma sensação muito gostosa! Então, isso desde pequeno eu tenho isso dele.* ***Sou uma boa mãe, né?*** *Então,* ***ser um bom menino, digamos, então, esta sensação foi muito boa****."*
E: E como você se sente com ela?
"O que me vem à cabeça? ***Ela chama muito atenção assim, no falar****. Ela vai falando, mamãe tô com isso, mamãe tô assim, né? Então você sente aquele prazer. Muitas vezes, por exemplo,* ***no círculo de amizades, nossa, a Laura fala super bem****! Eu não gosto de enfocar muito, por mais que aquilo, ai uma delícia, né? Primeiro, eu acho assim, cada um tem o seu jeito, mas ela não come nada. Então é isso, digamos assim, por exemplo, eu tenho uma amiga que a filha não fala direito, é mais velha, ela fala tudo, ela canta, ela encanta as pessoas! Fala e fala tal coisa, tal coisa, então não tem de quem não chame atenção. Então, isso da muito prazer neste sentido assim. Desse dom dela de ser assim, né?* ***Então é aquela coisa, fala do seu filho você fica toda! Então, fala do seu filho, eu sinto muito prazer."***

Ambivalência: este sentimento permeia o relacionamento entre Paula e os filhos, quando surgem conflitos que envolvem os sentimentos contraditórios citados acima, como raiva, medo, amor, culpa, prazer;

(i) Reação à separação dos filhos:

Paula comenta que, atualmente, reage de forma mais ansiosa e preocupada com relação às separações dos filhos, quando compara com a época em que Miguel era pequeno, e atribui isto ao seu amadurecimento pessoal. Desta forma, ela avalia que as separações de Laura são marcadas por mais angústia e a dificuldade de Paula, para separar-se dos filhos e perder o controle das situações em que eles pudessem se envolver. O medo de tornar-se obsoleta na vida dos filhos, promoveu um comportamento ativo como cuidadora, no sentido de manter-se necessária na vida deles, direta e indiretamente, e assim, conquistar mais tempo junto com os filhos e marido, e assim, reviver o sentimento de pertencer a algum núcleo familiar:

"Olha, do Miguel, eu, eu lembro que eu separava mais tranqüilamente, da Laura eu não me separo tão tranquilamente, então eu fico pensando, será que ela está bem? Por mais, por exemplo, essa amiga que ela vai, é uma pessoa maravilhosa, que não tem filhos, mas mesmo assim, eu fico preocupada. O Miguel, quando ele era pequeno, eu não ficava com essa preocupação. Soltava e desligava, às vezes precisava viajar, ligava pra saber se estava tudo bem e desligava, ela eu já fico na cabeça, sabe? Até isso veio com o amadurecimento, tanto é que o Miguel de dois anos pra cá, eu também fiquei mais, eu fiquei mais assim, a separação, como eu falei pra você, me incomoda, eu só estou segura, quando eu estou vendo os dois. E com o Miguel não era, eu não sei se eu era mais imatura, né? Mas com a Laura agora é complicado, mas é complicado com os dois."

E: O que pode Ter mudado?
"Eu acho que foi a maturidade, eu acho que coisas por exemplo, que eu não pensava que pudessem acontecer, agora eu já me preocupo…
"É, me parece que eu não vou fazer falta, entendeu? Que vai acontecer alguma coisa e eu não vou estar presente."

E: Você pode descrever alguma separação do Miguel e da Laura que poderia ser como a separação mais estressante pra você?
"Eu acho que não teve, bom, do Miguel, por isso que eu digo, quando ele tinha um ano e meio, eu viajei de quatro a cinco dias, mas eu lembro que eu reagi tão tranqüilo, eu ligava, mas eu não me incomodei, entendeu? Mas hoje assim, não tem uma separação, ela vai pra escola, mas eu também estou perto. O Miguel também vai pra outro lugar, mas também nunca vai sozinho, eu não tenho, eu não me recordo, eu acho que eu não tive uma outra separação, tem assim, só as rotineiras."…

E: Como eles reagem a separação?
" Olha, a Laura fica super bem, pelo menos que eu saiba, ela nunca chama mamãe, nada, está bem, numa boa. O Miguel também, nessa idade ele quer ficar longe de mim, sempre na casa de uma prima, tal e ficam bem, super bem, os dois."

"O Miguel foi com cinco meses, porque tinha o berçário onde eu trabalho, né? Então é assim, por exemplo, se eu abrisse uma porta, alguma coisa, eu olhava pra ele, se não, depois ele foi se habituando também. Depois, qualquer coisa eu tava ali, porque eu tomava conta dessa parte. Eu lembro que depois disso, eu passei pra outro setor, e agora que a Laura esta na escola, a Laura não, ela foi pra escolinha com um ano e três meses…Então as coisas de uma certa forma assim, de escola, quer dizer, a gente se separa mas não muito, né? Eu estou sempre ali."

"Eu acho, assim, ao mesmo tempo que eu tenho essa ansiedade, ao mesmo tempo eu tenho que controlar, porque eu penso assim, hoje é assim, daí eu vou me afastar, eu não vou ficar, Miguel, você está bem, você acordou? Eu não posso, eu tenho que dominar*…*

(i) Revés no relacionamento: não considerou nenhum fator como revés na relação com os filhos:

(j) Semelhanças entre mãe e filhos e influências na relação

Paula aponta muitas semelhanças entre seu comportamento social e o de Miguel em relação a pessoas estranhas, principalmente a necessidade de agradar e acolher as pessoas que ama, aceitando e envolvendo-se de forma crítica e consciente com a idéia de adoção:

…"É, o Miguel saiu a semana passada e foi, ele sempre sai, daí eles tavam falando sobre adoção, então, ele começou a falar, falar, e quando ela me passou, puxa vida, né? Ele abraçou a causa, que eu abracei assim, ele abraçou. Então eu falei que legal, né? O meu filho, eu consegui passar isso. É uma coisa muito boa de passar isso. Eu achei muito legal, ela falou, Paula, ele parecia você falando. Porque é legal, porque isso, porque aquilo, sabe? Então eu tive uma alegria muito grande, senti um orgulho, eu achei legal, é aquilo que eu faço, assim como ele faz igual eu na personalidade, eu também senti o prazer dele ter e abraçar a causa….
…Com sentimentos, era uma coisa dele no momento, eu não estava presente. Se fosse alguém comigo, alguém que não conhecesse, podia falar, eu não estava presente. Se tivesse alguém de casa, alguém que sabe, podia falar, né? Pra dizer que ele sabe, digamos assim. Eu posso falar, não sou adotiva, não veio com amor? É a mesma coisa, olha, minha irmã é adotiva. Isso não quer dizer nada, então a pessoa falava e ele falava, mas você tem amor, você tem pai e mãe, porque não é fácil ser pai e mãe, sabe aquela coisa assim? Foi muito legal, foi uma experiência muito boa."…

Estas semelhanças de comportamento favorecem com que Paula se identifique e reconheça suas qualidades como mãe e, desta forma, enfraqueça os sentimentos negativos, como medo e insegurança que ativam o sistema cuidador com relação aos filhos:

…"Tem até uma coisa, ele foi citado, foi super legal, ele foi pro teatro e o meu trabalho tem haver com a escola, então qualquer coisa, eu conheço a escola com a palma da minha mão, se acontece alguma coisa, eu falo gente, não é bem por aí, e o pai, o que o pai vai fazer? São os detalhes que eu penso, aí elas falam, lá vem a Paula dos detalhes, mas é isso aí, porque eu penso, mas vai sair? A saída vai ser por aqui? Então eu sou muito minuciosa, eu sou muito minuciosa, sabe? Eles resolveram fazer uma peça de teatro, com uma das proprietárias da escola, então ela começou a passar, tal, tal, ele falou: "Tia Cida - porque ele chama ela de tia, né? - Tia, faz assim, assim, assim" - nessa hora, ela falou: "Miguel, eu tô vendo a sua mãe!" (rs). Então ela veio e me contou, né? Então eu falei mas que legal, porque eu falo assim ninguém pensou, vai fazer uma festa a cadeira vai ficar aqui, a parede, eu penso nisso, né? E ele é assim também. Então ele assimilar isso foi muito legal, pareceu muito legal. ***Eu fiquei toda orgulhosa, ela falou: "Paula, igualzinho você." - Eu falei: "ah, mas é bom, não, é excelente!" Mas, eu achei engraçado dele, partir dele, quer dizer, ele vai percebendo a situação nesse momento. E a Laura, a Laura assim, no jeito de falar, no jeito que vai com todo mundo, então todo mundo fala, Paula, eu tô vendo você, Paula. Todo mundo aponta isso e eu acho legal, ser muito tímido eu acho que a pessoa sofre, quer dizer, a gente tem que dosar, não pode ser muito falante. Parar na hora certa, mas assim, que não ofenda, né? Que ajude as pessoas, o Miguel também nesse sentido de ajudar, tem um coração muito grande, que nem a gente mesmo, por exemplo, vamos dizer algo para pegar em tal lugar, ele não mãe, vamos pegar, claro. Porque eu sou assim, ai ruim, vou ter que buscar o amigo lá no aniversário do outro, não, sabe?*** *Acho que isso são coisinhas da vida. Eu falo, que bom que eu posso levar, que eu posso buscar, que bom que posso fazer dessa forma, que bom! E isso o Miguel apresenta bastante, eu gosto muito.*
…Eu acho que tem as coisas boas, né? Porque, a gente acaba pensando por igual, ser uma boa pessoa, estar sempre ali, quer dizer, ser sempre bem aceito, eu falo, você vai ser aceito em qualquer local que você esta, porque você transmite amizade, a pessoa pode contar com você, só que certas vezes, às vezes, agora, por exemplo, o amigo que chega, ele deixa o amigo fazer tudo o que quer. E aí eu falo, não é bem assim, também, tem hora que você tem que ponderar,e aí, fica complicado."

As semelhanças são mais facilmente percebidas na relação com o Miguel do que na relação com Laura.

(I) Diferenças entre mãe e filhos e influências na relação

Paula aponta a determinação da filha mais nova como um aspecto de personalidade que se diferencia do seu estilo de enfrentamento pessoal, uma vez que Paula se mostra muito preocupada com as pessoas e isto, por vezes, dificuldade sua objetividade perante as decisões que precisa tomar.

" Diferença? Olha, a Laura, eu percebo assim, que o que não tá bom, ela já resolve na hora. Eu não sou de fazer isso, eu já sou toda, não sei o que é, ela tem essa coisa de já resolver, eu já não tenho, ela já tentando resolver, então não sei se isso vai continuar, mas ela é assim. Agora o Miguel, a diferença é, ele é muito parecido nesse sentido comigo, então não me vem a cabeça à diferença." …

(m) Estilo de cuidador:

Conforme já foi afirmado durante a análise de outros critérios, Paula demonstrou uma tendência para manifestar um estilo de cuidados responsivo, porém inseguro, marcado por excessiva preocupação, ansiedade e controle (numa tentativa de dominar a ansiedade e o medo). Sua meta fixada como mãe é proteger os filhos, oferecendo afeto e cuidados responsivos. Este sistema de comportamento é ativado sempre que sugestões internas e externas ou estímulos associados com situações que os filhos podem estar sofrendo algum tipo de ameaça, em perigo ou estressados, que poderiam ativar o seu sistema de apego. A diminuição da ativação deste comportamento ocorre quando Paula conquista proximidade física e psicológica e sinais que os filhos estão confortáveis, contentes ou satisfeitos.

(n) Relação entre estilo de apego e de cuidador

Seu comportamento como cuidadora denota a influência da perda vivida com a rejeição da mãe, mas também aponta uma superação dos modelos internos desenvolvidos na infância, com uma avaliação menos distorcida sobre si mesma e sobre os outros e a manutenção de cuidados responsivos com relação aos filhos e à mãe adotiva. A afetividade e estabilidade emocional foi desenvolvida por meio de outras relações e o medo passou a ser mais controlado, principalmente, por meio do vínculo de apego com o marido.

Resiliência

Paula tem uma experiência de abandono diferente das relatadas por Ana e Júlia. Enquanto observamos nestes dois relatos anteriores, estórias de rejeição crônica e intermitente, marcadas pelo antagonismo da presença física *versus* tipos

distorcidos de relacionamento com as figuras de apego principais, Paula experimentou uma ruptura precoce e definitiva do vínculo que se iniciava com a mãe biológica. Neste sentido, a adversidade se impôs de forma concreta e aguda, e diante do desamparo, Paula reagiu, se enlutou e se apoiou em diferentes recursos, internos e externos, para lidar com a perda e seguir em frente.

Apesar deste início de vida, difícil e delicado, Paula seguiu sua vida mais estável, emocionalmente, quando comparada à Ana e Júlia, na medida em que vivenciou um número menor de eventos estressores e estabeleceu uma relação com a mãe adotiva muito afetuosa e próxima e, desta forma, os efeitos da privação emocional, incluindo o luto não reconhecido, foram minimizados ao longo da vida e dos relacionamentos estabelecidos com outras figuras.

Paula formou sua família sob uma estrutura emocional mais estável e harmoniosa do que a experimentada junto aos pais adotivos, que apesar de muito afetuosos, promoveram um clima de instabilidade decorrente dos conflitos conjugais que tiveram durante o casamento. Sua necessidade de controle e estabilidade emocional foi suprida e sua família tornou-se uma base segura estável para todos os seus membros.

a) Mecanismos de risco

1. Inibição de expressão de sentimentos: O medo de não ser aceita e de entrar em contato com sentimentos intensos e conflituosos sobre o abandono e a adoção, promoveram uma significativa dificuldade de expressão de sentimentos que se estendeu até a vida adulta, quando passou a estabelecer uma relação segura com o marido, que lhe possibilitou uma maior flexibilidade e amplitude de expressão.

Algumas experiências foram apontadas por Paula, como situações de risco para sua capacidade de vinculação e de enfrentamento das adversidades:

2. Rejeição e abandono: Paula ainda demonstra dificuldade de lidar com a forma como foi abandonada, mas afirma que a adoção foi um fator fundamental de minimização do impacto e prejuízo resultante do abandono:

> *"Eu acho que não, não,* ***porque toda a rejeição que ela teve, que normalmente ela teve e não me quis, depois de todo o carinho e amor que eu recebi, supriu tudo isso****, entendeu? Eu acho que não."*
> E: Em nenhum momento você pensou na história dela?
> *"Não senti, olha que engraçado, o dia das mães, né'? Depois de um tempo pra cá, eu pensei, eu falei assim: "****Puxa vida, se uma pessoa fez você não querer um filho e dar ele é uma coisa, agora você não querer e jogar!"*** *- aí eu pensei, puxa, será que a pessoa nem tem dó, né? Sabe?* ***Eu não vejo ela como uma mãe biológica e sim como uma pessoa que deve sofrer, então eu rezo, não deixe ela ficar com o sentimento de culpa do que ela fez****. Hoje eu sou feliz e de repente, com ela, eu não ia ser feliz como eu sou. Então, o dia das mães é o único dia, digamos assim, que eu penso. Eu penso em todas as mães, né? Na vó que morreu, tal, eu sou mãe, quantas mães por aí, devem estar com dificuldade, não tem o que comer, pra dar pros filhos, então eu acabo auto analisando, rezando, que a gente pensa, digamos assim, então aí eu penso na minha mãe biológica. Mas, eu sou tão feliz que eu não, eu sempre fui, que eu não quero que ela fique pensando, será o que eu fiz? Então é a única a única vez, depois eu nem penso"…*

3. Saúde debilitada após o período de abandono: risco para a sobrevivência e para a disposição de interagir com outras figuras.

4. A revelação sobre sua origem na fase da adolescência: incrementou a crise de identidade inerente a esta fase do ciclo vital, abalou a auto-estima e ameaçou a sensação de pertencimento, de confiança no porto-seguro para poder desenvolver o comportamento exploratório extremamente ativado nesta fase de transição da infância para a vida adulta;

5. Mãe adotiva com saúde frágil – ameaça de perda: durante sua gênese, o apego foi influenciado por este medo, alimentado por sua mãe adotiva que preparava Paula para sua futura ausência e, desta forma, Paula aprendeu a agir

com maior autonomia, sempre que possível, buscando não depender das pessoas e invertendo a relação de cuidados e proteção com sua mãe, sua principal cuidadora. Muitas das estratégias de enfrentamento de Paula estão relacionadas à evitação do abandono.

6. Mãe adotiva com comportamento ansioso, dependente e controlador: Se por um lado, a mãe era extremamente responsiva e afetuosa, por outro lado, este comportamento excessivo fazia com que Paula se sentisse sufocada, controlada e invadida:

> *…"Olha, a minha infância, por exemplo, eu tive muito carinho da minha mãe, eu fui muito assim, como ela fala até hoje, aí, você não pode, tipo assim, cantar no banheiro, você é muito desafinada, nem tente casar, ela mudava a minha vida….Ela fez isso muito, então eu não faço isso com o Miguel. Quando ele vai fazer uma coisa, mesmo a Laura que vai começando, eu incentivo. Por outro lado, ela foi assim, nesse sentido. Eu faço isso, eu acho que isso refletiu bastante, então assim, a falta, e ao mesmo tempo a conversa que ela tinha, eu quero ser amiga dos meus filhos também.* ***Ela tinha esse lado que eu acho que não é legal, me prejudica, me prejudicou****. Mas eu não canto todo dia, então não tem problema, mas, por exemplo, você está numa reunião…canta Paula uma música, de jeito nenhum! Não façam isso comigo, que não mesmo, falo em público, posso dar palestras, na faculdade, sobre as coisas, tal, tudo bem, mas não me manda cantar. Então, eu acho que nesse aspecto foi, então eu tento passar pros meus filhos, não quero saber se é, vamos melhorar. As pessoas falam, vamos cantar?…então isso marcou muito… Eu quero ser amiga, tudo eu contava, arrumava namorado eu contava, sabe aquela coisa assim, que a minha mãe era minha amiga também. Eu tento passar isso pros meus filhos, que eu acho muito legal."…*

7. Pai adotivo distante: além da ausência na vida de Paula, esta postura do pai favoreceu a dependência emocional da mãe adotiva com relação à Paula, e esta dinâmica prejudicou algumas tentativas de autonomia por parte de Paula, que se sentia culpada em abandonar a mãe, e romper a cumplicidade estabelecida neste relacionamento. Por isso, Paula desistiu de projetos pessoais, como estudar em outra cidade ou trabalhar. Quando se casou, houve uma lenta transição para assumir sua maioridade e liberdade de agir, um vez que sua mãe sofreu com este movimento de separação da filha, e ainda mobilizava muito sentimento de culpa em Paula.

8. Dinâmica do casal conflituosa (pais): Esta situação promoveu inseguranca e necessidade de isolamento social, por parte de Paula, até a vida adulta. Promoveu, também, a necessidade de estabelecer um outro estilo de relacionamento amoroso com seu parceiro.

9. Pouco suporte social: Paula apoiou-se, principalmente, na figura da mãe quando sentia necessidade do respaldo de alguém, mas, por outro lado, isto reforçava a dependência afetiva da mãe.

b) Mecanismos de proteção

1. **Maior autonomia após o casamento**: a sensação de segurança por meio do apego com o marido, encorajou Paula a tomar decisões e alçar vôos maiores: a maternidade, a vida profissional e o trabalho voluntário .

2. **Estratégias de enfrentamento percebidas como eficazes:** Paula avalia que tem uma boa condição de se recuperar de impactos emocionais, seja por meio do pensamento crítico, ou pela fé na religião.

"Eu consigo me refazer bem, eu não fico analisando, ah porque aconteceu? Porque tinha que acontecer e foi melhor assim. Talvez eu tenho que, graças a Deus, é muito importante pro dia-dia da gente, né? "

Paula utiliza como estratégia de aproximação e manutenção dos relacionamentos afetivos, a escuta ativa, sempre se colocando disponível para as pessoas ao seu redor, que avalia que estão mais vulneráveis ou necessitadas.

…"E é engraçado, porque isso eu, falando agora, até hoje eu sinto. Sempre que falece uma pessoa, por exemplo, um marido de uma amiga, eu, no momento, fico muito com a pessoa, sabe? Eu tento auxiliá-la, não sei, eu posso não fazer nada, mas eu quero estar ali. Aconteceu isso também na minha comadre que perdeu o neném, eu queria estar com ela. Eu lembro na época, que eu me pus no lugar dela, mas faz uns cinco anos isso, se eu tenho um determinado problema com um amigo e digamos quem é o mais afetado, eu quero ficar com a pessoa. E eu tenho, engraçado que eu sempre tive isso, teve uma amiga minha que se separou de uma maneira muito drástica, tal, eu falava pro meu marido: "nossa, ela é muito minha amiga!" e eu conversava em casa, porque não adianta você acolher lá e deixar aqui… Então, eu quero demonstrar pra pessoa, então se eu posso estar assim, eu gosto de estar com a pessoa. E eu era assim também. Você paralisa, é engraçado, né?"…

Outras experiências foram avaliadas como situações que favoreceram sua capacidade de vinculação e de enfrentamento das adversidades:

1. **A adoção**: como uma segunda chance para amar e se sentir amada.

…"Eu acho que não, porque por mais que eu tenha ficado, eu brinco, né? Se não tivesse ocorrido, se eu não tivesse ficado sabendo, porque a cidade era pequenininha, né? Então todo mundo, de repente eu não teria ido pra minha família, né? ***Nossa, eu agradeço a Deus, eu amo os dois de paixão****. Quer dizer, meu pai fazia tudo, mas era um pai, então eu agradeço muito, eu acho e falo pra minha mãe:* ***"nada é por acaso nessa vida mãe, se aconteceu tudo isso, era pra mim ter a senhora****". Ela chegava pra mim e falava; "aí filha, eu não sei o que seria da minha vida sem você" e eu falo a mesma coisa: "tudo que a senhora fez, eu só to tentando retribuir um pouquinho". Foi tudo pra minha formação, foi tudo no momento que eu precisava, agora ela sabe que é uma troca, né?"…*

2. **Relacionamento com a mãe adotiva**: se por um lado, a relação de dependência que a mãe adotiva estabeleceu com Paula gerou uma sobrecarga emocional, por outro, promoveu um senso de competência e controle sobre os relacionamentos, que estruturou as estratégias de comportamento em situações de estresse, ameaça ou crise, e Paula tende a se comportar de forma objetiva e eficiente em situações como esta. Isto também promoveu o seu amadurecimento precoce, na medida em que houve uma antecipação da ativação do seu sistema cuidador:

…"Ah eu vejo assim que eu tenho que controlar, eu tenho que estar mediando tudo. Porque quando eu não estou perto, eu não quero que você responda mal. Ele fica nervoso, depois ele vem e pede desculpas, mas ele é de responder. Alguma coisa eu já dou, Miguel, menos. Então certas coisas, assim como ela também, manda comer coisas, então eu já to ali, porque não pode, porque engorda, sabe? Eu acho assim, eu me sinto assim, que eu tenho que estar ali controlando, controlando a situação. Às vezes, eu não consigo, né?"…

…"Eu acho, assim…que vieram fazer com que eu amadurecesse, eu tinha quatorze anos e pensava como uma pessoa de dezoito. Minha mãe passou isso, de medo dela chegar a faltar e eu saber, então com treze, quase quatorze ano, eu comecei a ir em aniversários, que eram filhos de uma professora minha e eu pedi pra ir, tal. Então, era mais madura que a minha idade, eu vejo a meninada de hoje, com quatorze anos, não quer nada normalmente, né? Lógico que não é regra, ma não quer nada, eu lembro que eu queria, trabalhar, queria fazer uma coisa responsável, sabe? E com as perdas eu fui amadurecendo, né? Quando morreu minha tia, eu falei: " nossa, um dia eu vou ficar sem mãe"… Então, eu acabei tendo que dar mais atenção pra ela, com a falta dele. Nesse sentido, porque amadureci aqui, fui analisando ali"…

3. **Relacionamento com a avó materna;** Paula apontou esta relação como inspirado do sentimento de coragem, o que pode ter funcionado como um contraponto diante da inibição da exploração por parte de sua mãe.

4. **Maternidade:**

A relação com os filhos foi um importante propulsor da revisão dos modelos internos sobre si mesma e sobre a mãe e a família, uma vez que ela tinha consciência do comportamento que ela não queira repetir na relação como cuidadora:

"Às vezes a gente acaba assim, puxa vida, a mãe fez tal coisa, eu não gostaria de ser uma mãe assim. Então eu acho que esse convívio"…
E: É um modelo?
"É um modelo, uma coisa incrível. No dia das mães a gente liga, mãe, hoje é dia, ai depois eu pego e fica lá o presente pra entregar pra mãe. E não adianta, você até liga, mas não adianta. Então, eu vejo como o meu mundo é maravilhoso! Ele nem sabe cantar, ele sai cantando pra você, ele nem sabe falar, está falando, está fazendo uma coisa pra você. Então ele olha, cadê minha mãe? Eu tento suprir, eu tento ir pra criança e falo assim, ai, a mamãe já vem sabe, assim? Porque eu falo, gente, que dó, morro de dó! A pessoa não percebe, a pessoa não percebe. A gente liga, ai, mas não vai dar. E como mudar, né? Então, enquanto a mãe não vem, vcoê fica carregando, ou mostrando outras coisas, fazia assim".

c) Influência do casamento:

A relação com o marido representou o *porto seguro* da vida adulta, que Paula sempre buscou na relação com os pais, mas que não encontrou de forma estável. Sendo assim, ele protegia, oferecia carinho e aceitava Paula, e a percepção disto proporcionou muita tranquilidade e auto-estima para cuidar dos filhos.

Paula relata que a comunicação saudável do casal é importante para que ela tome decisões com relação aos filhos, mas também, para encontrar um equilíbrio entre os papéis de mãe, mulher, filho e profissional:

…"Olha, ele influenciou, porque eu era assim e ele cem por cento dez, então eu tinha que me acalma, esperar, por mais que ele seja certinho, certas horas, você tem que ser mais assim. Então, no relacionamento com o Marcelo, eu encontrei essa palavra, o equilíbrio, né? Então, pra relacionar com a Laura e eu gosto muito dessa coisa, quando alguma coisa não da certa, a gente fala, o que dá pra fazer pra melhorar? Vamos apontar, ele não aponta também, ele não é aquela pessoa que fica apontando, você fez isso, mas quando eu pergunto, eu quero que você me fale. O que está errado? É pra ajudar, então ele foi muito bom, me ajudou bastante, porque ele tem paciência…
E: Você pode me dar uma situação que explique essa influência do Marcelo no relacionamento com as crianças?
… É, por exemplo, o Miguel, não sei o que que ele ligou e falou e ele: "Filho, mas você fez desse jeito?" Agora vai ficar de castigo e para mim, era normalíssimo fazer, porque foi assim; ele ligou pra minha comadre e falou tal coisa, e ele: Imagina! Daí ele começou a chorar, mãe, mas eu não fiz por querer, olhou pro Marcelo, acho que você fez. Daí ele falou, realmente, desculpa, eu acho que não é por aí, mas na hora eu nem percebi o que eu falei. Eu olhei pra ele na hora e se ele não tivesse falado, eu não tinha percebido. Eu não tinha percebido, o Miguel chorou, ai, mas eu não achei que era. Você fez? Fiz mesmo. Sabe, então quando acontece alguma coisa assim, eu vejo que o Marcelo vai falar. Eu me sinto assim, pra ligar, eu achei que foi bom ele colocar, dessa forma, então eu falei, não, será que está certo? Assim como tem vezes que ele fala, eu não concordo, eu acho que não é por aí. Eu fiz isso, isso, isso e eu acho que está certo. Sabe, mas tem coisa que não, que eu falo realmente, eu errei, ou eu peco desculpas, porque é o caso de pedir desculpas, e eu gosto desse outro lado, entendeu? Tem horas que a gente toma atitudes que faz parte da gente, né?"

d) Influência de outras situações ou relações percebidas como risco

A observação de outros relacionamentos entre mães e filhos também ajudou a rever sua postura como mãe e a desenvolver novas estratégias de comportamento com relação a eles.

(e) Categorias de análise estabelecidas posteriormente:

- **Religião:**

É um recurso muito utilizado como apoio em momentos difíceis. Paula mostra-se uma pessoa com muita fé e busca, mentalmente, sustentar-se em sua crença religiosa para compreender as situações difíceis e buscar soluções para seus problemas:

"Não, eu praticava, minha mãe não era de ir a missa. Mas, por exemplo, eu fiz catequese, ela me incentivava bastante. Eu auxiliei na catequese e ela me incentivava: "aí filha, vai auxiliar". Só que não eram de missa, eles eram pessoas assim muito…pessoas da paz. Era uma outra teoria, eles acreditavam que, sei lá, cada um tem um ponto, que se uma pessoa falar: "Deus vai te abençoar" - tem mais poder do que Deus propriamente dito. ***Era só acreditar, então, daí eu sempre fui ligada à igreja, eu fiz primeira eucaristia, depois fiquei tempos auxiliando, depois passei pra outra paróquia aqui e depois a catequese, só depois parei quando tinha mais idade, vai fazer onze anos****. Era aos sábados, daí eu trabalhando não dava, eu parei. E aí eu fiquei, ai que vontade de voltar. E aí, domingo eu fui assistir à missa ali na vila perto da minha casa, faz dois anos que eu tô morando daquele lado. Daí, ai que vontade de ajudar, de uma certa forma, a igreja, alguma coisa, sabe aquela coisa? A Laura tem dois anos, sabe quando chama, sabe aquela coisa assim? Eu sinto muita necessidade disso. Então, foi assim com o Miguel também, eu fiz a catequese, perseverança e é a idade que deve fazer e ele: "ah, então tá bom, mãe!". E, eu de sábado a gente vai a missa às seis horas, todos, lógico que, uma sábado ou outro, não. Mas eu tento passar isso, porque eu acho que é muito importante nessa coisa de ter Deus, né?* ***Bom pra você orar, principalmente, nas horas difíceis. Mas se você não tem nada, não sei, deve ser complicado. Minha mãe passava muito essa coisa pra mim"****.*
…"É, eu gostava. ***Eu gostava de estar ali, de estar fazendo, de estar com o padre ou sabe assim****?* ***Tanto que, quando eu larguei eu senti muita falta disso****. E aí foi indo, foi indo e agora faz onze anos que eu não dou mais catequese."*

- **Reverberações da entrevista:**

"É mexeu, eu acho assim, muito legal, porque a gente acaba analisando coisas que você nunca parou pra pensar, né? Quinta feira que eu falei, gente, muito engraçado, porque depois da pesquisa, alguns assuntos assim tipo, que minha mãe fazia, que eu falei que agora na vida adulta, eu também cresci com esse conceito. Acho que eu não tinha me dado conta disso, né? Eu vivi lá como se fosse uma vida."

"Eu fui fazendo a comparação. Muita coisa assim, até bom, né? Pra você dar uma parada, falar olha, isso por causa disso, né?"

…"Foi um resgate que eu fiz lá de trás, nada mudou muito."
"Não, eu acho que tem uma coisa que até já foi falado, eu acho assim, é que mãe é não ter que saber criar os filhos né? Não tem, mas eu acho que o que a gente tem que ter é que buscar Deus, a sabedoria, a fortaleza. E tem hora que você age, a gente age errado? Age errado, mas você tem essa força maior que te ajuda. E ao mesmo tempo você se auto-analisar, sabe? Porque eu acho assim, se você fala, é desse jeito e acabou. Tudo bem, você tem sua consciência, será que eu estou certa? Será que eu estou totalmente? Então, eu acho que tem que se auto-analisar, porque nem sempre você acha que está super certo e tem coisa errada. Eu acho que a mãe tem que olhar do outro lado, não adianta ela falar assim, ai vou dar bastante carinho, carinho daí, daqui a pouco a criança cresce e não desgruda da mãe, quer dizer, ela não fez bem, né? E ao mesmo tempo, também, ai vou crescer independente, meu filho vai ser independente de mim, eu acho que não, eu acho que tem que equilibrar. E não é fácil, eu acho que isso daí é com muita, você tem que olhar e falar estou errada, vou ter que mudar. Então é uma auto-anáise que você tem que fazer sempre com você. Ser mãe."
"Ai, eu acho legal, sabe? Porque, essa pesquisa que foi feita, ela acaba passando para fora, uma coisa que tem aqui dentro, né? Tem coisa que eu não sabia que tinha dentro de mim, então você começou a cutucar e depois vem assim, analisar aquilo que a gente acredita, você fez aquilo mesmo, olha como é que eu fui, eu podia ter feito de outra forma, então eu acho que assim, acabou sendo uma sensação boa, pra mim foi uma sensação boa. Eu senti que eu estou tentando ser uma boa mãe, que eu estou tentando ser um bom individuo, no que eu acredito, então eu acho que foi muito gostoso, eu acabei me auto-analisando super bem, de uma forma que eu acredito que é.
…Quando você falou o que você queria, mas é? Está bem. O que eu vou fazer? O que eu vou falar? O que isso vai te ajudar? Assim, auxiliar, digamos assim, né? Então se é, então está bom. Eu acho que é uma terapia, acabou virando uma terapia. Muito bom"(rs).

(a) Avaliação de assuntos relacionados à sua história que ainda não tinha refletido;

(b) Percepção de que o relacionamento com a mãe adotiva também foi prejudicial, rompendo com a idealização existente e entendendo que as dificuldades vividas com a mãe favoreceram seu amadurecimento;

(c) A entrevista foi avaliada como um processo de resgate da própria história;

(d) Percebeu que a auto-análise é importante para rever condutas e que a entrevista teve valor terapêutico sob este ponto de vista;

(e) A conclusão da reflexão feita é que Paula sente que está atingindo suas metas como mãe, mulher e como pessoa e, por isso, sentiu um grande prazer e alívio.

CAPÍTULO VIII

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados levantados por meio da análise das três entrevistas sustentam a discussão sobre os temas principais que envolvem este estudo, que são: *apego na infância, experiência de abandono e suas consequências, processo de luto pelo abandono, mecanismos que favorecem e dificultam a resiliência individual e desenvolvimento do sistema cuidador.*

Desta forma, segue abaixo um resumo dos resultados individuais e sua discussão, fundamentada nos pressupostos que foram apresentados na primeira etapa deste estudo, envolvendo a revisão da literatura e a posição desta autora.

Para facilitar a discussão, serão apresentados quadros resumos sobre os temas principais, relacionados ao objetivo deste estudo, caracterizando-se por descrições resumidas das características individuais, acerca de cada tema.

8.1. Quadro Resumos

TABELA 8. QUADRO RESUMO N° 1: CONTEXTO FAMILIAR

CATEGORIAS	ANA	JÚLIA	PAULA
1. CONTEXTO FAMILIAR	INFÂNCIA • Família extensa (11 filhos), sendo que duas gêmeas morreram recém-nascidas. • Nível sócio-econômico alto • Conflitos familiares com mãe e irmãos • pai afetuoso e distante fisica/e • mãe fria e rejeitadora; • segredo familiar sobre tentativa de suicídio da mãe; VIDA ADULTA • casada • um casal de filhos; • filhos casam • morte do pai há 14 anos; • morte da mãe há cinco anos; • diagnóstico e tratamento de câncer de mama • crise conjugal • profissional autônoma da área de humanas • Nível sócio-econômico alto • Bom relacionamento com apenas uma irmã; • Aumento dos conflitos e afastamento dos outros irmãos;	INFÂNCIA • mãe solteira • pai totalmente ausente até adolescência • negligência física e emocional por parte da mãe • lar instável • união com irmão • instabilidade de rotina e hábitos (72 mudanças de residência) • sem cuidadores substitutos permanentes • outros irmãos VIDA ADULTA • separada por duas vezes • primeiro casamento durou sete anos – duas filhas • segundo casamento durou vinte anos – sem filhos • relação conflituosa com a mãe e reaproximação com o pai • pai assume homossexualidade quando J. já era adulta (terceira união dele) • Nível sócio-econômico médio/baixo • Filhas separadas • Três netos • Profissional da área de humanas	INFÂNCIA • Abandonada num poço de água pela mãe biológica • Adoecimento e hospitalização • Adoção • Filha única • Conflito conjugal entre os pais adotivos • Nível sócio-econômico médio/baixo • Família pequena • conhecimento sobre a adoção na adolescência, por meio de uma pessoa estranha; • reação imediata de revolta e, posteriormente, de aceitação: VIDA ADULTA • Casada • Um casal de filhos, Miguel (11 a.) e Laura (2 a.) que foi adotada. • Profissional da área de humanas • Separação dos pais adotivos • Mãe mora junto • Nível sócio – econômico médio • Profissional da área de humanas

Neste quadro, foram resumidos os principais fatores que caracterizam o contexto familiar das pessoas entrevistadas e, por meio destes resultados, farei algumas considerações, discutindo os dados apresentados:

Nestes três relatos, observei distintas realidades sócio-econômicas. Porém, em nenhum dos relatos, as entrevistadas se apoiaram nas dificuldades financeiras ou de ordem material, para justificar a privação que sofreram, mas consideraram apenas os fatores emocionais e psicológicos como razões da rejeição materna e, também, paterna, como aconteceu com Júlia e Paula.

Desta forma, tanto Ana, como Júlia e Paula, entenderam que a rejeição estava estritamente relacionada com os conflitos pessoais de suas mães, resultantes de situações do passado ainda não elaboradas e de outros relacionamentos conflituosos, como a repetição do modelos na experiência de Ana com sua mãe, ou o luto pela separação conjugal, como na história de Júlia.

O sentimento de abandono foi predominante nos três discursos apresentados e a despeito da influência de qualquer outro fator, a privação foi percebida como rejeição, envolveu sentimentos de perda e implicou um processo de luto. As condições sócio-econômicas e culturais de estrutura e funcionamento familiar demonstraram uma influência de segunda ordem na intensidade deste sentimento.

Da mesma forma, foi possível compreender que as condições do abandono - se total ou parcial, se permanente ou temporário - assim como as condições do contexto - cuidadores substitutos, rede social, outros modelos de relacionamento de apego, aspectos culturais e religiosos – influenciaram, de forma direta e intensa, as condições de enfrentamento do abandono, de compreensão e reorganização, diante da situação de rejeição.

Diante destes resultados, evidencia-se o grau de vulnerabilidade que as situações de abandono aqui descritas geraram nestas pessoas, no que se refere ao seu desenvolvimento emocional, por envolverem:

- *Precocidade:* por acontecer nos primeiros meses de vida;
- *Ambivalência:* principalmente, nas histórias de Ana e Júlia;
- *Dependência:* principalmente, nas situações de Ana e Júlia, que envolveram um abandono parcial, portanto, situações de ambivalência, nas quais, ambas desenvolveram variadas estratégias para se agarrar às figuras de apego, para evitar mais uma separação.
- *Inacessibilidade das figuras de apego:* promovendo o atraso e/ou enfraquecimento do apego

As três pessoas entrevistadas estabeleceram, como projeto de vida, a formação de um novo núcleo familiar e estabeleceram, como meta, a desconstrução e superação do modelo vivido na infância.

Tanto Ana, como Júlia e Paula mostraram durante as entrevistas, uma atitude marcada por muita colaboração, simpatia, e disposição para contar suas histórias. São mulheres alegres, dinâmicas; destacam-se pela aparência bem cuidada e feminilidade, desinibidas, bem-humoradas, demonstram prazer em viver, muito ligadas aos filhos. Apresentam, também, pensamentos e atitudes altruístas e a facilidade para o desenvolvimento do papel de cuidadoras refletiu-se na escolha profissional, sendo que as três estenderam o comportamento cuidador para a atuação profissional.

TABELA 9. QUADRO RESUMO Nº 2: APEGO NA INFÂNCIA

CATEGORIAS	ANA	JÚLIA	PAULA
1. **COMPORTAMENTO**	**Estratégias: comportava-se de forma ansiosa apegada em relação à mãe.** **Outras características também foram observadas:** • **trata estranhos de modo mais amistoso do que o que fazia com a própria mãe.** • **Demonstrou ser cautelosa ou aflita, mesmo antes das separações, em relação à mãe, com baixo índice de comportamento exploratório.** • **Preocupada com a mãe** • **Irritação e passividade.** • **Focalizou sua atenção nela, sofrendo em sua ausência e não retornando ao comportamento exploratório, após momentos de reunião com ela.**	**Estratégias: união c/ irmão; ambivalente com a mãe, auto-suficiente, mas cronicamente ansiosa em relação à mãe; evita ter expectativa sobre o outro e passa a comportar-se de forma esquiva, evitando intimidade e frustração.**	**Estratégias: mais madura que a média da mesma idade, disciplinada, responsável, evita gerar problemas para os entes queridos.** • **parceria com a mãe biológica resultou em absoluto fracasso e desamparo;** • **A minimização da experiência do abandono total foi garantida pela adoção realizada sessenta dias depois, que de forma gradual, supriu a privação de contato humano, cuidados básicos e amor sofrida por Paula.** • **Mãe adotiva = figura de apego principal, estável e disponível durante toda a fase da infância** • **Relação íntima e disponível com a mãe adotiva** • **Insegurança resultante do abandono, representada pelo medo de ser rejeitada e pela estratégia de agradar às pessoas e evitar conflitos com suas figuras de apego** • **Sentimento de insegurança e *esquiva* em situações de intimidade.**

2. RELACIONAMENTO C/ MÃE	• **constante indisponibilidade emocional da figura materna, frequentemente percebida como *rejeitadora*.** • **mãe não estabelecia contato físico e demonstrava irritação e afastamento quando Ana solicitava sua presença.** • **Ana interagia com ansiedade, medo, preocupação, culpa e baixa auto-estima.** • **Mãe percebida como rígida, brava, fria, nervosa e fechada.** **Relacionamento frio e distante**	• **Mãe percebida como: nervosa, prática; inteligente; irresponsável; instável; artista** • **Relacionamento ambivalente: ausência física e emocional, mesclada com momentos de esperança e prazer com o vínculo.**	• **Mãe biológica: rejeição total** • **Relacionamento com a mãe adotiva percebido como: amoroso, honestidade; carinho; amizade; atenção.** • **Comportamentos auto-suficientes, buscando ter mais autonomia, mas, ao mesmo tempo, comportava-se de forma ansiosa em relação às figuras de apego; demonstrando preocupação com elas e pensamentos obcessivos relacionados a necessidade de aceitação.**
3. RELACIONAMENTO COM PAI	**Pai percebido como sensível, brincalhão, carinhoso, justo e severo.** **Relacionamento percebido como Caloroso, apesar da ausência física.**	**Ausente até a adolescência e depois, próximo e caloroso**	**Pai adotivo percebido como caloroso, mas distante fisicamente** **Relacionamento com o pai: ausente; carinhoso; honestidade; amizade.**
4. ESTILO DE APEGO	**Ansioso**	**Oscila entre o evitativo/ansioso**	**Oscila entre o evitativo/ansioso**
5. OUTRAS FIGURAS	**Avó "torta"**	**André e Avó materna**	**Mãe adotiva** **Marido**
6. MODELOS OPERATIVOS INTERNOS	**Sobre si: negativo** **Sobre o outro: positivo**	**Sobre si: negativo** **Sobre o outro: Negativo**	**Sobre si: negativo** **Sobre o outro: Positivo**
7. APEGO – ADULTO	**Preocupada – as estratégias desenvolvidas na infância se mantêm até o adoecimento de Ana.**	**Houve uma gradativa mudança com relação à mãe, do estilo preocupado/ para o evitativo (ansiedade diminuiu)**	**Preocupado – estável com relação à mãe, estabelecendo um estilo mais seguro com relação ao marido**
8. CONSEQUÊNCIAS	• **Insegurança** • **Baixa auto-estima** • **Necessidade de agradar o outro**	• **Sentimento de culpa;** • **Incapacidade de manter**	• **Insegurança** • **Baixa auto-estima** • **Necessidade de agradar ao outro**

	para manutenção de amor e do vínculo • **Ansiedade** • **Dificuldade de concentração** • **Relacionamentos superficiais**	**proximidade com a figura de apego;** • **Baixa auto-estima;** • **Senso de responsabilidade precoce;** • **Competência para solução de problemas** • **Insegurança** • **Ansiedade diante da ameaça de instabilidade financeira** • **Dificuldade de manter relacionamentos íntimos, calorosos e estáveis.**	**para manutenção de amor e do vínculo** • **Ansiedade** • **Dificuldade de concentração**

No quadro acima, destacam-se as características do comportamento de apego na infância e na vida adulta e os estilos de apego desenvolvidos por meio da interação com as figuras de apego ao longo da vida.

Vale destacar que a partir das diferentes experiências de abandono vividas na infância, com relação às cuidadoras principais, tanto Júlia, como Ana e Paula desenvolveram um estilo de apego inseguro, caracaterizado por estratégias e comportamentos de apego estabelecidos a partir da necessidade de conquistar a atenção e proximidade de mãe.

Os resultados confirmam a importância de cuidadores substitutos ou de outras relações de apego, com relação ao prognóstico destas perdas. A análise dos dados acima favorece a compreensão dos efeitos da privação, como afirma Bowlby (1995), que foram minimizados pelos cuidados de outras pessoas (Ana / avó torta; Júlia / irmão e avó materna; Paula / mãe adotiva) nas quais aprenderam a confiar.

Os modelos operativos internos resultantes destas experiências traumáticas, caracterizaram-se por percepções negativas sobre si mesmo, insegurança e baixa auto-estima. Estes modelos se mantiveram até a vida adulta caracterizando um

estilo preocupado de apego com novas figuras de apego na vida adulta, ou mesmo com as figuras de apego da infância. A preocupação e ansiedade mostraram-se mais intensificadas com as figuras de apego principais, cuja necessidade de manter proximidade e estabelecer uma *base segura* foram fundamentais para o desenvolvimento pessoal destas mulheres, seja com relação ao papel de filhas, ou de esposas, profissionais e mães.

TABELA 10. QUADRO RESUMO N° 3: CARACTERÍSTICAS DO ABANDONO

CATEGORIAS	ANA	JÚLIA	PAULA
1. TIPO	**PARCIAL (Mãe)** **Idade: desde o nascimento** **Tempo de privação: da infância à vida adulta** **Grau de privação: rejeição total**	**PARCIAL (Mãe)** **Idade: desde o nascimento** **Tempo de privação: da infância à vida adulta** **Grau de privação: rejeição intermitente** **TOTAL (Pai)** **Idade: desde o nascimento** **Tempo de privação: da infância à adolescência** **Grau de privação: rejeição total e temporária**	**TOTAL (Pai e Mãe)** **Idade: recém nascida** **Tempo de privação: dois meses** **Grau de privação: rejeição total**
2.. PERCEPÇÃO	**Insuficiência de interação, indisponibilidade emocional, agressividade e pouca comunicação, pouco contato físico**	**MÃE** **Episódios de descontinuidades sucessivas e insuficiência de cuidados responsivos quando estavam juntas no período de convivência.** **PAI** **Abandono total até a adolescência**	**Da mãe biológica:** **As ambivalências mais intensas são:** • **Sentimento de raiva *versus* sentimento de pena;** • **Sobre a forma como foi abandonada** • **Necessida de de esquecer *versus necessidade de* lembrar;** • **Sobre os efeitos do abandono: não afetou sua vida *versus* não sabe sua história de origem e nem sobre histórico genético;**
3. CONSEQUÊNCIAS	• **Luto** • **Aumento da insegurança** • **Medo de ser abandonada definitivamente** • **Ansiedade com**	• **Luto** • **Desejo de ter uma família normal;** • **Criatividade e gosto por coisas boas;** • **Descartar os**	• **Luto** • **Insegurança** • **Medo de ser abandonada novamente** • **Adoecimento** • **Culpa pela**

	relação à presença da mãe • **Culpa pela rejeição materna** • **Conflito com irmãos – disputa do afeto** • **Preocupação e ansiedade com as figuras de apego na vida adulta** • **Comportamento superprotetor com os filhos**	**relacionamentos par evitar algum tipo de ameaça e/ou sofrimento;** • **Motivação para comprar uma casa própria;** • **Desconfiança;** • **Desejo de ter filhos;** • **Autonomia e independência;** • **Dificuldade em aceitar críticas** • **Instabilidade na rotina;** • **Perdas secundárias: bens pessoais; amigos;** **Hábitos e rotina;** • **Estigma de fracasso e marginalidade;** • **Relacionamentos superficiais e auto-sufuciência** • **Dificuldades da família de origem = força motriz para sua capacidade de enfrentamento e de realização** • **Ambivalência intensa** • **Medo crônico** • **Isolamento social** • **Pouco apoio familiar** • **Baixa auto-estima** • **Culpa pela rejeição materna** • **Medo de ser abandonada definitivamente** • **Inversão de papéis com a mãe (cuidadora)** • **Ausente fisicamente, mas preocupada e amorosa com as filhas.**	**rejeição materna** • **Preocupação e ansiedade com as figuras de apego na infância e vida adulta** • **Comportamento superprotetor com os filhos** • **Preocupação excessiva em não errar com os filhos** • **Controle excessivo do comportamento das figuras de apego principal** • **Exigente consigo mesma**

É importante ressaltar que, nas situações de Júlia e Paula, onde prevaleceu a descontinuidade da interação, observei um número maior de estratégias relacionadas à evitação da interação com figuras de apego, maior isolamento social e comportamentos em torno da aquisição de autonomia, que culminou em ambas as situações, com a inversão de papéis com a figura parental. Já na situação de Ana, onde prevaleceu a insuficiência e distorção da relação, a ambivalência foi predominante e resultando numa ansiedade excessiva e numa preocupação constante com a figura de apego, o que resultou numa maior dependência das relações afetivas e inibição do comportamento exploratório, na medida em que as suas iniciativas eram focadas nesta relação. A privação parcial vivida por Ana gerou angústia, excessiva necessidade de amor, fortes sentimentos de raiva e, como consequência, sentimentos de culpa e depressão.

Desta forma, os resultados encontrados confirmam as noções apresentadas por Bowlby'(1995) sobre os efeitos devastadores do abandono total, com relação a capacidade de estabelecer relacionamentos íntimos, e da perturbação psicológica resultante dos modelos internos múltiplos e ambivalentes, característicos do abandono parcial.

A relação entre Júlia e sua mãe é exemplo do efeito de uma situação de privação parcial e intermitente, marcada por situações de separações sucessivas e de duração indefinida, intercaladas pela atitude amorosa, nos imprevisíveis regressos. Sentimentos contraditórios como raiva/amor, esperança/desesperança, ansiedade/apatia e medo/coragem tornaram-se a tônica desta relação e do desenvolvimento do apego de Júlia. A influência do relacionamento estável e afetivo com o irmão foi, sem dúvida, a "*tábua de salvação"* para que Júlia não

desenvolvesse algum tipo de distúrbio psicológico grave, como o observado no comportamento da mãe por meio do relato de Júlia.

Para a avaliação do impacto da privação do amor materno, conforme os apontamentos de Bowlby (1995) foi necessário avaliar o caráter precoce da privação, o tempo de privação em cada uma das histórias e o grau em que suas figuras parentais lhe faltaram. Por meio desta análise e, considerando as diferenças individuais quanto ao tempo de privação e a ambivalência, podemos considerar que o impacto do abandono nestas três histórias foi significativo, tornando-se um mecanismo de risco para o desenvolvimento emocional destas três pessoas.

TABELA 11. QUADRO RESUMO N° 4: PROCESSO DE LUTO

CATEGORIAS	ANA	JÚLIA	PAULA
1. REAÇÃO DE LUTO	**Não aceitou e até a morte da mãe, na vida adulta, este luto foi sendo negado e por meio da insistência, Ana buscava mudar o padrão de rejeição, porém, sem êxito.**	**Reconhecimento da perda, mas a aceitação não era possível porque ao regressar, após meses de separação, sua mãe reforçava suas esperanças e este processo foi mantido desta forma até a vida adulta.**	• **Reações surgiram no primeiros dias, mas foram minimizadas pela responsividade da mãe adotiva.** • **Ambivalência de sentimentos e confusão de pensamentos** • **estratégias: inibir a expressão do seu pesar** • **cumplicidade, o amor e a gratidão por seus pais adotivos = fatores que sustentaram resiliência para enfrentar sua reorganização.**
2. MANIFESTAÇÃO	• **Reações:** **<u>Comportmento:</u>** **isolamento, sensação de não pertencimento, passividade, tentativa de controle das relações, adoecimento, busca pelo pai, agitação, discurso prolixo.** **<u>Sentimentos:</u>** **Tristeza, culpa, raiva, solidão, insegurança, ambivalência, medo, antecipação da rejeição, ansiedade, desamparo.** **<u>Sensações físicas:</u>** **Choque, somatização, despersonalização, angústia, "déficit" de memória.**	• **Reações:** **<u>Comportmento:</u>** **isolamento, sensação de não pertencimento, passividade, tentativa de controle das relações, adoecimento, busca pelo pai, agitação.** **<u>Sentimentos:</u>** **desamparo, frustração, raiva e culpa, medo crônico, tristeza, solidão, insegurança, ambivalência, antecipação da rejeição, ansiedade, desamparo.** **<u>Sensações físicas:</u>** **Choque, somatização, despersonalização, angústia, "déficit" de memória.**	• **Reações:** **<u>Comportmento:</u>** **isolamento, sensação de não pertencimento, passividade, tentativa de controle das relações, adoecimento, busca pelo pai, agitação.** **<u>Sentimentos:</u>** **Tristeza, culpa, raiva, solidão, insegurança, ambivalência, medo, antecipação da rejeição, ansiedade, desamparo.** **<u>Sensações físicas:</u>** **Choque, somatização, despersonalização, angústia, "déficit" de memória.**
3. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE LUTO	**Luto ambivalente relacionado a presença física de uma figura de apego rejeitadora. Os diferentes modelos relacionados ao**	**Luto ambivalente, relacionamento de apego, que alimentava um ceto nível de esperança que o abandono não acontecesse mais.**	**Processo de luto: luto inibido e não reconhecido** • **Etapas de luto enfrentadas: evitação e negação**

	mesmo aspecto da realidade, promoveu um processo de luto que se concretizou com a morte da mãe e cujo luto, finalmente, foi validado pelo contexto social.		• Paula suportou confrontar a perda apenas de forma muito superficial e rápida • A precocidade e falta de memórias relacionadas à mãe biológica prejudicaram a necessidade de recordar e reviver o vínculo perdido, para revisar e lembrar de forma realista e assim, enfrentar os sentimentos ligados ao luto. • Reajustou-se para adaptar-se ao novo contexto, inibir pensamentos e sentimentos sobre o antigo e sobre a perda, adotar novos modos de estar no mundo, assumir uma nova identidade, e reinvestir em novos objetos de amor ou relacionamentos afetivos.
4. SUPORTE SOCIAL	**Avó torta**	**Irmão e avó**	**Avó materna**
5. SITUAÇÕES DE RISCO P/ LUTO COMPLICADO	1. Rejeição materna; 2. Relacionamento conflituoso; 3. Apego fraco 4. Ausência de base segura e porto seguro; 5. Ambivalência; 6. Depressão da mãe 7. Segredo sobre a tentativa de suicído da mãe; 8. Culpa intensa; 9. Luto não reconhecido intrapsíquica e socialmente 10. pouco suporte social	1. Rejeição materna (abandono parcial) e paterna (abandono total) num período crítico da formação e desenvolvimento do apego; 2. Dinâmica conflituosa do relacionamento com a mãe 3. Apego inseguro 4. Segurança do Apego: nenhuma 5. Grau de Confiança: nenhum 6. Intensidade da ambivalência / relacionamento hostil latente	<u>Relacionados a perda</u>: • Inabilidade para antecipar; • Precoce e violenta; • Falta de cuidados subsititutos imediatos; • Privação de cuidados básicos para a sobreviência; • Permanência em local perigoso até o resgate; • Hospitalização. <u>Relacionados a Paula:</u> • Recém-nascida; • Vulnerável física e emocionalmente; • Filha única dos

		7. Possível desajuste mental por parte da mãe 8. Baixa auto-estima. 9. Perda não reconhecida socialmente 10. Ausência de parâmetro e preparação para o luto 11. Culpa intensa 12. Crescente necessidade de compreensão do comportamento da mãe. 13. Falta de apoio social 14. Condições sócio-econômicas 15. Ausência de estabilidade na rotina de vida; 16. Negligência emocional; 17. Tentativa de abuso Sexual por um amigo da mãe	pais adotivas: sobrecarga de expectativas e superproteção; <u>Relacionados aos pais adotivos:</u> • Luto pela infertilidade provavelmente não foi elaborado; • Problemas crônicos de saúde da mãe biológica (figura de apego principal); • Mãe adotiva: medo de morrer, insegurança e ansiedade; vínculo de dependência afetiva com Paula; • Pai adotivo distante fisica e emocionalmente de Paula, e de sua mãe adotiva; • Segredo familiar sobre a adoção; • Conflito conjugal dos pais adotivos – instabilidade familiar; • Separação dos pais – aumento da relação de dependência da mãe adotiva. <u>Quanto à família:</u> • Família pequena; • Dificuldade de enfrentar a reação de luto da Paula na ocasião da revelação e depois disto; • Baixo status sócio-econômico; • Inabilidade de prover suporte.
6. OUTRAS PERDAS	Infância e adolescência: • avó materna Vida adulta: • pai • mãe • adoecimento	Infância e adolescência: • pai do amigo Vida adulta: • pai; • avó materna; • separações	Infância e adolescência: • avô • tia • pai do namorado • avó materna.

			Vida adulta: • **aborto**
7. REAÇÕES DESTAS OUTRAS PERDAS	**Perda do pai: tristeza, solidão, barganha, angústia e desamparo.** **Perda da mãe: Choque, raiva, ansiedade, desamparo, alívio, culpa, vazio, angústia e confusão** **Adoecimento: choque, revolta, medo de morrer, ansiedade, desamparo, confusão, depressão e isolamento social.** **Enfrentamento destas perdas:** • **reconhecimento e aceitação** • **enfrentamento** • **reorganização** • **reinvestimento em outros objetivos de vida**	• **Luto ambivalente: não se concluiu** • **Fase adulta = compreende e dá sentido ás perdas vividas,** • **apoio psicológico** • **Reajustamento e desenvolvimento de estratégias para adaptar-se a realidade** • **Revisão dos modelos operativos internos** • **Luto pelo pai e pela avó foram intensos e duraram um tempo específico para que ela pudesse se expor e sociabilizar após a perda**	• **luto normal** • **rerganização diante da nova realidade** • **participação dos funerais** • **tia: o impacto esteve mais relacionado às perdas secundárias, como a perda da união familiar, as mortes sucessivas do avô e depois da tia desestabilizaram a a rotina da família:** • **pai do namorado: impotência e enfrentou e elaborou os sentimentos e pensamentos acerca da morte e do luto desta pessoa querida** • **aborto: choque, triste e angustiada, mas se esforçou, usando recursos cognitivos e emocionais, para se reorganizar rapidamente.**

Neste quadro podemos observar que a experiência de perda relacionada à privação dos cuidados maternos e às perdas secundárias a este trauma, implicaram em processos de luto não concluídos e, portanto, complicados, seja pela inibição do pesar, ou pela ambivalência da relação, ou ainda pela influências dos fatores de risco citados acima, para a conclusão de tarefas relacionadas à elaboração do luto.

Esta avaliação torna-se mais evidente, quando comparamos as reações desta perda às outras perdas vividas na infância ou em outras fases da vida, cujo reconhecimento social favorece a expressão do pesar e a reorganização cognitiva e

emocional necessárias para a aceitação e compreensão da perda, e reorganização diante da realidade marcada pela ausência da figura materna.

Nas situações de Ana e Júlia, o trabalho do luto não foi concluído, porque implica um teste de realidade que revela que o objeto não existe mais, ou está inacessível. A aceitação desta realidade permite que o indivíduo possa desistir desta relação ou dirigir sua meta fixada para outras relações afetivas. Consequentemente, a pessoa pode reposicionar, em termos emocionais, o ente que perdeu e continuar a vida. Porém, diante da dinâmica estabelecida com suas mães, este desinvestimento tornou-se impossível para Ana e Júlia.

Para Júlia, os episódios de separação frequentes, desde os primeiros ano de vida, com tempos de duração variados – ocasionaram reações cada vez mais enfraquecidas, demonstrando uma resignação, que em algumas situações assemelhou-se a um estado de apatia. Seu ajustamento precoce, aparentemente, pode sugerir um desenvolvimento emocional saudável, mas trata-se de uma necessidade quase instintiva de garantir a presença da mãe ou, em casos mais graves, este tipo de reação pode referir-se a um estado depressivo, envolvendo apreensão, angústia e tristeza.

É importante destacar como a falta de reconhecimento social destes abandonos como situações de perda, tornou-se um importante fator de risco, que comprometeu a superação e elaboração desta experiência por parte das pessoas entrevistadas. Este agravante tornou-se ainda mais comprometedor pelo fato de envolver uma experiência de luto precoce pela perda de uma relação de apego fundamental para o desenvolvimento emocional. Sendo assim, nas situações vivdas por Ana e Júlia, em que o abandono é parcial e a presença física da mãe pode mascarar a real condição de privação emocional vivida pela criança, a negação

implica, na maioria dos casos, a inibição da expressão de sentimentos e um isolamento social por parte da criança enlutada, que passa a ser cúmplice no silêncio, com medo de perder também, a presença física da mãe.

TABELA 12. QUADRO RESUMO N° 5: SISTEMA CUIDADOR

CATEGORIAS	ANA	JÚLIA	PAULA
1. RELACIONAMENTO C/ FILHOS	**Desejo de ser diferente do modelo vivido na infância;** **Realização pessoal**	**Realização pessoal** • **muito exigente com as filhas;** • **sentiu-se muito culpada, em especial com a filha Andréa, por ficar muito ausente fisicamente.** • **Amorosa, buscava manter proximidade e boa comunicação com as filhas.** • **Meta como cuidadora: ser responsiva e oferecer estabilidade para as filhas.** • **Estratégias: foram prejudicadas pelas necessidades que tinha como provedora, acumulando dois empregos para garantir o sustento da casa.** • **Júlia envolvida num processo de luto pela separação, com sentimentos de mágoa, traição e desamparo;** • **estas condições inibiram seu repertório de comportamentos como cuidadora.** • **Tendência em escolher relacionamentos ínitimos com as mesmas características do modelo de apego vivido na infância (instável, inseguro e rejeitador).**	• **boa mãe, preocupada, carinhosa, responsável, que estabelece limites quando necessário.** • **Intenção de oferecer uma relação com os filhos mais adequada do que as que viveu durante a infância com a mãe biológica e adotiva.** • **Seu propósito é superar o modelo de cuidados maternos que teve** • **Percepção dos filhos como extensão de si**
2. PERCEPÇÃO DA RELAÇÃO	**Muito próxima, com muito carinho e comunicação**	**Muito próxima, mesmo quando estava ausente fisicamente**	**Muito próxima. Carinhosa**
3. PERCEPÇÃO DOS FILHOS	**Tatiana: extrovertida e facilidade para convivência social** **Marcelo: tímido, fechado, afetuoso e sensível** **Conflitos com**	• **Maternidade favoreceu a revisão dos seus modelos operativos internos;** • **Resgatou sua esperança: família estável, porto seguro e estabilidade socioeconômica.**	**Relacionamento com Miguel:** 1. **Carinho** 2. **Amizade** 3. **Personalidade** 4. **Honestidade:** 5. **Amor**

	Tatiana pela personalidade forte.	• **Cris: senso de competência, esperança de poder mudar padrões antigos e começar uma nova família.** • **Culpa em relação a Andréa: Júlia estava debilitada, deprimida e enlutada pelo aborto provocado antes da gravidez de Andréa.** • **Relacionamento com Cris: Respeito, parceria, senso crítico, humor; Mesquinhez:** • **Relacionamento com Déa: Respeito, parceria, concorrência, humor; generosidade (material)**	**Relacionamento com Laura:** **1. Carinho** **2. Personalidade** **3. Amizade** **4. Muito amor** **5. Atenção**
4. SATISFAÇÃO NA MATERNIDADE	**Autonomia dos filhos *Versus* Dependência dos filhos**	**Não repetir o modelo de maternagem que teve com a mãe.**	**Nos cuidados básicos em relação aos filhos**
5. DIFICULDADES NA MATERNIDADE	• **Conflito com Tatiana**	• **necessidade de isolar-se e controlar o grau de intimidade tornou-se cada vez mais presente.** • **com as filhas: necessidade de isolamento X necessidade de prover cuidados para seus dependentes**	• **amamentação;** • **sentimentos ambivalentes de raiva e culpa, preocupação e alívio;** • **sentimento de vergonha pelo comportamento inadequado dos filhos.**
6. SENTIMENTOS	• **Raiva** • **culpa** **medo** • **Segurança *X* insegurança**	• **Raiva - situações de *estresse* cotidiano;** • **Culpa – ausência na vida da Andréa,** • **Segurança e prazer – conquistas relacionadas à suas filhas e à família.** • **Ambivalência** • **Tristeza** • **Frustração** • **Pesar** **Preocupação:**	**Sentimentos:** • **Raiva** • **Culpa** **(a) não conseguiu desempenhar os cuidados necessários para o bem estar da mesma.** **(b) Miguel com dificuldades com relação à aprendizagem** • **Medo** • **Segurança** • **Prazer**

		comporta-se como cuidadora, no sentido de despertar nas filhas a consciência e responsabilidade sobre o papel de mãe.	• Ambivalência
7. SEPARAÇÕES	• Sente-se ansiosa e preocupada • perda de controle gera angústia	• Mais difíceis com relação a Andréa, em razão do medo da rejeição da filha e culpa	• Com Laura é mais insegura e evita separações que considera desnecessárias
8. REVÉS	Conflito com a Nora	maternidade foi uma experiência definitiva na transição do seu modo de relacionar-se e de enfrentar adversidades, ela também avalia que o mesmo aconteceu com Andréa, e observa sua mudança de postura no relacionamento com Júlia.	Nenhum
9. SEMELHANÇAS ENTRE MÃE E FILHOS	Tatiana: extroversão Marcelo: afetividade • As semelhanças da relação favoreceram os conflitos com Tatiana, mas também a intimidade. A experiência da maternidade enfraqueceu os modelo operativos internos da infância e a diminuição dos sentimentos negativos, como medo e insegurança que ativavam o sistema cuidador com relação aos filhos.	• temperamento e personalidade forte, bom senso • • As semelhanças da relação favoreceram os conflitos entre elas, mas também a identificação e valorização de suas qualidades como mãe e, desta forma, enfraqueceu os sentimentos negativos, como medo e insegurança que ativavam o sistema cuidador com relação aos filhos.	• Miguel: em relação a pessoas estranhas, principalmente a necessidade de agradar e acolher as pessoas que ama, aceitando e se envolvendo de forma crítica e consciente com a idéia de adoção • As semelhanças da relação favorecem identificação e suas qualidades como mãe e, desta forma, enfraquece os sentimentos negativos, como medo e insegurança que ativam o sistema cuidador com relação aos filhos.
10. DIFERENÇAS ENTRE MÀE E FILHOS	Tatiana: personalidade forte, consegue impor limites Marcelo: timidez	• diferença de idade entre ela e as filhas	• determinação da filha mais nova
11. ESTILO DE CUIDADOR	• Estilo de cuidados	• estilo de cuidados responsivo, mas	• estilo de cuidados responsivo, porém

	responsivo, mas excessivamente preocupado e ansioso. • Sua meta fixada como cuidadore era ser disponível emocionalmente e protetora com relação aos filhos.	ambivalente, porque o fato de se manter muito tempo ausente fisicamente, gerou insegurança e suas filhas tiveram a mesma necessidade de desenvolver estratégias de sobrevivência que envolviam autosuficiência, agressividade, principalmente a Andréa, ansiedade e medo	inseguro, marcado por excessiva preocupação, ansiedade e controle (numa tentativa de dominar a ansiedade e o medo). • Sua meta fixada como mãe é proteger os filhos, oferecendo afeto e cuidados responsivos.
12. APEGO x SIST. CUIDADOR	• Influência das consequências da rejeição materna para o desenolvimento do apego, envolvendo o desenvolvimento do sistema de cuidados marcado pela insegurança • superação dos modelos internos originais, com uma avaliação menos distorcida sobre si e sobre os outros.	• superação dos modelos internos originais, com uma avaliação menos distorcida sobre si e sobre os outros. • aprendeu a controlar o medo e a ansiedade.	• Superação dos modelos internos desenvolvidos na infância: avaliação menos distorcida e manutenção de cuidados responsivos com relação aos filhos e à mãe adotiva. • Estabilidade emocional foi desenvolvida por meio de outras relações e o medo passou a ser mais controlado, principalmente, por meio do vínculo de apego com o marido.
13. INFLUÊNCIAS NA MATERNIDADE	• Ansiedade, preocupação em agradar, medo de ser rejeitada. • Ausência do marido, implicando maior responsabilidade e autonomia por parte de Ana; • Maturidade • Doença • Psicoterapia • Despreocupação com relação às condições financeiras	• qualidade do apego com o marido; • experiência de traição e o sentimento de rejeição do parceiro; • Desde a gravidez, o marido também rejeitou Andréa; • Contexto conturbado (perdas múltiplas) do nascimento de Andréa; • Dificuldades financeiras; • Papel de provedora, que acarretou uma ausência física com relação às filhas; • A associação destes fatores promoveu um prolongamento do luto com relação à	Da relação com os pais adotivos: • Insegurança • Comportamento de mediação com os outros membros da família. • Preocupação excessiva com o desempenho dos diferentes papéis (filha, esposa, mãe e profissional). • Honestidade. • Relacionamento com os filhos. • A convivência conflituosa dos pais fez que com Paula lutasse para construir um relacionamento

	separação e, consequentemente, prejuízo com relação ao desempenho do seu comportamento como cuidadora.	• **muito harmônico e respeitoso com o marido.** • **Adoção é muito valorizada por Paula como uma chance de pertencer a uma família e trocar amor com seus pais adotivos.**

Neste quadro, é possível constatar que a maternidade significou para estas três mulheres a possibilidade de reparar as perdas prematuras e os desapontamentos experimentados com relação às suas cuidadoras durante a infância. Ao mesmo tempo que estes filhos são *produtos* de gerações anteriores, eles representaram, também, a expectativa de desconstruir os modelos vividos no passado e de transformar os padrões de vinculação já existentes.

Porém, é fundamental ressaltar que cada um destes filhos teve um significado diferente para Ana, Júlia e Paula. O relacionamento com eles foi determinado também, pelas suas características individuais, como: personalidade, habilidades, semelhanças e diferenças físicas e de comportamento, somada aos significados, necessidades e esperanças que foram colocadas sobre eles por estas mulheres e suas famílias.

Podemos também avaliar por meio destes resultados, que o estilo utilizado por estas mães para criar os filhos foi influenciado de forma significativa pelas características dos cuidados que receberam em suas próprias infâncias.

Confirmando os pressupostos da Teoria do Apego, podemos observar que nestes casos, os cuidados dispensados aos filhos fazem parte de um sistema comportamental específico, que, em alguns aspectos, assemelham-se ao sistema de comportamento de apego e, em outros aspectos, difere deste. Desta forma, a ansiedade e busca de aceitação foram muito frequentes nos relatos sobre a relação

com os filhos nas três entrevistas, mas também surgiram aspectos como senso de competência e segurança, prazer, comunicação e outros elementos inexistentes até então, nas relações de apego destas mulheres.

É possível observar que nestes relatos, assim como foi apontado por Bowlby (1969/1990), o sistema cuidador é recíproco e é independente, mas existe em paralelo ao sistema de apego destas mulheres. A frustração com relação a perspectiva de *ser protegido* provoca uma ansiedade e expectativa com relação a perspectiva de *prover proteção,* sustentando a motivação destas mulheres enquanto mães, no intuito de romper com o mecanismo de transmissão intergeracional do modelo de rejeição.

Podemos observar, também, a influência dos outros sistemas de comportamento presentes em outros relacionamentos, como por exmplo, com os pais (sistema de apego)., com o parceiro sexual (sistema sexual) e a vida profissional (sistema exploratório).

É possível constatar também que Júlia encontrou dificuldade de equilibrar de forma dinâmica o sistema de cuidados com outros sistemas (ex: exploração, apego) e frustrando sua meta fixada como cuidadora, as estratégias, inicialmente, formuladas com o intuito de proteger e cuidar das filhas foi modificada pela necessidade de alcançar outros objetivos como provedora. Já, nas histórias de Ana e Paula, as condições de vida, incluindo o suporte familiar e as condições financeiras, permitiram que estas mães fossem mais flexíveis e equilibradas em relação a todos os seus objetivos.

Ao analisar a influência das experiências de apego da infância no desenvolvimento do sistema cuidador de Ana, Paula e Júlia, constatei que estas mães integraram suas experiências com seu filho em seus esquemas mentais de

apego e a despeito de suas metas fixadas com relação à maternidade, a sensibilidade maternal destas três mulheres foi caracterizada por uma influência multidimensional, incluindo características do apego inseguro da infância, do sistema familiar e do contexto, sendo que algumas destas influências caracterizaram-se como mecanismos de proteção e outras, como mecanismos de riscos. Como resultado, a experiência da maternidade representou para Ana, Júlia e Paula, a superação do modelo vivido na infância, rompendo com a noção de estabilidade linear do estilo de apego ao longo da vida e incrementando a importância do fenômeno da resiliência na construção da identidade como mãe.

Portando, neste quadro sobre o tema da maternidade, comparei os dados e sustentei a compreensão do comportamento destas cuidadoras como produto de uma complexa transação do arranjo organizado entre o conjunto de elementos biológicos e o conjunto de fatores experimentais ou ambientais. A responsividade observada nestes relatos estava explicitamente enraizada na infância, bem como em outras experiências vividas até a vida adulta.

Constatei que a experiência de ser mãe e de dar a vida aos seus bebês, bem como suas representações sobre si como cuidadoras, suas interpretações da experiência do nascimento e da convivência com seus filhos foram fatores que, juntos, influenciaram de forma positiva o sistema cuidador e a revisão dos modelos operativos internos destas mulheres. Tanto no relato de Ana, ao descrever suas experiências com os filhos adolescentes, como no relato de Júlia, ao descrever a gravidez e o nascimento das filhas, ou ainda, com Paula, relatando a magia dos momentos de ternura com os filhos, é possível exemplificar o impacto desta vivências como mecanismos de proteção na elaboração do luto pelo abandono na infância e no reinvestimento em outros projetos de vida.

Da mesma forma, é fundamental destacar a influência de determinadas situações como mecanismos de risco para a elaboração do luto e desenvolvimento do sistema de cuidados em cada uma destas histórias de vida. Fatores sócio-culturais como a satisfação da mãe com o seu suporte social, casamento, trabalho e circunstâncias sócio-econômicas influenciaram a habilidade materna de Ana, Júlia e Paula, em focar nos cuidados para com os filhos.

O comportamento de cuidados observado por Ana em sua infância, caracterizava-se por comportamentos de cuidados condicionados, sendo que as estratégias utilizadas por sua mãe envolvima proteger Ana e seus outros filhos a uma certa distância guiada ao nível representacional por uma acentuada rejeição. Ana relata que sua mãe a avalia como uma criança teimosa e desmerecida, e enfatiza os aspectos negativos da sua interação. Desta forma, sua mãe rejeitou e desvalorizou suas necessidades de apego quando criança, e desta forma, desativava seu sistema cuidador; mas sem abandonar sua função de prover cuidados e proteção, como aconteceu entre Paula e sua mãe biológica.

Já na situação de Júlia, a relação com sua mãe é caracterizada por sua incerteza comportamental e representacional. Em termos de processo defensivo, as representações mentais de sua mãe ambivalente foram caracterizadas por *desconexão cognitiva*, revelada por sua inabilidade de integrar positivo e negativo, bom e mau, desejável e indesejável, o que deixava Júlia confusa, e como produto da sua incerteza, sua mãe, até a fase da adolescência, aparentava ser o máximo, mas era extremamante ineficiente e negligente nos cuidados com Júlia e seu irmão.

TABELA 13. QUADRO RESUMO N° 6: RESILIÊNCIA

CATEGORIAS	ANA	JÚLIA	PAULA
1. CARACTERÍSTICAS	• Observada em diversos tipos de experiências de perda, do nascimento até o momento da entrevista; • Inicialmente, fica paralizada diante dos obstáculosencara dos como desafios; •	• buscava encarar os obstáculos como desafios e tentava transformar uma experiência traumática ou adversa em uma lição positiva sobre si, sobre os relacionamentos e sobre o mundo. • evitar correr riscos`de se machucar mais emocionalmente e, por isso, desenvolveu estratégias de esquiva e auto-suficência no relacionamento com outras pessoas	• Diante do desamparo, Paula reagiu, se enlutou e se apoiou em diferentes recursos, internos e externos, para lidar com a perda e seguir em frente. • Evita conflitos e situações de risco
2.. MECANISMOS DE RISCO	• Qualidade do vínculo com a mãe; • Conflitos e questões pendentes; • Luto antecipatório sobreposto ao luto pela morte da mãe; • Estressores sencundários. • Morte dos pais; • Dinâmica familiar conflituosa; • Crise conjugal.	1. Rejeição por parte da mãe e do pai desde sua concepção: 2. Informações contraditórias sobre relacionamentos amorosos; 3. Modelos operativos internos marcados pela insegurança e baixa auto-estima e isolamento social; 4. Sucessivas mudanças de casa: 5. Perda do pai; 6. Dinâmica familiar conflituosa com a mãe até a vida adulta; 7. Pouco suporte social; 8. Separações	1. Rejeição e abandono 2. Saúde debilitada após o período de abandono 3. A revelação sobre sua origem na fase da adolescência 4. Mãe adotiva com saúde frágil – ameaça de perda 5. Mãe adotiva com comportamento ansioso, dependente e controlador 6. Pai adotivo distante 7. Dinâmica do casal conflituosa (pais) 8. Pouco suporte social 9. Inibição de expressão de sentimentos

3. MECANISMOS DE PROTEÇÃO	**1. Relacionamento com o pai, com a avó torta e com a irmã que é médica; 2. Alteração e flexibilidade para mudar estratégias de enfrentamento; 3. Psicoterapia; 4. Novos objetivos e projetos de vida.**	**1. Relacionamento com o irmão: 2. Relacionamento com a mãe depois da separação: 3. Estigma social (prostituta) transformado em desafio 4. Desejo de construir uma famiíla "normal" 5. A experiência da maternidade 6. livro *Pollyana* 7. processo de psicoterapia 8. Controle do medo e mudança de estratégias de enfrentamento**	**1. A adoção 2. Relacionamento com a mãe adotiva 3. Relacionamento com a avó materna 4. Maior autonomia após o casamento 5. Estratégias de enfrentamento percebidas como eficazes 6. Maternidade**
4. INFLUÊNCIAS DA INFÂNCIA	**• Insegurança • Ansiedade excessiva • Superproteção dos filhos • Baixa auto-estima, senso de competência em relação aos filhos muito instável**	**• Insegurança • Auto-suficiência • Desejo de romper com estigmas • Mãe como anti-modelo**	**• Insegurança • Necessidade de aceitação • Cumplicidade com pais adotivos por medo do abandono po parte deles • Auto–crítica excessiva**
5. INFLUÊNCIAS DO CASAMENTO	**A ausência do marido promoveu uma sensação de tempo perdido.**	**Mauro - Primeiro casamento: • Mauro ameaçado com a chegada das filhas • não conseguiu oferecer apoio e estabilidade para Júlia (base segura) • atualmente, sentimentos ambivalentes e luto não resolvido com relação à separação. Paulo - segundo casamento: • Paulo viveu à margem durante vinte anos: amante e pai • Necessidade de atingir as metas do sistema de apego e do sistema de cuidados desenvolvidos: construir uma base**	**• *porto seguro* da vida adulta • comunicação saudável do casal**

		segura, lar fixo e uma família estável, desenvolver uma parceria diferente do modelo conhecido com seus futuros filhos, baseada em afeto, segurança e proximidade. • medo de investir e se envolver com relações amorosas	
6. INFLUÊNCIAS DE OUTRAS SITUAÇÕES OU PESSOAS	• psicoterapia • câncer • Relação com os filhos • • Enfrentamento da perda dos pais	• O *coma diabético* da fllha e o nascimento prematuro e adoecimento do neto: • Psicoterapia • Maternidade precoce • Relação com as filhas	• Religião • Adoção • Relação com os filhos • Relacionamento atual com a mãe

3. MECANISMOS DE PROTEÇÃO	5. Relacionamento com o pai, com a avó torta e com a irmã que é médica; 6. Alteração e flexibilidade para mudar estratégias de enfrentamento; 7. Psicoterapia; 8. Novos objetivos e projetos de vida.	9. Relacionamento com o irmão: 10. Relacionamento com a mãe depois da separação: 11. Estigma social (prostituta) transformado em desafio 12. Desejo de construir uma família "normal" 13. A experiência da maternidade 14. livro *Pollyana* 15. processo de psicoterapia 16. Controle do medo e mudança de estratégias de enfrentamento	7. A adoção 8. Relacionamento com a mãe adotiva 9. Relacionamento com a avó materna 10. Maior autonomia após o casamento 11. Estratégias de enfrentamento percebidas como eficazes 12. Maternidade
4. INFLUÊNCIAS DA INFÂNCIA	• Insegurança • Ansiedade excessiva • Superproteção dos filhos • Baixa auto-estima, senso de competência em relação aos filhos muito instável	• Insegurança • Auto-suficiência • Desejo de romper com estigmas • Mãe como anti-modelo	• Insegurança • Necessidade de aceitação • Cumplicidade com pais adotivos por medo do abandono po parte deles • Auto-crítica excessiva
5. INFLUÊNCIAS DO	A ausência do marido	Mauro - Primeiro	• *porto seguro* da

CASAMENTO	**promoveu uma sensação de tempo perdido.**	**casamento:** • **Mauro ameaçado com a chegada das filhas** • **não conseguiu oferecer apoio e estabilidade para Júlia (base segura)** • **atualmente, sentimentos ambivalentes e luto não resolvido com relação à separação.** **Paulo - segundo casamento:** • **Paulo viveu à margem durante vinte anos: amante e pai** • **Necessidade de atingir as metas do sistema de apego e do sistema de cuidados desenvolvidos: construir uma base segura, lar fixo e uma família estável, desenvolver uma parceria diferente do modelo conhecido com seus futuros filhos, baseada em afeto, segurança e proximidade.** • **medo de investir e se envolver com relações amorosas**	**vida adulta** • **comunicação saudável do casal**
6. INFLUÊNCIAS DE OUTRAS SITUAÇÕES OU PESSOAS	• **psicoterapia** • **câncer** • **Relação com os filhos** • • **Enfrentamento da perda dos pais**	• **O *coma diabético* da filha, o nascimento prematuro e adoecimento do neto:** • **Psicoterapia** • **Maternidade precoce** • **Relação com as filhas**	• **Religião** • **Adoção** • **Relação com os filhos** • **Relacionamento atual com a mãe**

Para entendermos como cada uma destas mulheres enfrentou a experiência de abandono, é necessário compreender o universo de significados de cada uma delas, que foi permeado pela influência de vários fatores, internos e externos, inerentes as suas histórias de vida.

Neste quadro de resumos, podemos destacar os fatores associados com a variedade de respostas destas mulheres, frente ao risco.

Assim, como já foi discutido no capítulo IV desta tese, um dos fatores principais nestas histórias apresentadas refere-se à influência das experiências iniciais da vida, nas relações, na saúde e na doença, que surgem na vida adulta.

Foi possível avaliar as características ou qualidades específicas de cada uma das pessoas entrevistadas e compreender as respostas pessoais ao risco. Dentre elas: autonomia, auto-estima e capacidade cognitiva; referentes ao contexto familiar; como conflito, ambivalência, negligência e cuidados, suporte social, religião e outros aspectos culturais.

Os mecanismos de risco e proteção apontados por Ana, Júlia e Paula reforçam a noção de que a resiliência individual destas três mulheres envolve habilidades relacionadas aos aspectos individuais e contextuais. É importante destacar a variedade de situações de forma, consideradas como mecanismos de risco e de proteção por cada uma delas, o que fortalece a idéia de não denominá-los como *fatores,* uma vez que cada um deles pode ter um significado diferente para outras pessoas em contextos diversos.

Alguns fatores também foram associados à resiliência destas mulheres como: poder econômico (Ana); temperamento, apego seguro (no casamento de Paula); apoio social e relacionamento positivo com alguém (Ana e “avó torta”; Júlia e André; Paula e mãe adotiva). Podemos incluir, também, a relação com o profissional de saúde, nestes casos, com o psicoterapeuta, assim como, a relação com os filhos, vínculos que favoreceram algumas elaborações relacionadas ao abandono e que tiveram suma importância na flexibilização destes estilos e, conseqüentemente, na reconstrução da capacidade de vinculação afetiva destas pessoas.

Tanto Ana, quanto Júlia, que viveram vínculos ambivalentes com suas figuras de apego, demonstraram habilidades individuais de tolerar emoções fortes e estressantes, incluindo as reações psicológicas seguidas da exposição às situações de rejeição . Pelo fato de tolerarem estas situações, elas se mostraram capazes de falar sobre suas experiências, o que acarretou interpretações relacionadas ao abandono sob novas perspectivas.

Júlia, em especial, demonstrou uma importante habilidade de reavaliar a experiência, ou seja, ver a experiência sob uma nova luz. Seja pelo apoio constante do irmão, ou ainda, pelo conforto encontrado na leitura de *Pollyanna*, Júlia demonstrou criatividade e pôde ver as coisas de diferentes maneiras, o que propiciou uma vantagem no enfrentamento das tantas adversidades resultantes do abandono e da negligência por parte de seus pais. Ela tirou lições sobre si e sobre a vida e conseguiu converter este novo conhecimento em ações que ajudaram os outros, o que foi expresso como motivo para participar da pesquisa.

Outro aspecto a ser considerado surge no relato de Paula, que demonstra a importância do suporte recebido em relação ao abandono. O fato de ter sido adotada rapidamente e reconhecer um sistema de apoio amoroso possibilitou que Paula compreendesse que o mundo se importava com ela, que este mundo fazia sentido e que ela ocupava um lugar muito importante na vida de seus pais adotivos.

Quanto ao temperamento, cada uma delas mostrou as seguintes características que podem ser consideradas mecanismos de proteção para o enfrentamento do luto:

Ana: alto nível de atividade, acessibilidade, adaptabilidade, bom limiar de sensibilidade, predominância de comportamento amistoso e agradável, habilidade de distração (desfocar), persistência e pouca dispersão de atenção.

Júlia: alto nível de atividade, acessibilidade, adaptabilidade, habilidade de distração (desfocar), persistência e pouca dispersão de atenção.

Paula: alto nível de atividade, acessibilidade, adaptabilidade, persistência e pouca dispersão de atenção, predominância de comportamento amistoso e agradável.

Além disso, encontrei como mecanismo de risco em comum nestes três relatos, a baixa intensidade e freqüência de reações diante das situações de perda e trauma.

Por fim, considero que estes relatos demonstraram que a resiliência individual destas três mulheres favoreceu a revisão dos modelos operativos internos estabelecidos na infância, o enfrentamento das situações de abandono e suas conseqüências, um certo nível de elaboração do luto, resultante destas perdas e perdas secundárias e a capacidade de vinculação afetiva para outros relacionamentos, principalmente o desenvolvimento de um sistema cuidador responsivo. Estas mães vivenciaram muito medo de repetir a experiência da infância e comportaram-se como cuidadoras amorosas, presentes e ansiosas por garantir a aceitação dos filhos e o desenvolvimento saudável deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há menos de duas décadas o tema *luto* passou a ser objeto de pesquisa e especialização no Brasil, no que se refere à área da saúde, especificamente, no campo da Psicologia. Implica, portanto, um enfoque novo de estudo, porém fundamental para a compreensão de questões básicas relacionadas ao ser humano e sua capacidade de formar e romper vínculos ao longo da vida.

Foi com enorme satisfação que pude, desde o início da minha vida profissional, aprender e atuar com os pesquisadores pioneiros nesta área, em especial, Dra. Maria Helena Pereira Franco, que em 1996 me convidou para participar da implantação dos serviços oferecidos pelo LElu – Laboratório de Estudos e Intervenções sobre Luto da PUC/SP e, desde então, dando-me a rica oportunidade de parceria em inúmeros trabalhos nesta área. Desde então, acompanhei muitas pesquisas científicas que foram desenvolvidas, enfocando o processo de luto por perdas concretas. Os resultados e discussões suscitados foram, também, despertando meu interesse por processos de luto relacionados a situações de perdas não reconhecidas.

Numa sociedade na qual a relação com a morte é marcada por evitação e negação, muitas são as situações em que não há reconhecimento social e, portanto, condições de expressar o pesar, compartilhar os mais conflitantes sentimentos e pensamentos e receber apoio social e profissional para a reorganização diante da crise desencadeada por estas perdas.

A negação ou minimização de algumas perdas reflete-se, inclusive, no âmbito acadêmico. A maior dificuldade encontrada ao longo destes quatro anos de estudo, referiu-se à escassez de literatura nacional e estrangeira, que enfocasse o tema do

abandono como uma experiência de perda e, portanto, envolvendo um processo de luto. Foram, ainda, as pesquisas, artigos e livros fundamentados na Teoria do Apego, citados no capítulo I e II, que mais se aproximaram deste enfoque, e que se dedicaram a aprofundar um pouco mais as possíveis intervenções relacionadas com este enfoque. Da mesma forma, não foi possível encontrar instrumentos de coleta de dados dirigidos para este tema e, os que mais se aproximaram, tinham um objetivo classificatório. Sendo assim, a formulação de um instrumento específico para este estudo, baseado no ADULT ATTACHMENT INTERVIEW – A.A.I. (GEORGE, KAPLAN e MAIN, 1996) e no roteiro THE CAREGIVING INTERVIEW – C.I. (GEORGE e SOLOMON, 1996) fez-se necessária.

O roteiro foi desenvolvido e testado por meio de duas entrevistas-piloto e ao ser usado nas entrevistas que compõem esta pesquisa, foi possível verificar que o instrumento possibilitou a investigação dos temas referentes a este estudo. Porém, vale ressaltar que nas entrevistas com Ana com com Júlia, a quantidade de perguntas elaboradas, somada ao discurso prolixo de ambas, prolongou, de forma exaustiva, o processo de coleta de dados.

Durante estes quatro anos de realização do doutorado, foram muitas as reverberações deste tema, principalmente, relacionadas à interação entre a pesquisadora e as participantes.

Obviamente, ao escolher o tema do abandono como objeto de estudo para um doutorado, eu estava assumindo que as ressonâncias de minhas experiências pessoais que envolveram sentimentos de abandono e rejeição seriam mobilizadas, o que exigiu um cuidado ético para minimizar as interferências que poderiam contaminar a leitura e interpretação do material coletado. Isto exigiu uma reflexão pessoal sobre o meu próprio envolvimento no processo de pesquisa.

Com relação ao objetivo desta tese, pude avaliar, por meio dos resultados encontrados, que foi possível identificar o processo de luto pelo abandono na infância destas três mulheres, bem como identificar e avaliar as condições que favoreceram e prejudicaram a elaboração deste processo e do desenvolvimento de um estilo de cuidados responsivo na maternidade.

A análise dos dados não pretendeu esgotar toda a gama de interpretações possíveis acerca do material coletado, uma vez que a densidade destes relatos oferece condições para a realização de muitos outros estudos, enfocando outros temas como: apego na vida adulta, resiliência ou ainda estudos cruzando dados intergeracionais.

Tendo como pressuposto de que os resultados apresentados foram também influenciados pelo víés pessoal da pesquisadora e pelo contexto do processo de pesquisa, a análise dos dados coletados foi feita com base nos objetivos e critérios previamente estabelecidos.

O material coletado ofereceu muitos subsídios para a discussão das semelhanças e das especificidades com relação as conseqüências do abandono total e do abandono parcial, bem como dos diferentes mecanismos que influenciaram a resiliência destas mulheres.

Os resultados encontrados nas três entrevistas apontaram a maternidade como uma possibilidade significativa de rever o modelo de relação pais-filha vivido na infância e de constatar que a experiência resultante do abandono, influenciou os modelos operativos internos das participantes. Possibilitou que, tanto a pesquisadora, como a própria participante reconhecesse que seu comportamento, como mãe, manifestasse e replicasse nas relações com os filhos, o significado atribuído às experiências da infância.

Constatou-se que estas mulheres buscaram intensamente promover aos filhos, a possibilidade de vivenciar uma relação mais saudável e prazerosa.

Outra consideração, refere-se aos mecanismos internos e externos que possibilitaram a formação de uma nova identidade, a revisão da auto-estima, da condição de enfrentamento do luto e de situações novas e ameaçadoras como a doença da filha, crise conjugal ou outras perdas.

Assim, como foi previsto no processo de revisão da literatura e preparação para coleta de dados, a entrevista teve um efeito terapêutico que foi apontado pelas três pessoas entrevistadas e tornou-se um critério de análise estabelecido após a coleta dos dados. Desta forma, durante esta etapa, tive muita atenção sobre a influência da pesquisa nas participantes, reconhecendo que foi uma intervenção com repercussões terapêuticas, algumas, imediatas.

Nos três relatos, foi apontado que a reflexão promovida pelas perguntas que focavam experiências da infância e da vida adulta, foi muito importante, mesmo que tenha, em alguns momentos, mobilizado sentimentos como angústia e tristeza, pois permitiu uma auto-avaliação do processo de elaboração e recuperação, frente ao sofrimento, decorrente das experiências de abandono e de outras situações adversas, pelas quais, cada uma das entrevistadas passou, ao longo da vida.

Neste sentido, as reverberações desta intervenção nas mulheres entrevistadas podem, a curto e longo prazo, tornar-se mecanismos de proteção que poderão favorecer a sua resiliência individual. Isto, porque, Ana, Júlia e Paula interpretaram e avaliaram suas evoluções e amadurecimento diante das dificuldades enfrentadas ao longo da vida. Foi observado, também, que esta avaliação favoreceu um incremento do senso de competência e da auto-estima, o que proporcionou sentimentos de prazer e alívio.

A escolha da teoria do apego como fundamentação deste estudo mostrou-se bastante adequada por tratar-se de uma abordagem que enfoca a formação e rompimento dos vínculos afetivos e, principalmente, oferece condições de compreender o fenômeno da perda e da experiência de luto, valorizando seus aspectos intrapsíquicos e contextuais. Possibilitou, também, a compreensão de como se processa a internalização das experiências da infância, incluindo o abandono e outras perdas e como estas mulheres lidaram com estes experiências ao longo da vida, apoiando-nos em recursos internos e externos para a mudança de estilos e quebrando ciclos inter-geracionais de repetições dos mesmos.

Quanto às contribuições deste estudo, esta tese pretendeu colaborar com as seguintes questões clínicas e sociais referentes ao desenvolvimento infantil:

1. Oferecer subsídios para a intervenção psicológica com indivíduos que apresentem seqüelas ou complicações em um ou mais aspectos do desenvolvimento psicossocial relacionadas ao abandono na infância.

2. Oferecer subsídios para intervenções preventivas relacionadas ao tema do abandono e desenvolvimento infantil, enfocando as condições que promovam o incentivo de experiências reparadoras, como por exemplo, a preocupação com relacionamentos no contexto escolar e comunitário para crianças em condições de vulnerabilidade afetiva.

3. Oferecer subsídios para a prevenção de situações de repetição de estilos de vinculação afetiva, ou seja, prevenir que filhos abandonados sejam pais que abandonam, como por exemplo, oferecendo fundamentação teórica e técnica,

por meio do roteiro diagnóstico elaborado, para o acompanhamento psicológico de mulheres que viveram o abandono na infância. O trecho do relato de Júlia sobre esta contribuição pode ser considerado um exemplo de como isto pode tornar-se viável:

> *…"Eu inclusive disse para a terapeuta que te contei coisas que eu nunca havia contado nem pra ela. Foi uma coisa rápida, né?* ***Eu falei que tinha vindo, tal, que tinha gostado de você, que a conversa tinha sido boa e que havia um ponto sensível, ainda, e era exatamente o ponto em que eu não havia comentado com ela. Ela falou, mas que bom acontecer isso? Tal, daí ela falou e ela perguntou se você estaria me mandando a sua opinião sobre esse trabalho e aí eu falei, eu não sei se ela vai fazer isso, nós não conversamos sobre esse assunto…***

Desta forma, este estudo sustenta a noção de que a profilaxia do abandono implica o investimento em ações que estimulem o convívio familiar e comunitário, minimizando os mecanismos de riscos para a vulnerabilidade emocional e social destas crianças.

Por fim, pretende oferecer subsídios para o tratamento com relação ao processo de luto pelo abandono infantil. Neste sentido, se esta tese tiver contribuído para o reconhecimento social de determinados tipos de perdas simbólicas, especificamente, o abandono, me sinto gratificada pelo intenso exercício de pesquisar um tema tão profundo e inquietante, mas que possibilita a profilaxia dos vínculos afetivos e do desenvolvimento do apego.

Pretendo, também, que os resultados aqui discutidos contribuam para a dissolução da estigmatização em torno das crianças que foram abandonadas e da generalização existente em nossa sociedade, no que se refere aos efeitos negativos permanentes do abandono na infância, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento do sistema cuidador na vida adulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. A. et al. *Questões éticas na pesquisa e na clínica do luto*: Temas Escolhidos: morte e luto, 08 de junho de 2003. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós - Graduados em Psicologia Clínica no Núcleo: Família e Comunidade.

AINSWORTH, M. D. et al. *Patterns of Attachment:* Assessed in the Strange Situation and at Home. Hillsdale, N. J.: Lawrence Eirbaulm, 1978 apud BOWLBY, J.. *Apego e Perda*. Apego. Tradução de Álvaro Cabral, 2° ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Título original: Attachment and Loss: Attachment, Londres, 1969.

ALVAREZ, A. M. S. *A resiliência e a história de vida de jovens moradores de rua*: a família, os amigos, o sentido da vida. Disponível em: <http://www.bireme.br/bvs/adolec/P/cadernos/cadernoin.htm>. Acesso em: 31 de ago. de 2003.

ALVAREZ, A. M. S. *A Resiliência e o morar na rua: estudo com moradores de rua* - criança e adultos - na cidade de São Paulo. 1999. Mestrado - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo in ALVAREZ, A.M. S. (2003) *A resiliência e a história de vida de jovens moradores de rua:* a família, os amigos, o sentido da vida. Disponível em: http:<//www.bireme.br/bvs/adolec/P/cadernos/cadernoin.htm>. Acesso em 31 de ago. de 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *N.B.R.- 6023*: informação e documentação – referências e elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70, 1977.

BARTHOLOMEW, K. & HOROWITZ, L.M *A*ttachment styles among young adults. A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology.* n°61, 1991, pp. 226-244.

BOWLBY, J. Separation anxiety. *Psycho-Anal*. 1960a, n°. 41, pp. 89-113 apud BOWLBY, J. *Apego e Perda*. Apego. Tradução de Álvaro Cabral, 2° ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Título original: Attachment and Loss: Attachment, Londres, 1969.

_____. Grief and Mourning in infancy and early childhood. *Psycho-Anal*. Study Child. n°15, 1960b, pp. 9-52 apud BOWLBY, J. *Apego e Perda*. Apego. Tradução de Álvaro Cabral, 2° ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Título original: Attachment and Loss: Attachment, Londres, 1969.

.

_____. *Apego e Perda*. Apego. Tradução de Álvaro Cabral, 2° ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Título original: Attachment and Loss: Attachment, Londres, 1969.

_____. *Apego e Perda*. Separação – Angústia e Raiva. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Mota e Mauro Hegenberg, 2° ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Título original: Attachment and Loss- Separation: Anxiety and Anger, Londres, 1973.

_____. *Apego e Perda*. Perda: Tristeza e Depressão. Tradução de Valtensir Dutra, 1° ed., 1° reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Título original: Attachment and Loss - Loss: Sadness and Depression, Londres, 1973

_____. *Formação e Rompimento dos Laços Afetivos.* 2° ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *Cuidados Maternos e Saúde Mental. 3°* ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRASIL. *Resolução N° 196/96*: Sobre Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Ministério de Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, 1996.

BRETHERTON, I. *Pouring old wine into new bottles: the social self as internal working model*. In GUNNAR, M.R. E SROUFE, L.A. (eds.). *Minesota Symposia on Child Development*: Self processes and development. Hillsdale, vol. 23,.13,1991, pp. 432-449. apud SPERLING, M. B. & BERMAN, W.H. *Attachment in Adults:* Clinical and Developmental Perspectives, Nova Iorque: The Guilford Press, 1994.

BROMBERG, M.H.P.F.. *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: PsyII, 1994.

BROOK, R. e GOLDSTEIN, S. *Fostering Strengh, Hope and Optimism in your child Raising Resilient Children.* Nova Iorque: Contemporary Books, 2001.

CASELLATO, G. *O segredo sobre a Adoção e suas consequências na afetividade do Adulto Adotivo*, 1995. Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da PUC, São Paulo.

_____. *Motivos relacionados ao luto que levam um casal à adoção – uma possibilidade psicoprofilática. 1998.* Mestrado. Pós-Graduação em Psicologia Clínica no Núcleo de Família e Comunidade da PUC, São Paulo.

_____. *Perfil e Motivação dos Requerentes Para Adoção*: aplicação do instrumento desenvolvido pela Prof.a Lídia Natália Dobrianskyj Weber. na população paulistana. Apresentação oral na III Jornada Interdisciplinar de Adoção e I Simpósio sobre atenção integral à criança-família, Campinas, 20 e 21/10/2000.

_____. Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda in FRANCO, M. H. P. *Uma Jornada sobre o Luto – a morte sob diferentes olhares. 1º* ed, Campinas: Livro Pleno, 2002.

CASELLATO, G. e MOTTA, M. A.. Lutos maternos*:* um estudo comparativo in FRANCO, M. H. P.. *Estudos Avançados sobre Luto. 1º* ed, Campinas: Livro Pleno, 2002.

CECCONELLO, A.M. *Resiliência e Vulnerabilidade em Famílias em Situação de Risco*. 2003. 320p. Doutorado. Universidade Feral do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia.

CRUZ, C. e RIBEIRO, U. *Metodologia Científica:* teoria e prática. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2003.

DOKA, K. *Disenfranchised Grief*: Recognizing,.Hidden, Sorrow. Nova Iorque: Lexington Books, 1989.

EGELAND, B., JACOBVITZ, D. & SROUFE, L. A. Breaking the cycle of abuse. *Child Development.* 59, 1998, pp.1980-8.

FEENEY, J. A. e NOLLER, P. Attachment style as predictor of adult romantic relationships, *Journal of Personality and Social Psychology.* 58, 1996, pp. 281-91.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1995, p. 474.

FILHO, L. S. *Amor perdido de amor: as relações afetivas na família*. Recife: Bagaço, 2000.

FLACH, F. *Resilience: The power of bounce back when the going gets tough.* Nova Iorque: *Hatherleigh Press*, 1997.

FORNA, A. m*ãe de todos os mitos – como a sociedade molda e reprime as mães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FREIRE, F. (org.). A definição do conceito de abandono (II). *Uma Família para uma Criança.* Núcleo de Formação e Incentivo à Convivência Familiar. Associação Brasileira Terra dos Homens, vol. nº 42, julho de 2002, Rio de Janeiro. Disponível em: < http://www.abmp.org.br/publicacoes/Portal_ABMP_Publicacao_445.doc>. Acesso em 06 de jan. de 2004.

FRESTON Mãe que abandona o filho: quem é esta mulher? *Jornal da Unicamp.* Campinas, novembro de 2000, p. 8 e 9. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/nov2000/pagina8e9-Ju156.html>. Acesso em 31 de ago. de 2003.

GEORGE, C., KAPLAN, N. e MAIN, M. *Attachment Interview for Adults.* Manuscrito não publicado. Universidade da Califórnia. Berkeley, 1996.

GEORGE, C. & SOLOMON, J. Internal working of caregiving and security of attachment at age six – *Infant Mental Health Journal*, 1989. n°10, pp. 222-237.

GEORGE, C. & SOLOMON, J. Representational models of relationships: link between caregiving and attachment. – *Infant Mental Health Journal*, 1996. n°17, pp. 198-216.

GEORGE, C. & SOLOMON, J. Attachment and Caregiving – The Caregiving Behavioral Sistem in CASSIDY, J. & SHAVER, P. *Handbook of Attachment – Theory, Research, and Clinical Applications*, Londres: Guilford, 1999.

GROSSMANN, K. E.; GROSSMANN, K.Attachment Quality as an Organizer of Emocional and Behavioral responses in a Longitudinal Perspective in PARKES, C.; MARRIS, P.; STEVENSON- HINDE, J. *Attachment across the Life Cycle*“, London: Routledge, 1991, p.93.

GROSSMANN, K. E.; GROSSMANN, K., SPANGLER, G. SUESS, G. & UNZNER, L. Maternal sensitivity and newborn’s orientation responses as related to quality of attachment in northern Germany. In BRETHERTON & E. WATERS (Eds.) *Growing points of attachment theory and research*. Monographs of Society for Research in Child Development, 50 (1-2, serial no. 209), 1985, p. 233-256, apud HARWOOD, R., MILLER, J. E IRIZARRY, N.L. *Culture and Attachment:* Perceptions of the child in context. Nova Iorque: The Guilford Press, 1995, pp.1-19.

GROTBERG, E.H. *Guía de promocion de la resiliencia en los niños para fortalecer el espíritu humano*. La Haya: Fundacion Bernard van Leer .Informes de Trabajo sobre el Desarrollo de la Primera Infancia, 18, 1996 apud FRESTON. Mãe que abandona o filho: quem é esta mulher?, *Jornal da Unicamp*, ju.-nov. de2000, p. 8 e 9. Disponível

em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/nov2000/pagina8e9-Ju156.html>. Acesso em 31 de agosto de 2003.

HARWOOD, R., MILLER, J. E IRIZARRY, N.L. *Culture and Attachment:* perceptions of the child in context. Nova Iorque: The Guilford Press, 1995, pp.1-19.

HAZAN, C. e SHAVER, P.R.. Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology.* n° 52, 1987, pp. 511-524.

HOWE, D. Attachment Theory for Social Work Practice. Basingstoke: Palgrave apud THORPE, R. & CALTABIANO, M. *Then and Now:* Childhood Experiences, Adult Attachment and Foster Caring. University of Queensland Family Centre Conference, 21, e 22 de fev. de 2002.

HOWE, D., BRANDON, M. HININGS, D. and SCHOFIELD, G. Attachment Theory, Child Maltreatment and Family Support. Basingstoke: Macmillan Press ltd. apud THORPE, R. & CALTABIANO, M. *Then and Now:* Childhood Experiences, Adult Attachment and Foster Caring. University of Queensland Family Centre Conference. 21 e 22 de fev. de 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001* - Trabalho Infantil. Comunicação Social, Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/16042003trab_infantil.shtm>. Acesso em 08 de jan. de 2004.

_____. *Perfil das mulheres:* Censo Demográfico 2000, Brasília. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/images/home/menunovo_02.gif> . Acesso em 28 de jan. de 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Levantamento Nacional dos Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviços de Ação Continuada* (S.A.C.). Relatório de Pesquisa Número 1. Diretoria de Políticas Sociais (D.I.S.O.C.). Distrito Federal, 2003.

IWANIEC, D. & SNEDDON, H. Attachment Style in Adults who Failed to Thrive as Children: Outcomes of a 20 year Follow-up Study of Factors Influencing Maintenance or Change in Attachment Style. in *British Journal of Social Work.* Londres. n° 31, 2001, pp. 179-195.

IWANIEC, D. & SNEDOON, H. The Quality of Parenting of Individuals Who had Failed to Thrive as Children in *British Journal of Social Work* 32, 2002, pp.283-298.

JANOFF- BULMAN. Shaterred assumptions: toward a new-psychology of trauma. Nova Iorque: Free, 1992 apud KATZ, M. *On Playing a Poor Hand Well:* Insights from the Lives of Those Who Have Overcome Childhood Risks and Adversities. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 1997.

KAREN, R. *Becoming Attached*: First Relationships and How They Shape our Capacity to Love.Nova Iorque: Oxford University Press, 1994.

KATZ, M. *On Playing a Poor Hand Well:* Insights from the Lives of Those Who Have Overcome Childhood Risks and Adversities. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 1997.

FERNADES, M.L.B.L. *Mãe não há só uma*: o processo de Serviço Social quanto ao consentimento para a adoção de recém-nascidos numa grande maternidade urbana. 1989. Mestrado. Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 194.

MAIN, M. Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: findings and directions for future research in PARKES, C.; MARRIS , P.; STEVENSON- HINDE, J. *Attachment across the Life Cycle .* Londres:Routledge, 1991, p.127.

MAIN, M. & GOLDWYN, R. Predicting rejection of her infant fomr mother's representation of her own experience: Implications for the abused-abusing intergerational cycle", *Child Abuse and Neglect*, 8, 1984, pp.203-17, apud IWANIEC, D. & SNEDOON, H. The Quality of Parenting of Individuals Who had Failed to Thrive as Children in *British Journal of Social Work* n°32, 2002, pp.283-298.

MARRIS, P. The social construction of uncertainty in PARKES, C.; MARRIS, P.; STEVENSON- HINDE, J. *Attachment across the Life Cycle*, Londres: Routledge, 1991, p. 77.

MASTEN, A.S. & GARMEZY, N. Risk, vulnerability and protective factors in developmental psycopathology. In: LAHEY, B.B. e KAZDIN, A.E. *Advances in clinical*

child psychology. vol. 8. Nova Iorque: Plenum Press, 1985, pp. 1-52 apud YUNES, M. A. M. e SZYMANSKI, H.. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (org.). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, pp. 13-42.

MONTORO, G. Contribuições da Teoria do Apego à Terapia Familiar in CASTILHO *Temas em Terapia Familiar.* São Paulo: Plexus, 1994.

MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em Saúde.* São Paulo*:* Hucitec - Abrasco, 1992.

MIYAKE, k. CHEN, S. J. & CAMPOS, J.J. Infant temperament, mother's mode of interaction, and attachment in Japan: An interim report. In BRETHERTON & E. WATERS (Eds.) *Growing points of attachment theory and research*. Monographs of Society for Research in Child Development, 50 (1-2, serial no. 209), 1985, pp. 276-297, apud HARWOOD, R., MILLER, J. E IRIZARRY, N.L. *Culture and Attachment:* Perceptions of the child in context. Nova Iorque: The Guilford Press, Nova Iorque, 1995, pp.1-19.

OLTJENBRUNS, K. A. Developmental Context of Childhood: Grief and Regrief Phenomena, in STROEBE, M., HANSOON, R. O., STROEBE, W. e SCHUT, H. – *Handbook of Bereavment Research:* consequences, coping and care, Washington: American Psychological Association, 2001.

PARKES, C. M. e WEISS, R. S. Recovery from Bereavement,. Nova Iorque: Basics Books, 1983 apud BROMBERG, M. HELENA P. F.- *A Psicoterapia em Situações de Perda e Luto*, São Paulo: Psy II, 1994.

PARKES, C. M., STEVENSON-HINDE, J. & MARRIS, P. *Attachment Across the Life Cycle,* Londres: Routhledge, 1991.

PARKES, C. M. Guidelines for Conducting Ethical Bereavement Research, *Death Studies*, vol. 19, 1995, pp.171 -181.

PERES, M. C. R. e ROMERA, M.,L. C. A vivência da gravidez e da maternidade de prostitutas. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*; 1 (10), jan./jun. de1999, pp.119-132.

RANDO, T. A.. Treatment of Complicated Mourning. Illinois: Research Press, 1993.

RUTTER, M. Resilience: some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health*. Nova Iorque. n°14, dez. 1993, pp.. 626-631.

_____Resilience in the Face of Adversity: protective factors and resilience to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*. Londres. n°147, mai. 1985, pp. 598-611.

RUTTER, M. QUINTON, D E HILL, J. Adult outcome of institution-reared children: males and females compared. In: L. Robins & Rutters (Eds.). *Straight and deviant*

patways form chilhood to adulthood. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, pp. 135-157 apud KATZ, M. *On Playing a Poor Hand Well:* Insights from the Lives of Those Who Have Overcome Childhood Risks and Adversities. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 1997.

SANTOS, L. S. Adoção: da maternidade à maternagem – uma crítica ao mito do amor materno. *Serviço Social & Sociedade*: Temas Contemporâneos, São Paulo: Cortez Editora, n°57, ano XIX, jul. 1998.

SANTOS, S.R.B. *O amor em Movimento: Casamento e Mudança no Apego*. 2000. Mestrado. Psicologia Clínica. PUC/SP.

SIEGEL, D. e HARTZELL, M. *Parenting form the Inside Out:* How a deeper self-understanding can help you raise children who thrive. Nova Iorque: Penguin Putman, 2003.

SPERLING, M. B. e BERMAN, W.H. *Attachment in Adults: Clinical and Developmental Perspectives.* Nova Iorque: The Guilford Press, 1994.

THORPE, R. & CALTABIANO, M. *Then and Now: Childhood Experiences, Adult Attachment and Foster Caring.* University of Queensland Family Centre Conference. 21 e 22 de fev. de 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas,1987.

WEBER, L.N.D. e GAGNO, A.P. O*nde estão os vínculos das crianças institucionalizadas?* Trabalho apresentado no X Congresso Latino-Americano de Psiquiatria da infância e da Adolescência. Curitiba. Caderno de Resumos, 1995, p. 25. Disponível em: <http://www.brasil.terravista.pt/Ipanema/2172/Desenvolvimento.htm>. Acesso em: 05 de out. de 2003.

WEBER, L.N.D. *Crianças Sem Família No Brasil* - XXVI Congresso Internacional de Psicologia. Montreal, 16 - 21 de outubro de 1996. Disponível em: <http://www.brasil.terravista.pt/Ipanema/2172/Desenvolvimento.htm>. Acesso em: 05 de out. de 2003.

WEISS, R. The Attachment bond in childhood and adulthood in PARKES, C.; MARRIS, P.; STEVENSON- HINDE, J. *Attachment across the Life Cycle.* Londres; Routledge, 1991.

YUNES, M. A. M. e SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (org.). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, pp. 13-42.

ANEXO 1

CARTA DE DIVULGAÇÃO DA PESQUISA

São Paulo, julho de 2003.

Prezado Colega:

Estou entrando em contato com o intuito de divulgar o projeto de pesquisa que estou desenvolvendo dentro do Programa de Pós – Graduação da PUC/SP no Núcleo de Família e Comunidade – Programa de Psicologia Clínica sob orientação da Dra. Prof. Maria Helena Pereira Franco como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

O objetivo da pesquisa é levantar os fatores que, contextualizados na história individual, da infância à vida adulta, incluindo a experiência da maternidade, podem favorecer a elaboração do luto e superação do abandono na infância. Para tanto, estou solicitando sua ajuda, no que se refere à coleta de dados que estará sendo realizada entre os meses de junho e agosto de 2003. Então, caso conheça alguém, no âmbito pessoal ou profissional, que tenha interesse em participar desta pesquisa, colaborando com duas entrevistas com duração de 1 ½ hora (cada), que terão como temas a infância e a vida adulta, inclunido a experiência da maternidade.
Vale ressaltar que todas as condições éticas que regulamentam a atuação em pesquisa científica e que são exigidas pela Resolução 196/96 sobre Pesquisas envolvendo Seres Humanos do Ministério da Saúde, bem como pelo Código de Ética do CRP serão expostas e garantidas à participante de forma clara e objetiva no momento em que a mesma se declarar interessada em participar da pesquisa.

<u>Perfil das participantes:</u>

Mulheres a partir de 18 anos, residentes no Estado de São Paulo, de qualquer classe econômica, com ou sem filhos, que tenha disponibilidade em compartilhar suas experiências de infância, e que durante este período, tenham vivido experiência de abandono total (ausência física e emocional de pai ou mãe) ou parcial (presença física, mas ausência ou rejeição emocional). Tanto as mulheres com filhos, como aquelas que não tem filhos deverão ter disponibilidade em compartilhar suas percepções sobre maternidade.

Solicito que a pessoa interessada, entre em contato comigo nos seguintes contatos:
Gabriela Casellato: tel: (11) xxxxxxxx ou xxxxxxxx ou e-mail:

Agradeço desde já sua colaboração:
Atenciosamente;
Gabriela Casellato
Psicóloga
CRP 06/48701-7

ANEXO 2
TERMO DE CONSENTIMENTO

São Paulo, julho de 2003.

Termo de Consentimento

Eu, _____ tenho conhecimento de que estou participando de uma pesquisa científica sobre experiências na infância e na maternidade que está sendo desenvolvida pela psicóloga e pesquisadora ***Gabriela Casellato*** dentro do Programa de Pós – Graduação da PUC/SP no Núcleo de Família e Comunidade – Programa de Psicologia Clínica sob orientação da Dra. Prof. Maria Helena Pereira Franco como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Tenho conhecimento também, que estarei participando com duas entrevistas com duração de 1 ½ hora (cada) aproximadamente, que terão como temas: a infância e a experiência da maternidade.

Concordo que estas entrevistas sejam filmadas, com o único objetivo de facilitar a transcrição das respostas pela pesquisadora e que este material será acessado somente para este fim, sob total responsabilidade da pesquisadora que deverá arquivar o material em local sigiloso e de acesso exclusivo da mesma.

Fica também esclarecido que a confidencialidade e privacidade das informações passadas e da identidade pessoal serão garantidas.

É importante expor que tais entrevistas foram escolhidas e testadas com vistas a garantir o máximo de benefícios e o mínimo de danos que a situação de ser entrevistada e o conteúdo abordado nas entrevistas possa mobilizar.

Fica garantido o retorno do benefício obtido por meio da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos e aos resultados da pesquisa.

Fica garantido que todas as condições éticas que regulamentam a atuação em pesquisa científica e que são exigidas pela Resolução 196/96 sobre Pesquisas envolvendo Seres Humanos do Ministério da Saúde, bem como pelo Código de Ética do CRP serão garantidas pela pesquisadora na condução das entrevistas, na análise das mesmas e no arquivamento e publicação deste material.

Fica aqui estabelecido que, a partir do momento em que os colaboradores comunicarem à psicóloga que não se interessam mais em participar da pesquisa, esta autorização será anulada pela mesma e todo o material coletado até a ocasião será destruído.

São Paulo , de de 2003.

Nome do participante:

_____

ass.:_____

R.G._____

_____

Gabriela Casellato

Psicóloga e Pesquisadora Responsável

CRP 06/ 48701-7

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA: FORMAÇÃO E ROMPIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS ENTRE PAIS E FILHOS

ETAPA 1 – COMPORTAMENTO DE APEGO

Dados de identificação:

1. Nome
2. Idade
3. Profissão
4. Estado Civil
5. Se casada; idade e profissão do marido
6. Tempo de casamento
7. Renda familiar
8. Filhos, idade, status/ profissão

INTRODUÇÃO: Eu vou entrevistar você sobre suas experiências na infância e sobre como estas experiências podem ter afetado sua personalidade adulta. Então, eu gostaria de perguntar-lhe sobre seu relacionamento inicial com sua família, e o que você pensa sobre o modo como isto pode ter afetado você. Nós vamos focar, principalmente, na sua infância, mas, depois, nós iremos até a sua adolescência e então, ao que está acontecendo neste momento. Esta entrevista frequentemente leva quase uma hora, mas pode levar entre 45 minutos e uma hora e meia.

1. Pode começar ajudando a orientar-me na situação inicial de sua família, e onde você vivia e assim por diante? Se puder, conte-me em que situação você nasceu, se você mudou-se muito, o que sua família fazia em vários tempos para viver ?

2. Eu gostaria que tentasse descrever seu relacionamento com seus pais quando era criança... se puder comece de suas lembranças mais antigas.

3. Agora eu gostaria de pedir que escolha cinco adjetivos ou palavras que refletem seu relacionamento com sua mãe, começando da lembrança mais distante de sua infância, o mais inicial que você pode ir, mas entre os cinco e os doze anos está bom. Eu sei que isto leva um pouco de tempo, então vá em frente e pense por um minuto... então eu vou perguntar-lhe por que os escolheu. Eu vou escrever cada um deles assim que você falar cada um deles para mim.

- Agora, deixe-me fazer mais questões sobre sua descrição do seu relacionamento com sua mãe durante a infância. Você disse que seu relacionamento com sua mãe era (usar a frase). Há alguma memória ou incidente que vem à mente com respeito a (palavra)? (*Fazer esta pergunta para cada adjetivo seguindo a ordem usada pelo participante).*

4. Agora eu gostaria de pedir que escolha cinco adjetivos ou palavras que reflitam seu relacionamento com seu pai, começando da lembrança mais distante de sua infância, o mais inicial que você pode ir, mas, novamente, entre os cinco e os doze anos, está bom? Eu sei que isto leva um pouco de tempo, então vá em frente e pense por um minuto... então eu vou perguntar-lhe porque os escolheu. Eu vou escrever cada um deles assim que você falar cada um deles para mim.

- Agora deixe-me fazer mais questões sobre sua descrição do relacionamento com seu pai durante a infância. Você disse que seu relacionamento com seu pai era

(usar a frase). Há alguma memória ou incidente que vem à mente com respeito a (palavra)? (*Fazer esta pergunta para cada adjetivo seguindo a ordem usada pelo participante).*

5. Agora eu gostaria que você me contasse, a qual dos seus pais você se sentia mais próximo, e por quê? Por que não existia este sentimento com o outro pai / mãe?

6. Quando você estava indisposto (emocionalmente) quando era criança, o que você fazia?

- Você pode pensar numa situação específica?
- Você pode lembrar o que acontecia quando você se machucava fisicamente?

- Novamente, algum incidente específico lhe vem à mente? Você ficava sempre doente quando era criança? Você lembra o que acontecia?

7. Qual foi a primeira vez que você lembre de ser separada de seus pais?

- Como você reagiu? Você lembra como seus pais reagiram?
- Há alguma outra separação que veio a sua mente?

8 . Você se sentiu rejeitado alguma vez quando era criança? É claro, olhando para trás agora, você pode perceber que não era realmente rejeição, mas o que estou tentando perguntar aqui é se você lembra ter- se sentido rejeitado (colocado de lado, ignorado) na infância?

- Quantos anos você tinha quando sentiu isto pela primeira vez e o que você fez?

- Por que você pensa que seus pais fizeram estas coisas... você pensa que ele/ela percebeu que estava rejeitando você?
- O que te assustava ou preocupava quando criança?

9. Seus pais, alguma vez, ameaçaram você de algum modo? Pode ser por disciplina, ou brincando? ... algumas pessoas nos dizem por exemplo que seus pais ameaçaram em deixá-los ou mandá-los para fora de casa.

10. Em geral, como você pensa que suas experiências gerais com seus pais afetaram sua personalidade adulta?

- Há algum aspecto de sua experiência inicial que você sente como um contratempo em seu desenvolvimento?
- Não há nada sobre suas experiências iniciais que você pensa que pode ter tido um efeito negativo no seu desenvolvimento?

11. Por que você pensa que seus pais se comportaram assim durante a sua infância?

12. Há algum outro adulto com o qual você é próximo, como parentes, quando era criança?

13. Você experienciou a perda de um dos pais ou outro próximo amado quando você era criança... por exemplo, um irmão, ou um membro familiar próximo?

- Você pode me falar sobre as circunstâncias e quantos anos você tinha na ocasião?

- Como você reagiu na ocasião?
- Esta morte foi repentina ou era esperada?
- Você pode lembrar de seus sentimentos na ocasião?
- Seus sentimentos em relação a esta morte mudaram muito com o passar do tempo?
- Você assistiu ao funeral, e como foi para você?
- Você poderia dizer qual foi o efeito (outro pai) e sobre sua família, e como isto mudou por meio dos anos?
- Você diria que esta perda afetou sua personalidade adulta?
- Como isto afeta sua aproximação com seu próprio filho?

13a. Você perdeu outra pessoa importante durante sua infância?

13b. Você perdeu outras pessoas próximas, nos anos adultos?

14. Além de algumas experiências difíceis que você já descreveu há alguma outra experiência que possa considerar como potencialmente traumático?

15. Agora gostaria de perguntar a você mais algumas questões sobre seu relacionamento com seus pais. Houve muitas mudanças em seu relacionamento com seus pais após a infância? Nós estamos no presente, no momento, mas agora eu me refiro a mudanças que ocorreram, aproximadamente, entre sua infância e sua vida adulta.

16. Agora, gostaria de perguntar a você, como é seu relacionamento com seus pais para você, agora, como adulta? Aqui, estou perguntando para você sobre seu relacionamento atual.

- Você tem muito contato com seus pais atualmente?
- O que você poderia dizer sobre o relacionamento com seus pais, atualmente?
- Você poderia me contar sobre algum tipo de insatisfação no seu relacionamento atual com seus pais? Algum tipo de satisfação especial?

17. Eu gostaria de mudar agora para um tipo diferente de questão...não é sobre seu relacionamento com seus pais, ao contrário é sobre um aspecto de sua vida atual com seus filhos? Imagine que você tem um filho de um ano e eu gostaria que você pensasse e me respondesse, em termos de sentimento, se você tivesse que se separar desta criança, você pensa que poderia sentir-se preocupada com ela?

18. Agora, gostaria de continuar a imaginar que você tem um bebê de um ano de idade por apenas mais um minuto. Se você tivesse três desejos para seu filho a serem realizados em 20 anos a partir de agora, quais seriam? Eu estou pensando particularmente no tipo de futuro que você gostaria de ver para seu filho imaginado. Eu vou lhe dar um minuto para pensar sobre isso.

19. Há alguma coisa em particular a qual você sente que aprendeu sobre todas as suas próprias experiências de infância? Eu estou pensando sobre algo que você sente que pode ter adquirido deste tipo de infância que teve.

20. Nós estávamos muito focadas no passado durante esta entrevista, mas gostaria de terminar olhando bastante para o futuro. Nós estávamos falando sobre o que você pensa que pode ter aprendido das experiências de infância. Eu gostaria de terminar perguntando para você, o que você espera que seu filho imaginado possa aprender das experiências de ser cuidado por você?

ETAPA 2 – COMPORTAMENTO DE CUIDADOR

Eu gostaria de entender melhor sobre como é ser mãe do (a)_____ (nome do filho). Então, estarei fazendo muitas perguntas sobre seu relacionamento com ele (a).

1. Para começar, você pode me falar sobre sua família. Diga-me quem é quem, e a idade de seu(s) filho (s).

2. Vamos nos focar em o que você sente por ser mãe do (a)_____ (nome do fiho).

3. Você pode começar, descrevendo a si como mãe?

4. O que te dá mais prazer em ser mãe? Pense num exemplo.

5. Quando sentiu prazer com _____?

6. Qual foi para você a maior dor ou dificuldade em ser mãe? Você pode pensar num exemplo que tenha sido doloroso ou difícil com o (a) _____?

(Investigue o que os pais decidiram descrever. Tenha certeza de obter a descrição do que os pais e a criança fizeram e disseram.)

7. Como você lidou com a situação?

8. Como você lidou com os seus sentimentos?

9. Você sentiu alguma necessidade como mãe do (a)_____ (nome do filho).? (*Necessidade pode ser definida como "você necessitou de algo como um indivíduo." Não defina para os pais, a menos que eles estejam impedidos de prosseguir. Se uma mãe oferecer, espontaneamente, uma definição enquanto tenta esclarecer "necessidade", continue com esta definição.)*

10. Conte-me sobre uma situação recente que fez você se sentir desta forma.

11. Como você lidou com esta necessidade?

12. Você sentiu raiva como mãe? O propósito desta questão é descobrir situações com o filho que fizeram a mãe sentir raiva. (*Alguns pais dizem que nunca sentiram raiva dos seus filhos, dizem que a raiva é produto do contexto; trabalho, esposa. Podemos abordar estas pessoa desta forma: "Você já se sentiu irritado com seu filho?)*

13. Conte-me sobre uma situação recente que você sentiu raiva/irritação com o (a)_____ (nome do filho).?

14. Como você lidou com estes sentimentos?

15. Você já sentiu alguma culpa como mãe?

16. Você pode pensar num exemplo recente quando você se sentiu culpada sobre algo referente ao (a)_____ (nome do filho).?

17. Como você lidou com este sentimento de culpa?

18. Quando você se sente preocupada com o (a)_____ (nome do filho), o que você acha que mais te preocupa em relação a ele?

19. Você pode pensar num exemplo recente, quando você se sentiu preocupada sobre algo referente ao (a)_____ (nome do filho).?

20. Como você lidou com estes sentimentos?

21. Quando você se sente segura como mãe?

22. Você pode pensar num exemplo recente, quando você sentiu-se segura sobre algo referente ao (a)_____ (nome do filho).?

23. Vamos nos focar no seu relacionamento com o (a)_____ (nome do filho).. Pense por um tempo sobre quando você e _____ (nome do filho).estão juntos. Eu gostaria que você escolhesse cinco palavras que refletem seu relacionamento com ele. Eu, realmente, gostaria que você descrevesse os sentimentos quando vocês estão juntos, então, pense sobre momentos quando vocês estão juntos e escolha as palavras. Depois de você pensar na palavra, quero

que você me conte porque escolheu esta palavra. Você pode já ter falado um pouco sobre isto, mas porque não tenta resumir isto em cinco palavras?

24. Para cada palavra, “Você pode pensar num exemplo que ilustra_____?”

25. Você pode descrever alguma momento na semana passada quando você e _____ (nome do filho), realmente, estavam conectados ou fortemente ligados?

26. Você pode me contar sobre esta situação?

27. Como você se sentiu?

28. Agora, descreva um momento na semana passada quando você e _____ (nome do filho), realmente, se desconectaram.

29. Você pode me contar sobre este incidente?

30. Como você se sentiu?

31. Há alguma experiência que você sentiu como um revés em seu relacionamento com _____ (nome do filho) ?

32. Você pode explicar como esta experiência foi um revés em seu relacionamento?

33. Pais percebem frequentemente similaridade entre eles e os filhos. Como você acha que _____ (nome do filho) se parece com você?

34. Como você pensa que estas similaridades influenciaram seu relacionamento?

35. No que você acha que ele (a) é diferente de você?

36. Como você pensa que estas diferenças influenciaram seu relacionamento?

Agora, gostaria de falar sobre separações rotineiras, assim como você o (a) deixa na creche ou escola.

37. Descreve o que você sentiu na rotina de se separar dele (a).

38. O quê você pensa sobre estes sentimentos?

39. O que lhe parecem estas separações?

40. Agora, você pode descrever o tipo de separação do _____ (nome do filho) que poderia ser vivido como mais estressante do que uma separação rotineira?

41. Como ele (a) reage a estas separações?

42. Como estas separações são para você?

43. (Se não houve separação prévia de uma semana ou mais, então perguntar…) Você consideraria estar longe de _____ (nome do filho) por uma semana ou mais?

44. Como você acha que ele/ela reagiria a este tipo de separação?

45. O que você acha que este tipo de separação seria para você?

46. *(Se a criança já começou creche, escola, berçário ou jardim da infância*…) Você pode me contar como foi para você começar a creche ou escola?

47. Como você se sentiu?

48. O que você pensa sobre estes sentimentos?

49. O que você espera que seu filho aprenda das experiências com você como mãe?

Agora, gostaria de falar sobre como seu relacionamento com o seu marido ou o pai de _____ (nome do filho) pode ter influenciado o seu relacionamento com _____ (nome do filho).

50. Como era seu relacionamento com ele, antes do nascimento de _____ (nome do filho)?

51. Como ficou seu relacionamento com ele após o nascimento de _____ (nome do filho)?

52. De que forma você acha que o relacionamento conjugal (ou com o pai da criança) pode ter influenciado o seu relacionamento com _____ (nome do filho) ?

53. Você pode pensar numa situação que explique esta influência?

54. Como você se sente sobre isto? Como você lidou com estes sentimentos?

Agora, gostaria de falar sobre outros relacionamentos ou situações que possam ter influenciado seu relacionamento com _____ (nome do filho).

55. Existem outras pessoas que influenciaram seu relacionamento com _____ (nome do filho)?

56. Você pode pensar numa situação que explique esta influência?

57. Como você se sente sobre isto?

58. Como você lidou com estes sentimentos?

59. Existem outras situações ou eventos que influenciaram sua experiência como mãe?

60. Você pode pensar numa situação que explique esta influência?

61. Como você se sente sobre isto?

62. Como você lidou com estes sentimentos?

63. Você gostaria de apontar algo que não foi abordado durante esta entrevista sobre sua experiência como mãe?